

**VÍDEO INSTITUCIONAL PARA ENTIDADE DO TERCEIRO
SETOR**

**CAROLINE GHIROTTO SILVA
EVANDRO BATISTA DA CRUZ
THAÍS DA SILVA FERREIRA
WESLEY COLATI**

VÍDEO INSTITUCIONAL PARA ENTIDADE DO TERCEIRO SETOR

**CAROLINE GHIROTTO SILVA
EVANDRO BATISTA DA CRUZ
THAÍS DA SILVA FERREIRA
WESLEY COLATI**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”, Universidade do Oeste Paulista, como requisito parcial para sua conclusão.

Área de concentração: Jornalismo

Orientadora: Prof. Me. Thaisa Sallum Bacco

**CAROLINE GHIROTTO SILVA
EVANDRO BATISTA DA CRUZ
THAÍS DA SILVA FERREIRA
WESLEY COLATI**

Vídeo Institucional para Entidade do Terceiro Setor

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Faculdade de Comunicação
Social “Jornalista Roberto Marinho”,
Universidade do Oeste Paulista, como
requisito parcial para sua conclusão.
Área de concentração: Jornalismo

Presidente Prudente, 09 de dezembro de
2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Thiago Zuniga Ferri - Presidente da Banca

Prof. Me. Fabiana Aline Alves - Membro da Banca

Prof. Me. Thaisa Sallum Bacco - Orientadora

DEDICATÓRIA

Aos nossos pais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, que nos permitiu chegar até aqui com sua proteção e sabedoria;

Às nossas famílias, que foram alicerces e estiveram sempre conosco nos apoiando e dando motivação;

À nossa orientadora, Thaisa Bacco, que acreditou neste sonho e com o seu profissionalismo nos fez compreender a importância do empenho e dedicação na busca dos nossos objetivos;

Agradecemos com enorme carinho a todos da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, que aceitaram fazer parte deste sonho e colaboraram com afinco para a realização deste trabalho;

Agradecemos a todos os educadores, que ao decorrer da vida acadêmica contribuíram de alguma forma não apenas para a nossa formação, mas para a vida profissional que virá pela frente;

Por fim, aos profissionais das áreas de Libras, audiodescrição, videografismo, edição de imagens e braille, e a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram no desenvolver desta pesquisa.

“O essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração.”
Antoine de Saint -Exupéry

RESUMO

Vídeo institucional para entidade do Terceiro Setor

A pesquisa intitulada “Vídeo institucional para entidade do Terceiro Setor” teve como objetivo geral analisar o processo de produção do vídeo institucional enquanto ferramenta do Jornalismo Empresarial voltado ao Terceiro Setor. O objeto de estudo escolhido foi a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, que oferece assistência social por meio de atividades nas áreas pedagógicas, culturais e ocupacionais para deficientes visuais de todas as idades na região Oeste do Estado de São Paulo. A metodologia aplicada foi a pesquisa de natureza qualitativa do tipo exploratória. Para a coleta de dados, os instrumentos utilizados foram a entrevista do tipo semiaberta com os assistidos, monitores, administradores e funcionários. Além disso, foram adotadas a pesquisa de campo, a observação e a pesquisa documental. Todas as informações coletadas serviram como base para a composição do corte teórico e também da peça prática. O vídeo institucional produzido, intitulado “A Oitava Cor”, tem 12 minutos de duração e retrata o trabalho da Associação, destacando a história de sete deficientes visuais que tiveram as vidas transformadas pela entidade, cada um representando uma tonalidade do arco-íris. A ação conjunta dessas cores, símbolo do trabalho da instituição, dá origem a um novo matiz: o branco, a oitava cor, que representa a cegueira. Para torná-lo acessível às pessoas cegas e surdas, foram elaboradas quatro versões: original, com tradução em Libras, com legenda oculta e com audiodescrição.

Palavras-chave: vídeo institucional; jornalismo empresarial; Terceiro Setor; Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos.

ABSTRACT

Institutional video for the Third Sector organization

The research entitled "Institutional Video for third sector organization" aimed to analyze the corporate video production process as the Business Communication tool focused on the third sector. The selected object of study was the Philanthropy Protection Association for Blind People of Presidente Prudente, which provides social assistance through educational, cultural and occupational activities for blind people of all ages in the s Western region of São Paulo, Brazil. The methodological approach was a qualitative exploratory research. In order to obtain the data, the instruments used were the interview with semi-open type with assisted, monitors, administrators and staff in general. Moreover, they were taken to field research, observation and documentary research. All information collected was used as the basis for the composition of the theoretical cutting and also to the practical part. The produced corporate video, entitled "The Eighth Color" is 12 minutes long and portrays the work of the Association, highlighting the story of seven visually impaired who have had their lives changed by the organization, each one representing a rainbow hue. The joint action of these colors, the institution's work symbol, gives birth to a new hues: white, the eighth color, which is the blindness. To make it accessible for blind and deaf people, four versions were developed: original, translated into pounds, with caption and audio description.

Keywords: institutional video; business journalism; Third sector; *Philanthropy* protection Association for Blind People.

RESUMO BRAILLE

LISTA DE SIGLAS

Amupp	- Associação Mulher Unimed de Presidente Prudente
AVD	- Atividades de Vida Diária
CC	- Closed Caption
Cpides	- Centro de Promoção para Inclusão Digital, Escolar e Social
CF	- Constituição Federal
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
Facopp	- Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente
GCs	- Geradores de Caracteres
GPG	- Grande Plano Geral
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Libras	- Linguagem Brasileira de Sinais
OAB	- Ordem dos Advogados do Brasil
Once	- Organização Nacional de Cegos Espanhóis
ONGs	- Organizações Não Governamentais
ONU	- Organização das Nações Unidas
PG	- Plano Geral
PM	- Plano Médio
Prudenco	- Companhia Prudentina de Desenvolvimento
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
Unesco	- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
Unesp	- Universidade Estadual Paulista
Unoeste	- Universidade do Oeste Paulista

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	– Plano Geral.....	46
FIGURA 2	– Plano Médio.....	47
FIGURA 3	– Close-up.....	48
FIGURA 4	– Big close-up.....	49
FIGURA 5	– Mergulho (<i>plongée</i>).....	52
FIGURA 6	– Contra-mergulho (<i>contra-plongée</i>).....	53
FIGURA 7	– Atual prédio da entidade.....	69
FIGURA 8	– Maquete do atual prédio da entidade.....	75
FIGURA 9	– Alfabeto Manual de Libras.....	83
FIGURA 10	– Logo do vídeo institucional.....	97
FIGURA 11	– Capa do DVD.....	97
FIGURA 12	– Exibição Pública.....	98

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
02	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	17
2.1	Problematização e justificativa	17
2.2	Objetivos	19
2.2.1	Objetivo geral.....	19
2.2.2	Objetivos específicos.....	19
2.3	Metodologia	19
3	COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL	23
3.1	Formas de comunicação nas empresas	25
3.1.1	Comunicação cultural.....	26
3.1.2	Comunicação administrativa.....	26
3.1.3	Sistemas de informação.....	27
3.1.4	Comunicação social.....	28
3.1.4.1	Comunicação interna e externa.....	29
3.2	Jornalismo empresarial	30
3.3	Publicações jornalísticas empresariais	32
3.4	Vídeo institucional	35
4	LINGUAGEM AUDIOVISUAL	39
4.1	Elementos constitutivos	43
4.1.1	Planos e enquadramentos.....	44
4.1.2	Movimentos de câmera.....	49
4.1.3	Ângulos.....	51
4.1.4	Iluminação.....	54
4.1.5	Som.....	56
4.2	Etapas de produção	58
4.2.1	Pré-produção.....	58
4.2.2	Elaboração do roteiro.....	59
4.2.3	Produção.....	61
4.2.4	Pós-produção.....	61
5	TERCEIRO SETOR E ACESSIBILIDADE	65
5.1	Terceiro Setor	65
5.2	Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos	68

5.3	Legislação para os Deficientes Visuais.....	76
5.4	Acessibilidade nos meios de comunicação.....	78
5.4.1	Legenda Oculta.....	81
5.4.2	Libras.....	82
5.4.3	Audiodescrição.....	84
5.4.4	Braille.....	86
6	MEMORIAL DESCRITIVO.....	88
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
	REFERÊNCIAS.....	105
	ANEXOS.....	111
	ANEXO A – ROTEIRO DA AUDIODESCRIÇÃO.....	112
	APÊNDICES.....	117
	APÊNDICE A – PESQUISA DE VÍDEOS INSTITUCIONAIS.....	118
	APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIABERTAS.....	130
	APÊNDICE C – ENTREVISTAS TRANSCRITAS	133
	APÊNDICE D – PRÉ-ROTEIRO.....	195
	APÊNDICE E – CRONOGRAMA DE GRAVAÇÃO.....	199
	APÊNDICE F – RELATÓRIO DE IMAGENS.....	202
	APÊNDICE G – ROTEIRO FINAL.....	236

1 INTRODUÇÃO

O leitor ao percorrer as páginas deste trabalho entenderá como se dá o processo de produção de um material audiovisual em prol de uma instituição do Terceiro Setor que busca a autonomia e a inserção de pessoas com deficiência visual na sociedade. Ao longo dos capítulos compreenderá como o uso da linguagem de vídeo pode ser uma ferramenta de comunicação a serviço das organizações.

Há 76 anos, no cenário da assistência social da região Oeste do Estado de São Paulo, foi fundada a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente. A instituição presta atendimento a indivíduos cegos e de baixa visão no âmbito social, ocupacional e pedagógico. Além disso, zela pela qualidade de vida dos assistidos, proporcionando alimentação balanceada e incentivando a prática de atividades físicas.

Defini-la como protagonista deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) deu-se pelo intuito de unir três áreas - Jornalismo Empresarial, linguagem audiovisual e Terceiro Setor - ao interesse por causas sociais. Partindo disso, os autores se propuseram a produzir um vídeo institucional para a Associação. Esse material foi elaborado com a intenção de difundir positivamente a imagem da entidade e, assim, consolidá-la como órgão assistencial no ambiente em que está inserida.

Para iniciar este trabalho, será apresentada no capítulo seguinte a fundamentação metodológica aplicada ao estudo que compreende a exposição do problema, justificativa e objetivos, bem como a metodologia que descreve a abordagem, natureza da pesquisa e os instrumentos de coleta de dados. Esse conhecimento é essencial para se entender todo o processo de investigação que norteou o presente projeto.

As questões a respeito das formas de comunicação nas organizações, destacando o Jornalismo Empresarial e as publicações jornalísticas, são mostrados no capítulo 3, com o propósito de esclarecer os principais tópicos relacionados às técnicas de maximização comunicacional de uma empresa. Ainda neste contexto, são abordados o vídeo institucional e as suas particularidades capazes de enaltecer a imagem pública da entidade.

Sendo a linguagem audiovisual fundamental para o desenvolvimento da peça prática, foi elaborado o capítulo 4 com informações conceituais sobre os elementos constitutivos do vídeo. O capítulo conduz também para as etapas de produção de um filme, que orientam e organizam o desenvolvimento da peça, que vão desde a escolha do tema até a edição do material gravado.

O capítulo 5 permite que o leitor conheça o universo em que o objeto de estudo desta pesquisa está inserido. Para melhor entendimento, foi dividido em quatro seções, iniciando com a conceituação do Terceiro Setor. Constituído de intervenções sociais, este domínio possui a finalidade de suprir a falta de ações a determinados grupos na sociedade, como é o caso das pessoas com deficiência visual.

Dando sequência, são apresentados o histórico e o funcionamento da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente. Tais aspectos são mostrados na peça prática deste TCC. O capítulo apresenta ainda a legislação em defesa às pessoas com deficiência e traz uma seção que trata da acessibilidade nos meios de comunicação, fomentando, assim, a reflexão de mídia inclusiva.

Todo o processo de produção da peça prática deste TCC é retratado no Memorial Descritivo. Nele, estão presentes os acontecimentos vivenciados pelos autores, as tarefas executadas e as parcerias firmadas durante as três fases – pré-produção, produção e pós-produção – da realização do vídeo institucional “A Oitava Cor”. É neste capítulo que o leitor poderá inteirar-se a respeito dos principais aspectos que resultaram neste projeto, além de elucidar as decisões técnicas tomadas em relação ao filme.

Já as Considerações Finais apontam as conclusões dos pesquisadores quanto ao problema estudado, bem como os pontos de vista referentes aos resultados obtidos e como esta temática está em constante atualização. São apresentadas ainda propostas e sugestões de estudos futuros e maior aprofundamento em certas questões abordadas no trabalho.

Assim, o leitor é convidado a conhecer os resultados desta pesquisa no vídeo institucional “A Oitava Cor”, que se encontra anexado em DVD em quatro versões: original, com tradução em Libras, com legenda oculta e com audiodescrição, tornando este material acessível não apenas para o público cego, mas também para aqueles que não podem escutar.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Problematização e justificativa

Questões de acessibilidade e inclusão social são temas centrais quando se discutem os assuntos de interesse das pessoas com deficiência. Apesar dessa ciência, em um país emergente, políticas públicas relacionadas a estes grupos, muitas vezes, não são tratadas como prioridade, pois os governantes, eventualmente, decidem destinar ações para outros setores. Isto afeta diretamente a vida destes cidadãos, em específico, a população cega no país. Dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) indicam que 18,6% da população brasileira possui algum tipo de deficiência visual. Entre essas pessoas, 506.377 são cegas.

Pensando na assistência deste grupo, surgiu em nove de abril de 1939 a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, uma entidade voltada para o apoio, inserção e autonomia destes indivíduos na sociedade. Ela atua no desenvolvimento de projetos de atendimento social, psicológico e pedagógico por meio de atividades como o ensino de braille, soroban, artesanato, música, informática, massagem, educação física, além de práticas educativas de reintegração para uma vida independente e a inserção no mercado de trabalho.

Hoje, 76 anos após a sua inauguração, a instituição atende cerca de 110 deficientes visuais, de todas as idades, de 13 cidades da região Oeste do Estado de São Paulo. A Associação é uma instituição do Terceiro Setor de utilidade pública municipal, estadual e federal, certificada no Conselho Nacional de Assistência Social, e depende, além das verbas públicas, de contribuições financeiras da comunidade (ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DE PROTEÇÃO AOS CEGOS DE PRESIDENTE PRUDENTE, 2015). Sendo assim, por executar ações de relevância social, seu trabalho merece ser reconhecido e suas ações difundidas para a sociedade, motivo que pautou este trabalho.

A intenção da pesquisa foi dar visibilidade necessária para que as atividades da entidade fossem reconhecidas e, com isso, os temas acerca dos deficientes visuais pudessem ser discutidos mais amplamente na sociedade. Como o intuito básico da prática jornalística é a de contribuir com a comunidade, entende-

se que atuar a serviço do interesse público é relevante. Desta maneira, compreendendo o Terceiro Setor como importante órgão social, o jornalismo pode atuar neste cenário com o intuito de conseguir o apoio da sociedade para as atividades realizadas neste contexto.

No âmbito acadêmico, o presente trabalho propôs a utilização da linguagem audiovisual aplicada ao Jornalismo Empresarial para atender ao Terceiro Setor. Essa iniciativa tem espaço neste campo, pois visa, por meio de uma ação intensiva, vivenciar a responsabilidade social.

No desenvolver da pesquisa, os autores puderam vivenciar na prática as técnicas de produção de vídeo como ferramenta do Jornalismo Empresarial presentes na grade curricular do curso e aprendidas no decorrer dos quatro anos letivos do bacharelado. Também puderam unir a pesquisa acadêmica com o interesse por causas sociais, das quais todos os membros compartilham afinidade.

A linguagem audiovisual foi adotada pelos pesquisadores por possuir características próprias, que permitem que as pessoas assimilem mais rapidamente as informações transmitidas por meio dela. Dessa maneira, é possível afirmar que esta linguagem é capaz de moldar as convenções sociais ao longo do tempo, sendo uma importante ferramenta para a repercussão de assuntos relevantes.

A eficiência da linguagem audiovisual está na compreensão de seus elementos para uma boa utilização. Os elementos constitutivos da linguagem de vídeo estudados para o desenvolvimento desta pesquisa foram: planos e enquadramentos, ângulos de filmagem, movimentos de câmera, iluminação, além de toda parte sonora, que compreende o áudio ambiente e o som externo aplicado ao filme.

O uso de um vídeo como ferramenta de promoção institucional de uma entidade que atende pessoas cegas instiga a discussão de se criar materiais acessíveis para os mais diversos públicos. Por essa razão, foram produzidas quatro versões do filme “A Oitava Cor” para que nenhum indivíduo fosse privado da experiência cinematográfica. Os recursos inclusivos (tradução em Libras, legenda oculta e audiodescrição) presentes na obra são assegurados por lei para garantir o acesso à informação para todos os cidadãos.

Em resumo, esta pesquisa teve como base compreender como a linguagem audiovisual pode ser utilizada pelo Jornalismo Empresarial voltado ao Terceiro Setor. Para isso, os envolvidos tiveram a experiência de produzir um vídeo

institucional para uma entidade pública. O resultado desta investigação pode ser analisado ao longo deste trabalho.

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

- Analisar o processo de produção do vídeo institucional enquanto ferramenta do Jornalismo Empresarial voltado ao Terceiro Setor.

2.2.2 Objetivos específicos

- Refletir sobre as ferramentas do Jornalismo Empresarial e suas aplicabilidades no Terceiro Setor;
- Identificar e analisar os elementos da linguagem audiovisual a serem utilizados como ferramentas de comunicação institucional;
- Traçar um panorama histórico sobre a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente;
- Produzir um vídeo institucional para a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente.

2.3 Metodologia

Um trabalho científico consiste, primeiramente, na definição de sua metodologia. Essa, por sua vez, reúne e organiza os métodos e técnicas adequados a serem aplicados na pesquisa, conforme afirmam Barros e Lehfeld (2007, p. 1-2):

A metodologia [...] consiste em estudar e avaliar os vários métodos disponíveis, identificando suas limitações ou não no que diz respeito às implicações de suas utilizações. A metodologia, quando aplicada, examina e avalia os métodos e as técnicas de pesquisa, bem como a geração ou a verificação de novos métodos que conduzem à captação e ao processamento de informações com vistas à resolução de problemas de investigação.

Para executar este trabalho foi adotada a pesquisa de natureza qualitativa por possibilitar aos pesquisadores uma melhor compreensão quanto ao

objetivo de estudo. Diehl e Tatim (2004, p. 52) acreditam que estes estudos podem descrever "[...] em maior nível de profundidade, o entendimento de particularidades do comportamento dos indivíduos".

Estes dados qualitativos permitem descrever e compreender detalhadamente o problema de forma que o pesquisador, diferentemente da pesquisa quantitativa, tenha flexibilidade e criatividade na coleta e organização de dados: "[...] a preocupação não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão." (GOLDENBERG, 2013, p. 53)

Visando alcançar o objetivo proposto pelo presente projeto, a pesquisa do tipo exploratória foi adotada para aproximar os pesquisadores com o tema em questão. Segundo Gil (2010, p. 27), o objetivo deste tipo de pesquisa é "[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses". A pesquisa exploratória estabelece um aprofundamento na relação entre o pesquisador e objeto de estudo, deste modo, foi necessária para entender o papel e os esforços realizados pela entidade estudada.

A pesquisa bibliográfica foi utilizada como ponto de partida para que os materiais impressos e eletrônicos consultados permitissem maior compreensão para os assuntos que envolvem esta pesquisa. Segundo Diehl e Tatim (2004, p. 58), ela é desenvolvida através de consulta a material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos.

Gil (2010, p. 30) destaca ainda que a principal vantagem da pesquisa bibliográfica "[...] reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente".

Já Stumpf (2010, p. 51) ressalta que a pesquisa bibliográfica deve estar atrelada aos conhecimentos dos próprios pesquisadores:

Pesquisa bibliográfica, num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção de bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões.

Neste estudo, a pesquisa bibliográfica foi realizada em livros e artigos científicos na busca de embasamento teórico nas áreas do Jornalismo Empresarial,

linguagem audiovisual, vídeo institucional e também a legislação referente às pessoas com deficiência visual e também acessibilidade aos meios de comunicação.

Além disso, foram analisados arquivos, como atas de reuniões e fotografias de posse da entidade, além de jornais locais impressos das últimas duas décadas. Segundo Pádua (1989), este tipo de pesquisa é caracterizada como pesquisa documental, e é “[...] realizada a partir de documentos considerados cientificamente autênticos (não-fraudados) [...] na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais [...]”.

A coleta de dados deu-se por meio da pesquisa de campo, observação direta intensiva e entrevista semiaberta. A pesquisa de campo foi adotada para que as informações e/ou conhecimentos sobre o objeto de investigação e as dúvidas acerca do problema base pudessem ser sanadas. “Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los.” (LAKATOS; MARCONI, 2013, p. 69)

Isto se deu por meio do deslocamento dos pesquisadores até a entidade durante todo o período de desenvolvimento da pesquisa para conhecer sua história e funcionalidade, ou seja, as atividades realizadas e a rotina dos assistidos, sendo assim possível compreender melhor a necessidade de um espaço específico para a realização de um trabalho com esse determinado grupo social.

Durante a pesquisa de campo a técnica utilizada para a coleta de dados foi a observação do objeto estudado. Diehl e Tatim (2004) afirmam que esta é uma técnica que permite conseguir informações por meio da utilização dos sentidos. “Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.” (DIEHL; TATIM, 2004, p. 71)

Os pesquisadores fizeram uso da observação durante todo o desenvolvimento do projeto, analisando o cotidiano da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos, bem como as ações realizadas, o desenvolvimento das atividades, a relação monitor-assistido e a estrutura da instituição. Desta maneira, o resultado serviu para a confecção da primeira versão do roteiro, buscando evidenciar fielmente o trabalho da entidade.

Também foram observados sites, redes sociais e vídeos institucionais de 127 entidades que atendem pessoas com deficiência visual de todo o país em busca de referência para a elaboração da peça prática. Destas, apenas 18 possuem

material audiovisual institucional disponível na internet. Dois estados do país, Rondônia e Tocantins, não possuem entidades que atendem especificamente pessoas com deficiência visual. (APÊNDICE A)

Por fim, outro instrumento para coleta de dados desta investigação foi a entrevista em profundidade. Gil (2010) a entende como uma técnica que envolve duas pessoas numa situação face a face e em que uma delas formula questões e a outra responde. Desta maneira, é possível conhecer mais sobre o objeto estudado pelo ponto de vista de um determinado indivíduo que tem contato direto e vivencia diariamente o que passou ou se passa nessa instituição.

Duarte (2011, p. 64) defende a importância da entrevista por permitir o aprofundamento do conhecimento em um assunto específico:

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido.

Existem três tipos de entrevista, segundo Duarte (2011): a aberta, semiaberta e fechada. De acordo com o caráter da pesquisa, foi escolhido o tipo de coleta com a entrevista semiaberta. Ainda segundo o autor (2011), a entrevista semiaberta é entendida como um modelo que tem origem em um tema central e faz uso de um roteiro de questões que guiam os interesses da pesquisa, porém é adaptável ao decorrer da entrevista, permitindo flexibilidade.

As entrevistas em profundidade do tipo semiaberta foram realizadas com integrantes da diretoria da entidade, monitores e assistidos. O roteiro de questões (APÊNDICE B) teve a pretensão de coletar dados históricos e compreender o funcionamento e as contribuições da instituição para a sociedade. Após as entrevistas, seu conteúdo foi transcrito (APÊNDICE C) para a inserção no trabalho.

Com o fechamento da trajetória metodológica aplicada, o presente projeto trará nos próximos capítulos, estudos voltados às áreas de interesse da pesquisa, entendendo o vídeo institucional e as suas particularidades como instrumento capaz de construir uma mensagem empresarial positiva da entidade.

3 COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

A partir deste capítulo, será apresentado o embasamento teórico para a elaboração desta pesquisa. Inicialmente, é preciso entender a importância da comunicação no contexto organizacional, suas vertentes e características, até o aprofundamento com a Comunicação Social e o Jornalismo Empresarial, caminhos para chegar às publicações jornalísticas empresariais, onde se encaixa o vídeo institucional, peça prática deste trabalho.

Comunicar é a primeira necessidade, não só do homem. Sabemos que, não apenas os seres humanos, mas também animais, plantas e sistemas, todos comunicam. Assim como diz Kunsch (1986), comunicar não é um processo monológico, centrado na figura do emissor, mas sim um processo que envolve um receptor, ou vários, em espaço e tempo. Pimenta (2009, p. 29) relata que a comunicação “[...] é reflexo da cultura humana, possibilitando a sua construção e disseminação, e abrange os valores, costumes, hábitos, crenças e etc., de um povo”.

Cada vez mais presente no contexto empresarial, a comunicação se torna importante e imprescindível para o desenvolvimento de qualquer organização, tanto para sedimentação da marca, quanto para que o corpo de colaboradores que a compreende trabalhe em harmonia.

Para Kunsch (1986), as organizações sempre existiram e são nelas ou por meio delas que a sociedade satisfaz necessidades básicas como alimentação, vestuário, transporte, lazer, segurança, moradia e cultura. Ou seja, sem as organizações, as necessidades humanas não seriam satisfeitas ou, dificilmente, seriam alcançadas. “O sistema organizacional se viabiliza graças ao sistema de comunicação nele existente, que permitirá sua realimentação e sua sobrevivência. Caso contrário, ele entrará num processo de entropia e morte” (KUNSCH, 1986, p. 29).

Pimenta (2009) compara ainda uma empresa com um ser vivo, onde o dinamismo é resultado de um processo que envolve planejamento, implementação, avaliação e redirecionamento de suas práticas. “Sua organicidade é um requisito importante para garantir: sobrevivência em um mercado altamente competitivo; adequação às inovações tecnológicas e transformações culturais; expansão, ampliando vendas e lucros.” (PIMENTA, 2009, p. 58)

Para o jornalista e professor Wilson da Costa Bueno (2009, p.6), “[...] a comunicação é o espelho da cultura empresarial e reflete os valores das organizações”. Ainda de acordo com ele, muitas expressões e nomenclaturas têm sido usadas para representar a comunicação nas organizações, porém é preciso estar atento aos limites definidos por cada termo. Em alguns casos, representam singularidades, e não a plenitude.

Bueno (2009) cita as expressões Comunicação Organizacional, Comunicação Empresarial, Comunicação Corporativa, Comunicação Institucional ou até mesmo Comunicação Mercadológica para designar esta área, mas diz que, neste caso, é preciso tomar cuidado. Dentre as opções, o autor defende que a expressão “Comunicação Organizacional” tem sido a mais abrangente, pois “[...] se a intenção é evocar a comunicação nas organizações em geral, sem quaisquer restrições, certamente Comunicação Organizacional será a expressão mais indicada”. (BUENO, 2009, p. 2)

Assim, a respeito dessa expressão, o autor aponta:

Nos bancos das universidades [...] tem-se optado pela expressão “Comunicação Organizacional”, buscando dar área a amplitude com que normalmente ela tem sido contemplada pelo mercado. Quem age dessa forma julga que a expressão ‘Comunicação Empresarial’ pode denotar apenas a comunicação que se efetiva nas empresas públicas e privadas, com a exclusão da que ocorre em outras instâncias organizacionais (entidades em geral, ONGs, anarquias, etc.). (BUENO, 2009, p. 2)

Comunicação Empresarial ou Comunicação Organizacional é, como defende o autor, o “[...] conjunto integrado de ações, estratégias, planos, políticas e produtos planejados e desenvolvidos por uma organização para estabelecer a relação permanente e sistemática com todos os seus públicos de interesse”. (BUENO, 2009, p. 3-4) Públicos estes que serão tratados com mais profundidade ainda neste capítulo.

Com o mesmo entendimento, a jornalista e relações públicas Elizabeth Brandão (2011, p. 169-170) compartilha que o conceito Comunicação Organizacional “[...] abrange as estratégias e o conjunto de ações, atividades e produtos destinados à divulgação e relacionamento de uma instituição com a sociedade e com seus diversos públicos”.

Camargo et al. (2013) apontam que nas organizações a comunicação tem papel primordial, devido ao seu caráter estratégico e informacional, e seus

produtos e serviços colocam em prática ações em benefício das organizações e de seus respectivos públicos. “A comunicação adapta-se à organização e desenvolve suas ações a fim de desvelar um processo estratégico que permite alcançar seus objetivos”. (CAMARGO et al., 2013, p. 5)

Já para Silva (2009, p. 13), a Comunicação Organizacional serve ainda para melhorar o relacionamento entre os departamentos e setores de uma organização pública, privada ou mesmo de uma entidade do Terceiro Setor.

A comunicação acelera a transmissão de informações e fortalece a cultura de transparência. Equivale à existência do inter-relacionamento entre as partes, sem o que não haveria empresa efetiva, ou seja, pessoas integradas trabalhando por um objetivo comum.

Kunsch (2004, p.11) relata que “[...] tanto nas empresas públicas quanto as da iniciativa privada e as ONGs consideram que as ações de comunicação têm sido eficazes no alcance dos objetivos organizacionais e de maior visibilidade”.

Pioneiro da Comunicação Organizacional no país, o jornalista Gaudêncio Torquato (2008, p. 34) acredita que ela não pode ser vista apenas quando há notícia ou produtos jornalísticos relacionados à organização. Segundo o autor, esta é apenas uma vertente, dentre as formas de comunicação das organizações que precisam trabalhar em harmonia, para o sucesso da corporação.

Daí surge a importância de falarmos brevemente de cada uma delas: Comunicação Cultural, Comunicação Administrativa, Sistemas de Informação e Comunicação Social e aprofundar a que mais interessa para o desenvolvimento desta pesquisa, a Comunicação Social.

3.1 Formas de comunicação nas empresas

Como já visto, é necessário abrir a visão sobre outras formas de Comunicação Organizacional que existem, além da Comunicação Social. Segundo Torquato (2008, p. 35), a comunicação, em todas as suas formas – seja ela Administrativa, Sistemas de Informação, Cultural ou Social – deve “[...] funcionar como uma orquestra, na qual metais, cordas e percussões, para tocar uma melodia harmônica, não de estar em completa afinação”.

Quando mal trabalhadas, as quatro frentes, definidas pelo autor, se afetam, gerando ruídos na comunicação. Nas próximas páginas, serão apresentadas as características de cada uma delas e será possível entender como esta unidade é tão importante.

3.1.1 Comunicação cultural

Segundo Torquato (2008, p. 34), a Comunicação Cultural assume a informalidade com o público interno das organizações. Ela acontece, basicamente “[...] quando as pessoas falam umas com as outras [...]”. Para o autor, esta é a área que comporta e revela os climas internos da empresa. É ela o “[...] o arcabouço dos costumes, das ideias e dos valores da comunidade”. (TORQUATO, 2008, p. 34)

Torquato ainda diz que é preciso, então, tomar cuidado e acompanhar o que se passa ao redor das organizações. “Aqueles que correm pela rede informal podem desestabilizar climas internos e sensibilizar a opinião pública.” (TORQUATO, 2008, p. 30)

A Comunicação Cultural cabe, geralmente, aos gerentes e diretores. “No caso das organizações, [...] a fonte mais expressiva é o gerente. Ele, regra geral, se posiciona como linha intermediária da organização, sendo um pólo emissor e receptor de informações [...]”. (TORQUATO, 2008, p. 36)

Para Pimenta (2009), o interesse das organizações em criar ações de estratégia para uma Comunicação Cultural mais efetiva tem crescido, pois ela reflete na conduta dos colaboradores, público interno, e também na sua filosofia de vida perante a sociedade, público externo.

Essa categoria comunicacional serviu como termômetro para a realização desta pesquisa. Foi por meio de um contato mais intenso com o público interno (funcionários e assistidos) que os autores tomaram ciência da rotina da entidade, bem como as suas particularidades que constituem um corpo organizacional da Associação.

3.1.2 Comunicação administrativa

A Comunicação Administrativa, segundo Torquato (2008, p. 45), “[...] abrange todos os conteúdos relativos ao cotidiano da organização, atendendo as

áreas centrais de planejamento e as estruturas técnico-normativas, com a finalidade de orientar, atualizar, ordenar e reordenar o fluxo das atividades funcionais”.

Para ele, as mensagens dividem-se entre os seguintes tipos:

Normas, instruções, políticas comerciais/negociais, políticas de desenvolvimento de pessoal, políticas de promoção, políticas salariais, políticas de gestão/organização/modernização, regulamentos, portarias, avisos, informações sobre novos lançamentos, programas, produtos e/ou serviços, mudanças institucionais e programáticas, projetos de expansão/racionalização da rede, movimentos negociais, resultados de campanhas. (TORQUATO, 2008, p. 45)

Torquato (2008, p. 45) ainda afirma que a Comunicação Administrativa se estabelece no eixo principal de locomoção do trabalho rotineiro, que “[...] reúne normas, instruções, portarias, memorandos, cartas técnicas, índices, taxas, acervos técnicos [...]” E, por isso, demanda maior complexidade e pode se tornar uma das maiores fontes de problemas e ruídos nas organizações.

Como exemplos, Torquato (2008) cita alguns dos problemas mais comuns na Comunicação Organizacional, tais como: indefinição das responsabilidades, falta de conhecimento do negócio, discordância nas normas, excesso de informações, falência tecnológica da comunicação, planejamento inadequado do consumo de informações, maior segmentação, vagareza na transmissão das informações, má administração do tempo, canais inadequados, ausência de previsibilidade, falta de especialistas e de critérios editoriais, entre outros.

Em razão das questões citadas, o autor diz que as organizações podem desenvolver um “programa de aperfeiçoamento” voltado para: informatizar a comunicação, enxugar as massas informativas, sementar temáticas, preparar os corpos funcionais, disponibilizar um sistema de fontes e gestores, aperfeiçoar a estética das linguagens, conferir maior tempestividade, redefinir identidade e uniformizar o conhecimento.

3.1.3 Sistemas de informação

Mesmo que pouco falado por Torquato (2008, p. 34), os Sistemas de Informação, terceira forma de comunicação organizacional, agregam “[...] as informações armazenadas, e bancos de dados”.

Basicamente, eles servem para gerenciar de forma computacional, digital e eletrônica: documentos, serviços, decisões e ações, de uma organização, além de contribuir com as principais funções empresariais, como vendas e marketing, fabricação e produção, finanças e contabilidade e recursos humanos.

Os Sistemas de Informação foram fundamentais na apuração dos dados coletados para a pesquisa. As informações levantadas nesse período nortearam as investigações a respeito do funcionamento da entidade e as suas contribuições no contexto assistencial.

3.1.4 Comunicação social

A última, mas não menos importante, é, conforme Torquato (2008), a mais desenvolvida, tanto do ponto de vista conceitual, quanto dos pontos de vista operacional e tecnológico. De acordo com o autor (2008, p. 52), os principais programas de Comunicação Social estão concentrados nas áreas de Jornalismo Empresarial, assessoria de imprensa, Relações Públicas, articulação institucional e relações corporativas e *lobby*, marketing cultural e eventos, publicidade institucional e comercial/industrial, editoração e identidade visual.

A Comunicação Social no âmbito empresarial atua de forma estratégica e se torna cada vez mais indispensável nos processos comunicacionais. Segundo Duarte e Monteiro (2009, p. 334), a Comunicação está inserida nos diversos setores, relações e fluxos de informação das organizações.

É consenso que uma boa compreensão e um bom uso da comunicação são capazes de qualificar práticas gerenciais, melhorar o desempenho operacional, promover mudanças significativas nas múltiplas relações da instituição com os seus diversos públicos agregar valor à organização.

Diante das exigências de mercado, as organizações progridem com novas estratégias visando uma reconfiguração nos processos de Comunicação Organizacional. Bueno (2003, p. 8) discorre que “[...] caminha para assumir, por inteiro, a perspectiva da chamada comunicação integrada, com uma articulação estreita entre os vários departamentos/áreas e profissionais que exercem atividades de comunicação nas empresas ou entidades”.

Dessa forma, o trabalho desenvolvido nas empresas adquire caráter

multidisciplinar. Rego (1986, p. 67) acredita “[...] que a comunicação empresarial abrange, atualmente, o espectro de atividades de Imprensa, Relações Públicas (Empresariais e Governamentais), Propaganda (Mercadológica e Institucional), Editoração, Identidade Visual [...]”. Os profissionais que atuam nessas áreas executam ações com a finalidade de publicar informações da empresa, promover a imagem interna e externa, e desenvolver políticas de relacionamento com os diversos públicos.

Torquato (2008, p. 52) aponta que são objetivos da Comunicação Social:

[...] projetar um conceito adequado das organizações perante seus públicos, consistente com suas políticas, crenças e valores; criar, manter e desenvolver formas de comunicação que contribuam para melhor operacionalidade dos sistemas e das atividades; desenvolver harmoniosamente o espírito de equipe; projetar junto a centros irradiadores de opinião e poder o pensamento ideológico da organização; acompanhar e influenciar o meio ambiente, criando e desenvolvendo representações junto aos poderes institucionais do País.

Assim, para alcançar tais objetivos, é necessário, segundo Rego (1986, p. 38), “[...] perceber que os processos de codificação e decodificação de mensagens são vitais para a maximização do processo de comunicação.” Para tanto, a Comunicação Social, visando atender os diversos públicos, se divide em duas vertentes: interna e externa.

3.1.4.1 Comunicação interna e externa

Destinada aos públicos internos da empresa, a comunicação interna acontece nas quatro formas de comunicação: cultural, administrativa, sistemas de informação e social. Pimenta (2009) afirma que tais públicos são formados por funcionários, fornecedores e parceiros. Segundo Bueno (2009, p. 88), “[...] cada público deve ser visto em suas particularidades, em suas demandas, em suas expectativas, em sua forma específica de comunicação”.

Assim, esse processo se desenvolve com a missão de “[...] contribuir para o desenvolvimento e a manutenção de um clima positivo, propício ao cumprimento das metas estratégicas da organização e ao crescimento continuado de suas atividades e serviços e à expansão de suas linhas de produtos.”

(TORQUATO, 2008, p. 54)

De acordo com Estrella e Fernandez (2009, p. 131), o público interno é aquele que possui vínculo de trabalho com a empresa. “O funcionário, coletiva ou individualmente, é parte fundamental na atitude institucional, e aí também está uma das diferenças valiosas aos demais públicos de interesse da organização.”

No âmbito da comunicação externa, a Comunicação Social trabalha com a imagem da empresa perante seus públicos. A respeito deste público, Pimenta (2009, p. 125) define que “[...] é formado pela sociedade de uma maneira geral: o governo, os políticos, os formadores de opinião e os consumidores”.

Torquato (2008, p. 70) discorre que são objetivos dessa comunicação:

[...] divulgar a missão da organização, estabelecendo correto e adequado posicionamento, assegurando uma identidade técnica que possa conferir à organização o respeito e o reconhecimento da sociedade. Criar atitudes favoráveis às atividades da organização, melhorando sua posição [...]. Propiciar visão clara de aspectos, programas e atividades da organização junto aos poderes constituídos, estreitando o relacionamento com o poder legislativo.

O desenvolvimento da Comunicação Organizacional, no âmbito interno e externo, acontece apoiado nas três grandes áreas da Comunicação Social: Relações Públicas, Publicidade e Propaganda e Jornalismo Empresarial. Esse último será tratado com maior profundidade a seguir, tendo em vista este ser o meio no qual a pesquisa se desenvolve.

3.2 Jornalismo empresarial

Em sua obra, Rego (1987, p. 11) defende que “[...] é o Jornalismo Empresarial que, junto com as Relações Públicas e a Propaganda, formou o tripé clássico que organiza os fluxos irradiadores de opinião em torno das organizações”. Foi no século XVIII que o Jornalismo Empresarial teve o seu aparecimento. Conforme Rego (1987), “[...] coincidiria com um período histórico de grandes transformações culturais e progresso econômico: a ‘revolução industrial’ [...]”.

Nesse período as indústrias tiveram a necessidade de administrar as relações de comunicação entre os públicos internos, bem como criar as bases para a comunicação com o público externo. “A área mercadológica começava a movimentar-se. Para enfrentar a concorrência, as empresas tiveram de multiplicar os

seus mecanismos de comunicação, a fim de se tornarem mais conhecidas e ganharem a preferência do público.” (REGO, 1987, p. 18)

Segundo Torquato (2008), o Jornalismo Empresarial reúne as principais características jornalísticas, tais como atualidade, periodicidade, universalidade e difusão coletiva, levando em consideração a informação como prioridade. Com isso, assume função importante no trabalho de fortalecimento das organizações. Assim, a informação jornalística:

[...] se diferencia da publicidade. Não se trata, pois, da clássica publicidade institucional, exaltando os méritos de uma companhia. Trata-se da mensagem que enaltece, pela informação jornalística, o trabalho de uma empresa, entidade econômica que deve ser apresentada com lugar definido na economia de uma nação. Trata-se, na verdade, de desenvolver a fundo uma imagem da empresa [...]. (TORQUATO, 2008, p. 71)

Dentre as atividades presentes no Jornalismo Empresarial, para a divulgação de informação institucional, encontra-se a assessoria de imprensa. Conforme Chaparro (2011), as atividades de assessoria de imprensa podem ser classificadas como o gerenciamento das relações e fluxos de informação entre fontes e imprensa. Elas iniciaram com o jornalista americano Ivy Lee.

Em 1906, ele inventou a atividade especializada a que hoje chamamos de assessoria de imprensa ou assessoria de comunicação. Como um bem-sucedido projeto profissional de relações com a imprensa, a serviço de um cliente poderoso, Ivy Lee conquistou, por direito e mérito, na história moderna da comunicação social, o título de fundador das relações públicas, berço da assessoria de imprensa. Ou vice-versa. (CHAPARRO, 2011, p. 3-4)

Com surgimento na década de 40 nos Estados Unidos, a assessoria de imprensa se popularizou no Brasil na década de 60, durante o desenvolvimento da economia do país. “O surto industrial e o crescente ingresso de multinacionais no País contribuíram para sofisticar e ampliar os modelos de expressão e suas estratégias persuasivas, ensejando a estruturação, em áreas dos programas de comunicação.” (TORQUATO, 2008, p. 2)

Entretanto, foi a partir da década de 80 que os jornalistas assumiram novos espaços no campo da comunicação. “[...] A migração de jornalistas para as áreas diversificadas, fora do mercado tradicional das redações, foi impulsionada pela ação competente em assessorias de imprensa iniciada na década de 1980.”

(DUARTE, 2011, p. 51)

Nas empresas, a divulgação jornalística ocorre principalmente por meio da assessoria de imprensa, que desenvolve ações com o apoio de diversos produtos e serviços. A respeito desses produtos e serviços, Duarte (2011, p. 256) afirma que eles podem “[...] ajudar a organização ou o assessorado a atingir seus objetivos e seus públicos serem mais bem informados”.

Para atingir esses públicos, Duarte (2011) apresenta diversas estratégias, dentre elas, os seguintes produtos e serviços: acompanhamento de entrevistas, apoio a eventos, arquivo de material jornalístico, artigos, atendimento à imprensa, *briefing*, capacitação de jornalistas, *clipping* e análise de noticiário, entrevistas coletivas, fotos, jornal mural, *mailing* ou cadastro de jornalistas, sugestão de pauta, *press kit*, release, site, publicações jornalísticas empresariais ou *house-organs*.

3.3 Publicações jornalísticas empresariais

As empresas se comunicam e estabelecem relações com os públicos por meio das publicações empresariais ou também conhecidos *house-organs*. Bueno (2003, p. 247) as define como sendo “[...] publicações de uma organização, sobretudo as que se endereçam ao público interno, desempenham papel importante como canais de relacionamento com os diversos públicos de interesse da empresa”.

Rego (1986, p. 119) afirma também que “[...] as publicações organizacionais se propõem a combater o desconhecimento a respeito da empresa e promover a integração entre os públicos ligados a ela [...]”. Para tanto, estas publicações devem conter as características do jornalismo:

[...] devem ter periodicidade, isto é, devem aparecer em intervalos sucessivos e regulares. Precisam investir-se de fatos da atualidade, que formam o presente da empresa (o presente da empresa não é o presente no jornalismo diário). Para assumir seu atributo de universalidade, as publicações podem, em princípio, apresentar informações sobre quaisquer áreas ou programas de interesse da empresa e de seus públicos. Por último, necessitam chegar ao público ao qual se destinam, devendo, para isso, ser difundidas. (REGO, 1986, p.124)

Lemos e Del Gáudio (2011, p. 279) explicam que podemos dividir as publicações empresariais em internas e externas. “Em linhas gerais, a diferença

entre uma e outra se refere ao público ao qual se destina (empregados, comunidades, acionistas, parceiros, jornalistas, consumidores etc.) [...].”

A respeito das publicações voltadas ao público interno para o qual as publicações são destinadas Rego (1986, p. 127) afirma que:

Mostrando ao funcionário que o veículo interno é a única publicação que exalta o seu trabalho, que fornece notícias suas, sobre sua família, seus amigos, a empresa e estará conquistando sua simpatia e confiança. O empregado certamente sentirá, nessa publicação, um veículo que participa, efetivamente, de sua vida profissional, familiar e comunitária. Identificando-se com o veículo, há de se identificar com a empresa.

Já quanto ao público externo, “[...] uma publicação jornalística de empresa complementa, com suas notícias, a batalha de projeção imagética e de promoção”. (REGO, 1986, p. 127)

Dentre os inúmeros veículos de publicações empresariais, Lemos e Del Gáudio (2011, p. 287) destacam os principais como sendo o informativo/boletim que “[...] privilegia a informação imediata, na forma de notas e notícias curtas. Tem poucas páginas (em geral, uma folha frente e verso) e visual simples. Circula em intervalos curtos (diário, semanal) [...]” (LEMOS; DEL GÁUDIO, 2011, p. 287). Já o Informativo digital tem as mesmas características do informativo ou boletim, podendo potencializar a atualidade e baixo custo pela distribuição por meio de correio eletrônico. (LEMOS; DEL GÁUDIO, 2011).

Outro veículo de publicação que se destaca é o jornal. Por possuir custos mais altos, tem periodicidade mais longa que o informativo e abrange vários gêneros do jornalismo. “É frequentemente utilizado para atingir públicos como a família do empregado ou formadores de opinião [...]” (LEMOS; DEL GÁUDIO, 2011, p. 289). Assim também a revista “[...] circula em intervalos que podem ser ainda maiores que um jornal e tem produção mais sofisticada, com maior número de páginas e variedade de gêneros.” (LEMOS; DEL GÁUDIO, 2011, p. 290).

A Newsletter é uma “[...] publicação sobre tema específico, dirigida a um público determinado. [...] Pode ser utilizada por uma empresa, por exemplo, para divulgar entre clientes as especificidades de uma linha de produtos e sua evolução.” (LEMOS; DEL GÁUDIO, 2011, p. 290-291). Dentre tais veículos, o mural possui produção e apresentação mais simples ao público, se comparado com os demais. “[...] A facilidade de produção, de atualização e de acesso direto pelos empregados

é sua maior vantagem [...]” (LEMOS; DEL GÁUDIO, 2011, p. 291). Já a mídia indoor utiliza da tecnologia para transmitir informações, como os murais de elevadores e salas de espera.

A atualização imediata e simultânea é uma das maiores qualidades e compõe o que se denomina como Intranet. Ela é que o espaço a que os empregados recorrem diariamente para seu trabalho. Além da interatividade, “[...] as notícias podem ser publicadas rapidamente e ao mesmo tempo nas diversas unidades de uma empresa.” (LEMOS; DEL GÁUDIO, 2011, p. 292). Já a conhecida Internet é utilizada principalmente com o intuito de que “[...] as informações sejam atualizadas e que os recursos da Internet sejam explorados de forma adequada aos objetivos daquela instituição.” (LEMOS; DEL GÁUDIO, 2011, p. 292)

Outras ferramentas interessantes no espaço virtual são os Blogs, o *Twitter* e outras ações de mídia social, pois “[...] oferecem a vantagem da interatividade e tem se tornado cada vez mais comum”. (LEMOS; DEL GÁUDIO, 2011, p. 292)

Quanto aos programas, se classificam em de TV, vídeo, videoconferência, *webtv* que, segundo o autor, contam com a vantagem comunicativa da imagem. Há também o programa de rádio que “[...] tem custo de produção mais baixo que o programa de TV e pode ser exibido mais facilmente, inclusive na Internet, por meio de arquivos MP3 ou podcastings”. (LEMOS; DEL GÁUDIO, 2011, p. 293)

Por fim o Outdoor, que é “[...] comum em empresas localizadas em grandes áreas, pode funcionar como apoio às campanhas de comunicação interna ou como veículo de divulgação de eventos, datas comemorativas etc.”. (LEMOS; DEL GÁUDIO, 2011, p. 293)

De acordo com os objetivos das organizações, os *house-organs* citados acima são importantes ferramentas estratégicas de Comunicação Social. Dentre eles, Serra (1986, p. 15) defende o vídeo como um “[...] instrumento de apoio para atingir metas institucionais, comerciais e administrativas da organização”. Como é ferramenta para o desenvolvimento deste projeto, é preciso entender suas características.

3.4 Vídeo institucional

Como já vimos anteriormente, o chamado *house-organ* é um termo utilizado para denominar as publicações jornalísticas de uma empresa ou entidade, responsáveis por um importante canal de comunicação entre ela e seus públicos. Dentre os diversos tipos de publicações jornalísticas empresariais está o vídeo institucional, que, segundo Westerkamp e Carissimi (2011), destaca-se como a principal ferramenta audiovisual nas organizações.

Para os autores, o sucesso dos vídeos nas organizações se deve principalmente ao fato de as pessoas estarem acostumadas a veículos de comunicação de massa que fazem uso da linguagem audiovisual, como a TV e o cinema. Suas finalidades são diversas. Como exemplos, os autores citam:

[...] catálogos eletrônicos, comunicados à imprensa, documentários, vídeos educativos, vídeo exportação, integração, jornal interno, vídeo lazer, manual de instruções, vídeo memorial, motivação, treinamento e o consagrado institucional. (WESTERKAMP; CARISSIMI, 2011, p. 1)

Ainda segundo os autores, dentre os tipos de vídeos nas organizações, o vídeo institucional é uma ferramenta que traz informações importantes de determinados públicos de interesse da empresa e, por isso, se torna fundamental na comunicação dirigida de uma organização. “Um programa institucional apresenta a filosofia da organização, sem o intuito de vender um produto e sim de vender uma imagem.” (WESTERKAMP; CARISSIMI, 2011, p. 4)

As organizações buscam, por meio de ações e estratégias, uma imagem positiva perante a sociedade. Uma estratégia de comunicação bem estruturada “[...] exerce um efeito positivo sobre o ambiente interno e conseqüentemente sobre a imagem global da empresa”. (CAMARGO et al., 2013, p. 2)

As primeiras produções de vídeos empresariais, segundo Xavier e Zurpado (2004, p. X), surgiram nos anos 80, época de poucas referências, principalmente quanto à roteirização dos mesmos, em que “[...] os roteiristas tinham que descobrir a melhor forma para que o vídeo empresarial pudesse se transformar em um meio de comunicação eficaz”.

Em estudos da mesma década, Serra (1986, p. 15) classifica o vídeo institucional como um dos tipos de vídeo empresa. Para ele, é “[...] instrumento de apoio para atingir metas institucionais, comerciais e administrativas da organização [...]” e não se destina a um público, em geral, mas a um público específico, que dependerá dos objetivos da empresa.

Diferentemente das produções para a televisão e para o cinema, o autor relata que o vídeo-empresa “[...] não tem por objetivo contar uma história para entretenimento, nem documentar fatos socioculturais para informação pública”. (SERRA, 1986, p. 15) Ele classifica ainda os vídeos empresa em cinco tipos: vídeo integração, vídeo instrucional, vídeo promocional, vídeo institucional e outros.

O primeiro, vídeo integração, tem como principal objetivo “[...] apresentar globalmente a empresa aos funcionários recém-admitidos, ou àqueles de outros estados”. (SERRA, 1986, p. 16)

O segundo, vídeo instrucional, é um audiovisual de formação cujo objetivo principal é desenvolver a mão-de-obra da empresa. Ele pode ser dividido ainda em outros quatro, vídeo instrucional administrativo, vídeo instrucional comercial, vídeo instrucional comportamental e vídeo instrucional operacional. (SERRA, 1986)

De caráter comercial, o vídeo promocional é voltado ao público externo, que compreende revendedores e clientes, com a finalidade de divulgar produtos e serviços. Já a categoria “Outros” abrange todos os tipos de vídeo que não se enquadram nos quatro tipos de vídeo empresa já citados. (SERRA, 1986)

Por fim, vídeo institucional. De acordo com o autor, o seu principal objetivo é, de modo atraente e comercializável, difundir a imagem da organização. Para Serra, eles são destinados especificamente ao público externo da instituição, que envolve “[...] clientes em potencial, autoridades, fornecedores etc.”. (SERRA, 1986, p. 16)

Há quase 30 anos, Serra (1986) apresentou uma estrutura padrão para o vídeo institucional, dividindo-o em blocos. O bloco 1 é composto pela Apresentação, o bloco 2 pela Introdução, bloco 3 o Histórico, bloco 4 a Atividade, bloco 5 a Estrutura organizacional, bloco 6 os Produtos/Serviços, bloco 7 o Suporte e o bloco 8, a Conclusão.

De início, a Apresentação traz os conhecidos letreiros, onde “[...] o vídeo-empresa começa com o logotipo ou a marca da própria empresa, seguido do nome do programa.” (SERRA, 1986, p. 38)

Em seguida, a Introdução traz “[...] uma prévia do assunto que será abordado”. (SERRA, 1986, p. 38) Tendo como exemplo esta pesquisa, pode-se dizer que antes de falar de Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, precisamos falar de cegos/cegueira ou de atividades desenvolvidas para este público.

De acordo com Serra (1986), o Histórico, como o nome já diz, aborda a história da organização, desde a origem até atualidade. Dos Santos (2014, p. 65) destaca a importância da narrativa histórica, no contexto organizacional:

A evocação do passado nas narrativas organizacionais visa demonstrar a continuidade de uma organização. Uma forma de reiteração do passado ou das marcas do passado na atualidade. Narrar a história de uma empresa, comunicar seus feitos aos públicos mais diversos constitui uma forma de legitimar o percurso de uma empresa como duradoura, sólida, perene.

O bloco Atividade é julgado como o mais importante para o autor, pois é onde “[...] contém a mensagem básica que se quer transmitir pois é aqui que se ressalta a posição da empresa no mercado ou na comunidade, sua importância ou sua influência no setor”. (SERRA, 1986, p. 38)

O Estrutura procura “[...] dar uma ideia das dimensões e abrangência da empresa através dos seus produtos/serviços [...]”. (SERRA, 1986, p. 38)

Quanto aos Produtos/Serviços, a ênfase deve estar na importância deles para o consumidor ou para a comunidade. Assim, o autor aponta que é onde o vídeo aborda “[...] os aspectos extras ou especiais do produto/serviço: assistência técnica, centros de treinamento, apoio de autoridades, garantias especiais, centros de pesquisas, uso de matérias-primas especiais, esquema de reposição de peças etc”. (SERRA, 1986, p. 39)

E por fim, a Conclusão. Para Serra (1986, p. 39), ela “[...] deve ter um caráter de grandeza, de otimismo, realçando os valores positivos da organização. Aqui, há ainda os letreiros de créditos, que encerrarão o vídeo”.

São muitas as vantagens do vídeo institucional para as organizações. Westerkmp e Carissimi (2011, p. 14) destacam a atratividade e o dinamismo, haja

vista a forma como são apresentadas as informações, a linguagem simples e as diversas maneiras de utilização deste material, tais como:

[...] apresentação da empresa para investidores, novos funcionários, fornecedores, apresentações em eventos, captação de recursos, visitas *open house*, palavra do presidente, apresentação em feiras, congressos, introdução de um sítio, vídeos de prestação de contas e muito mais.

Outra vantagem: “[...] é mais fácil ver e ouvir, do que parar para ler.”

Fort et al. (2009) defendem que, com o avanço dos meios de comunicação, os computadores pessoais tornaram-se instrumento da rotina dos cidadãos e, como outros meios eletrônicos, tornaram-se referência para qualquer informação imediata. Essa é a relação do ver/ouvir versus ler.

Margareth Michel, Jerusa Michel e Porciúncula (2013) dizem que o sucesso de qualquer organização depende do bom êxito nos discursos produzidos por meio da sua comunicação. É preciso, então, fazer a escolha de uma boa linguagem, aproveitando sempre dos novos recursos tecnológicos, de modo que atinja os objetivos desejados por ela.

Para produzir um vídeo institucional é preciso entender também o conceito de linguagem audiovisual e seus elementos, bem como as especificidades de cada etapa de produção. Mas isso é assunto para o próximo capítulo.

4 LINGUAGEM AUDIOVISUAL

Para iniciar este capítulo, é importante entender o conceito de linguagem audiovisual, uma vez que esta será adotada na produção do vídeo institucional para entidade do Terceiro Setor. Como a própria terminologia evidencia, audiovisual é a junção de dois canais sensoriais de recepção humana: a audição e visão. Quando se adota uma comunicação em que esses dois sentidos são estimulados, obtém-se um fenômeno audiovisual, com sons e imagens atuando em sincronia.

De acordo com Dulce Márcia Cruz (2007), a linguagem audiovisual ou cinematográfica foi evoluindo aos poucos com o advento de novas tecnologias e a aceitação popular. Para a pesquisadora, esse tipo de linguagem não se parece com o real, apesar deste ser a sua referência. Cruz (2007, p.17, grifo do autor) também retrata o surgimento do cinema na Europa, ainda sem o recurso sonoro:

Em dezembro de 1895, quando os irmãos Lumière apresentaram o Cinematógrafo aos incrédulos convidados do Grand Café no *Boulevarddes Capucines* em Paris, imaginavam que estavam inventando uma máquina que poderia ser útil para a ciência, mas que não tinha nenhum futuro comercial. Nessa primeira sessão de cinema, os irmãos Auguste e Louis mostraram vinte minutos de filmes curtos, com cenas do cotidiano de Paris, dentre eles, o primeiro filme da história, a saída de trabalhadores da fábrica Lumière e, claro, a famosa chegada do trem na estação de *Ciotat*. Nascia ali o filme documentário.

Não demorou muito para que o som pudesse ser incorporado ao cinema, onde até então as imagens eram projetadas de forma silenciosa. Jacques Aumont et al. (1995) narram no livro “A estética do filme” o processo de agregação de áudio nas obras cinematográficas.

Como se sabe, no início, o cinema existiu sem que a trilha de imagem fosse acompanhada de um som gravado. O único som que acompanhava a projeção do filme era, mais frequentemente, a música de um pianista ou de um violonista e, às vezes, de uma pequena orquestra. O surgimento do cinematógrafo, em 1895, como dispositivo desprovido de som sincronizado e também o fato de que foi necessário aguardar o primeiro filme sonoro por mais de 30 anos (enquanto, desde 1911-1912, os problemas técnicos, em sua essência, estavam resolvidos) podem ser explicadas em boa parte pelas leis do mercado; se os irmãos Lumière comercializaram sua invenção tão depressa, provavelmente, foi, em parte, para vencer em velocidade Thomas Edison, o inventor do cinetoscópio, que não queria explorá-lo sem ter resolvido a questão do som. [...] . (AUMONT et al., 1995, p. 44)

O cinematógrafo, ao qual os autores se referem, era o aparelho inventado pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, que derivou o cinema tal qual conhecemos hoje. Mas, antes desta invenção, foi Thomas Edison o responsável pela invenção do cinetoscópio, tecnologia que apresentava alguns princípios básicos para se fazer um filme.

No ano de 1890, segundo Cruz (2007, p. 22), “[...] com o cinetoscópio, Edison rodou uma série de pequenos filmes em seu estúdio, o Black Maria, primeiro da história do cinema”. Com o aperfeiçoamento desta máquina, os irmãos Lumière conseguiram em 1895 idealizar o cinematógrafo.

O aparelho – uma espécie de ancestral da filmadora – é movido a manivela e utiliza negativos perfurados, substituindo a ação de várias máquinas fotográficas para registrar o movimento. O cinematógrafo torna possível, também, a projeção das imagens para o público. O nome do aparelho passou a identificar, em todas as línguas, a nova arte (ciné, cinema, kino etc.). Na descrição dos próprios inventores, tal aparelho permitia armazenar, previamente, por uma série de instantâneos (fotogramas), os movimentos que durante um certo tempo, sucedem diante de uma lente fotográfica e depois reproduzir estes movimentos projetando estas sobre um anteparo (por exemplo: uma tela, ou uma parede). (CRUZ, 2007, p. 22)

Uma vez incorporado o som nas produções cinematográficas, a linguagem audiovisual “[...] se constituiu aos poucos através de algumas convenções que vêm sendo usadas e recriadas nos últimos cem anos, criando uma continuidade narrativa específica do cinema”. (CRUZ, 2007, p. 33)

O pesquisador Marcel Martin (2005) compara o surgimento dos filmes com os primeiros registros pictográficos encontrados no interior das cavernas, destacando a importância da sétima arte na história da humanidade.

O carácter quase mágico da imagem fílmica aparece com perfeita clareza: a câmara cria uma coisa muito diferente de uma simples cópia da realidade. Aconteceu o mesmo na origem da humanidade: os homens que executaram as gravuras rupestres de Altamira e Lascaux não tinham consciência de fazer obra de arte e o seu fim era puramente utilitário, pois tratava-se de assegurarem uma espécie de domínio mágico sobre os animais selvagens que constituíam a sua subsistência. Todavia, as suas criações fazem hoje parte do patrimônio artístico mais precioso da humanidade. (MARTIN, 2005, p. 10)

Em sua obra, o autor faz um paralelo entre a linguagem cinematográfica e a linguagem verbal, delimitando, porém, suas respectivas características:

É com efeito possível estudar a linguagem fílmica a partir das categorias da linguagem verbal, mas qualquer assimilação de princípio seria simultaneamente absurda e vã. Creio que é necessário afirmar desde o início a originalidade absoluta da linguagem cinematográfica. E a sua originalidade vem essencialmente do seu poder total, figurativo e evocador, da sua capacidade única e infinita de mostrar simultaneamente o invisível e o visível, de visualizar o pensamento ao mesmo tempo que o vivido, de conseguir a fusão do sonho e do real, da volatilidade imaginativa e da evidência documental, de ressuscitar o passado e atualizar o futuro, de conferir a uma imagem fugitiva maior carga persuasiva do que aquela que é oferecida pelo espetáculo do cotidiano. (MARTIN, 2005, p.12)

É possível concluir que o “[...] filme é, portanto, o lugar de encontro de um enorme número de códigos não-específicos e de um número muito mais reduzido de códigos específicos”. (AUMONT et al, 1995, p. 199)

Jacques Aumont et al. (1995) explicam que esses códigos são equivalentes a modelos formais com aspirações à formalização. Eles seguem uma ordem de coerência lógica, com um viés explicativo e esclarecedor. Para os autores, um código é concebido, dentro da semiologia, como um campo de conversões, no qual as mudanças do significante correspondem a variações do significado e onde algumas unidades adquirem sentido em relação às outras.

Por ser uma poderosa ferramenta de persuasão, a linguagem audiovisual pode ser usada para a transmissão de determinadas mensagens para o público, uma vez que “[...] ao integrar som e imagem em movimento o cérebro faz a leitura da mensagem por meio do despertar sensorial de todos os sentidos do corpo que atuam em relação, sensibilizados pelo que na teoria semiótica se denomina sincretismo.” (RIBEIRO, 2013, p. 4)

Deste modo, ainda sobre a força que um produto audiovisual possui, Martin (2005, p. 10) aponta:

[...] graças a uma escrita própria, que se encarna em cada realizador sob a forma de um estilo, o cinema transformou-se, por esse motivo, num meio de comunicação, de informação, de propaganda, o que não constitui, evidentemente, uma contradição de sua qualidade de arte.

Esse impacto causado pela linguagem audiovisual acontece porque “[...] reagimos diante da imagem fílmica como diante da representação muito realista de um espaço imaginário que aparentemente estamos vendo”. (AUMONT et al., 1995, p. 21)

Ainda sobre essa percepção que acontece em relação ao indivíduo e o filme, Ribeiro (2013, p. 4) explica que:

[...] o cérebro humano interage com a composição sincrética, do som e da imagem em movimento, associando simultaneamente as informações recebidas, como lento/rápido, grave/agudo com as memórias visuais e acústicas que já possui e cognitiva e sensorialmente ressignifica aquele conjunto audiovisual conferindo-lhe sentido. Nesta acepção, a linguagem audiovisual é um sistema produzido para ser perceptível ao corpo como um todo, já que sua configuração estimula todos os sentidos do corpo: o olho, o ouvido, o tato, o paladar e o olfato. Isso, porque pretende despertar do corpo estésica e sinestesticamente na medida em que exige o empenho do corpo despertado pelos vários sistemas expressivos em simultaneidade.

Martin (2005) reforça que a linguagem usada pelo cinema, ou seja, audiovisual, pode ser diferenciada das demais por funcionar a partir da reprodução fotográfica do real. “Com efeito, [...] são os próprios seres e as próprias coisas que aparecem e falam, dirigem-se aos sentidos e falam à imaginação [...]”. (MARTIN, 2005, p. 11)

Portanto, desde o surgimento do cinema mudo no final do século XIX, essa maneira de contar histórias se transformou e foi adaptando-se ao longo do tempo. Cruz (2007, p. 33) afirma que:

[...] para compor essa linguagem [audiovisual] as imagens evoluíram de uma mera descrição do que se via com uma câmera fixa para um trabalho consciente de seleção e organização de enquadramentos que buscassem direcionar o olhar do espectador “para o que realmente interessa”.

Hoje, com o avanço da tecnologia na área, que culminou em novas ferramentas e novas perspectivas, “[...] o vídeo digital abriu um mundo de possibilidades para a realização de filmes, antes restritos aos estúdios profissionais de cinema”. (ANG, 2007, p. 10) O que impulsionou essa crescente foi a parceria entre o vídeo digital de baixo custo e a ampla difusão dos computadores pessoais, cada vez mais acessíveis à população.

4.1 Elementos constitutivos

Antes de definir os elementos presentes no registro audiovisual, é importante refletir sobre o que deve estar inserido no vídeo, ou seja, o que vai ser captado pela lente da câmera. Harris Watts (1999, p. 15) explica que “[...] não faz sentido preencher a tela com nada acontecendo – isso não oferece qualquer experiência para ser compartilhada com o espectador”.

Neste ponto é fundamental entender que, durante a experiência fílmica, o público terá contato somente com os elementos que se desdobraram diante das câmeras no momento das gravações. Essas ações registradas pelas filmadoras acontecem num perímetro denominado “quadro” ou, conforme Jacques Aumont et al. (1995) definem, “campo”. Para eles, “[...] como a imagem é limitada em sua extensão pelo quadro, parece que estamos captando apenas uma porção desse espaço”. (AUMONT et al., 1995, p. 21)

Dulce Márcia Cruz (2007) compara o filme com uma pintura de imagem plana com um limite recortado, de maneira bidimensional. Para a autora, os campos se apresentam geralmente de maneira retangular, onde o cineasta trabalha o recorte da realidade.

O apresentador e professor de fotografia Tom Ang (2007, p. 46) também defende que:

A forma e o tamanho fixos da ‘janela do filme’ podem parecer restritivos, não dando oportunidade de mudar as proporções ou o formato do quadro. Mas o oposto é que é verdadeiro. A janela do filme é exatamente isso – uma janela. Porém uma janela que se pode deslocar e ampliar, ou reduzir, à vontade.

É importante lembrar que o operador de câmera deverá ver o mesmo que o espectador, ou seja, deve direcionar o olhar somente para o que estiver acontecendo diante das lentes da filmadora. Edgar Peixoto Moura (1999, p. 427) afirma que, caso ele fique mexendo a câmera de um lado para o outro, mudando de quadro incessantemente, sem tempo da cena se desenvolver na tela, nem ele e nem o público conseguirão entender a ação.

O autor compreende que todo registro visual deve conter um segundo centro de interesse ou parecerá uma captura acidental do ambiente. Este segundo

centro de interesse é algo além da primeira leitura do quadro que o espectador fará ao se deparar de imediato com a cena.

É difícil olhar duas coisas ao mesmo tempo sem mudar o centro de atenção, sem permitir que o seu olho vá para o novo centro de interesse, mas ser capaz de fazer isso pode ser muito útil. É esse olhar onipresente e atento que se faz necessário para quem quer ser operador de câmera. (MOURA, 1999, p. 327)

Sabendo disso, os envolvidos na produção de uma obra audiovisual devem estar cientes do que é preciso ficar dentro e fora do campo visual.

Ao olharmos através da lente de uma câmera, o cenário, além de ficar limitado a um campo visual retangular, pode se distanciar ou se aproximar, de acordo com o foco de interesse. Assim, é possível compor as imagens, destacando na cena os pontos a serem valorizados e transmitidos ao público. (XAVIER; ZURPADO, 2004, p. 58).

Em síntese, tudo aquilo que não agrega valor à cena deve ficar fora de quadro. Quando se entende que não é necessário mostrar tudo o que acontece ao redor das filmagens, fica mais fácil compreender o que, de fato, deve estar presente no campo. Segundo Dancyger (2007), todas as demais indagações como escolha de planos e posicionamentos de câmeras serão sanadas após esta primeira reflexão. É necessário, num primeiro momento, definir com clareza o que deve estar contido no quadro para, somente depois, definir como será feito esse registro.

4.1.1 Planos e enquadramentos

Quando já se sabe o que deve estar contido no campo visual, os questionamentos sobre a melhor escolha de captura das imagens começam a ser pensados. Uma das técnicas para se “desenhar” a realidade diante das câmeras é a utilização adequada dos planos e enquadramentos.

Aumont et al. (1995, p. 39) definem plano como sendo um “[...] conjunto de parâmetros: dimensões, quadro, ponto de vista, mas também movimento, duração, ritmo, relação com outras imagens”.

É preciso entender que toda decisão técnica de gravação deve ser pensada anteriormente. Isto porque todas as escolhas tomadas no cinema - ou em

qualquer outro registro audiovisual - têm uma razão de ser, com uma intencionalidade própria.

Moura (1999) explica que uma imagem sem ideia será pobre, monótona e pouco eficaz. Dessa maneira, todo plano precisa estar, propositalmente, inserido em um contexto. O autor afirma que uma gravação em que operador de câmera filma somente os atores em cena para captar a imagem e o texto falado é o equivalente ao ato de abrir os olhos pela primeira vez de um recém-nascido, registrando à esma toda movimentação que parece ser interessante. Este tipo de plano será, nas palavras dele, um plano canela.

O “plano canela” é uma imagem pobre. Ele não é nem *close* nem plano geral. É um enquadramento canhestro que corta os atores, por acidente, em qualquer lugar. Na canela, no joelho, ou em qualquer lugar que o ator, por acaso, pare no quadro sem nenhuma intenção evidente. Esses planos abundam, com o perdão da palavra, nos filmes de diretores “não visuais”. São os diretores que não têm a possibilidade de filmar muito, e por isso mesmo não têm o hábito de ver com a câmera. (MOURA, 1999, p. 391)

Desta maneira, fica claro que “[...] todo plano exige um posicionamento de câmera: logo, todo plano é uma oportunidade criativa. Deixar a câmera em um tripé instalado em altura conveniente é uma solução fácil demais”. (ANG, 2007, p. 154)

Apesar da afirmação acima, é de se notar que o uso do tripé (ferramenta de apoio fixo à câmera) é essencial em muitas situações, principalmente com pessoas que não têm o hábito de manusear equipamentos de filmagem. Ang (2007, p. 28) explica que “[...] embora incômodos e às vezes desajeitados para carregar, os tripés são fundamentais em inúmeras condições de filmagem, para conseguir uma tomada estável – algo impossível com a câmera na mão”.

Serra (1986, p. 108) reforça que o “[...] operador de câmera consciente sabe que nunca é demais o uso do tripé, por mais firme que seja seu ombro”. O pesquisador também cita os quatro planos fixos mais usados no cinema. São eles: o Plano Geral, Plano Médio, Close-Up e Big Close-Up.

O Plano Geral (PG) mostra o cenário por inteiro, seja uma paisagem ou uma cidade, por exemplo. Tom Ang (2007, p. 50) define essa tomada a distância como sendo “[...] aquela em que o público pode ver o contexto e as imediações. Essa tomada costuma ser tranquila, convidando o olhar do espectador a passear pelas imagens”.

Xavier e Zurpado (2004, p. 60) definem o PG como sendo um registro mais palpável, evidenciando, por exemplo, a fachada de uma casa, uma praça ou um parque com pessoas se movimentando na tela. Neste caso, alguém visto de corpo inteiro com outros objetos inseridos no campo visual, pode ser considerado um Plano Geral (Figura 1).

FIGURA 1 – Plano Geral



Foto: Evandro Batista

Ainda neste contexto, os autores citam o Plano Conjunto. Para eles (2004, p. 60), “[...] o plano conjunto, que também é uma versão do plano geral, consiste na câmera mostrando todo o cenário com seus elementos, não importa se o ambiente é grandioso ou apenas uma pequena superfície de um metro quadrado.”

Referindo-se a este plano, porém, Harris Watts (1990, p. 159) afirma que “O Plano de Conjunto corta o corpo na altura dos joelhos; é por natureza insatisfatório uma vez que não é aberto o suficiente para mostrar muito do cenário de fundo, nem fechado o bastante para mostrar detalhes da pessoa.”

Outra variação mais ampla do Plano Geral é o Grande Plano Geral (GPG). Segundo Xavier e Zurpado (2004, p. 59), este enquadramento “[...] mostra a imensidão de uma paisagem, como a Chapada Diamantina, a Amazônia, uma cidade vista por um helicóptero”. Já o Plano Médio (PM) mostra uma ou mais pessoas e despreza parte do cenário, dando valor somente a um pedaço dele. Neste ponto, é importante que quem esteja em cena não seja cortado pela câmera.

Para Harris Watts (1990, p. 159), o PM (Figura 2) “[...] corta imediatamente abaixo dos cotovelos e é ótimo para as tomadas de introdução em

entrevistas; se mantido por longo tempo o espectador ficará cansado de olhar para a roupa que ocupa maior parte da tela”.

FIGURA 2 – Plano Médio



Foto: Wesley Colati

Moura (1999) sugere que o operador de câmera dê ar e teto ao personagem que está sendo gravado. Isso porque:

Ele precisa respirar e não perder a cabeça. Dar teto é não encostar o tampo da cabeça do ator na linha superior do quadro. Dar ar é dar um pouco mais de espaço na frente do que atrás, mais espaço para o rosto do que para a nuca. É normal. Quem olha, olha alguma coisa; precisa, então, de espaço para ver. Já para trás não se vê nada mesmo, então nada faltará. (MOURA, 1999, p. 428)

Ainda sobre a melhor maneira de se gravar entrevistas, Watts (1990, p. 153) defende a importância de usar um outro plano para tornar o registro mais dinâmico para o telespectador, o Meio Primeiro Plano:

O rosto é o principal ponto de interesse em uma entrevista; é melhor cortar para o Meio Primeiro Plano e poupar o público de apertar os olhos para ver melhor o rosto. O Meio Primeiro Plano enquadra logo abaixo dos ombros e é fechado o bastante para mostrar detalhes do rosto, sem chegar a ser intruso. Este é o melhor padrão de conforto visual para as entrevistas, nas telas pequenas dos televisores. (WATTS, 1990, p. 159)

No Close-up (Figura 3), a intenção é destacar um objeto ou o rosto do personagem, por enquadrar algo particular. Dessa maneira, durante uma entrevista,

Watts (1990) explica que esse plano traz uma sensação de intimidade para com o entrevistado, enquadrando-o na altura da gola da camisa.

FIGURA 3 – Close-up



Foto: Evandro Batista

Já o Big close-up (Figura 4), segundo Serra (1986), é um plano ainda mais fechado, mostrando detalhes mínimos do objeto ou do rosto de alguém. Ang (2007, p. 186) afirma que, se “[...] bem feito e usado com critério, o close-up – especialmente o super-close – acrescenta clareza visual e impacto emocional à narrativa”.

O autor (2007) também cita sobre outros dois planos derivados do Big Close-up. São eles o “amplo close-up” e o “extremo close-up”. O primeiro diz respeito ao enquadramento fora de centro que permite movimento. Este plano possibilita que o espectador antecipe a ação em tela. Já o extremo close-up é mais fechado e cria uma sensação de intensidade no público, especialmente se a tomada do filme for muito longa.

FIGURA 4 – Big Close-up



Foto: Wesley Colati

Ang (2007) dá a dica de manter a câmera longe do corpo quando estiver caminhando ou movimentando-a. Isso porque os braços absorvem o impacto das passadas. Essas sugestões levam a outro fator importante para o registro audiovisual: os movimentos de câmera.

4.1.2 Movimentos de câmera

Quanto aos movimentos de câmera, podemos citar as três principais categorias. São elas: o *zoom*, a *pan* (ou panorâmica) e o *travelling*. (SERRA, 1986) Antes de definir cada uma, é importante ressaltar que os “[...] piores de todos os movimentos de câmera são aqueles que vão de nada para lugar nenhum [...]” (MOURA, 1999, p. 392). Dessa maneira, é necessário compreender que, assim como foi dito anteriormente sobre planos e enquadramentos, toda decisão técnica deve conter uma intencionalidade própria.

O movimento mecânico das lentes denominado *zoom* pode ser usado de diferentes maneiras. Pode-se adotá-lo para enquadrar um detalhe específico ou, então, para mostrar um determinado ponto que chamou a atenção do personagem em cena. Segundo Aumont et al. (1995), a movimentação nesta técnica acontece em um plano fixo, ou seja, com a câmera imóvel, apenas se afastando (*zoom out*) ou se aproximando (*zoom in*) de determinado objeto.

Ang (2007, p. 58) explica que, com este recurso, é possível “[...] fechar o enquadramento para destacar detalhes. Depois, abrindo a tomada, você revela ao espectador como os pequenos detalhes se inserem no geral”. Para ele, este efeito “[...] provoca uma mudança no campo de visão, dando ao espectador a sensação de que a câmera se aproxima ou se afasta do motivo.” (ANG, 2007, p. 58) Portanto, esta é uma boa maneira de detalhar uma cena depois dela ter começado com um plano geral.

Ainda sobre *zoom* partindo de um Plano Geral, o autor Harris Watts (1990, p. 108) pontua:

[...] torna as coisas mais chapadas, deixa o cenário de fundo fora de foco e torna mais lento o movimento aparente [...] A aproximação faz as coisas parecerem mais separadas umas das outras e, à medida que você chega mais perto de dois objetos, mais eles se afastam. Como resultado, o movimento na direção da câmera aparecerá mais rápido.

O uso desta técnica, porém, deve ser moderado. Serra (1986) explica que é preciso bom senso no uso do *zoom*, pois este pode pôr em risco o foco, irritando o espectador se for usado com muita frequência.

Mas, se usado corretamente, esse recurso pode se tornar uma valiosa ferramenta no momento da gravação, economizando o tempo de filmagens.

Há uma forma de você conseguir três tomadas-de-cena pelo preço de uma. Toda vez que fizer um movimento de *zoom*, peça ao operador de câmera para ficar filmando no começo do *zoom* por cerca de oito segundos e também no final do *zoom* por oito segundos. Assim você tem a alternativa de três tomadas para usar da edição [...] Também permite cortar o *zoom* durante a edição e utilizar apenas as duas pontas. (WATTS, 1990, p. 59)

O *zoom* pode ainda ser mesclado com o outro movimento de câmera: o panorâmico. Ang (2007, p. 54) explica que essa combinação serve “[...] para criar uma sensação de dinamismo e ação contínua no vídeo [...]”.

O movimento panorâmico, segundo define Serra (1986, p. 108), ocorre quando a câmera se move vertical ou horizontalmente sobre seu eixo, sem se deslocar.

Este “eixo”, citado acima, não deve ser invertido durante as filmagens. Para evitar que isso aconteça, Watts (1990) aconselha que a câmera seja mantida de um mesmo lado da cena durante a gravação de uma sequência de ação.

A melhor maneira de evitar inverter o “eixo” é usar sua TV mental. Se duas pessoas estão conversando, elas normalmente olham uma para a outra. Assim, se uma delas estiver olhando para a direita num plano, a outra deve estar olhando para a esquerda no plano seguinte. Se você vê um carro trafegando rumo a direita, na sua TV mental, ele sai pela direita, ele deve surgir da esquerda na tomada seguinte (caso contrário parecerá que ele mudou de direção). (WATTS, 1990, p. 60)

Para Ang (2007, p. 57), este movimento “[...] imita os olhos de uma pessoa acompanhando a ação: é uma tomada estável, fluente, em que a distância entre o motivo e a câmera se altera”.

Uma variação deste movimento é o chicote. Para Xavier e Zurpado (2004), o chicote acontece quando a câmera faz um movimento brusco, deixando uma espécie de rastro na tela. Este pode ser considerado uma *pan* em alta velocidade e funciona para mostrar algo inesperado em cena. “Num roteiro, o chicote pode ser indicado como um efeito de passagem para mudança de assunto.” (XAVIER; ZURPADO, 2004, p. 65)

Por fim, Serra (1986) conceitua o *travelling* como sendo o ato de aproximar-se de um objeto ou personagem. Para ele, este efeito deve ser usado com cautela pois, se mal executado, pode resultar em cenas tremidas. Isso ocorre se a câmera for posicionada sob os ombros ou trilhos improvisados.

4.1.3 Ângulos

Outro assunto relevante quando se trata de enquadramento é o modo como a câmera registra as imagens no campo. É nesta questão onde entram em pauta os ângulos, que podem ser definidos como pontos de vistas da câmera, captando a cena em diferentes posicionamentos. Ang (2007) explica que a variedade de ângulos durante as filmagens cria mudanças de tensão e dá ritmo às cenas, mesmo quando não há nenhuma modificação de composição ou iluminação.

Uma sensação que este método pode causar é com o uso da câmera subjetiva. Nesta “[...] condição, a câmera representa o ponto de vista do ator. A câmera é o olhar do ator que não aparece, mas o espectador sente a presença dele”. (XAVIER; ZURPADO, 2004, p. 68)

Os autores explicam que este ângulo:

Mostra, por exemplo, o ponto de vista de alguém caminhando ou correndo entre a multidão, alguém subindo uma escada onde só se vê o topo e os degraus sendo galgados, ou uma cena de um motorista com o carro em movimento, onde o espectador só vê o para-brisa e a paisagem. (XAVIER; ZURPADO, 2004, p. 68)

Ainda sobre ângulos, Watts (1990) fala sobre a importância de nivelar bem a câmera na hora de gravar alguém.

[...] a objetiva da câmera deve ficar no nível dos olhos da pessoa em cena. Se duas pessoas têm a mesma altura, nada de novo. Se forem de alturas diferentes, a câmera deve tentar refletir isso, assumindo o ponto de vista de cada protagonista, olhando para cima ou para baixo conforme o caso. (WATTS, 1990, p. 91)

Outros dois ângulos muito usados no cinema são os de câmera alta e baixa, chamados também de mergulho (*plongée*) ou contra-mergulho (*contra-plongée*), respectivamente.

No ângulo mergulho (Figura 5), a “[...] câmera fica posicionada acima da cabeça do ator, achatando sua imagem e explicitando sua posição de inferioridade e timidez em relação ao interlocutor ou ao cenário.” (XAVIER; ZURPADO, 2004, p. 69)

FIGURA 5 – Mergulho (*plongée*)



Autor: Evandro Batista

Já no contra-mergulho (Figura 6), é possível causar a sensação inversa, ou seja, transmitir um ar de superioridade para o indivíduo em cena. Ang (2007) afirma que este ângulo pode ser conseguido se o operador de câmera se agachar ou deitar-se próximo ao personagem.

FIGURA 6 –Contra-mergulho (*contra-plongée*)



Foto: Wesley Colati

É possível concluir, portanto, que a variação de ângulos pode transmitir certas impressões para o telespectador, de acordo com a intencionalidade da narrativa. Watts (1990, p. 91) reforça o que foi citado acima quando diz que “[...] a câmera enquadrando de cima para baixo faz a pessoa parecer inferior; se a câmera olhar de baixo para cima, parecerá superior”. (WATTS, 1990, p. 91)

Na obra *On câmera*, o autor faz o seguinte relato:

Comece gravando cada sequência, cobrindo a ação principal com uma tomada-de-cena em ângulo aberto. Essa cena é denominada de cenário da ação principal. Em seguida peça aos colaboradores para repetirem a ação, se preciso, mais do que uma vez, de tal forma que você possa fiscalizar os *close-ups* e captar as reações corporais e faciais de que você precisa. [...] Assista a sequência, identifique cada imagem (se ela é um *close-up*, um plano médio ou um plano geral, se a câmera se movimenta etc.) e aí está a sua planificação cena a cena. (WATTS, 1990, p. 51)

Ang (2007) explica que gravar tudo na mesma altura tende a deixar o filme monótono. O pesquisador recomenda começar gravando as imagens de uma

posição mais elevada, pois dá ao público a sensação de estar observando a cena. Após esta primeira visão de cima fica mais fácil introduzir a ação na tela.

Harris Watts (1990) também recomenda essa técnica. Ele aconselha que, para cada tomada-de-cena se filme, ao menos, uma Vista Geral, ou seja, uma cena em Grande Plano Geral, com o ângulo elevado, mesmo que a princípio não pareça necessário. O pesquisador conta que essa gravação, que em um primeiro momento parece ser descartável, pode ser a solução na hora de se editar o filme.

4.1.4 Iluminação

Entendidos os conceitos anteriores, podemos tratar da luz em cena. Isto porque, como defende Moura (1999, p. 386):

[...] a primeira coisa a fazer é enquadrar. Sem quadro não se ilumina. Sem saber o que vai aparecer no quadro, não vale a pena iluminar nada. Correríamos o risco de iluminar o que não vai aparecer, ou de não iluminar o que vai. Então, antes de tratar de luz, vamos tratar da câmera.

Ang (2007) afirma que, no contexto audiovisual, a iluminação adequada pode dar aos filmes uma sensação de tempo e espaço, transmitir uma atmosfera ou sentimento e até mesmo criar um estilo visual característico, enriquecendo a capacidade narrativa. O autor revela que uma das maneiras mais diretas de se imprimir esse estilo visual acontece manipulando a luz em cena de modo consciente, com intenções bem delimitadas.

Em um filme, a direção da luz contribui mais do que simplesmente um efeito artístico. Ela pode editar todo o sentido do movimento e dar fortes indicações, embora indiretas, sobre a continuidade narrativa. Basicamente, a luz incide de seis posições: de cima ou de baixo, de frente ou de trás, da esquerda ou da direita. (ANG, 2007, p. 82)

Atualmente, quase todas as câmeras digitais funcionam com controle automático de exposição à luz. Ang (2007, p. 84) explica que, a “[...] exemplo do que acontece com o balanço de branco, o controle de exposição é quase uma consequência direta do modo como o sinal de vídeo é processado. [...]” Dessa maneira, a quantidade de luz que incide sobre o filme (processo de exposição) é dosada pelo tempo em que obturador e abertura da lente foram acionados pela máquina.

As novas tecnologias de captura de imagens executam boa parte do trabalho no processo de equilibrar as cores em vídeo. A temperatura das tonalidades de uma determinada fonte de luz são obtidas no momento da gravação de maneira cromaticamente precisas e automáticas. Para Ang (2007), existem três tipos de luz que devem ser levados em consideração. São eles: a luz principal, a luz de enchimento (para suavizar as sombras criadas pela principal) e a contraluz (para separar o objeto do fundo).

Moura (1999) afirma que o olho enxerga melhor nas áreas que estão na sombra do que o filme é capaz. Logo, o que aparentemente está claro a olho nu, vai ficar muito escuro no vídeo. Da mesma maneira, a câmera vê pior nas sombras. Então, caso a cena esteja boa no *video-assist* (pequeno monitor por onde o operador de câmera se baseia no momento das filmagens), ela ficará muito clara na gravação. “Dessa maneira, a imagem final que aparecerá no filme estará aí, entre os dois, entre a do olho e a do vídeo.” (MOURA, 1999, p. 423-424)

É necessário estar atento a estes aspectos, pois dissonância de luzes entre uma cena e outra pode derrubar toda uma sequência no momento da montagem.

Um longa-metragem, depois de montado, tem uns mil planos. Cada plano tem a sua luz, ou seja, cada um tem uma densidade e uma cor diferente do outro. Na tela, porém, eles devem fluir de um para outro sem saltos de luz. É fácil entender por quê. Se a cada mudança de plano houver uma diferença de luminosidade muito grande, isso será insuportável para o olho. Imagine o que sofreríamos se depois de uma imagem clara viesse uma outra, escura, e assim por diante, interminavelmente, e o pior, aleatoriamente. Por causa disso, os planos de um filme devem ter uma certa continuidade de luz. [...] (MOURA, 1999, p. 312)

Uma maneira eficaz para se ganhar tempo no momento da gravação é utilizar uma mesma luz para filmar vários planos diferentes. Moura (1999) explica que na decupagem¹ há vários planos que foram planejados para serem captados aproximadamente no mesmo lugar, com posição de câmera mais ou menos parecidos. Assim, é possível que esses planos sejam agrupados e filmados em sequência, aproveitando a mesma iluminação.

¹Trabalho do diretor cinematográfico, que consiste em escolher a imagem mais adequada a cada palavra, frase ou parágrafo do script. (TREVISAN, 1998)

4.1.5 Som

Agora que os aspectos relacionados à imagem já foram tratados, será falado sobre o segundo elemento de uma comunicação audiovisual: o som. Isto porque, como Watts (1999, p. 51) afirma, “[...] filmes sem som são como comida sem tempero. Não têm sabor, nem graça. Eles necessitam de som para completar a experiência.”

A ausência do recurso sonoro poderia até ser aceita nos primórdios do cinema, quando a tecnologia da época não permitia sincronizar áudio e imagem, mas hoje, com a vasta oferta de obras fílmicas na sociedade, as pessoas não aceitam mais consumir algo sem a estimulação auditiva.

Aumont et al. (1995) dividem a trilha sonora nos filmes em três categorias: o som fônico, o som musical e o som analógico (ruídos). “Esses três materiais intervêm simultaneamente com a imagem, é essa simultaneidade que os integra à linguagem cinematográfica, na medida em que, intervindo sozinhos, constituem uma outra linguagem, a linguagem radiofônica.” (AUMONT et al., 1995, p. 194)

Em um contexto adequado, o som característico e a fala podem dar veracidade à narrativa e despertar o emocional do receptor da mensagem. Dancyger (2007, p. 431) afirma que “[...] os efeitos sonoros naturalistas e o diálogo crível são a base para criar o filme realista.”

Além disso, se bem usado:

Um **som característico**, tal como uma porta batendo ou um zíper se abrindo, também pode oferecer um bom ponto de corte. Se a continuidade nas suas tomadas superpostas não estiver bem ajustada, o corte de som e/ou da ação irá levar bastante tempo para esconder o erro. Se os espectadores tiverem de absorver muita informação ao mesmo tempo (som, ação e mudança de tomada), ficarão atentos à continuidade. Se você fizer um som característico suficientemente alto, eles provavelmente irão piscar e nem perceberão o corte. (WATTS, 1999, p.67, grifo do autor)

Este som característico, no entanto, não deve soar falso ou forçado. “Como o som é mais rapidamente processado pelos espectadores do que as imagens, o problema na crença é aumentado. Se o som não parece crível, as imagens serão minadas, e o envolvimento do público estará perdido.” (DANCYGER, 2007, p. 425)

Este som natural precisa ser bem captado durante as filmagens. “O que a produção não fornece no som direto será criado na pós-produção. Devido ao número de trilhas usadas, a montagem sonora é sempre mais elaborada e requer muito mais decisões do que a montagem de imagem.” (DANCYGER, 2007, p. 426)

Uma decisão errada na captura do áudio em cena pode prejudicar posteriormente o filme no momento da edição. Os sons precisam estar condizentes com o que é mostrado em tela, para que não haja uma falha na comunicação com o receptor.

Para que as cenas não precisem ser refeitas por problemas de áudio, Ang (2007) afirma que, antes de iniciar qualquer tomada, é necessário estar atento aos ruídos e sons ambientes. Dessa maneira, os envolvidos na gravação poderão definir com clareza os sons que devem e não devem ser registrados no filme.

Se captados corretamente, “[...] o diálogo, os efeitos sonoros e, ocasionalmente, a música são usados como recursos para unir as cenas. A transição é necessária para gerar continuidade quando mudanças de locação ou tempo estão envolvidas.” (DANCYGER, 2007, p. 442). Para o autor, o texto falado sobreposto entre cenas ou até mesmo um efeito sonoro desaparecendo pode gerar essa transição entre uma cena e outra.

A música também tornou-se uma característica indispensável na produção de uma peça audiovisual. Isto porque ela é “[...] um instrumento poderoso para criar certa atmosfera, aumentar a tensão ou fechar uma sequência de modo agradável”. (ANG, 2007, p. 68)

Dulce Márcia Cruz (2007, p. 31-32) defende o uso deste elemento sonoro nas obras cinematográficas da seguinte maneira:

Dentre seus recursos, a música cria ambiências necessárias ao desenvolvimento narrativo do filme, o que é muitas vezes chamado de paisagem sonora. O ambiente não é, portanto, algo estanque, é dotado de flexibilidade que permite sua transformação conforme o filme se desenvolve. Dentre as maneiras de transformar o ambiente está a capacidade da música de alterar a percepção do tempo, não para que não se perceba sua passagem, mas para alterar a relação do espectador com ele, fazendo com que sinta uma ampliação ou um encurtamento de sua duração.

Dessa maneira, é possível concluir que os recursos sonoros podem tanto engrandecer quanto derrubar um filme, caso não sejam manuseados corretamente. Som e imagem devem trabalhar em conjunto para transmitir uma

mensagem objetiva para o telespectador, visando uma comunicação plena entre emissor e receptor.

Além dos elementos constitutivos da linguagem de vídeo, é preciso entender ainda as etapas de produção de um audiovisual.

4.2 Etapas de produção

Um filme é um produto audiovisual finalizado, que se consolida por meio de um sistema de gravação e reprodução: o vídeo. O planejamento de um filme é um dos primeiros passos para qualquer ideia sair do papel, facilitar o trabalho da equipe e começar a tomar forma. Deste modo, Ang (2007, p. 12) afirma que “[...] sem planejar seu vídeo, fica difícil contar uma história, e a narrativa se torna aleatória e difícil de acompanhar”.

Sendo assim, o processo será separado em três estágios: a pré-produção, a produção e a pós-produção, que de acordo com Penafria (2001) se referem à preparação/pesquisa e desenvolvimento, às filmagens e à montagem, respectivamente.

4.2.1 Pré-produção

Na fase de pré-produção, a escolha do tema e definição dos objetivos formam o processo embrionário do projeto. Segundo Serra (1986, p. 21), “[...] a escolha do tema está diretamente ligada a uma necessidade detectada.”, e que a “[...] decisão de produzir um vídeo deve ser resultante de uma criteriosa e racional análise”. Também quanto ao propósito de produção o autor aponta que “[...] o objetivo do programa está ligado ao tema. Mas não podemos esquecer que o mesmo tema pode ser apresentado sob vários enfoques.” (SERRA, 1986, p. 21)

Assim, para a definição de qual tipo de estrutura de vídeo utilizar, Serra (1986) afirma que é necessário definir para quem será voltada à produção. “Quanto mais específico for o público-alvo, mais fácil será estabelecer a linguagem (tanto de vídeo, quanto de áudio) a ser adotada pelo roteiro.” (SERRA, 1986, p. 22). Em relação ao tempo, o autor julga que um vídeo-empresa deve atingir de 15 a, no máximo, 20 minutos.

4.2.2 Elaboração do roteiro

Na pré-produção, o audiovisual começa a ganhar dimensão, é nessa etapa que se esquematiza o roteiro e se percebem as possibilidades que surgem diante da composição de um vídeo. Esse é o ponto de partida que indicará o fio condutor do material.

Segundo Serra (1986, p. 27), o roteiro “[...] descreve a sequência ordenada de imagens e diálogos que, uma vez filmados ou gravados, resultarão num filme, num documentário ou numa novela”. Para ele, as regras que ajudam na estrutura do roteiro variam de acordo com o tipo de vídeo a ser utilizado. “[...] não há fórmulas mágicas e infalíveis – nem para fazer um roteiro [...]. O que há são métodos de trabalho e algumas regrinhas que devem ser observadas e que ajudam [...]”. (SERRA, 1986, p. 35).

De acordo com Jacques Aumont et al. (1995), é no roteiro que ocorre a construção para a difusão do propósito da ideologia do vídeo. “Sua análise decorre dos dois pontos precedentes, na medida em que visa, ao mesmo tempo, a regulação dos jogos psíquicos ao espectador e a circulação de uma certa representação social.” (AUMONT et al., 1995, p. 99)

O escritor, roteirista e produtor Syd Field (1995, p. 80, grifo do autor) explica que a sequência é o elemento mais importante do roteiro. “Ela é o esqueleto, ou espinha dorsal, de seu roteiro; ela mantém tudo unificado. Uma SEQUÊNCIA é uma série de cenas ligadas, ou conectadas, por uma única ideia.”

Todo roteiro sempre parte de um paradigma. Segundo Field (1995), o paradigma é o grande responsável pela estrutura, a composição da intenção dos elementos do filme. É o conjunto de seus princípios norteadores.

O paradigma é uma forma, não fórmula; é o que mantém a história coesa. A espinha dorsal, o esqueleto e a história é que determinam a estrutura; a estrutura não determina a história. A estrutura dramática do roteiro pode ser definida como uma organização linear de incidentes, episódios ou eventos inter-relacionados que conduzem a uma resolução dramática. (FIELD, 1995, p. 8)

Ainda sobre a questão de confecção do roteiro, para Field (1995), é importante traçar e definir bem os elementos a serem apresentados, pois este planejamento vai orientar todo o rumo do processo de desenvolvimento de um filme.

É no roteiro que está presente a essência do ideal que será transmitido com o audiovisual.

Quando pode expressar sua ideia sucintamente em termos de ação e personagem, quando pode expressá-la como um substantivo – minha história é sobre esta pessoa, neste lugar, vivendo sua “coisa” – você está começando a preparação do seu roteiro. O próximo passo é expandir o seu assunto. Materializar as ações e concentrar no personagem amplia o enredo e acentua os detalhes. Reúna seu material da maneira que puder. Isto será sempre para o seu benefício. (FIELD, 1995, p. 13)

Assim, Xavier e Zurpado (2004) reforçam que, em um roteiro empresarial, o que importa é construir um envolvimento com o público, fazendo com que a atenção deste fique voltada para as informações que estão sendo transmitidas. O receptor precisa acreditar no que está assistindo.

Para a composição de um roteiro, Field (1995) aponta a pesquisa como meio essencial para escrevê-lo. Depois de escolher o assunto e expressá-lo brevemente em uma frase ou duas a pesquisa preliminar pode ter início. Todo filme apresenta uma dramática, um conflito, no qual estão presentes as necessidades dos elementos do enredo. Tais características vão aparecendo conforme o desenvolvimento do vídeo, quando esses elementos se apresentam em cena.

Todo drama é conflito. Se você conhece a necessidade do seu personagem, pode criar obstáculos que preencham essa necessidade. Como ele vence esses obstáculos é a sua história. Conflito, luta, vencer obstáculos são os ingredientes primários de todo drama. Da comédia também. É responsabilidade do escritor gerar conflito suficiente para manter o público, ou o leitor, interessado. A história tem sempre que mover-se para adiante, na direção de sua resolução. (FIELD, 1995, p. 16)

No processo de planejamento, também é necessário conhecer o local onde serão realizadas as gravações. De acordo com Moura (1999, p. 269), é preciso saber onde se está pisando, conhecer o terreno, para uma noção prévia de como irá suceder o trabalho. “Para que o filme seja melhor que o roteiro, trabalha-se. Primeiro, trabalha-se no roteiro, anota-se em palavras o que foi lido em palavras. Depois, vem a concretização daquelas palavras, criam-se imagens no papel: é o storyboard.”

Feito isso, Moura (1990) discorre que é o momento de iniciar as filmagens e analisar as condições do ambiente onde a câmera será posicionada. A partir daí, tudo está encaminhado para o processo de produção do material.

4.2.3 Produção

Nesta fase, é que o planejamento passa a ser aplicado para a construção do conteúdo bruto, conforme as gravações vão acontecendo. Na produção de um material é fundamental a organização de uma equipe para a divisão e definição das atividades necessárias à sua composição. Segundo Serra (1986), ela irá variar em função da disposição em investir e a função dos recursos humanos adequados. Além disso, é necessário o uso de recursos financeiros, técnicos e materiais.

Quanto aos recursos financeiros, de acordo com Serra (1986, p. 67), por meio de uma profunda análise do roteiro, é possível “[...] listar todos os itens que impliquem custos – e que são justamente aqueles que se referem aos recursos técnicos, humanos e materiais.”

Para os recursos técnicos, o autor afirma que “[...] inclui-se aqui todo o conjunto de equipamentos indispensáveis para a produção de um Vídeo-Empresa”. (SERRA, 1986, p. 69).

Já quanto aos recursos humanos, Serra (1986, p. 106) diz que se inclui todo o pessoal que atuará na frente e atrás das câmeras, assim, “[...] sendo um Vídeo-Empresa institucional, de integração ou instrucional-operacional, pode-se utilizar os próprios funcionários como ‘atores’ [...]”.

Ainda segundo Serra (1986), cabe ao responsável pelos recursos materiais adquirir objetos que serão de uso necessário durante as filmagens. A obtenção de todo o material indispensável às gravações caberá ao produtor.

Com todo o material já gravado, entra em cena a próxima e decisiva etapa desse processo: a pós-produção. É nela que o filme, de fato, começa a se estruturar.

4.2.4 Pós-produção

Na pós-produção entra em ação o processo da edição do material gravado. Assim, como define Serra (1986, p. 113):

Este é o momento conclusivo: aqui faremos o acabamento da obra. Nesta etapa, já teremos em mãos toda a “matéria-prima” do Vídeo-Empresa, ou

seja, as cenas gravadas. O que faremos, agora, será juntá-las na sequência prevista pelo roteiro e acrescentar os toques finais de sonorização.

O primeiro passo para o processo de edição é a decupagem do material. Ang (2007, p. 145) aponta que o processo é ainda mais demorado que a gravação. Todavia, “[...] quanto mais completa for a decupagem, mais fácil será o processo de edição”.

A montagem é um fator que influencia muito nessa fase, pois dá forma ao produto. Assim como esclarece Dancyger (2007, p. XVII), a “[...] técnica ou aspecto técnico da montagem é a junção física de dois diferentes trechos de filme. Quando juntos, os dois trechos se transformam em sequência que tem um sentido particular.” O autor afirma ainda que a decupagem e a montagem contribuem para o dinamismo e coesão do produto, tendo como base seu processo de andamento:

Independente do tamanho do filme, o montador deve achar um ritmo. Trabalhando junto com o diretor e, algumas vezes, com o produtor, o montador apresenta as opções, aponta áreas de confusão e identifica cenas redundantes. O processo de eliminação de cenas é uma procura intuitiva por clareza e dinamismo. (DANCYGER, 2007, p. XIX)

Ainda sobre esse processo, o autor Aumont et al. (1995, p.54) pontuam que:

[...] em seu aspecto original, ou de uma técnica especializada entre outras, a montagem consiste em três grandes operações: seleção, agrupamento e junção – sendo a finalidade das três operações obter, a partir de elementos a princípio separados, uma totalidade que é o filme. É com referência a esse trabalho do montador. (AUMONT et al., 1995, p. 54)

Segundo Watts (1999, p. 30), uma metáfora explica muito bem e faz compreender melhor o processo de construção de um filme:

Realizar filmes é bem parecido com cozinhar. Você escolhe sua receita (temática e ponto de vista), faz uma lista de compras (tratamento ou *storyboard* ou lista de planos de filmagem), arranja algum dinheiro (você precisa de mais do que imagina) e sai à procura das matérias-primas (registrar as imagens e gravar o som). Daí você volta para a sua cozinha (sala de edição) e começa a cozinhar (editar). A refeição é elaborada na cozinha; o filme é feito na sala de edição.

Isto posto, o todo interligado compõe a formação do produto audiovisual. Field (1995) explica que cada página de um roteiro corresponde a um

minuto de projeção, não importando se é todo descrito em ação, todo em diálogos ou qualquer combinação de ambos.

Sobre o que determina a apresentação e duração de cada parte que compõe o filme, Ribeiro (2013, p. 7) pontua:

Como se sabe, no audiovisual, os fotogramas, planos, cenas e sequências são unidades do processo técnico-criativo que orientam o planejamento, realização, recepção e análise do seu significado. A montagem de um filme elimina as partes do começo e do final de cada plano, o que determina a duração da cena.

De acordo com Watts (1990), alguns cuidados na edição, principalmente em relação aos cortes entre imagens, precisam de muita atenção. Nesse momento, as percepções e o bom senso do editor são essenciais.

Você está na sala de edição. Você tem uma tomada de um homem correndo pela rua e à medida que ele se aproxima da câmera você corta para uma tomada dele sentado numa poltrona para ler jornal. Você simplesmente colocou um corte brusco na edição: o homem pulou instantaneamente de um local para o outro e o efeito é desagradável para o espectador. O modo de evitar isso é deixá-lo sair do campo da imagem antes de interromper a filmagem [...]; no caso, continuar filmando até depois que o homem correndo ultrapasse a câmera, saindo do enquadramento. Ou você pode cortar para um close-up do copo de bebida próximo à poltrona antes de mostrá-lo sentado-se. (WATTS, 1990, p. 56)

Segundo o autor, existem dois tipos de cortes bruscos: “[...] um que é muito evidente e outro que é o preço que se paga pela capacidade de se condensar o tempo”. (WATTS, 1990, p. 56) Assim, se não for possível evitá-los de uma outra forma, serão necessários cortes intermediários para suavizá-los.

Dancyger (2007, p. 417) também aborda o risco e as consequências de passagens entre as cenas:

O ritmo também é afetado pelo tipo de transição usado entre as sequências. Um corte seco pode ser dissonante. Ele nos deixa confuso até que uma deixa visual ou sonora sugira uma mudança do que aconteceu. Uma fusão no final de uma sequência para o início da próxima faz uma transição suave e fornece uma deixa visual. A fusão, que normalmente é associada à passagem de tempo, pode também sugerir uma mudança de locação. O ritmo entre as sequências é mais suave quando a fusão é usada.

Deste modo, Watts (1990) afirma que, no momento da edição, selecionam-se as melhores tomadas-de-cena, ou melhores partes das cenas, para compor a obra audiovisual.

Sobre essa questão da cena, Field (1995, p. 112) considera que:

[...] é o elemento isolado mais importante de seu roteiro. É onde algo acontece – onde algo específico acontece. É uma unidade específica de ação – e o lugar em que você conta sua história. Boas cenas fazem bons filmes. Quando você pensa num bom filme, recorda cenas e não o filme inteiro.

Após a apresentação das etapas de produção de um vídeo, o projeto irá discutir os temas relacionados ao universo no qual a entidade estudada está inserida: o Terceiro Setor.

5 TERCEIRO SETOR E ACESSIBILIDADE

Neste capítulo, serão abordados conceitos, características e particularidades do Terceiro Setor, área que compreende as entidades sem fins lucrativos, como a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, objeto de estudo desta pesquisa. Além disso, o leitor poderá conferir o histórico e o funcionamento da entidade.

Também serão apresentadas as leis que defendem as entidades que compõem o Terceiro Setor, bem como as em defesa dos portadores de deficiência. Por fim, este capítulo traz ainda as questões da acessibilidade nos meios de comunicação.

5.1 Terceiro Setor

Definir o Terceiro Setor não é uma tarefa muito fácil. O conceito e as suas particularidades ainda não estão completamente claros para muitos estudiosos. Segundo Cardoso (2005, p. 7), vários termos têm sido utilizados para ilustrar o espaço que “[...] não é Estado nem mercado e cujas ações visam o interesse público: iniciativas sem fins lucrativos, filantrópicas, voluntárias”.

Mas, para entender sobre o Terceiro Setor, é preciso, antes, definir aqueles outros dois setores que o antecedem. Sendo assim, de forma breve, o Primeiro Setor é composto pela administração pública, ou seja, o Estado. Já o Segundo Setor é composto pelas empresas e organizações com fins lucrativos, ou seja, o Mercado.

Por sua vez, o Terceiro Setor compreende a prestação de serviços que visa à prática de ações sociais as quais nascem, principalmente, da sociedade civil organizada.

Recorremos hoje à expressão Terceiro Setor para distingui-lo do primeiro, que é o setor público, e do segundo, representado pelas atividades lucrativas. Com essa denominação, queremos também enfatizar o caráter autônomo e inédito desse algo novo que está mudando a sociedade e que se define por não ser nem governo nem empresa, por não querer submeter-se nem a lógica do mercado nem a lógica governamental. (CARDOSO, 2005, p. 8)

Para Kisil (2005), este setor refere-se a um conjunto de iniciativas privadas com finalidades públicas, que podem ser observadas através dos movimentos, associações e organizações não governamentais (ONGs). Também de acordo com o autor, o termo ONG, tem sido cada vez mais utilizado para ilustrar diversos tipos de organizações sem fins lucrativos.

O termo “organização não governamental”, ou ONG, cobre uma variedade de organizações muito diferentes, como sindicatos instituições religiosas, fundações, partidos políticos, organizações esportivas e grupos comunitários, até organizações de desenvolvimento. (KISIL, 2005, p. 142)

Dentre as principais funções que envolvem o Terceiro Setor, Toro (2005) defende que todas as ações são intervenções sociais e buscam modificar modos de pensar e/ou modos de atuar. É preciso, de acordo com ele, construir formas de intervenções democráticas, que convertam os atores sociais em cidadãos, a favor dos setores minoritários.

Em resumo, é função do Terceiro Setor contribuir para a construção de um Estado social de direito. Isso significa orientar todos os esforços e propósitos do Terceiro Setor para tornar possível o exercício dos direitos humanos, para cuidar e proteger a vida. (TORO, 2005, p. 39)

Segundo Ioschpe (2005), o crescimento das organizações do Terceiro Setor se deve, principalmente, à falência do Estado, que vem diminuindo sua ação social, diante de uma sociedade com necessidades cada vez maiores. Sendo assim, “[...] cresce a consciência nas pessoas – tanto físicas quanto jurídicas – de que é necessário posicionar-se proativamente no espaço público, se o que se deseja é um desenvolvimento social sustentado”. (IOSCHPE, 2005, p. II)

Cardoso (2005) complementa que se vive um momento no qual surge uma esfera pública, porém não-estatal, com iniciativas privadas e sentido público, o que, segundo o autor, enriquece e torna complexa a dinâmica social.

Cabe ao governo garantir os direitos essenciais e universais dos cidadãos, os quais, por sua vez, podem e devem exigir que isso se faça de modo eficiente e equitativo. [...] Isso, no entanto, não é suficiente em países como o nosso, com uma herança profunda de desigualdade e marginalização. Precisamos de ações diretas e pontuais visando a corrigir distorções e desequilíbrios que se acumularam ao longo do tempo. (CARDOSO, 2005, p. 10)

Já Marcovitch (2005) acredita que o Estado tem-se revelado mais sensível às pressões políticas do que à própria miséria da sociedade. “Entidades criadas por iniciativa de grupos de cidadãos dispostos a engajarem-se na busca de um ideal são necessárias para a defesa de uma causa de interesse social.” (MARCOVITCH, 2005, p. 121)

Mesmo em crescimento, Rifkin (2005) afirma que o grande problema do Terceiro Setor está em sua identidade. Para ele, as pessoas suplicam ao governo, ao mercado e até às instituições filantrópicas para obter verbas, mas precisam compreender que “[...] o governo está começando a desaparecer da vida das comunidades, que seu papel é cada vez menos importante, que está passando a delegar verbas e programas. O mercado está se tornando cada vez mais globalizado e não interno”. (RIFKIN, 2005, p. 20)

O autor destaca a importância de uma parceria oficial entre o Estado e as organizações do Terceiro Setor.

É necessário que congreguem os grupos de serviços, os grupos das Igrejas e outros para discutir como construir um novo centro de ação para o setor civil em cada comunidade de cada país. [...] portanto, o caminho a ser seguido deve ser o estabelecimento de uma parceria institucional oficial entre governo e Terceiro Setor. (RIFKIN, 2005, p. 21)

Essas entidades, como conta a “Cartilha sobre os aspectos gerais do Terceiro Setor”², da Comissão de Direito do Terceiro Setor da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), “[...] são regidas pelo Código Civil (Lei nº 10.406/02, com as introduções trazidas pelas Leis nºs. 10.825/03 e 11.127/05) e juridicamente constituídas sob a forma de associações ou fundações.” (BLUDENI et al., 2011, p. 8)

Assim, elas podem atender a diversos públicos e suprir a falta de ações oriundas do Estado para com esses grupos específicos. Neste contexto, encontram-se as pessoas que possuem alguma deficiência. É o caso dos deficientes visuais e cegos, assistidos pela Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos.

² A Cartilha sobre os aspectos gerais do Terceiro Setor foi elaborada pela Comissão de Direito do Terceiro Setor da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em dezembro de 2011 e trata de temas imprescindíveis do mundo jurídico que norteiam as ações no chamado Terceiro Setor.

5.2 A Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos

A Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente foi fundada no dia nove de abril de 1939 com o propósito de apoiar e prestar atendimento às pessoas com baixa visão ou total ausência dela, além de introduzi-las no convívio social. A atual coordenadora, Eliete Margutti³, conta que a missão da entidade é “[...] proporcionar condições de autovalorização e autodesenvolvimento ao deficiente visual de Presidente Prudente e região a fim de atingir sua participação na sociedade”.

Por quase 60 anos, a Associação funcionou em prédios improvisados, como o da Rua Antônio Rodrigues, na Vila Industrial, junto a uma antiga fábrica de vassouras e espanadores. Em 1999, o professor Faradei Boscoli⁴, então presidente da entidade, fundou o atual prédio, localizado na Rua Thomaz Matheus, 500, no Jardim Itapura I. O terreno foi doado pela Prefeitura Municipal e, na época, a Companhia Prudentina de Desenvolvimento (Prudenco) concedeu funcionários para ajudar na obra.

A estrutura foi construída com a verba arrecadada com a venda de um terreno, promoções e também doações da comunidade. Para dar início à construção do novo prédio, Faradei traçou estratégias para angariar os recursos necessários. Marile Boscoli⁵, cega e viúva do ex-presidente, conta como ele conseguia: “Fazendo churrasco, ele fazia feijoada, fazia dobradinha [...]. Inventava mil coisas para dar dinheiro.”

A iniciativa de Faradei é lembrada ainda nos dias de hoje como um gesto de amor à esposa. Segundo Marile Boscoli⁶, o desejo do marido era de que ela tivesse um lugar onde pudesse conviver com aqueles que compartilhavam da mesma deficiência e, assim, criar um espaço para atender as suas necessidades com atividades específicas para este tipo de público. “Ele sempre pensava em

³ Eliete Margutti, coordenadora da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, em 13 ago. 2015.

⁴ Faradei Boscoli nasceu em 26 de novembro de 1940 e morreu em 16 de dezembro de 2002. Foi formado em Direito, Administração, Pedagogia, Contabilidade e Auditoria. Lecionou para os cursos de Administração e Contabilidade de universidades da região de Presidente Prudente. Também atuou como auditor durante 30 anos.

⁵ Marile Boscoli, viúva de Faradei Boscoli, fundador da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, em 19 ago. 2015.

⁶ Idem.

construir uma associação para dar apoio para os cegos de Presidente Prudente e região. E aconteceu isso mesmo quando ele fundou aqui.”

“Não dê esmola para um cego, dê uma oportunidade”. Com a mudança para o atual prédio, mudou também a filosofia de trabalho da entidade, que se limitava até então à distribuição de cestas básicas e a alguns encontros nos prédios improvisados. A nova estrutura permitiu ampliar o atendimento com o oferecimento de atividades esportivas, culturais, pedagógicas e ocupacionais. Um novo pensar sobre o deficiente visual, que não podia mais ser visto como um ser dependente, mas sim, alguém em busca de oportunidades. Com o tempo, a entidade cresceu, tomou forma e criou uma identidade própria.

Além da mudança do prédio, entre o final da década de 90 e o início dos anos 2000, a instituição também alterou a sua maneira de trabalhar. A primeira mudança foi a instalação da Escola para Deficientes Visuais “Professor Faradei Boscoli” (FIGURA 7), que durante anos proporcionou aos assistidos a oportunidade de cursar o ensino fundamental. Em 2014, após a reforma do ensino, novas mudanças. A escola precisou ser fechada e a entidade deixou de ser ligada à área da educação para ser vinculada à área da assistência social.

FIGURA 7 – Atual prédio da entidade



Foto Cedida: Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente

O quadro de funcionários foi outro fator que, no início, era precário e aumentou gradativamente com o decorrer dos anos, como esclarece Marile Boscoli⁷:

Nós tínhamos aqui a Cleide que dava braille e os outros nós conseguimos com o tempo. Isso nunca foi tudo de uma vez, foi devagar. [...] Nós telefonamos lá para São Paulo, teve um sorteio de computadores e eu escrevi pra eles e pedi falando aqui da Associação, falando como nós estávamos e vieram dois computadores de lá. Aí começou, nós conseguimos professor. Veio uma professora voluntária lá da Unesp, e passamos por várias professoras já.

Atualmente, 15 funcionários, sendo três cedidos pelas empresas Unimed Presidente Prudente e Grupo Segurança, compõem a equipe de trabalho na entidade, todos registrados em carteira e com atividades delimitadas. São eles:

- Eliete Margutti, coordenadora;
- Ana Paula da Silva, assistente administrativo, financeiro e contábil;
- Bertiane Rodrigues Franco, psicóloga;
- Camila Góes, assistente social;
- Karina Cortez de Oliveira, monitora de informática;
- Cleide Maria de Castro Magalhães, monitora de braille;
- Luiz Carlos Silva, monitor de soroban (cedido pelo Grupo Segurança);
- Lizandra Ferruzi, monitora de artesanato (cedida pela AMUPP);
- Julia Carolina Benedete, fisioterapeuta (cedida pela AMUPP);
- Stela Lopes, secretária;
- Mariângela Ribeiro Omote de Oliveira, nutricionista;
- Alzira Marcicano Aranha, cozinheira;
- Silmara da Costa, serviços gerais;
- Antônio de Deus Rodrigues, serviços gerais.⁸

A entidade também conta com três voluntários, que colaboram no desenvolvimento das atividades realizadas. Entre eles estão o professor de música Sebastião da Silva Bomfim (Alvinho), a professora de dança Dulce Maria Rosa Cintra, e o massoterapeuta Marcos Antonio Assanuna.⁹

⁷ Marile Boscoli, viúva de Faradei Boscoli, fundador da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, em 19 ago. 2015.

⁸ Eliete Margutti, coordenadora da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, em 13 ago. 2015.

⁹ Idem.

Como está constituída por um Conselho Deliberativo, Conselho Fiscal e Diretoria, a entidade conta ainda com a colaboração do seguintes membros, na gestão 2014 – 2016:

CONSELHO DELIBERATIVO

01- Presidente: Yassuyuki Hório

02- Vice-presidente: Adolfo Freitas Ávalos

03- Secretário: José Nelson Rotta

04- Conselheiros: Luiz Miguel Molina, André Luis de Lima Soler, Milton Shigueru Akiyama, José Carlos da Silva, José Batista dos Santos, Neri Alves, Armelin Utino, José Ricardo de Melo, Edmilson Gigante, Odair Martins Castoeira, Marcelo Michel Ribeiro Campos, Adilson Gil de Oliveira, Nélío Galvão Martins, Syoso Mizuno, Marcelo Bastos Del Hoyo, Josué Claudinei Pena, Waldir Egidio Barbosa Mitidiero e Paulo Roberto Primo.

SUPLENTES DO CONSELHO DELIBERATIVO: Jorge Manoel Ferreira Branco, Maria Lúcia Artoni Ebaid, José Fernandes de Souza Júnior, José Gilmar Magro e Antônio César Pironi Scombatti.

CONSELHO FISCAL: Lourenço Augusto Thomazoni de Carvalho, Fábio Rubini Ávila e Marcos Elias Thomaz Júnior.

SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL: Messias Meneguette Júnior, Fábio Mícolis de Azevedo e Júlio César Graton Pagnosi.

DIRETORIA

Presidente: Rubens Rena Rodrigues

1.º Vice-presidente: Helder Miguel Ferreira

2.º Vice-Presidente: José Gasques

Secretário: Nivaldo Giocomo Grigolli

2.º Secretário: Caio Delorenzo Barreto

Tesoureiro: Roberto Willians Gonçalves

2.º Tesoureiro: Júlio Pagnosi Júnior

Diretor de patrimônio: Rodnei Rena Rodrigues

2.º Diretor de patrimônio: Ângelo José Corrêa Frasca
Diretor técnico educacional: Luiz Henrique Lima Fernandes
2.º Diretor técnico educacional: Henrique Issa Artoni Ebaid
Diretor de promoção: Sérgio Antônio Rocha
2.º Diretor de promoção: Roni Terin Kawano

Ao todo, cerca de 100 pessoas do Oeste do Estado de São Paulo são atendidas pela Associação de segunda a sexta-feira, em dias e horários alternados, de acordo com a disponibilidade e as necessidades de cada uma.

Por ser a única instituição da região que presta serviços voltados exclusivamente a esse público, a Associação tornou-se referência no assunto e, atualmente, recebe pessoas oriundas de treze cidades. São elas: Presidente Prudente, Regente Feijó, Teodoro Sampaio, Santo Anastácio, Pirapozinho, Presidente Bernardes, Álvares Machado, Alfredo Marcondes, Ouro Verde, Martinópolis, Caiuá, Marabá Paulista e Rancharia¹⁰.

De acordo com a coordenadora da entidade, Eliete Margutti¹¹, essa abrangência a nível regional, com alcance de mais de 50 cidades, é importante para os assistidos porque, muitas vezes, estes não têm acesso a certos serviços em seus respectivos municípios. Além disso, a Associação tornou-se um ponto de encontro para essas pessoas, onde elas são ouvidas e se sentem seguras.

Todos aqueles que chegam até a entidade são atendidos, mas, para que isso seja possível, é realizada uma triagem com os candidatos para que as atividades sejam adequadas para o perfil de cada usuário. Essa triagem é separada em três momentos¹².

O primeiro contato é feito por meio da assistente social, quando a profissional faz uma coleta de dados para conhecer a história do indivíduo, da família e da realidade em que ele vive. Em seguida, é feito um atendimento psicológico, para colher dados relevantes a respeito da deficiência e fazer um relatório clínico, de acordo com a consulta. Por fim, com base nas avaliações feitas pelas profissionais e levando em consideração as necessidades e preferências do próprio assistido, a coordenação tem até dois meses para montar um cronograma de atividades para inserir esse indivíduo na Associação.

¹⁰ Eliete Margutti, coordenadora da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, em 13 ago. 2015.

¹¹ Idem.

¹² Ibidem.

Este período é necessário para que os monitores possam se adequar às necessidades de cada novo assistido e, assim, proporcionar um atendimento mais eficaz. Isso porque, além das deficiências pertinentes à visão, muitos usuários possuem outros problemas físicos como amputações, diabetes, osteoporose ou então dificuldades mentais e intelectuais¹³.

Atualmente, são oferecidas oficinas de informática, música, artesanato, dança, massagem, soroban (ferramenta para o ensino de matemática) e braille (sistema de leitura por meio do toque). Além disso, a entidade presta atendimentos à saúde dos assistidos com fisioterapia, alimentação regida por nutricionista, educação física e acompanhamento psicológico.

Com a intenção de incentivar a autonomia do deficiente visual além dos muros da instituição, existe ainda um trabalho de orientação e mobilidade desenvolvido por uma educadora física. Nestes exercícios, a profissional estimula a percepção sensorial e motora dos assistidos para que eles possam se localizar em diferentes ambientes e, com isso, se locomoverem mais facilmente¹⁴.

Com ênfase na independência dessas pessoas, a entidade também realiza aulas de Atividades de Vida Diária (AVD). Essas atividades ocorrem na própria Associação, em ambientes domésticos com sala, cozinha, quarto e banheiro. Nestas ocasiões, os assistidos são estimulados a executarem tarefas diárias sem o auxílio de terceiros, reforçando a individualidade de cada um¹⁵.

Os recursos financeiros para o funcionamento da entidade vêm de várias fontes. Dentre elas, estão verbas públicas, doações da comunidade e a realização de eventos beneficentes¹⁶.

Atualmente, a Associação enfrenta algumas dificuldades, fato acarretado, principalmente, pela transição da entidade da área da educação para a de assistência social. Isso ocorreu porque até o ano de 2013 a Associação funcionava como escola especial, englobando a educação infantil e o EJA (Educação de Jovens e Adultos). Porém, naquele ano, a Secretaria de Educação do

¹³ Eliete Margutti, coordenadora da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, em 13 ago. 2015.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ana Paula Silva, assistente administrativo, financeiro e contábil da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, em 18 ago. 2015.

Estado começou a padronizar algumas questões a respeito dessas duas categorias¹⁷.

No EJA, por exemplo, os alunos precisam ter entre 15 e 30 anos para se matricularem nas aulas. A Associação, porém, tinha muitos alunos que eram mais velhos ou que já haviam concluído até o quarto ano do ensino fundamental, fator que barrava a inscrição dessas pessoas¹⁸.

Como o EJA envolve somente a educação básica, o aprendizado de braille e outras atividades destinadas às pessoas com perda total ou parcial da visão não fazem parte da grade escolar que o Estado determina¹⁹.

Quanto à área de educação infantil, o governo entende que a criança deve ser inserida na rede regular de ensino, mesmo se possuir algum tipo de deficiência física. A entidade fazia o acompanhamento desses jovens, mas não havia como criar uma sala de aula exclusiva para esse público²⁰.

Dessa maneira, a Associação deixou de ser ligada à educação e passou a ser considerada uma entidade da assistência social. Com isso, a verba pública destinada à instituição passou a ser reduzida consideravelmente. Com o corte no orçamento, algumas adequações precisaram ser feitas. Alguns profissionais tiveram que ser dispensados e os que permaneceram passaram desempenhar mais de uma função²¹.

Outra solução encontrada foi a parceria feita entre a Associação e outros grupos para terceirizar alguns serviços. É o caso da fisioterapeuta e da monitora de artesanato, ambas cedidas pela Associação Mulher Unimed de Presidente Prudente (AMUPP), e do monitor de braille e soroban, funcionário cedido pelo Grupo Segurança²².

Não somente as nomenclaturas usadas pelos funcionários da Associação mudaram, como também as funções desempenhadas por eles. Os professores passaram a ser considerados monitores e o papel de diretor, existente

¹⁷ Idem.

¹⁸ Ana Paula Silva, assistente administrativo, financeiro e contábil da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, em 18 ago. 2015.

¹⁹ Idem.

²⁰ Ibidem.

²¹ Eliete Margutti, coordenadora da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, em 13 ago. 2015.

²² Idem.

até então, foi extinto, ficando somente o cargo de coordenador à frente da entidade²³.

Para o custeio, a manutenção, alimentação, aquisição de materiais de consumo e o pagamento dos funcionários, a entidade recebe recursos mensais, semestrais e anuais repassados pelas esferas: municipal, estadual e federal. Além disso, recebe doações por meio de boletos e depósitos bancários de sócios contribuintes que advêm de empresas, pessoas de Presidente Prudente e região, membros da diretoria e conselho deliberativo da própria Associação²⁴.

E como o dinheiro ainda não é suficiente, anualmente, são realizadas parcerias com empresas para a organização de eventos tradicionais com o objetivo de angariar recursos. No mês de fevereiro ocorre a Costela na Tábua; em abril, para comemorar o aniversário da Associação, é realizado o Baile Dançante e, em maio, a Fest Flora. São realizadas também a Festa Junina, em junho ou julho, e o Joelhaço de Porco, em agosto. Dentre os eventos, destaca-se a Festa Junina como o principal na arrecadação de recursos para a manutenção da entidade²⁵.

O prédio atual ainda está na metade da obra (Figura 8). A estrutura, se finalizada, imitaria o formato de um olho humano, em alusão à nova forma de ver a cegueira, compromisso adquirido pela Associação.

FIGURA 8 – Maquete do atual prédio da entidade



Foto Cedida: Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente

²³ Ibidem.

²⁴ Ana Paula Silva, assistente administrativo, financeiro e contábil da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, em 18 ago. 2015.

²⁵ Eliete Margutti, coordenadora da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, em 13 ago. 2015.

Apesar de todas as dificuldades, a entidade planeja, de acordo com o mesmo projeto, ampliar a estrutura e, conseqüentemente, o atendimento aos portadores de deficiência visual. Mas, para que isso aconteça, precisará do apoio da população²⁶.

5.3 Legislação para os deficientes visuais

Em 5 de outubro de 1988, após 20 meses em tramitação e depois de passar pelas mãos de 558 constituintes, entre deputados e senadores, surge um novo marco para a história do Brasil: a Constituição Federal (CF). A atual carta magna da República é considerada mais abrangente que suas antecessoras – foram seis ao total, sem contabilizar a Emenda Constitucional – e foi apelidada de “constituição cidadã” por destacar vários pontos que garantem o acesso à cidadania.

A atual Constituição Federal menciona os portadores de deficiência em sete de seus 250 artigos. Destes estes, estão: Art. 7º, XXXI; Art. 37, VIII; Art. 203; Art. 208, III e Art. 227, § 1º, II, que se aproximam com o dia a dia do portador de deficiência visual.

O Guia Legal da Deficiência Visual (2004)²⁷, elaborado pela Câmara dos Deputados, traz a seguinte definição sobre portadores de deficientes visuais no Brasil:

De acordo com o Decreto 3.298, de 20/12/1999, pessoa portadora de deficiência é aquela que apresenta, em caráter permanente, perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal.

É considerada portadora de deficiência visual quando apresenta acuidade visual igual ou menor que 20/200 no melhor olho, após a melhor correção, ou campo visual inferior a 20º (tabela de Snellen), ou ocorrência simultânea de ambas as situações (art. 3º, I e II, combinado com art. 4º, III). (BRASIL, 2004, p. 21-22)

No Art. 7º, XXXI, a CF trata dos direitos sociais e proíbe qualquer discriminação acerca de questões salariais e de admissão do trabalhador portador de deficiência. Dessa maneira, qualquer limitação física, mental ou sensorial que o indivíduo possa ter não pode ser usada como justificativa de recusa de emprego ou

²⁶ Idem.

²⁷ Síntese da legislação federal em vigor relativa ao portador de deficiência visual.

aplicação de salário inferior aos demais funcionários que executem as mesmas funções. (BRASIL, 2004)

Ainda nas questões trabalhistas, a Constituição define em seu Art. 37, VIII, que toda “[...] administração pública deve reservar um percentual dos cargos ou empregos aos portadores de deficiência toda vez que realizar um concurso para admissão de servidores. [...]” (BRASIL, 2004, p. 28) Essa reserva de vagas aplica-se aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, bem como às três esferas do governo (federal, estadual e municipal).

A respeito da assistência social, cenário em que a Associação está inserida, o Art. 203 da CF afirma que esta deve prestar serviço a quem necessitar e tem, entre outros, o objetivo de:

[...] habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária (inciso IV), e a garantia de um salário mínimo mensal àquelas que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família (inciso V). (BRASIL, 2004, p. 29)

Quanto à educação, cabe ao Estado proporcionar atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência e, de preferência, na rede regular de ensino, conforme o Art. 208, III. (BRASIL, 2004)

Além disso, compete também ao governo estadual proporcionar assistência integral à saúde da criança e do adolescente, bem como promover “[...] a criação de programas de prevenção e atendimento especializado para os portadores de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do adolescente portador de deficiência [...]” (BRASIL, 2004, p. 30), conforme o Art. 227, § 1º, II.

Ainda sobre os temas pertinentes aos direitos dos portadores de deficiência no país, o Guia Legal da Deficiência Visual destaca a lei de número 7.853/89 e o Decreto 3.298/99.

A Lei 7.853, de 24/10/1989, é a lei que com maior abrangência dispõe sobre as questões atinentes à pessoa portadora de deficiência. Estabelece normas gerais que asseguram o exercício dos direitos dos portadores de deficiência e sua integração social, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes e dispõe sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. É regulamentada pelo Decreto 3.298, de 20/12/1999, mediante

o qual foi instituída a atual Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. (BRASIL, 2004, p. 32-33)

Com o objetivo de promover uma conscientização da importância de se compreender os assuntos relacionados às pessoas com deficiência e, assim, mobilizar a população em defesa dos direitos do deficiente, a data 03 de dezembro foi intitulada pela Organização das Nações Unidas (ONU), desde 1988, como o “Dia Internacional das Pessoas com Deficiência”.

Antes ainda, no Brasil, para ressaltar a consciência social a respeito dos direitos das pessoas que não enxergam, em 1961, foi instituído oficialmente o “Dia Nacional do Cego”. O Decreto 51.045, de 26/7/1961, determinou a data da comemoração nacional como sendo em 13 de dezembro.

As leis e datas em questão reforçam a importância do trabalho de entidades como a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, que lutam para que os direitos garantidos por lei para as pessoas com deficiência, em específico a visual, sejam cumpridos.

5.4 Acessibilidade nos meios de comunicação

Em tempos de globalização e avanços tecnológicos, vale destacar que os meios de comunicação podem também contribuir para uma melhor qualidade de vida de pessoas portadoras de deficiência, em especial aquelas que não contam com a visão e a audição.

Em 2008, a convenção sobre os direitos da pessoa com deficiência da Organização das Nações Unidas (ONU) foi aprovada pelo Congresso Nacional, o que significa que todos os artigos devem ser cumpridos. Isso inclui aqueles que tratam da acessibilidade aos meios de comunicação. Segundo Mara Gabrielli (2012), para isso “[...] a mídia deve trabalhar como disseminadora da cidadania, levando em consideração que a diversidade humana faz parte da sociedade. Neste sentido, a internet tem se mostrado uma ótima plataforma de expressão.”

Segundo França e Ono (2011, p. 5), o ato de promover inclusão ou acessibilidade pode ser entendido como “[...] facilitar o acesso e a utilização de ambientes, produtos e serviços por quaisquer pessoas, independentemente do contexto no qual estão inseridas, suprimindo assim necessidades de diferentes grupos sociais.”

Questões de inclusão e acessibilidade são importantes quando o assunto é comunicação, visto que os seus produtos e serviços, como diz França e Ono (2011), interferem nas relações sociais, promovendo o acesso ou a restrição à informação a pessoas com algum tipo de limitação. Nesse contexto, “[...] os artefatos tecnológicos podem assumir papel relevante, ampliando ou restringindo a acessibilidade de determinados grupos sociais a produtos e serviços.” (FRANÇA; ONO, 2011, p. 6)

O decreto federal n. 5.296, de 2 de dezembro de 2004, já estabelecia normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. O capítulo VI, em especial, aborda a acessibilidade aos meios de comunicação e prevê o acesso de pessoas surdas ou cegas. (BRASIL, 2004)

O Art. 47 do mesmo capítulo prevê a acessibilidade para os websites da administração pública na rede mundial de computadores (internet), garantindo o acesso à informação para o uso das pessoas portadoras de deficiência visual. Segundo os incisos:

§ 1º Nos portais e sítios de grande porte, desde que seja demonstrada a inviabilidade técnica de se concluir os procedimentos para alcançar integralmente a acessibilidade, o prazo definido no caput será estendido por igual período.

§ 2º Os sítios eletrônicos acessíveis às pessoas portadoras de deficiência conterão símbolo que represente a acessibilidade na rede mundial de computadores (internet), a ser adotado nas respectivas páginas de entrada.

§ 3º Os telecentros comunitários instalados ou custeados pelos Governos Federal, Estadual, Municipal ou do Distrito Federal devem possuir instalações plenamente acessíveis e, pelo menos, um computador com sistema de som instalado, para uso preferencial por pessoas portadoras de deficiência visual. (Brasil, 2004)

Os artigos. 49, 50, 51 determinam que as empresas que prestam serviços relacionados às telecomunicações devem garantir o acesso às pessoas portadoras de deficiência auditiva.

Segundos os parágrafos I e II do Art. 49, cabe às empresas prestadoras de serviços telefônicos ações como a instalação em âmbito nacional e, principalmente, locais públicos, telefones adaptados e a existência de centrais de intermediação de comunicação telefônica para o uso de pessoas portadoras de deficiência auditiva.

O Art. 52 prevê o incentivo à venda de aparelhos de televisão que garantam o acesso à informação para as pessoas portadoras de deficiência auditiva ou visual, ou seja, que estejam equipados com recursos tecnológicos como os inclusos no Parágrafo Único: “I - circuito de decodificação de legenda oculta; II - recurso para Programa Secundário de Áudio (SAP); e III - entradas para fones de ouvido com ou sem fio”. (BRASIL, 2004)

Estes três tipos de sistema de acesso à informação foram garantidos pelo Art. 56 do mesmo decreto como obrigatoriedade para o desenvolvimento e implementação da televisão digital no Brasil.

O inciso 2º do Art. 53 fala ainda sobre o uso dos seguintes sistemas de reprodução das mensagens veiculadas para os deficientes auditivos e visuais: a janela com intérprete de Libras e a descrição e narração em voz de cenas e imagens (audiodescrição), obrigatoriamente adotados na publicidade governamental e nos pronunciamentos oficiais da Presidência da República, como dito no Art. 57:

Art. 57. A Secretaria de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica da Presidência da República editará, no prazo de doze meses a contar da data da publicação deste Decreto, normas complementares disciplinando a utilização dos sistemas de acesso à informação referidos no § 2º do art. 53, na publicidade governamental e nos pronunciamentos oficiais transmitidos por meio dos serviços de radiodifusão de sons e imagens.

Parágrafo único. Sem prejuízo do disposto no caput e observadas as condições técnicas, os pronunciamentos oficiais do Presidente da República serão acompanhados, obrigatoriamente, no prazo de seis meses a partir da publicação deste Decreto, de sistema de acessibilidade mediante janela com intérprete de LIBRAS.

O Art. 58 decreta o uso de mecanismos para tornar acessível também algumas publicações impressas no país, tais como: bulas de medicamentos e manuais de instrução de equipamentos eletrônicos e mecanismos de uso doméstico. Segundo os incisos:

§ 1º A partir de seis meses da edição deste Decreto, a indústria de medicamentos deve disponibilizar, mediante solicitação, exemplares das bulas dos medicamentos em meio magnético, braile ou em fonte ampliada.

§ 2º A partir de seis meses da edição deste Decreto, os fabricantes de equipamentos eletroeletrônicos e mecânicos de uso doméstico devem disponibilizar, mediante solicitação, exemplares dos manuais de instrução em meio magnético, braile ou em fonte ampliada.

Por fim, os Art. 59 e 60 garantem o apoio do poder público a congressos, seminários, oficinas e outros eventos científicos-culturais que oferecerem apoio às pessoas com tais deficiências, como: tradutores e intérpretes de Libras, leitores, guias-intérpretes, ou tecnologias de informação e comunicação, tais como a transcrição eletrônica simultânea.

Mas para entender todo este decreto, é preciso que se entenda também as especificidades de cada um dos principais recursos de acessibilidade citados acima: legenda oculta e libras, para os portadores de deficiência auditiva, e audiodescrição e braille, destinados aos portadores de deficiência visual.

5.4.1 Legenda oculta

É importante que os surdos e aqueles que não escutam plenamente tenham direito à informação prevista por lei, visto que, segundo dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), 9,7 milhões de pessoas, 5% da população do país, possuem deficiência auditiva, seja leve, moderada, severa ou profunda.

Uma das formas de acessibilidade para este público se dá por meio da Legenda Oculta, também conhecida como *Closed Caption*, ou pela sigla CC. Ela é um recurso de acessibilidade que tem por objetivo, segundo Crepaldi e Mendonça (2014, p. 8), por meio de transmissão de legendas, transcrever um conteúdo audiovisual: “[...] a legenda oculta é uma ferramenta de acessibilidade que permite ao sujeito surdo ter acesso à informação televisiva, sendo essa ferramenta encontrada principalmente em telejornal, programa esportivo, entretenimento e novela”.

A primeira vez em que este recurso foi utilizado no país foi em 1997, durante exibição do Jornal Nacional, da Rede Globo. Todas as emissoras do Brasil são obrigadas, desde 2012, a transmitir pelo menos 12 horas de programação com o recurso, seguindo a decisão do Ministério das Comunicações, que prevê ainda que, até 2017, seja disponibilizada por toda a programação.

Os aparelhos fabricados na última década já contam com a tecnologia, sendo que, “[...] em alguns casos, como nos televisores mais modernos, o Closed Caption pode ser acionado por meio de uma tecla específica, CC, enquanto em

outros televisores a ferramenta pode ser acionada no menu do controle remoto.” (CREPALDI; MENDONÇA, 2014, p. 8)

Para os autores, funciona de duas formas:

A primeira, por meio do aparelho estenótipo, que é manuseado pelo profissional Estenotipista [...] A segunda maneira ocorre por meio de um software de reconhecimento de voz, que possui um banco de dados que contém palavras e seus respectivos sons. O profissional dentro de uma cabine, usando um fone de ouvido ouve a programação exibida e lentamente repete todas as palavras em um microfone. O software identifica os sons, enquanto isso, outro profissional ao lado, em um computador, corrige e confirma as legendas que aparecem na tela do computador, pois o programa pode confundir os sons semelhantes e identificar de forma incorreta. (CREPALDI; MENDONÇA, 2014, p. 9-10)

Crepaldi e Mendonça (2014) defendem ainda que não há um modelo padrão para legenda oculta, adotado pelas emissoras. Apesar disso, o texto escrito em fonte Arial, em caixa alta e na cor branca sobre um fundo preto é muito utilizado por ser considerado agradável para o público surdo.

5.4.2 Libras

O termo “surdo(a)”, segundo o Art. 2º do decreto 5.626, de 22 dezembro de 2005, é atribuído às pessoas que, por perderem a audição, por meio de experiências visuais, compreendem e interagem com o mundo e manifestam a sua cultura, principalmente, por meio da Linguagem Brasileira de Sinais. (BRASIL, 2004)

Também conhecida pela abreviação Libras, esta linguagem é considerada, para as pessoas portadoras de deficiência auditiva, segundo França e Ono (2011, p. 3), a primeira língua ou materna, e também a nativa, ou seja, aquela que identifica com uma cultura ou comunidade, “[..] já que sua comunicação, percepção e compreensão do mundo é predominantemente visual.”

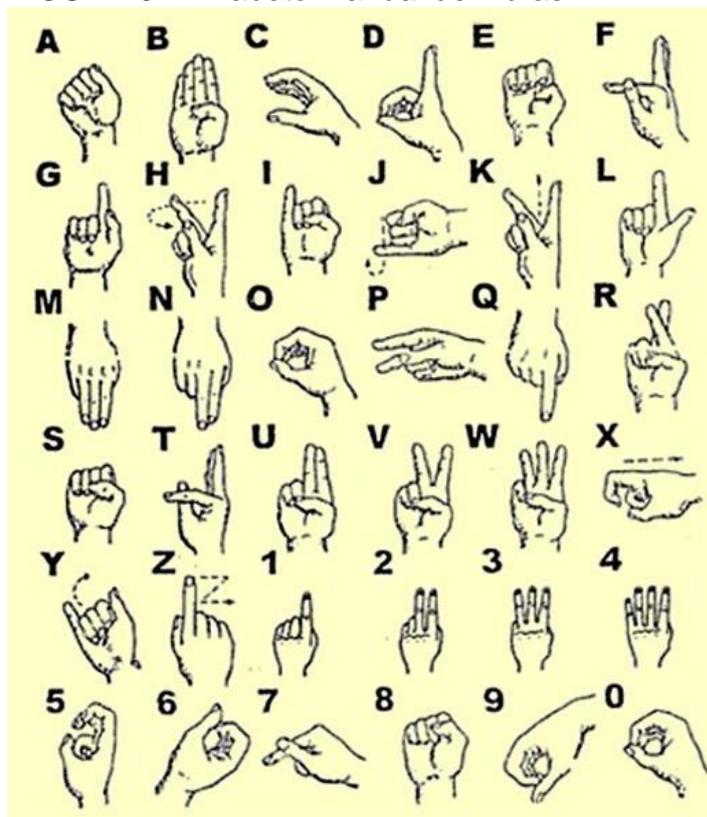
A conquista aconteceu no ano de 2002, quando “[...] a Libras foi reconhecida como língua oficial e meio legal de comunicação dos surdos, passando a ser a segunda língua brasileira.” (CREPALDI; MENDONÇA, 2014, p. 5)

Segundo o Portal Educação (2013), o que diferencia essa língua das demais é a sua modalidade visual-espacial, ou seja, o que é denominado palavra na língua oral-auditiva, na Libras é denominado por sinais. Estes,

[...] são movimentos específicos realizados pelas palmas da mão, e dependem de um ponto ou espaço de localização em que esses sinais são realizados, pois, como toda língua, também deve ser padronizada e isso acontece através de alguns parâmetros traçados para que todos realizem e possam compreender uns aos outros.

Esses sinais são obtidos conforme um alfabeto próprio da Libras, onde é atribuída uma representação gestual para cada letra do alfabeto e também para cada algarismo dos números de 0 a 9. A Libras se baseia nos seguintes sinais, conforme a figura abaixo.

FIGURA 9 – Alfabeto Manual de Libras



Fonte: Instituto Ciência Hoje (2011)

No caso das emissoras de televisão, o problema é que o recurso não é muito aceito devido a questões como o custo de produção e limitação técnica, já que ocuparia um espaço no canto inferior direito da tela, esteticamente desagradável. Segundo Crepaldi e Mendonça (2014, p. 8), essa realidade muda com a implantação da TV Digital, pois “[...] por meio de subcanais, será possível a implantação dessa ferramenta sem causar problemas estéticos, pois ela poderá ser acionada pelo usuário que assiste TV por meio do controle remoto.”

Para Cano, Carli e Santos (2011, p. 3), mesmo que questões sociais como a acessibilidade se tornem mais frequentes, ainda há deficiências na comunicação com pessoas surdas ou cegas no ensino. Eles citam, por exemplo, que surdos e ouvintes, pessoas que não possuem a deficiência, não se relacionam, muitas vezes, porque os ouvintes não aprendem a linguagem dos sinais, que é língua materna e nativa de tantos surdos no país.

É fundamental que cada um olhe o outro como a si mesmo, colocando-se no lugar e agindo da forma mais adequada. Os ouvintes, quando se comunicam com pessoas surdas deve interpretar a LIBRAS como uma das linguagens essenciais para a comunicação, e não achar que é uma linguagem secundária, afinal ela é a primeira língua de mais de 166.400 pessoas, só no Brasil.

Os autores (2011, p. 3) reforçam ainda que, para que realmente haja acessibilidade a qualquer tipo de informação, o direito à formação educacional precisa ser respeitado. “Ou seja, uma das preocupações mais importantes deve se concentrar no acesso à educação como prioridade frente a qualquer tipo de informação.”

5.4.3 Audiodescrição

Diante da necessidade de promover e implementar o acesso às pessoas portadoras de deficiência visual aos meios de comunicação, a audiodescrição foi aprovada e definida, em 27 de junho de 2006, pelo Ministério das Comunicações, por meio da Portaria n.310, como um recurso de acessibilidade associado a outros direitos de cidadania. (ISHIKAWA, 2014)

Adotada pelos audiovisuais como uma iniciativa de acessibilidade para pessoas portadoras de deficiência visual, surgiu em 1975 nos Estados Unidos e, a partir dos anos 80, foi aceita por teatros, museus e, principalmente cinemas; segundo entrevista feita pela Rádio Agência Nacional com Maurício Santana (2013), publicitário, professor na área de Rádio e TV e cinema e diretor da Iguale Comunicação de Acessibilidade.

Para Santana (2013), resumidamente, o recurso é um modo de tradução audiovisual que consiste em uma narração e descrição, com o máximo de detalhes possíveis, de tudo o que acontece em uma cena. A técnica transforma uma

informação visual em uma informação verbal para que, com isso, o deficiente visual tenha acesso à informação do que é transmitido.

Obviamente a pessoa com deficiência visual tem sempre o acesso ao áudio, mas muitas vezes as cenas dentro do cinema são cenas que têm várias ações porém preenchidas apenas com uma trilha sonora, então nesse momento é que a audiodescrição tem sua importância fundamental, que é onde a gente começa a construir em forma de áudio para que a pessoa com deficiência possa imaginar e compreender a obra como um todo.

Para Graciela Pozzobon da Costa (2008), atriz e audiodescritora, a audiodescrição pode ser feita ao vivo ou pré-gravada. Em audiovisuais é adicionada a um segundo canal de áudio; no teatro, só é possível que seja ao vivo; e na televisão, por meio de uma canal que disponibilize esta banda extra de áudio.

Ela aponta ainda as etapas de produção da audiodescrição pré-gravada. São elas respectivamente: estudo da obra a ser descrita; produção do roteiro; ajustes de tempos e do texto; ensaios; gravação e sincronização.

Já o processo ao vivo é mais adequado para festivais de cinema, peças de teatro, espetáculos de dança, óperas e manifestações artísticas em geral, e em programas de televisão, executados ou exibidos em tempo real.

Nesse tipo de audiodescrição, feito em cinemas e teatros, o equipamento utilizado é o mesmo que o da tradução simultânea. Os audiodescritores ficam em cabines narrando nos microfones e o som é transmitido para os usuários através de fones. A sessão de filme ou peça transcorre normalmente, sem interferência para o restante do público. O som original do filme ou da peça é captado pelo usuário de audiodescrição pelo próprio sistema de som da sala de cinema ou da voz dos atores no palco e o conteúdo audiodescrito pelo fone de ouvido.

Santana (2013) explica ainda como se dá o processo de produção da audiodescrição:

O trabalho inicial é uma roteirização desse produto audiovisual, e nesse primeiro trabalho, a gente vai buscar brechas que um filme nos proporciona para poder escrever essas cenas, evitando a sobreposição ao diálogo. A partir daí, a gente tem duas possibilidades de produção: ou a gente vai com esse roteiro da audiodescrição para o estúdio e daí nós gravamos a narração e depois nós editamos e mixamos com o áudio original do filme ou do programa de televisão, ou no caso de festival de cinema ou peça de teatro, essa audiodescrição é feita ao vivo na sala do espetáculo. Então montamos uma cabine com revestimento de isolamento acústico e com esse roteiro da audiodescrição em mãos a gente faz ao vivo, simultânea à apresentação do espetáculo ou do filme. E a pessoa com deficiência visual retira na entrada do cinema ou do teatro um aparelhinho receptor, um fone

de ouvido, onde ele vai receber então essa narração. A audiodescrição vem substituir o acompanhante que ia, eventualmente, no cinema ou numa peça de teatro, e ficava cochichando para os cegos o que estava acontecendo na cena.

Lima e Guedes (2015, p. 19), dizem que, para que o conteúdo assistido não seja mal compreendido, a audiodescrição deve possuir linguagem clara, simples, objetiva e acessível. Deve-se também levar em conta que as ferramentas e linguagens visuais utilizadas nos produtos culturais e artísticos podem ser destinadas a públicos específicos. Atendendo a estes requisitos:

[...] com a oferta da audiodescrição, ao ir ao cinema, teatro, palestras etc., pessoas cegas ou com baixa visão terão a oportunidade de ampliar o conhecimento advindo do conteúdo das imagens ali apresentadas (em filmes, peças, slides, cartazes, transparências, folders e conhecer os gestos que o expositor estaria fazendo para ilustrar a sua fala), ao mesmo tempo que as demais pessoas da plateia. (LIMA; GUEDES, 2015, p. 8)

Ishikawa (2014, p. 15) destaca que a audiodescrição ainda é um assunto pouco explorado que requer estudos e pesquisas para consolidar a sua aplicabilidade, tanto na mídia como, em especial, na televisão digital, o que reforça a importância e relevância da oferta de parâmetros e subsídios em relação a essa temática.

5.4.4 Braille

O sistema de leitura tátil e escrita para portadores de deficiência visual, mais conhecido como braille, foi criado pelo educador francês Louis Braille em 1825, quando ainda tinha 16 anos de idade. Hoje, segundo La Torre (2014), este é o único sistema reconhecido pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), assim como o recurso adequado para o acesso à informação das pessoas cegas.

Segundo a autora (2014), o braille é composto da combinação de seis pontos em relevo que formam a cela braille, também conhecida como signo gerador ou célula braille. A combinação destes pontos formam até 64 representações, que podem ser letras, pontuação, números, além de símbolos matemáticos, musicais, de medida, científicos e informáticos.

O tamanho e a distribuição dos pontos que formam a célula braille em seu tamanho médio ou normal estão consolidados internacionalmente de acordo com a ONCE, Organização Nacional de Cegos Espanhóis (2009). Esse corresponde, em particular, ao tamanho que as terminações nervosas da impressão digital do dedo possibilitam captar só com o toque sobre o papel. (LA TORRE, 2014, p. 49)

Louis Braille não somente criou o sistema de leitura em relevo, como também o primeiro sistema de escrita e reprodução de textos, chamado reglete. La Torre (2014, p. 46) explica como se dá este processo.

Trata-se de um pequeno mecanismo de duas pranchas e um punção que permite a escrita manual e a reprodução de textos de maneira uniforme uns com os outros. A criação da célula braille pode ser considerada semelhante à criação do tipo móvel da imprensa em tinta, na qual cada letra do alfabeto tem um formato estabelecido e imutável. (LA TORRE, 2014, p. 46)

La Torre (2014, p. 50) reforça ainda que os livros em braille são não apenas uma ferramenta de aprendizagem, como também um importante meio de acesso à informação para as pessoas portadoras de deficiência visual, “[...] possibilitando seu desenvolvimento pessoal e profissional, criando condições de autonomia, independência e inclusão social”.

Vale ressaltar que, segundo o Relatório anual da Fundação Dorina Nowill para Cegos²⁸ (2010), o estudo Retratos da Leitura no Brasil (2011), a média de leitura anual de pessoas cegas é de oito livros, o que representa o dobro de pessoas videntes.

Tendo apresentado o Terceiro Setor, a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, leis a favor às pessoas portadoras de deficiências e os recursos inclusivos nos meios de comunicação, o capítulo seguinte, Memorial Descritivo, relata o processo de elaboração da peça prática que compreende este projeto. O vídeo institucional para a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos, intitulado “A Oitava Cor”, possui três medidas de acessibilidade anteriormente apresentadas (audiodescrição, tradução em Libras e legenda oculta).

²⁸ Organização sem fins lucrativos dedicada à inclusão social das pessoas com deficiência visual, por meio da produção e distribuição gratuita de livros braille, falados e digitais acessíveis.

6 MEMORIAL DESCRITIVO

O objetivo deste capítulo é elucidar os principais acontecimentos que sucederam a realização do trabalho em sua questão prática. Os relatos subsequentes têm a intenção de contextualizar o leitor sobre a escolha do tema, fase de pesquisa e o processo de produção do vídeo institucional.

O projeto teve início já na primeira semana de março deste mesmo ano, quando o grupo começou a pensar sobre o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), etapa obrigatória para a obtenção do diploma de jornalismo da Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente (Facopp). Na época, a única certeza dos universitários era quanto à área de interesse da pesquisa: Jornalismo Empresarial mesclado à linguagem audiovisual. Faltava, porém, um objeto de estudo que fosse de interesse geral para o grupo e que tivesse valor social relevante para ser abordado.

Em ocasião anterior, um dos estudantes havia desenvolvido um trabalho na Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente e apresentou a entidade para os colegas. O quarteto marcou uma visita à Associação e, após um primeiro contato, decidiram que esta seria o objeto de estudo da pesquisa. Isso aconteceu porque os alunos notaram uma carência da entidade no sentido de divulgação dos trabalhos realizados, uma vez que estes são de suma importância para pessoas com deficiência visual na região Oeste do Estado de São Paulo.

Área de pesquisa e objeto de estudo escolhidos, foi a vez de afunilar ainda mais o tema do projeto. A ideia inicial era a de realizar um videodocumentário para resgatar a história da Associação e, assim, projetá-la no cenário midiático. Porém, esse ainda não era o meio mais eficaz de se construir uma imagem sólida da entidade. Mais do que expor a questão histórica, era necessário criar um material que retratasse o funcionamento e as particularidades da instituição. Além disso, desde o princípio, o grupo queria produzir uma obra que perdurasse e pudesse ser usada pela própria entidade para difundir as ações realizadas. Sendo assim, era preciso outra estratégia para auxiliar a Associação na área de comunicação social.

No dia seguinte ao da visita, dois membros do grupo se reuniram com a professora Thaisa Bacco, que posteriormente viria a ser orientadora do trabalho. Neste encontro a docente sugeriu a ideia de se realizar um vídeo institucional. Após

alguns dias de pesquisa sobre o assunto e a verificação de viabilizar a peça prática, os estudantes adotaram a ideia e começaram a se mobilizar para tornar possível essa tarefa.

O pesquisadores reconhecem que todas as mídias, quando bem aproveitadas, têm potencial para transmitir de forma sensível e eficiente as informações acerca da entidade. Porém, como Jacques Aumont et al. (1995, p. 222) afirmam, “[...] o cinema é feito para dirigir-se ao espírito humano, imitando seus mecanismos: falando psicologicamente, o filme não existe nem na película nem na tela, mas somente no espírito que lhe proporciona sua realidade.” Assim, por ser um meio tão lúdico de se contar histórias, o vídeo foi o canal de comunicação escolhido para propagar a mensagem institucional.

É importante frisar, porém, que “[...] nunca o vídeo tomará o lugar do homem na empresa. O vídeo é apenas um excelente instrumento *auxiliar* e, como tal, dará *reforço* à atuação do profissional.” (SERRA, 1986, p. 13, grifo do autor) A proposta de criar um filme institucional não implica na produção de um material autossuficiente, pelo contrário. A intenção é de criar uma ferramenta de suporte aos funcionários na apresentação do trabalho desenvolvido pela entidade.

No dia 9 de abril de 2015, data em que a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos completava 76 anos de existência, os universitários voltaram até a entidade para acompanhar as festividades e conversar com os responsáveis pela instituição. Na ocasião, o presidente Rubens Rena Rodrigues e a coordenadora da entidade, Eliete Margutti, bem como os demais membros da diretoria, foram apresentados à proposta do trabalho e concordaram em auxiliar no que fosse necessário para a realização do projeto, já que este iria beneficiar todas as partes envolvidas.

Os dois meses seguintes foram marcados por reuniões semanais para elaboração do pré-projeto intitulado de “Vídeo institucional para entidade de Terceiro Setor”. No dia 5 de maio, após aprovação da banca de qualificação e o anúncio oficial da orientadora responsável, o grupo começou a busca pelo embasamento para desenvolver o corte teórico do TCC.

No período de férias letivas os pesquisadores realizaram o fichamento das obras bibliográficas indicadas pela orientadora e produziram três capítulos do trabalho. Na semana de retorno às aulas ocorreu a primeira orientação oficial. Nesta reunião foram definidas as funções de cada membro do grupo na realização da peça

prática. Thaís Ferreira assumiu o papel de produtora, Caroline Ghirotto ficou no cargo de editora e, por fim, Evandro Batista e Wesley Colati ficaram responsáveis pela cinegrafia e reportagem. Ao longo do trabalho essas funções foram alteradas e os estudantes acabaram desempenhando mais de uma função no projeto. Isso aconteceu porque os pesquisadores se envolveram em todas as etapas de produção do filme, independente do cargo previamente assumido.

É preciso ressaltar também que durante a construção do vídeo institucional (produção, cinegrafia e edição) os discentes se organizavam para continuar escrevendo e readequando a peça teórica do TCC. No mês de agosto o quarteto voltou a Associação e realizou uma coleta de dados sobre a mesma, investigando atas e documentos oficiais da entidade. Além disso, entrevistaram os membros da diretoria, coordenação e equipe de funcionários. Em setembro, dois alunos foram até a biblioteca da Unesp consultar o acervo de jornais locais para apurar possíveis publicações na imprensa referentes à instituição nas últimas duas décadas.

Cada estudante assumiu o compromisso de buscar parcerias para compor o vídeo institucional. A primeira questão a ser resolvida era quanto ao videografismo. Após algumas sugestões de nomes, uma das pesquisadoras entrou em contato com a publicitária Vanessa Vilche Sepulveda e apresentou a proposta para ela. Depois de tomar ciência da pesquisa e do que deveria ser feito, a profissional fez um orçamento do serviço e, algumas negociações mais tarde, o grupo fechou a parceria.

Outro tópico fundamental para integrar o vídeo era o recurso da audiodescrição, faixa narrativa voltada para o público cego onde o narrador expõe de maneira clara e objetiva os elementos apresentados em cena. A busca por pessoas que fizessem essa narração descritiva não foi uma tarefa fácil. Isso porque essa medida inclusiva ainda é algo pouco divulgado nos canais de comunicação e não há uma vasta gama de profissionais que atuem na área.

Primeiro os alunos entraram em contato com o curso de Letras da Unoeste para saber se havia algum docente que pudesse dar mais informações sobre a técnica, mas o curso não possuía em sua grade algo voltado ao assunto. Nem mesmo a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos, acostumada a receber materiais adaptados da Fundação Dorina Nowill, soube informar alguém que realizasse a narração.

Depois de algumas semanas de apuração, o grupo conseguiu com o Centro de Promoção para Inclusão Digital, Escolar e Social (Cepides) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Presidente Prudente o contato de uma pesquisadora de São Paulo habituada com a técnica. Logo de início Gabriela Alias Rios, mestra em Educação Especial, se prontificou a ajudar os graduandos nessa tarefa.

Ainda sobre o tema de acessibilidade, o grupo decidiu adotar mais uma ferramenta de inclusão: a Linguagem Brasileira de Sinais (Libras). Apesar do objeto de estudo ser uma entidade voltada ao público com deficiência visual, seria incoerente pensar apenas naqueles que não podem enxergar e privar as pessoas com outras deficiências de acompanharem o filme. O grupo entrou em contato com Thiago Augusto Osmundo de Lima, intérprete de Libras, que, coincidentemente, havia conhecido os trabalhos da Associação na semana anterior. Apresentado à proposta, comprometeu-se em fazer a versão do texto para surdos sem cobrar pelo serviço.

Em questão de parcerias faltava apenas os aspectos relacionados à sonorização. Um dos estudantes ficou responsável por encontrar alguém da área musical que pudesse produzir uma trilha sonora própria para o projeto. Ele se reuniu com um professor do curso de Música da Unoeste e ficou acertado que as trilhas seriam produzidas pelos alunos da faculdade como uma atividade em sala de aula. Porém, algumas semanas depois, foi constatado que o período pedido pelo profissional para devolver a peça com as músicas prontas não era compatível com o prazo de entrega do TCC. Resolveu-se, então, suspender essa parceria e sonorizar o vídeo com obras de domínio público e trechos de certas canções, uma vez que o vídeo institucional não possui fins comerciais. Essa prática é amparada pela lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que trata sobre a questão dos direitos autorais.

Em meio às confirmações anteriores, o grupo também desenvolveu o pré-roteiro do vídeo (APÊNDICE D), documento que iria nortear todo o processo de filmagem. Para a elaboração deste arquivo, os universitários adotaram o modelo exposto por Floriano Serra (1986) no livro *A Arte e a Técnica do Vídeo: do Roteiro à Edição*, já mencionado anteriormente. Nesta obra o autor divide o registro audiovisual em blocos e o estrutura da seguinte maneira: apresentação, introdução, histórico, atividade, estrutura organizacional, produtos/serviços, suporte e conclusão.

Em 23 de agosto, deu-se início à captação de imagens na Associação. Antes disso, porém, os alunos responsáveis pelas gravações tiveram uma aula prática com o técnico de edição Kaito Lomartire para se familiarizarem com os equipamentos que seriam utilizados. Entre os instrumentos estavam duas filmadoras para agilizar o processo de gravação e realizar sonoras em ângulos e planos diferentes para, no momento da edição, ter mais de uma alternativa para se trabalhar; dois tripés de sustentação; luz artificial para ambientes escuros; *dolly* para imagens em movimento; dois microfones de lapela para os entrevistados e mais ferramentas para a funcionalidade dos equipamentos como pilhas, baterias e carregador.

Para que todo o processo de filmagem ocorresse com o mínimo de imprevistos possível, o trabalho de produção fez-se fundamental. Paralelo à aprovação do pré-roteiro, a produtora fazia contato diariamente com a coordenadora da Associação para, em comum acordo, criar um cronograma de gravação (APÊNDICE E) que pudesse ser prático para os alunos encarregados de captar as imagens e, ao mesmo tempo, não atrapalhasse as atividades realizadas na entidade. Vale ressaltar que, assim como Moura (1999) afirma no referencial teórico, os filmes têm o tamanho da sua produção. Ou seja, tudo aquilo que a câmera capta no momento das filmagens é o resultado de um trabalho prévio do produtor.

Esse cronograma de gravação foi montado visando exaltar o real funcionamento da entidade, fazendo com que a rotina ficasse em evidência no vídeo. Para que isso fosse possível, foi necessário que os envolvidos no projeto conhecessem bem o objeto de estudo. Pimenta (2009) afirma que, antes de se realizar qualquer ação em uma empresa, é preciso assumir uma atitude crítica e analítica em relação à ela. Somente assim, contemporizando os vários aspectos relacionados à instituição, é possível realizar um trabalho sério e condizente com a realidade.

As gravações começaram em um domingo (23/08), no dia do Joelhaço de Porco, um evento tradicional que a entidade realiza todos os anos para arrecadar recursos. Nesta data os estudantes registraram o processo de montagem e entrega dos pratos e puderam acompanhar toda a mobilização dos funcionários e voluntários em prol da Associação e, conseqüentemente, dos assistidos que ela atende.

Nessa primeira semana os estudantes passaram mais de 40 horas na entidade acompanhando a rotina e realidade da mesma, além de interagir com os

assistidos e a equipe que presta serviços à ela. Esse contato mais intenso serviu para reforçar a certeza do quão importante era o trabalho desenvolvido em benefício do deficiente visual e o quanto que a instituição se fazia necessária na vida dessas pessoas.

Por se tratar de um local que atende indivíduos cegos, foi importante deixar certos pré-conceitos de lado e não se basear apenas em concepções popularmente difundidas sobre a cegueira. Pimenta (2009) ressalta que, em qualquer forma de interação humana, é necessário que não haja um julgamento da cultura alheia tendo como padrão valores particulares. Foi preciso entender efetivamente como é a vida das pessoas que não enxergam para, assim, retratá-las de maneira justa e honesta.

Nesse período o cronograma de gravação foi sendo alterado de acordo com as eventualidades que aconteciam em cada dia. Na sexta-feira a monitora que iria ser filmada dando aulas de Orientação e Mobilidade, prática que ajuda os indivíduos que não possuem visão a se localizarem nos mais distintos ambientes, ficou doente e não pôde comparecer à Associação. A gravação destas cenas ficaram pendentes. Neste mesmo dia os dois cinegrafistas participaram de uma dinâmica elaborada pelos funcionários para compreenderem como é estar privado da visão. Nessa atividade os olhos dos alunos foram vendados e eles foram orientados a realizar tarefas comuns como caminhar e se alimentar sem poderem enxergar.

Foi nessa etapa de coleta de imagens que os estudantes colocaram em prática o conhecimento adquirido nas leituras pertinentes à linguagem audiovisual. Antes de iniciar cada *take*, os universitários tiveram o cuidado de pensar sobre a melhor maneira de capturar a realidade, bem como a escolha mais adequada para posicionar e movimentar as câmeras. Além disso, se preocuparam com os demais aspectos que interferiam na composição das cenas, como iluminação e som.

Para realizar as gravações os cinegrafistas adotaram em todos os momentos o uso do tripé, de acordo com as orientações de Ang (2007) e Serra (1986) no corte teórico, permitindo com que os equipamentos de filmagens fossem manuseados com mais facilidade. Além disso, os pesquisadores filmavam as cenas em mais de um plano para tornar a narrativa mais dinâmica. Dessa maneira, optaram por não apenas registrar a ação completa em quadro, mas também utilizar

de planos mais fechados como o big close-up, amplo close-up e extremo close-up para capturar certos detalhes capazes de enriquecer o filme. Esses detalhes variavam desde uma cena de pés caminhando com o auxílio da bengala até o sorriso de um assistido.

Outra cena pensada foi a da abertura do vídeo. A sequência de uma pessoa fechando e abrindo os olhos foi produzida no estúdio de fotografia da faculdade. Na ocasião, um dos alunos se prontificou a ser filmado e, sob o fundo branco, repetiu a ação enquanto era gravado por outro membro do grupo. Nessa tomada apenas o olho do estudante ficou em evidência, excluindo o restante do rosto do campo.

Em 31 de agosto começou a etapa de edição. Com os relatórios de imagens (APÊNDICE F) e transcrição de sonoras (APÊNDICE C) em mãos, a aluna responsável começou a garimpar os melhores *takes* para compor a peça audiovisual, ainda sem os recursos videográficos e a trilha sonora. Após essa decupagem, os pesquisadores redigiram os *offs* para a primeira versão do roteiro. Este documento foi modificado durante todo o processo de produção do vídeo. A versão final (APÊNDICE G) desse arquivo possui dez páginas.

Imagens dispostas de acordo com o roteiro, começaram a surgir as primeiras alterações. Em conjunto com o grupo, a orientadora relatou as primeiras impressões do trabalho e fez apontamentos para a melhoria do vídeo. Os pesquisadores também ressaltaram os pontos que precisavam ser corrigidos e construíram um novo cronograma de filmagens para refazer as sequências que haviam ficado insatisfatórias ou pendentes. Desta vez, além da Associação, os cinegrafistas realizaram gravações externas na rua e na casa de uma assistida para retratar a independência adquirida por ela após um período na entidade.

Outra cena que precisava ser incluída era o depoimento de Marile Boscolli, viúva do fundador do prédio atual da entidade, o professor Faradei Boscolli. A construção desse prédio foi um presente do marido para Marile, cega há mais de trinta anos. Na primeira tentativa de realizar a sonora os dois microfones de lapela estavam com mau contato e, a única maneira encontrada para que o áudio pudesse ser captado foi fazer com que a assistida segurasse o microfone próximo ao rosto. Essa tática, porém, prejudicou o enquadramento da sonora, pois foi preciso filmar o depoimento em um ângulo muito fechado.

Na segunda tentativa os alunos posicionaram a entrevistada na área de convivência da Associação para tornar o cenário de fundo mais agradável. Na ocasião anterior, por conta de uma forte chuva, o depoimento teve que ser gravado em uma sala improvisada, locação que não favoreceu a tomada de cena.

Somente nos cinco primeiros dias de gravação, somava-se mais de onze horas de material bruto coletado. Para as gravações extras, ou seja, além do cronograma inicial, foram filmados 180 *takes*. Ao todo foram produzidos pouco mais de 1.150 clipes.

Paralelo à captação de imagens, os universitários se revezavam para dar continuidade à montagem do vídeo. Todos os dias realizavam reuniões para tomarem ciência das alterações feitas e planejarem o que ainda precisava ser modificado. O meses de setembro e outubro foram dedicados à edição e ajustes da peça prática. Esse processo durou, em média, 60 horas.

Foi na edição que certas questões a respeito de som e iluminação foram resolvidas. O cuidado com a trilha sonora foi imprescindível, pois o áudio é percebido mais rapidamente pelo público do que a imagem. Qualquer erro na sonorização seria prejudicial à mensagem fílmica. Quanto à iluminação, foi preciso adotar um padrão em todo o vídeo. Durante as gravações os cinegrafistas tentaram aproveitar a luz ambiente para fazer diversos *takes* no mesmo lugar, mas nem sempre isso era possível. Dessa maneira, o que não ficou bom foi ajustado na edição com o uso de filtros de imagem.

Nesse período, Vanessa Vilche Sepulveda, responsável pelo videografismo, trocava mensagens constantes com o grupo para avaliação e adequações dos trabalhos prestados. Para que ela pudesse animar a logo da entidade foi preciso realizar a vetorização da figura, tarefa desempenhada pela aluna de Publicidade e Propaganda da Unoeste, Ana Paula Donaton Ribeiro. Foi decidido manter a arte da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos, uma vez que a proposta do trabalho não era a de criar uma nova identidade visual para a entidade, mas sim projetá-la de maneira favorável na mídia.

Incluso no serviço combinado com a publicitária Vanessa, estava: a criação de tarjas animadas para os Geradores de Caracteres (GCs); vinheta de abertura; vinheta de encerramento; mapa animado da região Oeste do Estado de São Paulo – área de abrangência do atendimento da Associação - e animação da estrutura do prédio da entidade em formato de um olho humano.

Para animar a estrutura do prédio citado acima foi preciso criar uma maquete virtual da instituição, que serviu de base para o videografismo. Essa maquete foi criada pelo aluno de Arquitetura e Urbanismo da Unoeste, Lucas Loveira, que, tendo como referência fotos da maquete original e dados da mesma, conseguiu construir um desenho similar ao original.

Nos momentos finais de montagem do vídeo, os alunos deram início à etapa de pós-produção. Na segunda semana de outubro foram realizadas as gravações dos recursos inclusivos. Os estudantes reservaram o estúdio de TV da Facopp e o intérprete Thiago Augusto realizou, diante das câmeras, a tradução simultânea do vídeo no código de Libras para, posteriormente, ser introduzido na obra.

No mesmo período uma das pesquisadoras, Caroline Ghirotto, gravou no laboratório de rádio da faculdade a narração audiodescritiva, de acordo com as orientações enviadas pela educadora Gabriela Alias. Vale ressaltar que foi escolhida uma voz feminina para que houvesse um contraste com narração dos *offs* que já havia sido incluída na peça. O filme foi narrado pelo assessor de imprensa Lury Greghi. O grupo convidou o profissional por constatar que o timbre e a dicção do jornalista encaixavam-se com a proposta do vídeo em trazer credibilidade e confiança para o público.

Todas as questões acima sanadas, foi a vez de decidir sobre o título da peça prática. Durante todo o desenvolvimento do trabalho os pesquisadores anotaram e discutiram opções para nomearem o vídeo. Após algumas análises da obra, descobriram que sete deficientes visuais foram destacados no filme, o mesmo número de cores do arco-íris. De acordo com o disco de Newton, quando sobrepostas em movimento, essas sete tonalidades dão origem a um novo matiz: o branco. Essa oitava cor é o elemento relatado pelos cegos quando indagados sobre qual imagem eles enxergavam após perderem a visão. O branco, muito usado para simbolizar a paz e a harmonia, passou a ser a representação da entidade, desenvolvendo um trabalho fraterno e solidário para aqueles que dela necessitam. Ficou decidido então que este seria o nome do filme: “A Oitava Cor”.

Por fim, após todo o trabalho realizado, era a vez de expor para a sociedade o resultado de meses de estudo e pesquisa. Com a peça prática pronta, foi necessário criar uma identidade gráfica para divulgá-la. O publicitário Raphael

Guerhaldt se prontificou em criar as artes da capa e etiqueta adesiva para o DVD, além do convite da exibição pública.

FIGURA 10 – Logo do vídeo institucional



Autor: Raphael Guerhaldt

FIGURA 11 – Capa do DVD



Autor: Raphael Guerhaldt

A apreciação do vídeo aconteceu no dia 03 de dezembro, data em que é comemorado o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência. Foram convidados os membros da diretoria, funcionários e voluntários que prestam serviços à entidade. Além disso, os assistidos e familiares também compareceram, juntamente com

membros da imprensa e pessoas da comunidade com interesse em assistir ao vídeo.

FIGURA 12 – Exibição Pública



Foto: Nana Siqueira

A exibição aconteceu às 9h30, no auditório Azaleia, no bloco B3, no campus II da Unoeste. Estiveram presentes aproximadamente 100 pessoas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primórdios da profissão, o jornalista assumiu o papel de ser um elo tangível entre a realidade e a população. É a ponte entre o poder público e os cidadãos, devendo traduzir as decisões tomadas pelos governantes de maneira clara e acessível. Sabe-se que a informação colabora para o desenvolvimento da sociedade e aí reside a essência do jornalismo: fazer com que o povo seja informado sobre fatos relevantes de forma consciente.

Uma, dentre tantas, características da imprensa é a de expor os problemas sociais nos veículos de comunicação e, desta maneira, cobrar uma solução por parte das autoridades competentes. Este trunfo pode ser usado também para dar a visibilidade necessária para as entidades de Terceiro Setor, uma vez que estas também têm como objetivo práticas de melhoria para a comunidade em geral. São essas entidades que, muitas vezes, suprem a responsabilidade que, em tese, deveria ser do Estado. Responsabilidades estas que vão desde a assistência para diversos grupos até reincluir as pessoas ao convívio social.

O problema, porém, é que a maior parte dessas entidades, por não visarem o lucro, acabam funcionando com precariedade. Seja por falta de verbas públicas ou pela ausência de apoio da sociedade, muitas instituições no Brasil não conseguem cumprir plenamente a missão que as originou, justamente por questões financeiras. É neste ponto onde o jornalista pode fazer a diferença, trazendo à tona as causas sociais para serem melhor discutidas. Além disso, este pode propagar os trabalhos realizados por essas associações nas diferentes mídias, dando-as legitimidade.

O projeto intitulado “Vídeo institucional para entidade do Terceiro Setor” buscou, por meio da prática do Jornalismo Empresarial, adotar a linguagem audiovisual como ferramenta de plena efetivação no processo de comunicação social de uma entidade pública: a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente. Segundo aponta Torquato (2008), uma instituição precisa tornar-se conhecida para ter força, ou seja, quanto mais força adquirir, mais visibilidade ganhará nos meios de comunicação. Assim, para divulgar o trabalho de uma entidade de Terceiro Setor, sua missão, visão e valores, foi importante a escolha de um meio que reunisse os elementos necessários para se consolidar uma imagem favorável sobre a instituição dentro da comunidade na qual ela está

inserida. Desta maneira, o principal objetivo foi analisar o processo de produção do vídeo institucional enquanto ferramenta do Jornalismo Empresarial voltado ao Terceiro Setor.

Cada etapa foi decisiva para o resultado final. A pré-produção foi marcada pela fase da pesquisa, apuração de conteúdo relacionado às temáticas propostas e, conseqüentemente, a busca de conhecimento e convívio com o objeto de estudo por meio de visitas constantes à entidade. Também, nesta fase, os pesquisadores concluíram que o planejamento do vídeo foi fundamental para sua execução.

Na produção, os pesquisadores foram expostos ao desafio de por em prática ferramentas do jornalismo aplicadas em um local que atende pessoas com necessidades específicas, diferentes do que muitas vezes o profissional lida no dia a dia. Essa questão parte da iniciativa e necessidade do jornalista pensar e se colocar de certa forma na realidade desse grupo, não se preocupando somente com o conteúdo, mas com a qualidade em que pessoas deficientes ou não, iriam receber esse material.

Na pós-produção ficou evidente a importância de um roteiro bem estruturado para o procedimento e desenvolvimento dessas partes, na construção de um material final, bem como um plano de edição e a relação das funções envolvidas nesse momento, entre o editor de texto e imagem. Conforme ocorre na construção de um vídeo, o cuidado com o uso e significado das particularidades presentes em uma peça audiovisual, como os *offs*, *sobe sons*, trilhas, são essenciais para uma boa produção.

Em meio a isso, não foi simples a decisão de incluir acessibilidade em todo o projeto, pois cada detalhe influencia na construção do material adequado para atender aos requisitos necessários a sanar as leis de inclusão. A ajuda de parceiros dispostos a tornar cada parte desse projeto acessível foi fundamental para sua existência.

Sendo um instrumento de linguagem abrangente, por reunir em uma única plataforma a integração de som e imagem, um produto audiovisual tende a despertar ainda mais a capacidade sensorial de um indivíduo, questão essa que torna a recepção da mensagem eficaz. (RIBEIRO, 2013) Enquanto ferramenta *house-organ*, o vídeo torna-se um canal de relacionamento com a população, e a utilização dessa ferramenta por meio de uma instituição permite a realização de uma

estreita relação entre empresa-público. (REGO, 1986) Com isso tudo, é possível a construção de um material que possibilita à população conhecer o trabalho da instituição e, por ser uma causa social, a necessidade de colaboração para o andamento e desenvolvimento das atividades que ela exerce. (TORO, 2005)

O uso de materiais para a divulgação de uma instituição, seja ela comercial ou não, é um fator muito importante pois contribui na identificação e construção de uma imagem externa, a partir do momento que a mensagem possibilita enaltecer o trabalho de uma empresa, pela informação jornalística. (TORQUATO, 2008) Deste modo, com a ineficiência de órgãos governamentais em questões sociais como a inclusão e acessibilidade, uma entidade que atende pessoas portadoras de deficiência necessita ainda mais de reconhecimento do seu trabalho.

Percebendo que a entidade estudada atua há 76 anos no âmbito regional, não é de conhecimento de grande parte da população do Oeste do Estado de São Paulo e não possui material necessário para sua divulgação, ficou clara a necessidade de desenvolver algo que permitisse expor o seu trabalho. Desta forma, os pesquisadores entendem que o vídeo institucional produzido pode contribuir para formação e consolidação da imagem da entidade. Com essa imagem reforçada, acredita-se que vai ficar mais fácil fechar parcerias e conseguir contribuições para os projetos futuros. Amorim (2013) sintetiza que o vídeo institucional serve não só para divulgar a empresa e os serviços que ela oferece. Uma obra desse gênero é capaz de mostrar a ideologia da organização, bem como as tradições, valores e missão da mesma.

Durante o processo de construção do vídeo buscou-se registrar a realidade do objeto de estudo da melhor forma possível. Foi traçado um panorama histórico sobre a Associação, identificando suas contribuições para o grupo atendido, através das atividades que buscam a autonomia, desenvolvimento, independência e inserção desses deficientes visuais na sociedade, o que norteou o desenvolvimento da pesquisa, unindo o conhecimento adquirido no corte teórico com o desenvolvimento da peça prática.

Neste contato direto com a entidade, os universitários puderam vivenciar a rotina de um órgão do Terceiro Setor e presenciar as limitações da estrutura organizacional, bem como a melhor maneira de se registrá-la em uma obra

audiovisual. Dessa maneira, a intenção seria não a de vender um produto, mas sim uma imagem. (WESTERKAMP; CARISSIMI, 2011)

Mais do que teorizar sobre os estudos feitos na disciplina de Jornalismo Empresarial e das técnicas de composição de um vídeo, o projeto permitiu que os pesquisadores colocassem em prática o que foi apresentado nos quatro anos letivos do bacharelado do curso, tornando-se, de fato, agentes difusores de informação.

Sendo assim, o referencial metodológico escolhido foi suficiente para realizar todo procedimento deste trabalho e, conseqüentemente, atender aos objetivos geral e específicos apresentados, bem como a pergunta central da pesquisa. Acredita-se que a peça prática desenvolvida será parte importante para apresentação da instituição em ocasiões futuras, fortalecendo a imagem da entidade no cenário midiático. É evidente que esse material não mudará de uma hora para a outra a realidade da instituição. O processo de construção e consolidação de uma imagem é contínuo e deve ser constantemente trabalhado. (TORQUATO, 2008)

No processo de construção de um produto audiovisual, o cuidado para trabalhar com os elementos disponíveis em cena é o que faz totalmente a diferença entre o conteúdo bruto e o material editado. Recursos sonoros devidamente escolhidos e utilizados, como a trilha sonora, contribuem, com tons mais suaves ou mais animados, na composição do que aparece em imagem, gerando continuidade e formando um produto com significado e perspectiva. (DANCYGER, 2007)

Por se tratar de um projeto que defende a questão da acessibilidade nos meios de comunicação, quando finalizado, foram criadas outras três versões do vídeo a partir da original: com legenda oculta, com tradução em Libras e com audiodescrição, procedimentos que os pesquisadores quiseram incluir como parte da proposta de se elaborar um material que fosse acessível para todos os públicos, pois acreditam que as pessoas portadoras de deficiências não poderiam ser privadas da informação. Desta forma, o DVD que contém o vídeo consegue incluir não apenas aqueles que ouvem e enxergam à experiência fílmica, mas também surdos e deficientes visuais.

Além disso, no desenvolver da pesquisa, os alunos constataram a precariedade de elementos inclusivos nos meios de comunicações, fator que impossibilita o total acesso a informação por parte de pessoas portadoras de deficiência. Algumas medidas que não são comumente usadas podem atender à

demanda da inclusão social, como edições especiais de materiais gráficos em braille ou então a adoção dos métodos de audiodescrição, legenda oculta e tradução de Libras nos veículos de comunicações audiovisuais, que deveriam passar a ser fatores obrigatórios, pois todos possuem o mesmo direito à informação.

Seja nas grandes mídias ou até mesmo em pesquisas e projetos de teor universitário, muitas vezes não se vê audiovisual com acessibilidade de conteúdo para públicos que possuem algum tipo de deficiência. Porém, a comunicação, seja por busca de entretenimento ou conhecimento, é essencial ao ser humano, pois a partir do momento que faz parte de um meio social, ela contribui na construção de valores, e deve ser usufruída por todo e qualquer indivíduo. Deste modo, certamente deve se caminhar para uma adequação desses materiais, pois os recursos necessários a fazer valer essa condição não faltam, a tecnologia é uma grande aliada na busca dessa realidade.

Outra questão pertinente à inclusão social notada pelos estudantes foi a representação das pessoas cegas ou com deficiência visual em obras jornalísticas. Personagens que fogem do padrão imposto pelo consenso popular, ou seja, videntes, são pouco retratados na mídia. Isso é prejudicial para a discussão de assuntos ligados a este público, pois quanto mais exposto for, mais natural ele se torna para as pessoas. Essa maior representatividade é um passo importante para a aceitação e a amenização do preconceito diante daqueles que não enxergam.

Por fim, muito sobre o vídeo institucional ainda precisa ser estudado e colocado em prática no cenário acadêmico, pois é pouco tratado na formação dos jornalistas. Novas pesquisas sobre o tema podem ampliar os conhecimentos sobre a técnica e, assim, contribuir para o crescimento do uso nas diferentes organizações.

A partir de um estudo feito para detectar se instituições que atendem a deficientes visuais no Brasil possuem ou não materiais institucionais (APÊNDICE A), nota-se também que essa é uma ferramenta empresarial ainda pouco utilizada para se consolidar a imagem de uma entidade. Como a grande maioria das instituições de Terceiro Setor não possuem recursos financeiros a serem destinados para ações de comunicação, trabalhos acadêmicos que beneficiem este público serão sempre de grande valia.

Os pesquisadores acreditam ainda que futuros estudos sobre a acessibilidade nos meios de comunicação podem contribuir para que se cumpra a legislação em defesa das pessoas portadoras de deficiência, garantindo que o

direito à informação esteja efetivamente ao alcance de todos. Somente assim, incluindo aqueles que possuem alguma limitação ao pleno convívio social, é possível criar uma pátria mais justa e cidadã para toda a nação.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Amanda. **Qual a importância e relevância de ter um vídeo institucional?** 2013. Disponível em: <<http://www.camera1online.com.br/blog/post/29/qual-a-importancia-e-relevancia-de-ter-um-video-institucional>>. Acesso em: 04 jul. 2015.
- ANG, Tom. **Vídeo Digital: Uma introdução**. 4. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.
- AUMONT, Jacques et al. **A estética do filme**. Campinas: Papyrus, 1995.
- ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DE PROTEÇÃO AOS CEGOS DE PRESIDENTE PRUDENTE, 2015.
- BARROS, A. de J. P. de; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson, 2007.
- BLUDENI, L. M. et al. **Cartilha sobre os aspectos gerais do terceiro setor**. OAB, São Paulo. 2011.
- BRANDÃO, Elizabeth. Imagem Corporativa, Reputação ou Ilusão? In: DUARTE, Jorge (Org.). **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia: Teoria e Técnica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Guia Legal da Deficiência Visual**. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/responsabilidade-social/acessibilidade/pdfs/guialegal.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2015
- BRASIL. Constituição Federal (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Decreto nº 5.296**, de 02 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm >. Acesso em: 05 out. 2015.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 05 out. 2015.
- BRASIL. **Lei nº 9.610**, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm>. Acesso em: 19 out. 2015.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação empresarial: teoria e pesquisa.** Barueri, SP: Manole, 2003.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação empresarial: políticas e estratégias.** São Paulo: Saraiva, 2009.

CAMARGO, G. K. de J. et al. **Planejamento de Relações Públicas para a Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás.** 2013. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2013/resumos/R36-0038-1.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

CANO, P. F.; CARLI, B.; SANTOS, A. P. A. A acessibilidade da informação para deficientes visuais e auditivos. **Anagrama.** São Paulo, v. 4, n. 4, jun/ago., 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35532>>. Acesso em: 26 set. 2015.

CARDOSO, Ruth. Fortalecimento da Sociedade Civil. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). **3º Setor Desenvolvimento Social Sustentado.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

INSTITUTO CIÊNCIA HOJE. **Língua Brasileira de Sinais.** 2011. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/2011/02/imagens/faltadarouvido02.jpg/view?searchterm=libras>> Acesso em: 10 de out. de 2015.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Cem Anos de Assessoria de Imprensa. In: DUARTE, Jorge (Org.). **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia: Teoria e Técnica.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

COSTA, Graciela Pozzobon da. **Bengala Legal.** Audiodescrição: acessibilidade em produtos audiovisuais e cênicos para pessoas com deficiência visual. 2008. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/graciela>>. Acesso em: 10 out. 2015.

CREPALDI, A.; MENDONÇA, J. Acessibilidade na tv: modelo de close caption para surdos. **Revista Advérbio.** Cascavel, v. 9, n. 18, 2014. Disponível em: <http://www.adverbio.fag.edu.br/ojs/index.php/RA/article/view/117/pdf_20>. Acesso em: 05 out. 2015.

CRUZ, Dulce Márcia. **Linguagem Audiovisual.** 2. ed. Palhoça: Unisul Virtual, 2007. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/61946462/Apostila-Linguagem-udiovisual>>. Acesso em: 07 ago. 2013.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo: História, Teoria e Prática.** 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

DIEHL, A. A.; TATIM, D. C.. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas.** São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DUARTE, J.; MONTEIRO, G.. Potencializando a comunicação nas organizações. In: KUNSCH, Margarida (Org.). **Comunicação Organizacional.**

São Paulo: Saraiva, 2009. p. 333-359.

DUARTE, Jorge. (Org.) **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia: Teoria e Técnica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ESTRELLA, C.; FERNANDEZ, R. A importância do público interno na comunicação institucional: a produção de evento como recurso estratégico. In: ESTRELLA, C.; BENEVIDES, R.; FREITAS, R. F. **Por Dentro da Comunicação Interna: tendências, reflexões e ferramentas**. Curitiba: Champagnat, 2009. p. 125-141.

ESTRELLA, C.; BENEVIDES, R.; FREITAS, R. F. **Por Dentro da Comunicação Interna: tendências, reflexões e ferramentas**. Curitiba: Champagnat, 2009.

FIELD, Syd. **Manual do Roteiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

FORT, M. C. et al. Comunicação face a face: o que se vê e o que não se vê no relacionamento interpessoal nas organizações. In: ESTRELLA, C.; BENEVIDES, R.; FREITAS, R. F. **Por Dentro da Comunicação Interna: tendências, reflexões e ferramentas**. Curitiba: Champagnat, 2009. p. 85-108.

FRANÇA, A.C. C. V. de; ONO, M. M. Interação de pessoas surdas mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**. São Paulo, v.16, n.66, 2011. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cgpc/article/view/3749>>. Acesso em: 05 out. 2015.

FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS. **Relatório Anual**. 2010. Disponível em: <http://www.fundacaodorina.org.br/uploads/relatorios-anuais/relatorio_anual_2010.pdf>. Acesso em: 05 out. 2015.

GABRILLI, Mara. **Blog do Guilherme Bara**. Informação e direitos. 2012. Disponível em: <<http://www.blogdoguilhermebara.com.br/tag/diversidade-humana/>>. Acesso em 06 out. 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IOSCHPE, Evelyn Berg. Prefácio. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). **3º Setor Desenvolvimento Social Sustentado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

ISHIKAWA, Maria Inês Garcia. **Audiodescrição: um recurso de acessibilidade na televisão digital**. 2014. 107 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação,

2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/110880>>. Acesso em: 26 set. 2015.

KISIL, Marcos. Organização Social e Desenvolvimento Sustentável: Projetos de Base Comunitária. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). **3º Setor Desenvolvimento Social Sustentado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada**. São Paulo: Summus, 1986.

KUNSCH, M. M. K. A função das Relações Públicas e a prática comunicacional nas organizações. **Organicom**, São Paulo, v. 1, n. 1, ago, 2004. Disponível em: <<http://www.revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/view/11/111>>. Acesso em: 16 jul. 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

LA TORRE, Diana Gutiérrez de. **O livro além do braille**: aspectos relativos à edição e produção. 2014. Dissertação (mestrado) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2014. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_cdbeda9d6b474251b42e77e611d39084>. Acesso em: 26 set. 2015.

LEMOS, C.; DEL GAÚDIO, R. Publicações Jornalísticas. In: DUARTE, Jorge. **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia**: teoria e técnica. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 273-302.

LIMA, Francisco José de Lima. Em Defesa da Áudio-descrição: contribuições da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, Recife, v. 1, n. 1, dez., 2009. Disponível em: <<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/viewArticle/10>>. Acesso em: 26 set. 2015.

LIMA, F. J.; GUEDES, L. C.; GUEDES, M. C. Áudio-descrição: orientações para uma prática sem barreiras. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, Recife, v. 2, n. 2, mar., 2010. Disponível em: <<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/viewArticle/28>>. Acesso em: 26 set. 2015.

LIMA, Amanda Denise de. **Portal Educação**. Libras, o que significa? 2013 Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/cotidiano/artigos/47425/libras-o-que-significa>>. Acesso em: 10 out. 2015.

MARCOVITCH, Jacques. Da exclusão à coesão social. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). **3º Setor Desenvolvimento Social Sustentado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MICHEL, M. de O.; MICHEL, J. de O.; PORCIÚNCULA, C. G. A Comunicação Organizacional, o Jornalismo Empresarial e a Memória Institucional. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 14., 2013, Santa Cruz do Sul. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2013. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-1640-1.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

SILVA, Marcia Batista da. Qualidade de Vida no Trabalho em um contexto de insegurança organizacional: percepções da comunicação interna. 2009. Disponível em <http://www.abrapcorp.org.br/anais2009/pdf/GT2_Marcia.pdf>. Acesso em: 20 set. 2015.

MOURA, Edgar Peixoto de. **50 anos luz, câmera e ação**. 5 ed. São Paulo: Senac, 1999.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. O trabalho monográfico como iniciação à pesquisa científica. In: CARVALHO, Maria Cecília M. de Carvalho. **Metodologia Científica: Fundamentos e Técnicas**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1989.

PENAFRIA, Manuela. O ponto de vista do filme documentário. 2001. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2015.

PIMENTA, Maria Alzira. **Comunicação Empresarial**. 6. ed. Campinas: Alínea, 2009.

REGO, Francisco Gaudêncio Torquato do. **Comunicação empresarial/comunicação institucional: conceitos, estratégias, sistemas, estrutura, planejamento e técnicas**. 6. ed. São Paulo: Summus, 1986.

REGO, Francisco Gaudêncio Torquato do. **Jornalismo Empresarial: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1987.

RETRATOS DA LITERATURA NO BRASIL. 3., 2012, Brasília. Anais eletrônicos... Brasília: Instituto Pró-Livro, 2012. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf>. Acesso em: 19 out. 2015

RIBEIRO, Regilene A. Sarzi. Entre cinema e vídeo – tensões e interações na videoarte brasileira. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 18., 2013, Bauru. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2013. Disponível: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0265-1.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

RIFKIN, Jeremy. Identidade e natureza do Terceiro Setor. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org). **3º Setor Desenvolvimento Social Sustentado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

SANTANA, Maurício. O que é e como funciona a audiodescrição. [jul 2013]. Denise Duarte. Rádio Agência Nacional FM, Brasília, jul 2013. Rádio FM. Disponível em:

<<http://www.iguale.com.br/blog/?p=1026>>. Acesso em: 10 out. 2015.

SANTOS, Larissa Conceição dos. História e legitimação organizacional: reflexões acerca das narrativas histórico-organizacionais. **Organicom**, São Paulo, v. 11, n. 20, jan/jun., 2014. Disponível em: <<http://www.revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/view/714/558>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

SERRA, Floriano. **A Arte e a Técnica do Vídeo: do Roteiro à Edição**. São Paulo: Summus, 1986.

STUMPF, Ilda. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

TORO, José Bernardo. O papel do Terceiro Setor em sociedades de baixa participação (Quatro teses para discussão). In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org). **3º Setor Desenvolvimento Social Sustentado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

TORQUATO, Gaudêncio. **Tratado de comunicação organizacional e política**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

TREVISAN, Rosana. **Moderno Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1998.

WATTS, Harris. **On camera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC**. São Paulo: Summus, 1990.

WATTS, Harris. **Direção de Câmera: Um Manual de Técnicas de Vídeo e Cinema**. São Paulo: Summus, 1999.

WESTERKAMP, C.; CARISSIMI, J. Vídeos institucionais: Uma análise comparativa. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 12., 2011, Londrina. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0631-1.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

XAVIER, C.; ZURPADO, E. **Entregando o ouro para os “mocinhos”**: o roteiro da comunicação empresarial: uma ferramenta para o endomarketing. São Paulo: Zennex Publishing, 2004.

ANEXOS

ANEXO A
ROTEIRO DA AUDIODESCRIÇÃO

ROTEIRO DA AUDIODESCRIÇÃO

GABRIELA ALIAS

**Voz diferente da do narrador, de preferência feminina.

0: 02 – Sobre fundo branco, surgem em cinzas o numero oito com as palavras: A Oitava Cor.

0: 19 – Close em olho. Abre lentamente.

0: 23 – close em olho castanho.

0: 26 – pessoa vista dos joelhos para baixo caminha com bengala branca

0: 34 – mulher caminha com bengala em calçada

0:37 – Sobre fundo branco e letras verdes, as palavras Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos

0: 44 – Fachada da Associação

0: 47 – Mulher sorridente entra na entidade. Homem cego entra na entidade.

0: 51 – cadeirante desce de ônibus com ajuda de homem.

Homem cego desce do ônibus

1: 30 – ((sobrepôr)) Marile é senhora de pele clara e cabelos grisalhos.

2: 09 – Mapa do estado de são Paulo.

2: 17 – 2:23 ((freeze – aqui, deixar na tela o mapa com as cidades e colocar a trilha sonora de fundo)) Destaque para a região de Presidente Prudente, abre quadro com as palavras: mais de 50 cidades.

2: 32 – Camila Goes, assistente social ((inserir depois de “triagem social”, em voice over, abaixar som da trilha original))

2: 47 – grupo de pessoas sentadas em círculo. Conversam. ((falar rápido, voice over))

2: 50 - ((freeze – depois de avaliação psicológica)) Bertiane Franco, psicóloga

3: 10 - Eliete Margutti, coordenadora ((freeze))

3: 33 – homem toca guitarra, mulher toca sanfona.

3: 42 – três homens tocam instrumentos ((sobrepôr, falar rápido))

3: 52 – 3: 53 – ((abaixar som original)) homens puxam faixa elástica

4: 09 – ((sobrepôr, falar rápido)) Sara limpa a casa

4: 18 – acende o fogão, corta alimentos, mexe a lentilha na panela

4: 30 – ((falar rápido, sobrepôr)) Sarah Toledo, assistida

4: 37 – Sarah usa o computador

- 4: 45 – digita o alfabeto no computador
- 4: 10 ((falar rápido, sobrepor)) Cleide Magalhães, monitora
- 5: 23 – ((sobrepor, colocar depois de “o meu dom pra poesia”, falar rápido)) Luzia Mantovani, assistida
- 5: 39 – escreve em máquina Perkins ((falar rápido, sobrepor))
- 5: 47 – ela lê poesia em braile ((falar rápido, colocar na deixa, depois de “abra”))
- 6: 04 – Luzia sorri.
- 6: 29 – Luiz Carlos Silva, monitor ((falar rápido, sobrepor))
- 6: 41 – close em sorobã
- 7:04 – mulher faz conta no sorobã
- 7:10 – ((sobrepor)) José Aparecido Tiseu, assistido.
- 7: 41 – homem cego faz massagem em mulher
- 7: 46 – mulher costura
- 7: 47 – Sara
- 8:00 – homem idoso toca sanfona
- 8:10 – grupo de pessoas toca pandeiro, sanfona, guitarra, canta
- 8:23 – ((colocar sobre a deixa – se não fosse aa..)) Lazaro Benedito da Silva, assistido
- 8: 49 – ele sorri.
- 8: 50 – mulher entrega panfleto para moço jovem ((sobrepor))
- 9:16 – Eliete
- 9:45 – Imagem da maquete do prédio da Associação
- 10:00 – pessoas cantam e tocam animadamente ((falar rápido, sobrepor))
- 10:13 – Sara
- 10:19 – José Aparecido
- 10: 29 – Luzia
- 10: 32 – José Aparecido
- 10: 45 – Lazaro
- 10: 55 – Sarah
- 11: 02 – Luzia
- 11: 07 – 11:20 - mulher negra de óculos escuros canta sorridente, mulheres cegas aplaudem, Luiz acena sorridente
- 11: 25 – Associação filantrópica de proteção aos cegos.
Seja nosso parceiro!

Rua Thomaz Matheus, nº 500, Jardim Itapura I
(18) 3223-2511
Presidente Prudente (SP)

11:32 – Trilha Sonora: ((aqui, fazer a leitura))

Imagens cedidas: associação filantrópica de proteção aos cegos. Marile Boscoli.
Museu Acervo Unesp de Presidente Prudente.

Produção, roteiro, reportagem e edição: Caroline Ghirotto, Evandro Batista, Thais Ferreira, Wesley Colati.

Imagens: Evandro Batista, Wesley Colati.

Narração: Caroline Ghirotto e Yuri Greggi

Arte Gráfica: Ana Donaton, Lucas Loveira e Raphael Guerhaldt

Videografismo: Vanessa Vilche Sepulveda

Intérprete de Libras: Thiago Augusto Osmundo de Lima

Audiodescrição: Gabriela Alias

Edição de imagens e pós-produção: Kaito Lomartire

Orientação: Thaisa Bacco

A Oitava Cor

Peça prática do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “vídeo institucional para entidade do terceiro setor, desenvolvido na Faculdade de Comunicação Social Jornalista Roberto Marinho de Presidente Prudente, Unoeste.

Presidente Prudente, 2015.

12:46- Sobre fundo branco e letras verdes: Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos.

Surgem logos da Facopp e Unoeste

APÊNDICES

APÊNDICE A
PESQUISA DE VÍDEOS INSTITUCIONAIS

Análise das associações que atendem pessoas com deficiência visual no Brasil

Fonte: Blog do Deficiente Físico

Disponível em: <http://www.deficientefisico.com/>

Entidade	Cidade	Estado	Possui página online?	Possui vídeo institucional?
Lar dos Deficientes Visuais do Acre (LDVAC)	Rio Branco	Acre	Não	Não
Associação dos Cegos de Alagoas (ACAL)	Maceió	Alagoas	Não	Não
Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual (CAP-AP)	Macapá	Amapá	Sim	Não
Associação Deficientes Visuais do Amazonas	Manaus	Amazonas	Sim	Sim
Escola da Cidadania "Mayara Redmam Abdel Aziz" Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual do Amazonas (CAP- AM)	Manaus	Amazonas	Não	Não
Escola Estadual Joanna Rodrigues Vieira Especializada em educação de deficientes visuais	Manaus	Amazonas	Não	Não
Associação de Deficientes Visuais Irecê e Região (ADEVIR)	Irecê	Bahia	Sim	Não
Associação Jequeense de Cegos (AJECE)	Jequié	Bahia	Sim	Não
Sociedade da Aliança dos Cegos da Bahia	Salvador	Bahia	Não	Não
Associação Baiana dos Cegos	Salvador	Bahia	Sim	Não
Instituto dos Cegos da Bahia	Salvador	Bahia	Sim	Sim
Associação dos Cegos do Estado do Ceará (ACEC)	Fortaleza	Ceará	Sim	Não

Associação Profissional dos Cegos	Fortaleza	Ceará	Não	Não
Escola de Ensino Fundamental Instituto de Cegos	Fortaleza	Ceará	Não	Não
Sociedade de Assistência aos Cegos (SAC)	Fortaleza	Ceará	Sim	Não
Associação Brasileira de Deficientes Visuais	Brasília	Distrito Federal	Sim	Não
Associação de Amigos do Deficiente Visual	Brasília	Distrito Federal	Não	Não
Asilo dos Velhos e Casa dos Cegos de Linhares	Linhares	Espírito Santo	Não	Não
União de Cegos D. Pedro II – UNICEP	Vila Velha	Espírito Santo	Sim	Sim
Instituto Art dos Cegos de Goiás	Aparecido de Goiânia	Goiás	Não	Não
Associação dos Deficientes Visuais do Estado de Goiás	Goiânia	Goiás	Sim	Não
Escola dos Cegos do Maranhão	São Luís	Maranhão	Não	Não
Associação Barragarcense dos Cegos	Barra do Garças	Mato Grosso	Não	Não
Instituto dos Cegos do Estado de Mato Grosso	Cuiabá	Mato Grosso	Sim	Não
Associação Mato Grossense dos Cegos	Cuiabá	Mato Grosso	Sim	Não
Associação Brasileira de Deficientes Visuais	Campo Grande	Mato Grosso do Sul	Não	Não
Associação dos Deficientes Visuais de Mato Grosso do Sul (ADVIMS)	Campo Grande	Mato Grosso do Sul	Sim	Não
Instituto Sul Matogrossense para Cegos Florivaldo Vargas	Campo Grande	Mato Grosso do Sul	Sim	Sim
Associação Regional de Pessoas Portadoras de Deficiência de Barbacena	Barbacena	Minas Gerais	Não	Não
Associação de Cegos Luis Braille	Belo Horizonte	Minas Gerais	Sim	Não
Associação de Cegos Santa Luzia	Belo Horizonte	Minas Gerais	Sim	Não

Centro de Apoio Pedagógico às Pessoas com Deficiência Visual	Belo Horizonte	Minas Gerais	Não	Não
Instituto de Cegos São Rafael	Belo Horizonte	Minas Gerais	Sim	Não
União Auxiliadora dos Cegos de Minas Gerais	Belo Horizonte	Minas Gerais	Não	Não
Associação dos Deficientes Físicos de Betim (ADEFIB)	Betim	Minas Gerais	Sim	Sim
Associação de Deficientes do Oeste de Minas Gerais	Divinópolis	Minas Gerais	Sim	Não
Fundação João Theodosio Araujo	Juiz de Fora	Minas Gerais	Sim	Não
Associação de Assistência aos Def. Visuais de Poços de Caldas	Poços de Caldas	Minas Gerais	Sim	Não
Centro de Apoio Pedagógico para Pessoas com Deficiência Visual (CAP UBERABA)	Uberaba	Minas Gerais	Não	Não
Instituto de Cegos do Brasil Central (ICBC)	Uberaba	Minas Gerais	Sim	Sim
Associação de e para Cegos do Pará	Belém	Pará	Sim	Não
Unidade Educacional Especializada José Alvares de Azevedo	Belém	Pará	Sim	Não
Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste	Campina Grande	Paraíba	Sim	Não
Associação Paraibana de Cegos (APACE)	João Pessoa	Paraíba	Sim	Não
Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência	João Pessoa	Paraíba	Sim	Não
Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha	João Pessoa	Paraíba	Sim	Não
Associação Cascavelense de Deficientes Visuais	Cascavel	Paraná	Sim	Não
Associação de Pais e Amigos de Deficientes Visuais	Curitiba	Paraná	Não	Não
Centro de Reeducação Visual CRAID	Curitiba	Paraná	Não	Não
Fundação de Assistência à Criança Cega (FACE)	Curitiba	Paraná	Não	Sim

Instituto Paranaense dos Cegos	Curitiba	Paraná	Sim	Sim
Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Visuais	Ibiporã	Paraná	Não	Não
Instituto Roberto Miranda	Londrina	Paraná	Sim	Sim
Associação dos Mestres Alunos e Amigos dos Deficientes Visuais	Maringá	Paraná	Não	Não
Associação de Pais e Amigos do Deficientes Visuais (APADEVI)	Ponta Grossa	Paraná	Não	Não
Associação de Cegos de Sarandi (ACESA)	Sarandi	Paraná	Não	Não
Aliança Protetora dos Cegos de Pernambuco	Camaragibe	Pernambuco	Não	Não
Associação Pernambucana de Cegos (APEC)	Recife	Pernambuco	Sim	Não
Fundação Altino Ventura (FAV)	Recife	Pernambuco	Sim	Sim
Instituto de Cegos de Recife	Recife	Pernambuco	Não	Não
União Auxiliadora dos Cegos	Recife	Pernambuco	Não	Não
Associação dos Deficientes Visuais Campomaiorenses (ADVIC)	Campo Maior	Piauí	Não	Não
Associação dos Cegos do Piauí (ACEP)	Teresina	Piauí	Sim	Não
Associação Macaense de Apoio aos Cegos (AMAC)	Macaé	Rio de Janeiro	Sim	Não
Associação Fluminense de Amparo aos Cegos (AFAC)	Niterói	Rio de Janeiro	Sim	Não
Associação Protetora dos Cegos Jardim Maravilha	Nova Iguaçu	Rio de Janeiro	Não	Não
Associação Aliança dos Cegos	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Sim	Não
Associação Brasileira de Cegos	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Sim	Não
Associação União Geral dos Cegos	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Não	Não
Cenáculo Protetor dos Cegos	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Sim	Não
Conselho Brasileiro para o Bem Estar dos Cegos	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Não	Não

Instituto Benjamin Constant	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Sim	Não
Sociedade Pró-Livro-Espírita em Braille (SPLEB)	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Sim	Não
União dos Cegos no Brasil	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Sim	Não
Associação de Deficientes Visuais do Rio Grande do Norte (ADEVIRN)	Natal	Rio Grande do Norte	Sim	Não
Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do Rio Grande do Norte	Natal	Rio Grande do Norte	Sim	Não
Sociedade dos Cegos do Rio Grande do Norte	Natal	Rio Grande do Norte	Não	Não
Associação dos Deficientes Visuais de Bento Gonçalves	Bento Gonçalves	Rio Grande do Sul	Sim	Não
Associação dos Deficientes Visuais de Canoas (ADEVIC)	Canoas	Rio Grande do Sul	Sim	Não
Associação de Pais e Amigos de Deficientes Visuais (APADEV)	Caxias do Sul	Rio Grande do Sul	Sim	Não
Instituto da Audiovisão (INAV)	Caxias do Sul	Rio Grande do Sul	Sim	Não
Associação de Cegos do Rio Grande do Sul (ACERGS)	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	Sim	Sim
Associação de Cegos Louis Braille (ACELB)	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	Sim	Não
Instituto Santa Luzia Escola de 1º Grau para Cegos	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	Sim	Não
União de Cegos do Rio Grande do Sul (UCERGS)	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	Sim	Não
Associação de Cegos e Deficientes Visuais de Santa Maria (ACDV)	Santa Maria	Rio Grande do Sul	Sim	Não
Associação dos Deficientes Visuais de Roraima (Advir)	Boa Vista	Roraima	Não	Não
Associação Cegos Vale Itajai	Blumenau	Santa Catarina	Sim	Não

Associação Sul Catarinense Cegos	Criciúma	Santa Catarina	Não	Não
Associação Catarinense para a Integração do Cego	Florianópolis	Santa Catarina	Sim	Não
Associação Joinvillense Integração Deficientes Visuais (AJIDEVI)	Joinville	Santa Catarina	Sim	Sim
Associação dos Deficientes Visuais e Auditivos de Tubarão	Tubarão	Santa Catarina	Não	Não
Centro de Prevenção a Cegueira e Escola para Deficientes Visuais (CPC)	Americana	São Paulo	Sim	Não
Instituto para Cegos Santa Luzia	Araçatuba	São Paulo	Não	Não
DV Associação para o Apoio e Integração do Deficiente Visual	Araraquara	São Paulo	Sim	Não
Instituto dos Cegos Santa Luzia	Araraquara	São Paulo	Sim	Não
Sociedade Organizadora de Trabalhos para Cegos	Barretos	São Paulo	Não	Não
Lar Escola Santa Luzia para Cegos	Bauru	São Paulo	Sim	Não
Associação dos Deficientes Físicos e Visuais de Caieiras	Caieiras	São Paulo	Sim	Não
Instituto Campineiro dos Cegos Trabalhadores	Campinas	São Paulo	Sim	Não
Pro Visão Sociedade Campineira de Atendimento ao Deficiente Visual	Campinas	São Paulo	Sim	Não
Associação Ituana de Assistência aos Deficientes Visuais	Itu	São Paulo	Sim	Sim
Instituto Beneficente de Assistência para Cegos	Limeira	São Paulo	Não	Não
Associação Linense para Cegos	Lins	São Paulo	Não	Não
Centro de Atendimento ao Deficiente Visual	Lorena	São Paulo	Não	Não
Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADEVI)	Mirandópolis	São Paulo	Sim	Não
Núcleo Promocional dos Cegos de Piracicaba	Piracicaba	São Paulo	Não	Não

Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente	Presidente Prudente	São Paulo	Sim	Não
Associação dos Cegos de Ribeirão Preto	Ribeirão Preto	São Paulo	Sim	Não
Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto e Região (ADEVIRP)	Ribeirão Preto	São Paulo	Sim	Sim
Associação dos Deficientes Audivos-Visuais e Deficientes Auditivos (Adavida)	Santo André	São Paulo	Sim	Não
Associação de Amigos dos Cegos de Santos	Santos	São Paulo	Não	Não
Lar das Moças Cegas	Santos	São Paulo	Sim	Sim
Instituto Rio Pretence dos Cegos trabalhadores	São José do Rio Preto	São Paulo	Não	Não
Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC)	São Paulo	São Paulo	Não	Não
Associação de Deficientes Visuais e Amigos (ADEVA)	São Paulo	São Paulo	Não	Sim
Associação dos Portadores de Retinose do Brasil	São Paulo	São Paulo	Não	Não
Associação Promotora de Instrução e Trabalho para Cegos	São Paulo	São Paulo	Não	Não
Fundação Dorina Nowill para Cegos	São Paulo	São Paulo	Sim	Sim
Instituto de Cegos "Padre Chico"	São Paulo	São Paulo	Sim	Sim
Instituição para Deficientes Visuais Padre Donizeti	São Paulo	São Paulo	Não	Não
LARAMARA - Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual	São Paulo	São Paulo	Não	Não
Liga Paulista de Orientação e Assistência Aos Cegos	São Paulo	São Paulo	Sim	Não
Sociedade Assistencial Para Cegos Nossa Senhora da Guia	São Paulo	São Paulo	Sim	Não
Associação de Cegos de Sertãozinho	Sertãozinho	São Paulo	Não	Não

Associação Sorocabana de Atividades para Deficientes Visuais (ASAC)	Sorocaba	São Paulo	Sim	Não
Associação dos Deficientes Visuais de Sergipe (ADEVISE)	Aracaju	Sergipe	Sim	Não

*Rondônia e Tocantins não encontradas

APÊNDICE B
ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIABERTAS

Roteiro para Entrevistas

Entrevista – Rubens Rena (Presidente)

- 1 – Há quanto tempo está à frente da presidência da entidade?
- 2 – Quais foram as principais iniciativas da sua gestão?
- 3 – Por que se dedica voluntariamente a esta entidade? O que te faz acreditar no trabalho desenvolvido por ela?
- 4 – Qual a missão da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos?
- 5 - Quais são os impactos da Associação em âmbito regional?
- 6 – Quais são as principais dificuldades que ela enfrenta atualmente?

Entrevista – Eliete Margutti (Coordenadora)

- 1 – Qual seu papel na entidade?
- 2 - Há quanto tempo você está na coordenação da associação?
- 3 - Qual a missão da entidade? Fale um pouco sobre a sua funcionalidade.
- 4 - Quais são as atividades oferecidas pela entidade?
- 5 - Como se dá o atendimento social, psicológico e pedagógico dentro da associação?
- 6 - Quem são os assistidos da associação, de onde vêm?
- 7 - Como você vê o papel da entidade na vida de cada assistido?
- 8 - Se não tivesse a Associação, esse público ficaria sem atendimento?
- 9 - Como a associação se mantém? Por quais partes é sustentada? Quanto arrecada? Como arrecada? Quanto gasta? As ações para arrecadar verbas?
- 10 - Quantos funcionários fazem parte do organograma da entidade?
- 11 - Qual o papel do voluntariado na associação? Quantos voluntários possui atualmente?
- 12 - Qual é a ligação da entidade com a prefeitura? Qual o apoio que o município dá a ela?
- 13 - Como você vê a entidade hoje?
- 14 - Quais os principais desafios que a entidade enfrenta atualmente?
- 15 - Quais são os projetos para o futuro?

Entrevista – Monitores

- 1- Qual o seu papel na entidade? Há quanto tempo está aqui?
- 2- Como foi a sua preparação para trabalhar com esse público?
- 3- Como é o trabalho realizado na entidade, de acordo com as faixas etárias?
- 4- Qual tipo de atividade você aplica aos assistidos?
- 5- Como você avalia o retorno dos assistidos que participam dessas atividades?
- 6- Como você vê a entidade hoje?
- 7- Desenvolver este trabalho com esse público mudou seus conceitos sobre determinados assuntos? Por quê?
- 8- Existe alguma diferença em executar atividades com deficientes visuais ou cegas com pessoas videntes? Se sim, quais?
- 9- Qual a maior dificuldade que os assistidos encontram em suas aulas? Como você lida com isso?
- 10 - Quais os resultados do trabalho da associação na vida dessas pessoas?
- 11 - O que você espera com seu trabalho?

Entrevista – Assistidos

- 1- Há quanto tempo frequenta a Associação? O que mudou desde então?
- 2- Quantas vezes vêm até a Associação por semana e quantas horas por dia passa nela?
- 3- Qual atividade você mais gosta de fazer? Por quê?
- 4 - Como é a relação dos monitores e funcionários com você? E com os demais assistidos?
- 5- Qual a sua opinião sobre a Associação?
- 6- O que, na sua opinião, poderia melhorar ou falta na entidade? Por quê?
- 7 - Além da associação, que outro tipo de atendimento recebe, se é que isso acontece?

Entrevista – Marile Boscoli (Viúva do fundador do atual prédio)

- 1- Quando surgiu a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente? Quem foi o fundador? E como surgiu a ideia?
- 2- Qual era o objetivo inicial quando a Associação foi fundada?
- 3- De onde vieram os primeiros recursos para investir na entidade?
- 4- Quantas pessoas eram atendidas quando iniciou a Associação? E como eram esses atendimentos?
- 5- Quais eram as atividades desenvolvidas? Havia monitores? Quantos? E voluntários?

APÊNDICE C
ENTREVISTAS TRANSCRITAS

ELIETE MARGUTTI
COORDENADORA
DATA: 13/08/2015
MEIO: VERBAL

Entrevista com a coordenadora da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, Eliete Margutti, concedida no dia 13 de agosto de 2015, a todos os membros do grupo.

Qual o seu papel aqui dentro da entidade?

Eu sou coordenadora desde 2012/2013. Na realidade eu entrei como professora, substituindo no ano de 2012 e no ano de 2013 eu fiquei na posição de professora e na coordenação, mas sem assumir o cargo. Depois teve a transição da escola para a parte social - que foi o encerramento da escola em 2014 - aí eu entrei como coordenadora. Então a parte da coordenação envolve um todo. Temos a diretora acima, mas a coordenação envolve um papel de professores e no andamento da instituição junto com o administrativo.

Então você gerencia a entidade?

Exatamente! Nós tivemos que dividir um pouco. Nesta nova fase que a entidade está eu gerencio a questão da nutricionista, dos professores, os técnicos que são a assistente social e a psicóloga (que são as técnicas mais ligadas à mim). Então sou eu e essas duas técnicas que fazemos o papel de assumir a associação. A parte administrativa, como o próprio nome já diz, cuida da administração, como a parte e admissão dos funcionários. Tudo acaba respondendo à mim e a Ana, que faz parte do administrativo, e eu respondo à diretoria. Então todas as minhas decisões eu reporto à diretoria e ao presidente, que atualmente é o Rubens. Então, tendo o aval dessas pessoas eu dou o andamento para o que precisa ser feito.

Eliete, só pra entender, quando você fala dessa nova fase, seria da educação para o social?

Isso! Deixa eu explicar como foi essa transição. Nós funcionávamos como escola. A Associação era mantenedora da escola especial. Aqui funcionava a educação infantil e o EJA (Educação de Jovens e Adultos), que é do primeiro ao quarto ano. Quando chegou em 2013, a Secretária de Educação do Estado começou a mandar alguns avisos para a gente, dizendo o que entra na Educação de Jovens e Adultos. O EJA envolve pessoas de 15 à 30 anos, então quem está nessa faixa etária está apto para ingressar no EJA. Acontece que o nosso público começou a ser acima de 30 anos. Automaticamente, quem estava inscrito no EJA, já tinha passado por todas as séries e por isso não tinha como ser matriculado de novo. Isso porque a gente registra o R.A. do aluno, igual qualquer escola mesmo, aparecia no sistema que esse aluno já tinha concluído. Então as pessoas que a gente tinha na escola já haviam concluído e os mais novos, de 15/16 anos, já haviam feito até o quarto ano. Então faltava fazer do quinto ano em diante ou já estavam no colegial e não tinha como a gente colocar no EJA. Dessa maneira, o sistema começou a barrar a inscrição desses alunos. A Secretária de Educação não entende que esses alunos iriam aprender braille, soroban, informática etc. e não vê essas atividades como parte da educação, pois o EJA é somente a educação básica. Com isso, não tivemos mais público. Nós já tínhamos a noção de que isso iria acontecer ao longo do tempo, mas esperávamos que fosse acontecer agora, em 2015. Então já começamos a nos preocupar com o

que tínhamos que fazer depois disso para manter a Associação. Porém, quando foi em 2013 veio o “baque”. Foi nesse ano que acabou tudo. Então não tínhamos público para abrir salas, pois o EJA permite no mínimo 15 alunos por sala e não tínhamos o necessário. Na área da educação infantil, as nossas crianças já estavam sendo inseridas na rede regular de ensino (que é o nosso papel, de inserir na rede regular e acompanhar o andamento dessa criança) e a gente também não se encaixava mais nesse perfil, pois a criança é até os cinco anos de idade e na época tínhamos apenas duas crianças para serem inseridas e, por isso, não tinha como abrir uma sala para atender somente essas duas crianças. Com isso nós tivemos a ruptura. Findou-se a escola, não tinha público e o convênio que nós tínhamos, que era o que mais mantinha a Associação, que na época era de mais ou menos 80 mil reais e mantinha os professores, acabou de uma hora para a outra.

Esse dinheiro vinha do estado?

Sim, vinha da Secretaria da Educação. Com isso tivemos cortes de funcionários, tivemos que mandar muita gente embora, porque não tínhamos recursos para pagar esses professores. O atendimento continuou o mesmo, não paramos o atendimento de ninguém, só que tivemos que dispensar na época dois profissionais (era para ser três, mas a diretoria lutou muito para que pudéssemos manter esse terceiro profissional). Então começamos correr atrás de parcerias e veio o Grupo Segurança, que estava precisando de profissionais para cumprir a cota de deficientes na empresa deles e nós precisando de auxílio. Então, o RH do Grupo Segurança contratou o professor Luiz (que é cego) e cedeu ele para nós. Então o Luiz não é funcionário da Associação, ele pertence ao Grupo Segurança e presta serviços para nós. Foi assim que conseguimos ficar com mais um funcionário que é o básico do básico. Então vários funcionários que ainda estavam com a gente começaram a executar mais de uma função, foi o que aconteceu comigo que ainda estou com mais de uma função aqui dentro.

Antes disso você já era professora?

Eu já havia assumido a coordenação entre aspas. Quando a coordenadora daqui também saiu um ano antes eu comecei a auxiliar a diretora, mas de uma forma não-oficial. Na época o papel do diretor ainda existia. Quando findou-se a escola, o papel do diretor foi extinto porque entramos na área da Secretaria de Assistência Social. Então em julho passado (2014) ela saiu e eu já estava como coordenadora. No novo programa da Assistência Social tem os três técnicos que são o coordenador, o psicólogo e o assistente social. Os professores deixaram de ser chamados de professores e passaram a ser chamados de monitores. Mudou-se as nomenclaturas porque não existe a função de professores nesta área da Assistência Social. Essa foi também uma transição muito difícil, essa questão da mudança da nomenclatura de professores para monitores, pois os alunos também deixaram de ser alunos para se tornarem assistidos ou usuários de serviços. Às vezes a gente ainda peca dizendo que são alunos, mas temos que usar os termos adequados. Com isso a verba caiu lá em baixo. Então lutamos muito para que a Associação continuasse com os mesmos atendimentos, mas com uma verba bem menor do que recebíamos até então. Outra solução que tivemos foi em relação a nossa fisioterapeuta, que é paga pela AMUPP (Associação Mulher Unimed de Presidente Prudente). Depois que ela veio para cá nós levamos dois projetos para a diretoria da AMUPP, um de informática e outro de artesanato, para ver se seria possível bancar alguns professores, pois não tinha como mantermos certos profissionais. Como o nosso

público é mais idoso, ela acabou abraçando o projeto de artesanato. Então a professora de artesanato (que na época de transição a gente perdeu) hoje é paga pela AMUPP. Então já deu uma aliviada, mas ainda é muito difícil porque precisamos de mais profissionais porque o público aumenta, nossos assistidos acabam sendo mais velhos e estamos recebendo cada vez mais idosos.

Quantos funcionários são pagos pela associação?

São pagos 12 funcionários. Ao total somos em 15, dois da AMUPP e um do Grupo Segurança. Nessa transição, a Karina, que era professora de crianças, passa a exercer duas funções e dar aula de informática também. Isso porque diminuiu o número de crianças e como ela já tinha feito um curso de informática, ela passou a desempenhar os dois papéis aqui dentro.

Além desses três funcionários cedidos vocês tem monitores voluntários?

Sim. Temos a Dulce que é professora de dança, o seu Alvinho que dá aulas de música e o Marcos que dá aula de massagem. São os três serviços voluntários que temos aqui na associação. Temos também o Bruno que era assistido e vem uma vez por semana no período da tarde (ele tem baixa visão) dar aula de informática, já que não tem ninguém que dê essa aula no período da tarde. Nós tentamos mais alguns voluntários, mas é muito difícil porque requer comprometimento de horários e nem sempre é possível que as pessoas tenham essa disponibilidade de tempo. Esporadicamente algumas pessoas vem como voluntárias auxiliar na cozinha, digitar notas fiscais, mas não é algo regular. Tem também algumas pessoas que vem às vezes que estão cumprindo pena socioeducativas, mas é diferente. Essas pessoas fazem por obrigação e não por amor à causa. Então esses voluntários que fazem seus trabalhos com mais regularidade já fazem parte do quadro de atividades da associação, eu já conto com eles. Se eles pararem de vir já é um espaço que fica vago, vira uma lacuna muito grande aqui dentro.

Então eles são compromissados com essa questão de frequência, de sempre virem e cumprirem horários?

Sim, eles são bem compromissados.

Tem algum documento ou algum lugar que fale sobre a missão da entidade?

Tem sim, mas aí eu irei passar para vocês depois porque eu preciso dar uma procurada nos arquivos.

E quanto a quantidade de alunos que a Associação atende?

Olha, sempre varia porque às vezes os assistidos se ausentam ou param de vir por um período e depois acabam retornando. Mas é sempre na faixa dos 100/110 usuários.

Eles podem começar a frequentar a Associação em qualquer período?

Funciona da seguinte maneira: se um assistido chega na Associação hoje, faremos a triagem e, a partir disso, teremos um prazo de dois meses para que ele seja inserido aqui na entidade. A gente teve que colocar um prazo porque, muitas vezes, as pessoas vinham fazer a triagem e já queriam começar a frequentar a Associação logo em seguida, de forma imediata. Então a gente não tinha um tempo hábil para saber as necessidades de cada usuário, pra saber em que atividades ele deveria fazer e como seria a atenção que deveríamos destinar a eles. Então, num primeiro

momento, essa pessoa passa pela assistente social, depois pelo atendimento psicológico e, por último, por mim. Com base na avaliação da assistente social e da psicóloga eu monto o cronograma de atividades dela.

Você sabe quais são as cidades que a Associação acolhe?

Sei, são as seguintes cidades: Presidente Prudente, Regente Feijó, Teodoro Sampaio, Santo Anastácio, Pirapozinho, Presidente Bernardes, Álvares Machado, Alfredo Marcondes, Ouro Verde, Martinópolis, Caiuá, Marabá Paulista e Rancharia, Ao total, 13 cidades.

Não tem nenhuma outra cidade na região que desenvolve um trabalho igual ao da Associação?

Nós somos a referência em atendimento aos cegos no Oeste Paulista. Em Presidente Venceslau eles estão planejando criar uma Associação que atenderia o mesmo público, mas até então está só na fase de planejamento.

Pra você, qual a contribuição que a entidade acarreta no âmbito regional, já que é a única que desenvolve esse tipo de trabalho com cegos e pessoas de baixa visão?

A importância é muito grande. A entidade acaba recebendo esse público, muitas vezes, já bem debilitado. Nós achamos que fazemos o “mínimo” por essas pessoas, mas este “mínimo” acaba sendo de extrema importância para essas pessoas que não tem mais a quem recorrer. Então a associação é muito importante para vida dessas pessoas, para a autoestima, valores... Por isso a gente luta muito para que ela cresça ainda mais. A Associação é referência, não somente no âmbito social, mas também referência para os próprios assistidos. É um ponto de encontro, um porto seguro. Aqui eles falam, se comunicam, encontram amigos. Aqui eles tem voz.

Como você vê a entidade hoje? É uma instituição que cresceu e se superou?

Apesar das dificuldades dos últimos tempos, a entidade está cada vez melhor em questão de atendimentos, funcionários, assistidos. O vínculo entre todos aqui é muito grande. A entidade cresceu, luta por isso, buscando ajuda e recursos para continuar progredindo.

Quais os desafios que ela enfrenta hoje e quais os projetos para o futuro?

O desafio acaba sendo sempre a busca por recursos para que a Associação fique cada vez melhor e por parcerias para que a gente tenha novas atividades. O desafio é sempre a busca por novos projetos, novos parceiros para a divulgação da entidade na mídia. Tem muita gente ainda dentro de casa com deficiência visual que não conhece a Associação. Então sempre que existe uma divulgação novas pessoas acabam vindo procurar a associação.

Aproveitando o gancho, o que você espera do vídeo institucional?

Produzir um vídeo institucional para a Associação já era um sonho. Então quando vocês vieram procurar a entidade para realizar esse projeto ficamos muito contentes. Então este material pode ser usado quando a gente fizer visitas em busca de parcerias e recursos. Então este vídeo por si só já vai contar a história da Associação, vai mostrar o que a gente realiza. Além disso, podemos usar este vídeo para cativar os assistidos, as famílias desses assistidos, empresários e a população

em geral. Acho importante a entidade ter um documento tão completo como este. Então essa parceria com vocês veio no momento certo, na hora certa.

Quando vocês vão fazer essas visitas para empresários, o que vocês apresentavam para expor a associação?

Era um documento power point com alguns dados e a apresentação oral da entidade mesmo.

Vocês já acolheram alguém para morar aqui?

Há alguns anos tinha sim. Tivemos um ou dois alunos que moraram aqui, na casa que a gente usa nas aulas de AVD, mas eu preciso colher mais dados para dar essa informação precisa para vocês.

Você sabe como é feita a escolha dos representantes da diretoria?

Por meio de eleição a cada dois anos. Monta-se as chapas e se faz a eleição.

A escolha da coordenadoria é feita junto com essa eleição?

Não, meu cargo não tem prazo.

CAMILA FERNANDES GÓES
ASSISTENTE SOCIAL
DATA: 13/08/2015
MEIO: VERBAL

Camila tem 29 anos, é formada em Serviço Social, e a atual assistente social da entidade, cargo que ocupa há aproximadamente um ano e sete meses. A entrevista foi concedida a Evandro Batista no dia 13 de agosto de 2015.

Qual a sua função na entidade?

Eu sou assistente social, formada em Serviço Social desde 2009, e trabalho na entidade há um ano e sete meses.

Como você a conheceu?

Através de amigos eu soube que a entidade precisava. A vaga estava em aberto, eu trouxe um currículo e eles me chamaram.

Como é o seu trabalho na entidade?

Todos os usuários passam, primeiro, pelo serviço social, antes de serem encaminhados para qualquer atividade. Nesse primeiro contato eu faço uma triagem, que é onde eu conheço os motivos da procura pela entidade, para saber como é a família, para conhecer a realidade desse usuário e qual é a necessidade que ele realmente têm. Nesse primeiro contato, a gente pede alguns documentos para eles, faz essa avaliação e passa para uma avaliação psicológica depois.

A gente sempre pede um laudo médico, especificando a doença para sabermos como lidar com este usuário aqui dentro. Às vezes, a pessoa tem uma situação de renda mais difícil, então, neste caso, eu consigo a consulta oftalmológica. Eu tenho alguns convênios com alguns oftalmologistas e eles fazem as consultas sociais. Quando a pessoa tem plano de saúde, a gente pede para passar pelo próprio médico.

Esse laudo então, que você comentou, é para saber como está a visão?

É. Como está a visão o momento. Porque as vezes o usuário chega e diz que tem baixa visão, mas não sabe explicar quanto. Precisamos deste laudo para saber realmente para qual atividade vamos direcionar.

Então, por exemplo, o assistido chegou na entidade, não conhece, falou com a coordenadora Eliete, ela te encaminha, você faz a triagem. E depois?

Isso, depois nós fazemos uma avaliação com a psicóloga. Mas não há nenhum parâmetro que o impeça de fazer as atividades. Não é nenhuma avaliação que vai decidir ou não se ele vai participar. É mais para conhecimento familiar mesmo, e para conhecermos a realidade dele.

O assistido pode escolher as atividades que quer participar, mas sempre há a orientação de vocês então?

Sempre. De acordo com a vontade dele. E tem a necessidade também. As vezes chega um usuário para nós que tem múltipla deficiência. Além da visual, tem a mental. Dependendo então da sua gravidade ele não poderá desenvolver um soroban, aprender um braille, então nós o direcionamos para atividades de acordo com o que ele vai conseguir desenvolver.

A família também passa por avaliação?

Sempre pedimos para vir alguém da família junto. Nós tentamos colocar a família como a parte principal do nosso tratamento porque ela é realmente a parte principal deles. Eu tenho muito esse contato com a família, tudo o que acontece eu ligo na casa, ligo para a família, para saber, para explicar. Porque a gente tem que colocar eles a par de tudo.

Como você vê o retorno deles em todo esse processo inicial?

Ansiedade a mil. Eles querem começar logo, no mesmo dia se deixar. Nós temos hoje em atendimento mais de 100 alunos, em Prudente e região. Só que a nossa maior demanda de professor é no período da manhã. Orientação e mobilidade é de manhã, artesanato é de manhã, a educação física é de manhã, a fisioterapia é de manhã, porque esses profissionais trabalham em outros lugares no período da tarde. Então, imagina, a gente não consegue atender os 100 todos os dias. A gente tem que dividir certinho cada aluno e, as vezes, esse processo demora. Passa por mim, faz a triagem, faz a avaliação psicológica, a ficha dele vai para a mesa da Eliete para ela fazer os horários de acordo com as atividades que ele escolheu. Só que as vezes ele quer uma orientação e mobilidade, mas a Loiane já está cheia, então ele tem que esperar ela liberar um aluno para colocar um outro, e esse processo eles não entendem as vezes.

Na verdade nosso público maior é o idoso. Nós sabemos que a maioria não vai conseguir mais aprender o braille, o soroban, e as vezes, eles não tem nem esse interesse. Eles querem é sair de casa. Eles querem ter um lugar pra vir onde tem mais pessoas que tenham o mesmo problema que eles para poder conversar e se divertir. O artesanato então é lotado. A informática que eles vão para ouvir um livro, por exemplo. A atividade física porque a maioria não tem ninguém que faça com eles. Eles vem pra Associação mesmo em busca de um refúgio.

Qual é a maior dificuldade sua e da entidade para atender a este público?

Relacionado ao serviço social, a maior dificuldade é trazer a família. Sempre tentamos fazer grupos com as famílias, para falar da deficiências, das necessidades deles. Mas é igual criança bagunceira na creche: só vai o pai que não precisam. Para o serviço social é isso: trazer a família para a entidade para fazer esse serviço de conscientização e de como lidar com o deficiente dentro de casa. E da entidade, a maior dificuldade é financeira mesmo. Estamos captando recursos para conseguirmos continuar o nosso trabalho.

Para atender os 100 assistidos todos os dias, o que é preciso?

Só com ampliação, principalmente, de funcionários.

De tarde, os horários são muito diferentes?

Nosso público de manhã, se atendemos 50, de tarde são 10. É um número reduzido, até por conta de não termos alguns profissionais de tarde e a maioria demanda a necessidade dos profissionais que estão de manhã.

Muitos cegos, talvez, não venham por não conseguirem chegar até aqui. Você sente que há apoio das famílias e das prefeituras em trazê-los para a entidade?

Os de fora vem com o transporte do município, que pega na casa, deixa aqui, pega aqui e deixa em casa. Quanto aos de Prudente, nós temos um transporte que nós

não temos direito. Ele é cedido pela Prefeitura, mas a política da assistência não fornece transporte. Eles poderiam ter cortado. Não é igual a política de educação que vai ter para o deficiente o transporte que vai buscar e levar em casa. Nós temos o transporte que é cedido pela educação. A maioria não tem familiares que possam trazê-los, que possam acompanhar e vem mesmo por causa do transporte. Nós tentamos muito fazer essa orientação com eles, de colocar a mobilidade em prática, a independência, de estar indo e vindo sozinhos com o ônibus. Porque esse transporte pode para a qualquer momento e se esse transporte parar, 50% do nosso público não vem mais porque eles são totalmente dependentes do transporte e a família não é presente para trazer, não vai dispor de tempo para trazer até a entidade e buscar depois.

E por que você acredita que a prefeitura manteve esse transporte?

É o nosso apelo. Nossa diretoria foi atrás da prefeitura para conversar e pedir mesmo. Porque nós não temos condição hoje de, tanto ter o carro, que seria uma van, como o motorista, da entidade. Porque se nós temos a van, nós temos que ter um motorista só para isso. E o motorista quando se relaciona a deficiente ele tem que ter acompanhante. Então nós teríamos que ter dois funcionários a mais, um motorista e um acompanhante para abrir e fechar a porta, e a van, e o combustível, então é um gasto que a entidade não tem condições. A gente fica sempre naquela pressão, porque a cada seis meses o contrato é renovado, dos perueiros com a prefeitura. Até o final do ano, pelo menos, está garantido.

Na faculdade, ou até fora dela, você teve algum tipo de formação específica para trabalhar com deficientes visuais ou foi tudo na prática?

Não, a faculdade coloca bem o teórico de como é o trabalho. Mas eu nunca tinha trabalhado com deficientes e quando chega aqui a gente assusta e assusta mais ainda de ver o que eles são capazes, principalmente relacionado ao visual. Eu ainda brinco com o professor Luiz até hoje: “Não é possível Luiz, você enxerga”. A gente vê as capacidades dele e não acredita, fica surpreso, essa é a palavra. Mudaram totalmente meus conceitos. Nós temos alunos que moram sozinho, lavam, passam, cozinham, limpam a casa, fazem tudo.

E a maioria deles aprende na Associação?

Isso, aprende aqui, com as aulas de AVD. Alguns até tem as famílias que orientam. Nós temos, por exemplo, a Sara, ela era de Curitiba? Veio para Prudente com a Igreja dela. De início, ela morava na casa de um dos irmãos, que ela chama assim, só que ela sentiu a necessidade de ser um pouco mais independente e ela começou a frequentar a entidade. E aqui, nós ensinamos ela a lavar roupa, organizar uma casa, nas aulas de AVD. Ela tinha um carro de uma herança, vendeu e foi morar sozinha. E tem um ano e meio, mais ou menos, que ela já mora sozinha e faz tudo sozinha. E é apartamento com escada, ela mora no terceiro andar, e sobe e desce correndo e a gente entra em pânico.

Se fosse para medir os resultados da Associação na vida dessas pessoas, qual é a importância deste trabalho, na sua opinião?

A entidade aumenta a autoconfiança deles, dá mais liberdade, independência. Os que tem familiar presente ficam com um pouco de receio. Que nem a dona Elizabeth, o filho dela fala que depois que ela entrou na entidade ela ficou mal

educada. Porque ela quer fazer as coisas que antes a família não deixava porque tinha medo.

Por isso é importante o trabalho com as famílias?

Isso, deixar eles fazerem. Alguma coisa sozinho vão ter que fazer, e tem alguns que já conseguem fazer tudo.

Uma pergunta mais pessoal: O que você espera com o seu trabalho?

Eu acho que é conseguir realmente modificar a vida dessas pessoas, levar alguma coisa de bom para eles, e essa modificação mesmo, da realidade em que eles vivem, ajudar eles a ver a vida de um jeito diferente, mostrar para eles que eles podem.

Quais são as principais diferenças, na sua área, de trabalhar com pessoas deficientes visuais?

Eu acho que, principalmente, para mim, seria a satisfação pessoal de poder ajudar uma pessoas que acham que não têm condições, que chega sem perspectivas de vida, sem esperança de melhorar, que vê a vida de uma forma diferente. É a satisfação pessoal mesmo de trabalhar com o deficiente visual e poder ajudar.

Como você vê a entidade hoje, aos seus 77 anos?

Muitas mudanças e ainda temos muita coisa para conquistar. Mas eu acho que o trabalho da Associação é muito importante para a sociedade, para mostrar para as pessoas a importância e capacidade do deficiente visual. É muito importante que a sociedade conheça este trabalho.

Você acha que ela tem um grande impacto, não só para Presidente Prudente, como para a região?

É a única de Prudente e região que faz este trabalho. Acho que só não tem um impacto maior porque ela não é muito conhecida, como vocês mesmo puderam pesquisar.

Muitas pessoas aqui da vizinhança acham que é um hospital, porque os assistidos de outras cidades, muitos, chegam de ambulância, porque eles já vem trazer o pessoal que já vem fazer exames e já trazem aqui, então é ambulância parando aqui na frente o dia inteiro. Eles não tem o conhecimento. E já está aqui há 15 anos neste prédio. Temos que ser referência porque não tem outra. Tem uma em Presidente Venceslau, mas que já estão tentando montar há muito tempo, mas só atende adulto. Nós temos até duas crianças de lá que vem pra cá porque o atendimento lá é só para adultos. Mas também não tem o nosso padrão ainda, seria mais um grupo, uma coisa mais social, de acolhimento.

Os grupos psicossociais, que constam no cronograma de atividades da entidade, são contigo?

Sim, são comigo e com a psicóloga, Bertiane.

E como funcionam os grupos?

É uma roda de conversa. Sempre foi misto, mas neste ano preferimos separar homens e mulheres para tratar de assuntos mais específicos. E tem sido legal. Na terça, tentamos centralizar na terça os homens diabéticos, então a gente discute bastante sobre a doença também. O da quinta-feira à tarde é um grupo que a gente

decidiu deixar para reunir os que tem algum certo tipo de deficiência além da visual. Que teria um mental leve, não temos nenhum mental grave, só temos mental leve. Então deixamos para centralizar neste grupo de quinta-feira à tarde.

Qual o melhor horário para filmarmos, na sua opinião?

Na terça-feira, tem tanto homens quanto mulheres.

CLEIDE MARIA DE CASTRO MAGALHÃES
MONITORA DE BRAILLE
DATA: 13/08/2015
MEIO: VERBAL

Há 13 anos na Associação, Cleide atua como monitora das aulas de braille. A entrevista foi concedida à Thaís Ferreira no dia 13 de agosto de 2015.

Qual é o seu papel na entidade em relação aos assistidos? E a quanto tempo está aqui?

Eu trabalho com o braille e faz 13 anos que eu estou aqui na entidade. Eu vejo assim, como pra eles se tornarem independentes. Pra eles lerem, aprenderem a escrever, porque quando eles vem pra cá, quando perde a visão, você tem que começar desde que como se fosse o pré, desde o inicial mesmo, porque é completamente diferente a leitura e tudo, então eles acabam aprendendo. Tem alunos que terminou o ensino fundamental, tem pessoas que perdem a visão quando adultos, acidente, diabetes alta, então tem uma série de fatores que acontece isso daí. Eu sempre perguntei assim pra eles “Por que você não se cuidou?” e eles respondem “Porque eu sempre achei que ia acontecer na casa do vizinho e não comigo”. Então são fatores assim, e você acaba dando espaço pra eles, porque aqui eles aprendem tudo que você ensina. Eles veem também como uma forma deles estarem saindo de dentro de casa, porque as vezes a família deixa eles de lado. Se você pergunta pra eles “A sua família leva você pra comer um lanche?”, eles respondem “Não, ela pede e traz na minha casa”. Tem uns que falam assim pra mim “Eu vou desistir do braille, não vou aprender”, e eu vou tentando, falo assim “Não, você vai ficar fazendo o que na sua casa, vai ficar vendo o tempo passar, pelo menos aqui você sai e conversa” e eles falam assim no final que graças a Deus que eu não deixei eles saírem, desistirem. Se eu fosse escrever tudo que acontece aqui, já tinha dado um livro.

Como é o seu trabalho realizado aqui de acordo com as faixas etárias?

É assim, não são em patamares iguais, cada um é cada um. Se eu tenho oito alunos aqui dentro das salas, você pode ter certeza que as lições não são iguais, cada um tem o seu tempo. Tem gente que aprende o braille com três meses, eu tenho um aluno que aprendeu o braille, a ler e escrever com dez anos. Então é uma diferença, é aluno por aluno.

Quais as faixas etárias que atende na aula de braille?

O mais velho tem 81 anos e o mais novo, acho que deve ter uns quarenta e poucos anos, mais ou menos.

Que tipo de atividade você aplica para os assistidos dentro do braille? E como é desenvolvida?

No começo eu começo com o pré-braille, depois eu vou alfabetizando com a reglete, tem o pingue pongue de braille, tem a máquina de braille. Eu joga o alfabeto, porque se você for só trabalhar pela sequência, ele decora, por isso que eu não trabalho igual com os oito alunos. Porque eu trabalho por exemplo com você e tem mais a Maria e o Francisco, se eu der a lição pra vocês iguais, quando eu chegar no terceiro ele não vai ler pra mim mais, porque ele já sabe decor, então por isso que

você tem que ter um jogo de cintura pra não serem iguais. Então por isso que você tem que misturar o alfabeto, você vai e trabalha um pouco até ele aprender.

Como você avalia o retorno dos assistidos diante das atividades dadas?

Eu avalio no dia a dia. Por exemplo, no pingue pongue, o pergunto da letra A, B, C, depois eu vou voltando, então eu já avalio na hora, não é avaliação depois, é no ato.

Como você vê a entidade hoje?

Quando ela começou, ela começou com uma estrutura, porque quando aqui começou com o Faradei, que ele fundou isso aqui, ele queria que fosse uma escola, então pra começar como uma escola teve que ter toda uma documentação. Quando consegui juntar toda essa documentação e levou na diretoria de ensino, que saiu que isso aqui ia ser uma escola, ele faleceu. Ele só ficou sabendo que tinha conseguido como escola, mas ele não viu funcionar como escola. Então aqui, no começo, não era precário, tinha suas coisas pra trabalhar, mas depois quando foi escola, as coisas deram uma alavanca maior, porque aí veio verba do Estado, foi indo, foi atrás das coisas, daí teve bastante outros tipos de recursos, mas na época que começou, e como ela está agora, ela melhorou muito, não tem nem comparação, muito mesmo, ela cresceu bastante, tanto em alunos, como os funcionários, como um todo. Na minha opinião, eu avalio que ela deu uma alavanca muito grande.

Desde quando você acredita que ela começou a crescer?

Ela começou a crescer mesmo, porque a procura já veio desde o começo, então ela foi só crescendo, crescendo, mas eu acho que ela começou a crescer quando virou escola, mas depois ela não pôde continuar como escola, porque a gente não tem alunos com trinta anos ou menos, então agora ela não é escola mais, é assistencialismo, mas ela está ótima como assistencialismo também. Ela precisa de muitas coisas pra crescer mais, precisa ser aumentada, precisa de quadra.

Desenvolver este trabalho com o público cego mudou seus conceitos? Qual sua visão sobre isso?

Quando eu comecei a trabalhar aqui, a sociedade não aceitava, você não via eles na rua, eles eram enclausurados, a família tinha vergonha e ainda existem algumas família que tem vergonha. Agora, depois que começou, você vê eles circulando, você vê eles na faculdade, você vê eles no centro, você vê eles dentro de uma igreja, você vê numa festa, eles vão ao banco. Então, na minha opinião, melhorou muito, porque eles eram segregados.

Eu trabalho, não é pelo meu salário, eu trabalho realmente porque eu gosto. Pra mim eu falo que se eu tivesse um filho deficiente, eu seria essa mãe muito protetora em cima, então com esse trabalho você vê que não, você vê que tem que criar eles para o mundo e não tirar os obstáculos, você tem que preparar eles para a vida. Porque tem muitos casos, por exemplo quando você vai num restaurante, o garçom não pergunta para o deficiente o que ele quer, ele pergunta pra você, e porque você tem que falar? Ele fala, pergunta pra ele. Tem lojas já que ajuda, se ele vai no sacolão sozinho, eles ajudam.

Qual a diferença em trabalhar com o público cego e as pessoas que possuem visão?

A diferença é que eles tem uma ânsia de aprender muito grande, eles querem aprender muito rápido e não é assim, tem que ter controle mais calma. Mas eles são melhores pra lidar, entre uma pessoa que enxerga e uma que não enxerga, eles são mais fáceis de lidar, a disciplina deles é melhor. A indisciplina aqui tem as vezes, mas é só conversar e eles voltam. Essa disciplina que briga, que grita, aqui não tem isso não. Pra mim, eu prefiro trabalhar com eles do que com as pessoas que enxergam.

Quais as maiores dificuldades que os assistidos encontram nas aulas de braille? Como você lida com isso e ajuda eles?

Quando eles perdem a visão e eles vem pra cá, eles vem muito pra baixo, eles vem muito desanimados, eles acham que a vida perdeu o sentido. Então você tem que conversar bastante antes, falar que a vida não é assim. Eu sempre falo pra eles que é fácil eu falar, porque eu não estou no lugar deles, mas eu sei que é muito difícil, então a gente tem que conversar bastante, tem que ir mostrando a realidade. Você não pode tapar o sol com a peneira, se tem aluno que está, por exemplo, com uma camisa virada do avesso, você tem que falar, você tem que ser franca, não adianta você enganar. Então você tem que ir conversando com eles, é mais a parte psicológica. Eles passam pela psicóloga, mas as vezes eles conversam muito entre eles aqui e os próprios alunos vão ajudando eles pra não desanimar, que a vida é assim, que a vida continua.

A leitura é o que eles tem mais dificuldade, porque são pontos. E quando eles estão no comecinho pra aprender alfabeto, eles tem dificuldade e desanimam muito, mas você tem que estar sempre incentivando.

Quais os resultados do trabalho que a Associação desenvolve na vida desses assistidos? O que eles falam pra você?

A Associação pra eles é tudo. Quando o feriado é longo, eles reclamam muito. Quando a gente entra de férias então, tem alguns que entram em pânico, eles não gostam de ficar em casa de jeito nenhum, eles falam assim que se eles pudessem vir todos os dias, eles viriam, porque tem uns que é de fora, então quando chega o feriadão eles falam assim “Ai meu Deus, o que eu vou ficar fazendo na minha casa”. Então aqui é o ponto de apoio que eu acho pra tudo, é uma forma deles estarem estudando, deles estarem saindo, de vez em quando leva eles pra algum lugar, ou vai para um parque aquático, ou tem algumas diversões, ou aqui próprio mesmo, tem “Dia das mães” e algumas coisas, então eles interagem super bem.

O que você espera com o seu trabalho?

Eu espero que eles se tornem pessoas independentes, que eles consigam caminhar, que eles aprendam a escrever, a ler. E eu falo pra eles que eles tem aprender a assinar o nome deles, então eu ensino eles a escreverem o nome deles a tinta. Eu quero que eles tenham um futuro pra frente, que eles não parem, que eles caminhem e procurem as coisas pra eles conseguirem desenvolver.

Pra você, qual é a contribuição da entidade no âmbito regional?

Eu acho que ela tinha que ser mais divulgada pra ela poder atender muito mais, porque ela atende várias cidades. Ela tem que crescer mais para as pessoas saberem que ela existe, porque tem muitas pessoas que não sabem que existe. Então falta divulgação pra gente poder atender mais pessoas.

Qual a sua expectativa em relação ao vídeo que será desenvolvido aqui na entidade?

Minha expectativa é que dê certo, que seja divulgado e que a Associação comece a aparecer.

KARINA CORTEZ DE OLIVEIRA TAVARES
MONITORA DE INFORMÁTICA
DATA: 13/08/2015
MEIO: VERBAL

Entrevista com o monitora de informática da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, Karina Cortez de Oliveira Tavares concedida no dia 13 de agosto de 2015 à Caroline Ghirotto.

Qual o seu papel na entidade? Há quanto tempo está aqui?

Faz dez anos que estou na entidade, como monitora de informática e também faço acompanhamento com crianças, que a gente chama de estimulação precoce.

Como é o trabalho realizado na entidade, de acordo com as faixas etárias?

Sim. Igual, lá na informática eu atendo muito a adultos. Então assim, também vou com as crianças, para que elas vão se familiarizando, vão conhecendo o teclado, mas elas tem um caráter de brincadeira no computador. Os adultos tem um caráter mais informativo, de aprendizagem mesmo, do recurso.

Como você avalia o retorno dos assistidos que participam dessas atividades?

Com os adultos [desenvolvimento] principalmente, por que eu recebo muitos adultos que na verdade ficaram cegos e nunca tiveram contato com computador e eles chegam aqui, aqui que eles vão ter esse contato então assim, ai eles acabam aprendendo a baixar música, a fazer pesquisa no YouTube, a fazer pesquisa no Google, então o retorno é ver eles praticando né. Eu não tenho hoje nenhum aluno que faz informática pro mercado de trabalho. A maioria são pessoas já de idade, são aposentadas, que perderam a visão então assim, posso colocar como uma terapia, um passatempo.

Como você vê a entidade hoje?

A entidade cresceu em número de funcionários, ela também aumentou o número de alunos, eu acho que a organização melhorou, mas assim, eu sinto dificuldade financeira. Eu acho que nós crescemos, a estrutura aumentou, mas infelizmente a questão financeira não cresceu tanto, mas também o país tá em crise né?! Então assim, como a gente vive de filantropia, não tem aquela coisa comercial, ai também entra a questão de divulgação que eu acredito que é muito precária. A entidade ela tem mais de setenta anos, é muito tempo e eu acho que pro tanto que cresceu foi pouco. Melhorou, melhorou mas assim, digo pela idade que tem e pelo tempo né.

Desenvolver este trabalho com esse público mudou seus conceitos sobre determinados assuntos? Por quê?

Sim, eu acho que cada aluno tem uma história e a gente tem contato direto, nós temos a psicóloga né mas todos os monitores eles acabam fazendo um pouquinho do papel da psicologia. Então assim, você percebe, eu acho que você dá importância a coisas pequenas. Igual, o que que é ligar um computador, apertar no botão? Na hora que você coloca um aluno na sala que ele nunca viu, que ele acha assim que é um absurdo, ele liga o computador e você vê a felicidade dele, isso é muito importante, então assim você passa a dar valor, você passa a respeitar, a gente passa a dar importância a detalhes que antes eram despercebidos. Até mesmo pro nosso trabalho, você fala nossa olha o que eu fiz com ele, ou na hora

que ele chega no final do ano e fala 'nossa Karina muito obrigado por que você fez isso, por que você fez aquilo'. O retorno é muito bom, o pouco que você faz, faz muito bem pra gente.

Existe alguma diferença em executar atividades com deficientes visuais ou cegas com pessoas videntes? Se sim, quais?

Eu acho que o cego é mais atencioso por que ele precisa dessa atenção, ele precisa ter atenção pra fazer as coisas, então eu acho que como monitora, como orientadora, é mais fácil para orientar por que ele te dá mais atenção por que se não ele não vai te atender. Eles prestam mais atenção, normalmente as aulas são mais silenciosas, por que quem está enxergando está vendo e está falando, agora o cego não, ele precisa de realmente parar ele precisa te da ouvido por que ele precisa receber aquilo, ele precisa processar, ele precisa saber qual é o seu comando pra que ele realize a atividade. Então o principal é isso, atenção. Você tem uma atenção maior.

Qual a maior dificuldade que os assistidos encontram em suas aulas? Como você lida com isso?

Com os adultos na informática, seria a memorização do teclado, que eles memorizem o teclado. Então eu preciso que eles pratiquem no teclado, e quando eu vejo que eles tem dificuldade, eu procuro ver a área de interesse, se ele gosta de música. Então assim a gente faz o teste do teclado, dou uma noção e a partir daí eu falo 'ó vamos pesquisar música!' que ai ele tem que digitar, ele precisa de alguns comandos do teclado, vai ficar uma coisa prazerosa e ele vai estar fazendo o que eu quero. Se é uma pesquisa, igual tem um aqui que adora moedas, então eu falo 'vamos lá no YouTube, vamos fazer uma pesquisa das suas moedas', que ai ele vai digitando e vai trazendo o que ele quer. Com as crianças a gente trabalha com ação, porque a brincadeira é muito importante pra criança, na fase de criança por que brincando você ensina o cego por que quando ele vem, muitas das vezes eles não sabem nem brincar, os meninos eu tenho que ensinar a brincar de carrinho, as meninas eu tenho que ensinar a brincar de boneca, por que quando a gente enxerga, de pequenininho a gente vê a mãe e o pai, ou vê outra criança brincando nós vamos aprendendo, vê na televisão, e quando ele é cego ele não faz nada disso, então eles chegam pra que eu possa ensinar, um que vai brincar, qual a funcionalidade daquele brinquedo. O difícil com a criança é que a criança cega, ela tem muito medo, ela tem medo de pôr o pé no chão, ela tem medo de pegar uma textura diferente. Então o que eu faço muito até ai é a repetição, com criança a gente tem que repetir muito, eu ofereço ai hoje ela não quer ai tem que voltar naquela textura que ela foi lá na semana passada aí eu apresento de novo. A criança cega, por conta da audição, as vezes ela tem medo do barulho, ai a gente vai no barulho que ela conhece até chegar no que eu quero que ela escute.

Quais os resultados do trabalho da Associação na vida dessas pessoas?

Eu acho que a auto estima. Eu acho que a gente consegue levantar muito por que na maioria das vezes quando se perde a visão e até pra mãe quando chega aqui, que está grávida e tem lá uma criança que é cega, você conseguir dizer pra ela assim 'ó o seu filho só é cego', ele vai conseguir fazer uma faculdade, ele vai conseguir trabalhar, ele só é cego. Ou pra um adulto quando chega aqui que na maioria das vezes, quando fica cego ele não levante nem mais do sofá, ai a gente fala 'ó ele consegue usar o computador, ele consegue pegar um copo de água na

geladeira, ele consegue se servir sozinho', por que eles perdem totalmente a noção. A família coloca numa cadeira e ele não levanta mais, e as pessoas simplesmente acham que tem que levar tudo na mão e na verdade não. Ele pode se organizar, ele pode ir ao banco sozinho. Então assim, a importância do nosso trabalho é isso, dar ele essa auto confiança, pra que ele possa realmente realizar tarefas simples, de forma independente.

O que você espera com seu trabalho?

Poder fazer com que eles possam realizar nem eu seja tarefas simples, que eles consigam retomar esse valor, retomar essa coisa 'não, eu sou uma pessoa, eu consigo fazer, eu consigo ir. Tenho hoje as minhas limitações mas eu dou conta de fazer. A mãe quando chega aqui com a criança, poder mostrar pra ela que por mais eu tenha dificuldade, por mais que seja triste, engravidar passar todo aquele processo de estar grávida de repente vem lá uma criança que é cega, mostrar pra ela que ele só é cego, eu de uma certa forma, com algumas adaptações ele pode ser uma criança normal. Isso eu falo do cego sem nem um problema mental. Por que hoje, a cegueira ela está muito associada as doenças intelectuais que tem, ai o que acontece, o processo é mais lento ainda. Você coloca a cegueira junto com o mental, ai é um outro processo de aprendizagem, um outro processo de trabalho.

Como foi a sua preparação para trabalhar com esse público?

Eu sou pedagoga, eu sou especialista na deficiência visual. E tenho vários outros cursos de 40, de 180 que a gente vai fazendo. Os cursos que eu tenho me dão total autonomia pra trabalhar com braille, com soroban, com a informática, assim em todas as áreas.

LOIANE MARIA ZENGO
MONITORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE
DATA: 13/08/2015
MEIO: VERBAL

Entrevista com a monitora de educação física e orientação e mobilidade da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, Loiane Maria Zengo, 24, formada em Educação Física pela Unesp de Presidente Prudente, concedida no dia 13 de agosto de 2015 ao Wesley Colati.

Quanto tempo você trabalha na Associação?

Há seis meses

Qual o seu papel na entidade?

Meu papel na entidade é de educadora física. Eu atendo adultos e crianças. Mas dentro da educação física eu não trabalho somente o fortalecimento muscular, mas também com uma atividade chamada de perceptomotora, que é por meio de atividades, brincadeiras. Trabalha tanto a percepção sensorial quanto a estimulação motora deles. Também desenvolvo o trabalho de orientação e mobilidade, que é só para adultos.

O trabalho que você realiza é de acordo com as faixas etárias?

Tudo depende da condução deles. Como aqui é uma entidade que atende Presidente Prudente e região, tem alguns assistidos que vêm em certos dias e faltam em outros. Então eu me adequo aos dias deles. Basicamente todos passam por mim e alguns eu dou alta quando eles já estão andando bem ou não necessitam mais deste auxílio. Eu faço essas atividades no ambiente interno da Associação e nos ambientes externos também, como na rua e percurso de caminhos apropriados para eles. Como muitos assistidos já são de idade avançada, eles também tem outras dificuldades além da cegueira e baixa visão, como por exemplo osteoporose. Então eu posso dar um atestado de aptidão ou inaptidão para essas pessoas. O atendimento que eu faço, então, depende de quando eles vem até a entidade, como eles chegam (o estado deles) e das atividades eles querem fazer, pois eles também tem essa opção de escolha.

Então a Associação te passa o histórico de cada assistido antes de você começar a executar as atividades com eles?

Isso. Eu avalio o estado de cada usuário, vejo quais são os principais problemas deles e me adequo a cada um para fazer uma atividade específica para cada um. No histórico deles tem o laudo médico, então cada caso é uma orientação distinta.

Para trabalhar com esse público, teve alguma preparação anterior?

Para trabalhar aqui, em específico, eu não tive, porque eu já tinha experiência com deficiência visual desde o meu segundo ano de faculdade, eu já desenvolvia atividades com este público desde 2012. Comecei trabalhando com crianças, depois adolescentes e hoje em dia com adultos. Eu tinha uma bolsa na faculdade então a Unesp fez uma parceria com a Associação dos Cegos e eu comecei a realizar intervenções aqui, por meio da extensão. Depois disso eu me efetivei aqui na entidade em março de 2015.

Que tipo de atividades exatamente você realiza com os assistidos?

São alongamentos, exercícios de flexibilidade, a questão do equilíbrio que é prejudicado pela perda da visão, trabalho a coordenação motora, realizo atividade de fortalecimento muscular, atividades recreativas e perceptomotoras, atividades de interação e localização, entre outras.

E as atividades em grupo, como funcionam?

Eu tenho dois dias na semana com atividades em grupo, onde não há distinção entre pessoas cegas ou de baixa visão. Nestas ocasiões existem pessoas com deficiências intelectual, com amputações, ou seja, deficiência física, entre outras adversidades.

E como você coordenada essas atividades?

Na realidade eu tento avaliar as dificuldades de cada um. Então, apesar de serem atividades coletivas, eu vou auxiliando individualmente todos os assistidos, dando orientações especiais. Nas minhas aulas eu não determino o que cada um deve fazer, eu oriento para que cada um faça aquilo que consegue naquele momento e, posteriormente, vou trabalhando o aperfeiçoamento desses exercícios. Então não é porque, por exemplo, que eu peço para que eles levistem os braços para o alto que todos os assistidos terão que fazer igual. Cada um faz apenas aquilo que consegue naquele momento. Então dentro do mesmo grupo, do mesmo horário, eu vou adaptando as mesmas atividades para o padrão de cada um. Eles gostam bastante dessas atividades, porque cada um tem um histórico. Uns foram mais ativos na juventude, outros mais sedentários. Alguns por serem mais idosos tem a mobilidade bem reduzida, então todos sabem que uns podem mais – fisiologicamente falando- e outros podem menos.

E nessas atividades em grupo as faixas etárias também são variadas?

É misto. Eu só não trabalho com crianças junto com adultos, porque o público infantil precisa de uma atenção mais diferenciada. Até porque a maioria das crianças que a gente atende aqui a não é apenas cega ou com baixa visão, então é necessário um direcionamento bem especializado para cada uma. Mas nas atividades em grupos é bem variado. Eu tenho jovens de vinte anos até pessoas mais idosas de 50, 60 e 70 anos fazendo as mesmas atividades. Só as crianças que são separadas mesmo.

E como você avalia o retorno dos assistidos nessa sua área?

No começo quando eu entrei eles não tinham esse tipo de atividade que eu ofereço hoje. Eles tinham uma educação física diferente e eu propus umas atividades novas. Uns gostaram e outros não gostaram. Mas com o passar do tempo eles viram que o trabalho era sério e que além da gente fazer atividades a gente brinca, a aceitação passou a ser bem grande por parte de todos.

Você vê uma melhora então do início das atividades até os períodos atuais?

Sim. Não apenas uma melhora física, mas na questão de bem-estar, de motivação e bem estima. Eles comentam que estão fazendo os exercícios em casa, que estão sendo importantes pra eles. Apenas uma ressalva porque a gente está focando só nas atividades físicas: as atividades de Orientação e Mobilidade são totalmente individuais.

Hoje em dia como você vê a entidade num geral?

Eu não posso te dizer dos funcionários anteriores porque eu não cheguei a conhecê-los, mas a equipe atual é bem unida, com o mesmo pensamento. A gente quer sempre inovar. Tem alunos que estão bem antes da entrada desses novos monitores, então é como eu tinha dito anteriormente. Tem gente que se adequa as mudanças, tem alguns que não. Mas o trabalho da entidade é muito bom, muito bom mesmo. Isso porque aqui você aprende a ler, escrever, como andar, se orientar, cozinhar. No artesanato mesmo eles aprendem um ofício que pode ser usado como trabalho remunerado, pois os materiais que eles criam a partir de objetos recicláveis podem ser comercializados. Inclusive muitos deles já confeccionam certos materiais em casa, de acordo com o que aprenderam aqui, e vendem essas peças. Aqui eles aprendem a mexer no computador, uma tecnologia hoje tão importante na vida das pessoas.

Desde que você começou a realizar atividades com este público em especial, mudou algo na sua vida?

Sim, com certeza. É que quando a gente começa a trabalhar com este público o primeiro pensamento é de pena. Mas com o passar do tempo você vê que não é nada disso, que na realidade eles apenas perderam a visão, mas são muito ativos. Claro que a gente vê que em muitos casos as pessoas entram em um período depressivo por causa da perda de visão, o que é natural, mas hoje eu não vejo eles como “coitados”. Eu não diferencio mais eles em relação à pessoas videntes, tanto que hoje eu tenho que readequar a maneira de falar com quem enxerga e não o contrário, pra quando eu falar com quem não enxerga não ser diferente. Então eu tento passar isso pra frente, que não há diferenças. Hoje eu tento ver mais as potencialidades dos assistidos do que as dificuldades.

E tem alguma diferença em trabalhar com o público cego e de baixa visão com pessoas videntes?

A diferença não seria na metodologia de ensino, mas sim na questão de tempo. A pessoa que enxerga consegue fazer as atividades um pouco mais rápido porque não é necessário explicar certos exercícios, pode apenas demonstrar e essa demonstração é muito rápida por conta da visão. Quando a pessoa não enxerga a demonstração ocorre também, mas por meio de toque, posicionamento, orientação verbal. É um pouco mais demorado. Mas a maneira que eu trabalho aqui eu trabalharia com qualquer outro público. Se dependesse só da visão não teria diferença nenhuma. O que muda é que muitas pessoas aqui tem outras dificuldades além da cegueira.

Qual a principal dificuldade que você encontra por parte dos assistidos nas suas aulas?

Quando a gente perde a visão a gente perde várias outras coisas porque a visão é muito imediata e a gente perde esse imediatismo da interação. Então, por exemplo, muita dificuldade em se equilibrar, em se orientar espacialmente, muita dificuldade em coordenar membros inferiores com membros superiores ou em coordenar audição com voz ou outros sentidos. São dificuldades que a própria deficiência visual acarreta. Fora isso tem as dificuldades eles acarretam por outras deficiência ou patologias. Tudo varia de caso para caso. No caso apenas da perda de visão, às vezes essas dificuldades são vencidas após um primeiro momento da cegueira. Mas se essas pessoas não são estimuladas elas terão poucas experiências.

Então você acredita que os assistidos estão ficando mais independentes?

Sim, com certeza. Mas não apenas por causa das minhas aulas, mas por causa das atividades em geral que são desenvolvidas aqui na entidade. Uma atividade vai complementando à outra. A junção de todos os atendimentos faz com que eles sejam mais independentes. A gente não visa só a independência, mas a qualidade de vida no geral, melhorando, inclusive a autoestima de cada um.

E o que você espera que seu trabalho acarrete na vida dessas pessoas?

Quero mostrar para os assistidos que eles podem mais, que a educação física pode ajudar nesse restabelecimento na sociedade e na prevenção de outras doenças, principalmente no caso dos idosos. Por isso eu sempre peço que eles bebam bastante água, que tenham uma alimentação equilibrada. Tudo para que, através das atividades físicas, eles tenham uma melhor qualidade de vida.

LUIZ CARLOS SOUSA DA SILVA
MONITOR DE BRAILLE E SOROBAN
DATA: 13/08/2015
MEIO: VERBAL

Entrevista com o monitor de braille e soroban da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, Luiz Carlos Sousa da Silva, 49, formado em Pedagogia com especialização em Educação Especial e bacharel em Matemática, concedida no dia 13 de agosto de 2015 aos membros Caroline Ghirotto e Wesley Colati.

Qual o seu papel aqui dentro da entidade?

Eu faço o trabalho de preparação de leitura, ou seja, o braille, com todo o material didático de percepção por meio do tato, da sensibilidade das mãos na leitura. E trabalho também com a matemática, através do soroban, que é um instrumento para se fazer cálculos. Eu sou o único monitor cego, então os alunos sentem mais familiaridade comigo porque compartilho da mesma experiência deles. Eu perdi a visão dos dois olhos mas não desanimei. Cursei Pedagogia, depois me especializei em Educação Especial e me formei em 2013 no Bacharel de Matemática também.

Há quanto tempo você está trabalhando na Associação?

Eu comecei como voluntário em 2002 e segui até 2010. Todo esse período trabalhando como voluntário, até porque eu era aposentado por invalidez então não tinha como eu trabalhar aqui. Aí, em paralelo, com o apoio da Associação, eu terminei os meus estudos e pude me formar no nível superior. Eu costumo dizer que a Associação foi minha mãe, porque tudo que sou hoje é graças a ela. Eu conclui meu ensino fundamental e médio graças aqui, com a Associação sempre me dando o material necessário para eu continuar. O material é caro e eu não tinha condições de ter na época e depois eu consegui me virar sozinho.

E o professor morava em Presidente Venceslau?

Eu morava lá, mas faz um mês que mudei para cá, moro sozinho agora aqui em Presidente Prudente. Até então eu ia e voltava da minha cidade todos os dias para vir até a associação.

E tem diferença a maneira de trabalhar para cada faixa etária?

Atualmente eu só dou aula para os adultos, pois as crianças já estão na rede regular de ensino. Então eu trabalho com adolescentes e adultos e com pessoas que querem se capacitar nessas áreas de soroban e braille. Aqueles que tem curiosidade em aprender eu também ensino essas técnicas.

Como você avalia o retorno dos assistidos nas suas aulas?

Depende de como o assistido chega até aqui. Às vezes ele já tem um conhecimento prévio de matemática, então fica mais fácil de trabalhar as atividades. Outros já tem maiores dificuldades, então exige mais tempo e esforço por parte de cada um. Tem alguns quem tem baixa visão e outros que são totalmente cegos, também já são casos diferentes na hora de trabalhar. Tem algumas pessoas que nunca foram à escola, então temos que começar ensinando tudo desde o começo e demora um pouco mais. Aqueles que já estudou antes é mais fácil de trabalhar. Eu procuro sempre deixar cada um bem à vontade para não cobrar demais dos usuários. Eu

vou brincando com a deficiência também. Como sou cego igual a eles, tenho essa liberdade pra deixar as aulas mais leves e não deixar ninguém ofendido. Então eu crio atividades para eles normalmente, afinal na matemática tanto faz se a pessoa enxerga ou não, as atividades são as mesmas. Eu tenho que ficar o tempo todo acompanhando para ver se eles entenderam o conteúdo, fico voltando explicação até que eles entendam a matéria.

Você já está na entidade a um certo tempo. Você acredita que a entidade mudou muito?

Mudou, principalmente na parte da estrutura física. No começo não tinha sorobans ou computadores para todo mundo, era preciso ficar revezando. Hoje não, hoje cada um consegue ter seu próprio instrumento no momento das atividades. Não havia assistente social nem psicólogo também e hoje já tem. Os números de assistidos também cresceu muito em comparação ao que era antigamente. A região toda vem para cá, então a Associação atende muita gente. É claro que ainda é preciso melhorar muito, mas existe um grande avanço do que a entidade era para o que ela se tornou.

E desde que começou aplicar essas atividades para os assistidos, você notou alguma melhora nos alunos em relação as suas aulas?

Sim, claro. Até porque se o aluno está ali é porque ele quer aprender mesmo, é porque ele tem interesse. Não tem sol, chuva, frio ou calor. Eles vem até a Associação porque realmente querem aprender. É claro que tem alguns alunos que procuram a associação mais por questão de interagirem com as pessoas e não ficarem sozinhas em casa, mas mesmo essas pessoas fazem as atividades e se empenham nelas. A criança você até tem como “forçar” ela a absorver certos conteúdos, mas o adulto não. Se ele não quer aprender ele não aprende. Então se eles participam das aulas é porque estão interessados. Cada um tem seu tempo para aprender, mas, na maneira deles, eu vejo que todos estão interessados em aprender.

E tem um período determinado que as pessoas ficam nas suas aulas ou depende de cada um?

Nas reuniões com os outros monitores a gente discute a situação de cada assistido. Então depende da necessidade de cada um e da vontade deles. A gente sempre leva em consideração o desejo de cada um e a necessidade de cada assistido para se desenvolver. Cada um é um caso específico, então alguns ficam mais e outros ficam mais tempo nas minhas aulas. É o caso da Daniela, uma aluna que passou por aqui, cursou Psicologia e hoje trabalha em São José do Rio Preto. Ela ficou apenas o período necessário para seguir em frente. Então temos bastante alunos no mercado de trabalho que passaram primeiro por aqui para depois conseguir continuar os estudos ou conquistar uma vaga de emprego. Depende muito do interesse da cada aluno, alguns não tem muitas ambições e se acomodam. Outros querem sempre evoluir e acabam se destacando.

O que você espera com o trabalho que realiza aqui na Associação?

Eu vivi até os meus vinte anos de idade enxergando com a visão perfeita e depois perdi a visão. Eu quero mostrar para os assistidos que a vida não perde o sentido quando se perde a visão. Claro que temos uma limitação, uma dificuldade, mas isso não é motivo para desanimar e não seguir em frente. Quero mostrar que eles são

capazes de vencer, depende apenas da vontade de cada um. É possível viver sem ficar dependendo das pessoas pra tudo. Eu consigo muito bem me virar sozinho. É claro que existe muita dificuldades pela frente, mas isso não é motivo pra desanimar.

RUBENS RENA RODRIGUES**PRESIDENTE****DATA: 14/08/2015****MEIO: VERBAL**

Entrevista com o atual presidente da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente, Rubens Rena Rodrigues, concedida no dia 14 de agosto de 2015, à Caroline Ghirotto, na sede da entidade.

Há quanto tempo está à frente da presidência da entidade?

Já vai para o segundo mandato. Cada mandato tem dois anos, já foram dois e no momento eu estou no meio do segundo, estou há três anos aqui, então no ano que vem encerra, é o último ano.

Quais foram as principais iniciativas da sua gestão?

Nós estamos voltados para a realidade, e logicamente que essa parte de orientação dos assistidos fica por conta dos funcionários. Nós temos uma assistente social, psicóloga, coordenadora, secretaria. Nós da diretoria somos compostos por treze amigos, voluntários, somos sócios da entidade, contribuintes mensalmente, até por que só assim você pode ser presidente, tem que ter no mínimo dois anos de contribuições mensais para se candidatar. E nós somos uma turma de amigos que estamos fazendo esse trabalho na entidade aqui já faz quase dez anos. Eu me candidatei a reeleição esse ano em virtude de eu estar fazendo uma obra que já está concluída que é a parte do novo refeitório, que eu comecei no meu mandato até que eu entregasse a obra. Já terminei, por isso me candidatei a reeleição, de todos que passaram aqui, fui o único que ficou todo esse tempo né, devido a essa obra, eu queria terminar ela.

Por que se dedica voluntariamente a esta entidade? O que te faz acreditar no trabalho desenvolvido por ela?

Eu acho o seguinte, alguma coisa alguém tem que fazer. Eu já fiz parte de trabalho de igreja, da Maristela, já desenvolvi trabalhos lá, quando pude ajudar, ajudei e a gente tem essa aptidão né, vontade de poder ajudar alguém, assim como temos vários voluntários que trabalham aqui pra entidade então dão ai um dia, ou meio expediente de graça pra associação pra ensinar os assistidos, além dos funcionários fixos.

Qual a missão da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos?

A missão é podermos introduzir os nossos assistidos que são de baixa, alta ou zero de visão, de várias idades e a nossa função é poder trazer esse elemento eu ficou deficiente visual, com a idade mais avançada, toda vida dele ele enxergou, por isso temos uma assistente social, uma psicóloga, para podermos reintroduzi-lo novamente na sociedade.

Quais são os impactos da Associação em âmbito regional?

Nós atingimos a região toda, temos assistidos de Martinópolis, de Regente, Caiuá, Pirapozinho, Tarabai, Sandovalina, Bernardes, Machado. Então é referência na região, temos só nós que acolhemos esse pessoal, inclusive algumas prefeituras da nossa região também ajudam, dependendo do número de pessoas de cada cidade que vem pra cá, eles colaboram com a gente, com alguma coisa.

Quais são as principais dificuldades que ela enfrenta atualmente?

Eu acho que não bem a Associação, mas eu acho que toda entidade. Não específico aqui mas sim todas elas, por que precisam de recursos né, tudo precisa de dinheiro hoje e a Associação dos Cegos, assim como outras entidades, tínhamos um averba que era determinada pelo Ministério da Educação, o MEC, e ela foi cortada, ela foi tirada, não existe mais essa verba hoje. Nós recebíamos entorno de 85.000,00 reais por ano. Esse dinheiro custeava nossos funcionários praticamente, por eu ai nós tínhamos a escola, que chamava Faradei Boscoli e funcionava dentro da Associação dos Cegos. A escola ainda existe, só que pelo MEC ela não pode atuar mais, então nós perdemos a verba que o governo destinava, por que para o MEC hoje, a pessoa que ficou cega depois de adulta e já frequentou uma escola pública, não pode tomar aula aqui na Associação, ele tem que voltar a frequentar a escola regular. Hoje as escolas estaduais alegam que são aptas a darem aulas para cegos mas eles não tem a aparelhagem, não tem pessoas adequadas no momento.

MARILE BOSCOLI**ASSISTIDA E VIÚVA DO FARADEI BOSCOLI, FUNDADOR DO ATUAL PRÉDIO DA ENTIDADE****DATA: 14/08/2015****MEIO: VERBAL**

Entrevista com Marile Boscoli, assistida e viúva do fundador do atual prédio da entidade, professor Faradei Boscoli, concedida no dia 14 de agosto de 2015, à Caroline Ghirrotto, na sede da entidade.

Como surgiu a entidade, há mais de 70 anos atrás, a senhora sabe?

Foi fundada a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos em 1939 por um senhor que vendeu uma propriedade lá no Paraná e construiu aqui. Ele era chego. Se chamava José Rodrigues. O Lions ficou lá por uns tempos, tomou posse ajudava, tomava conta, mas a Associação lá foi diminuindo, as pessoas foram embora, muitos morreram. Então, até túmulo da Associação nós temos, para as pessoas que morrem. Duas pessoas que morreram aqui, depois que foi fundado este prédio, foram enterradas neste túmulo dos cegos.

Foi aqui na Vila Industrial. Ele vendeu uma área no Paraná que ele tinha e comprou aqui para fazer uma entidade, a Associação dos Cegos. Mas ele construiu muitas casas pequeninas para alugar. Mas depois as casas foram ficando velhas, se deteriorando, se acabando. E o meu marido tomou conta daqui. Ele não era do Lions, mas ele conversou com o pessoal do Lions e eles pediram para o Faradei fazer alguma coisa.

O Lions é que tomava conta da instituição. Só que eles não tinham uma atividades, não tinha uma escola. Isso lá na Vila Industrial. Depois ficou lá somente o Seu José Adão e o João Cordeiro. Só ficaram dois cegos. Na cidade tinha classe de recursos e na classe de recursos tinha bastante cegos, tinha mais de 30 cegos. Então, meu marido achou por bem construir uma nova entidade porque aquela lá já estava bem deteriorada.

Nós trouxemos, lá Campo Grande no Mato Grosso, livros em braile, e o José Rodrigues vendeu tudo.

Ela tem sido bem assessorada, bem cuidada pela diretoria. Só que o diretor não é muito presente não. Ele vem aqui, assina. Porque era escola, e agora transformou em instituição.

Como surgiu a ideia de o seu marido, Faradei, trazer a entidade para o atual prédio?

Eu não sou deficiente visual, eu sou cega. O deficiente visual tem uma visão parcial e eu não tenho, é total.

Ele dizia “queria deixar algo para me divertir”. Ele sempre pensava em construir uma associação para dar apoio para os cegos aqui de Presidente Prudente e região. E aconteceu isso mesmo quando ele fundou aqui. Não lembro a data certa. Eu não sei, não coloca não que eu não lembro.

Ele também conseguiu colocar uma escola especial para pessoas com deficiência visual, mas ai a escola não fundou porque os alunos que já tinham terminado a oitava, já tinham feito o colégio, já estavam fazendo faculdade. Então, eles cortaram a escola.

De onde vieram os primeiros recursos para investir na entidade?

O Faradei começou fazendo churrasco, ele fazia feijoada, fazia dobradinha. Ele inventava mil coisas para dar dinheiro. E também, a Prudenco nos emprestou os funcionários para vir ajudar aqui na obra. Desde o alicerce até o final, eles ajudaram a gente aqui, a construir. A Prudenco e a Prefeitura também até. Esse prédio aqui. Então, foi muito bom porque cada vez que os homens vinham pra cá, a gente vinha aqui, toda semana a gente vinha aqui com o Faradei. Não tinha nada, um dia eu cai dentro do buraco do alicerce. Ele disse “isso, vai andando sozinha por aí”. Foi pensando em mim, para que mais tarde tenha algum lugar pra ir, algum lugar pra mim estar em contato com o deficiente. Cada um de nós, deficientes, temos um lugar. Os diabéticos tem uma entidade de diabetes, tem os surdos também, a Apae. E nós tínhamos que construir a entidade dos cegos mesmo pra gente ter um lugar. Eu não tive uma adaptação boa com o braille não. E escrevo muito bem em braille, eu sei até ensinar, mas se eu pegar um livro em braille pra ler eu me enrosco. Fui muito bem até começar o livro dos três porquinhos. Achei difícil a leitura. Eu leio frases. Então eu parti para outras atividades. Ou AVD, ou para o artesanato, faço informática, faço atividades com a professora de educação física. Nossa psicóloga é muito boa também, tem nos ajudado bastante.

Como era o atendimento no início?

Nós tínhamos aqui a Cleide que dava braille e os outros nós conseguimos com o tempo. Isso nunca foi tudo de uma vez, foi devagar. Arrumou artesanato. Nós telefonamos lá para São Paulo, teve um sorteio de computadores e eu escrevi pra eles e pedi falando aqui da associação, falando como nós estávamos e veio dois computadores de lá. Ai começou, nós conseguimos professor. Veio uma professora voluntária lá da Unesp, e passamos por várias professoras já.

Com quantos alunos, a atual entidade (neste novo prédio) contava no início?

Começou mais ou menos com uns 30 alunos, que veio lá da casa de recursos. A professora, ela aposentou e então de lá eles vieram para cá.

E existiam voluntários?

Tinham alguns. Chegavam, ficavam um tempo, depois saíam, voltavam outros. Tinham até dois amigos meus, que trabalhavam comigo na controladoria, da Secretaria da Fazenda. Eles moraram aqui por muito tempo. E eles nos ajudaram bastante, ele e a esposa. Também eram voluntários. Tinha aqueles dois lá. Depois tinha o Português também, que hoje é nosso funcionário mesmo. Ele ajudava o Faradei, ajudou muito na construção aqui, a fazer a horta. A Associação contratou ele para trabalhar mesmo aqui, para cuidar de horta e outras atividades. Desde o começo vinham muitos alunos da Unesp. Eles faziam estágio, então eles vinham aqui. Muito legal foi a ajuda dele, bem construtiva mesmo.

Marile, você nasceu ou ficou cega?

Eu fiquei cega. Eu tive um problema de cisto, não sei se você sabe. Eu estive doente muito tempo, foi uma luta muito grande até que eu perdi a visão. Eu falo que Deus preparou o melhor para mim. Porque o surdo se isola muito ele fica desconfiado de tudo o que acontece, ele não ouve. O cego participa de tudo, brinca, ri, conversa, conta piada, histórias, como nós fazemos aqui.

EDNA MARÇAL PEREIRA
ASSISTIDA
DATA: 14/08/2015
MEIO: VERBAL

Entrevista com a assistida Edna Marçal Pereira, concedida no dia 14 de agosto de 2015 à Caroline Ghirotto, na sede da entidade.

Há quanto tempo frequenta a Associação? O que mudou desde então?

Já vai fazer uns nove anos ou mais. Ah, minha autoestima ficou melhor. Antes eu ficava só em casa sem fazer nada, hoje isso me colocou pra cima.

Quantas vezes vêm até a Associação por semana e quantas horas por dia passa nela?

Eu chego aqui umas quinze para as nove, umas 9 horas. Ai eu vou umas 16h30 embora para casa, só não venho pra cá na quarta-feira. O resto dos dias eu venho todos.

Qual atividade você mais gosta de fazer? Por quê?

Eu gosto de todas, mais a que mais gosto é o artesanato. Eu faço soroban, o braille também mas principalmente o artesanato.

Como é a relação dos monitores e funcionários com você? E com os demais assistidos?

Eles são legais comigo. O que eles tem (sabem) eles oferecem.

Qual a sua opinião sobre a Associação?

Tem coisas que eles não podem oferecer né? O que eles tem eles estão oferecendo. Eu acho que não se deve ficar muito apegado nos professores, por que pode ser que não sejam definitivos pra gente, as vezes pode mudar, então a gente não pode ficar apegado. Para mim, a associação faz bem. Me arrependo de não ter conhecido a mais tempo.

O que, na sua opinião, poderia melhorar ou falta na entidade? Por quê?

O que eu acho que poderia melhorar é o espaço. Podia ter uma quadra, pra ter um esporte. Tem exercícios, mas antigamente a gente tinha o *gol ball*, mas agora não tem mais. Uma coisa que a gente sente falta, então se tivesse seria bom, de novo.

Além da Associação, que outro tipo de atendimento recebe, se é que isso acontece?

Tem a associação que eu participo dos encontros, a Associação do Rosário, que é da Igreja. Ai eu vou quando tem encontro, alguma coisa, ai eu participo de lá. Mas assim que eu realizo atividades (é assistido) só aqui mesmo.

ANA PAULA DA SILVA
AUXILIAR ADMINISTRATIVO, FINANCEIRO E CONTÁBIL
DATA: 18/08/2015
MEIO: VERBAL

Há 15 anos na Associação, Ana Paula Silva atua como assistente administrativo e financeiro da entidade. A entrevista foi concedida aos membros Thaís Ferreira e Wesley Colati, no dia 18 de agosto de 2015.

Ana, quais os recursos que ajudam a manter a Associação?

A gente tem o convênio municipal, estadual e federal, tudo dentro da área da assistência social. Então, do municipal tem um convênio que é R\$ 802,00 por mês que nós recebemos, são 12 parcelas. E da Prefeitura também vem uma subvenção, é que convênio é uma coisa e subvenção é outra. Convênio determina muito no que você pode estar aplicando aquele dinheiro, agora a subvenção é mais manutenção e custeio da entidade. E aí da subvenção o recurso que nós vamos tá recebendo esse ano é de R\$ 40.000, que são dez parcelas de R\$ 4.000. Nunca vem um valor total pra gente tá recebendo do recurso da Prefeitura, então o convênio municipal é R\$ 802,00 por mês, que no ano dá R\$ 9.624. E aí dá Prefeitura também que nós já começamos a receber, que isso também não é uma coisa que vem todo ano, que se chama aditamento da subvenção, que nem esse ano os vereadores tem um recurso pra poder destinar para as entidades, então eles repassam esse valor pra Prefeitura, a Prefeitura soma tudo e aí eles indicam a entidade que querem que seja contemplada com esse recurso. Então, nós não sabemos quem são esses vereadores, a gente tem 13 vereadores em Prudente, pode ser que seja cinco, pode ser que seja dez que tenha escolhido a entidade pra ser contemplada com esse recurso, então nós não temos essa informação. Aí o montante que veio pra nós é de R\$ 62.000, mas isso também dividido em seis parcelas, cinco parcelas de R\$ 10.300 e uma de R\$ 10.500, isso é um recurso que não vem todo ano. Dentro de Prudente que é esfera municipal tem o GEPAC, que é do Fundo Municipal do Direito da Criança e do Adolescente, que também é área de assistência social, é daqueles impostos que a pessoa vai de deduzindo no final do ano. E esse recurso vem num depósito único anual, esse ano pra nós veio R\$ 24.000. É o único recurso que a entidade recebe em parcela única.

Aí tem o convênio estadual, nosso convênio é dentro da área de assistência social, então esse recurso do Estado é pela assistência social do Estado. Esse valor, quando falo esse valor, as pessoas até assustam, que é de R\$ 382, 80 mensalmente durante 12 meses e por ano dá R\$ 4.593,60.

Esse valor as outras entidades recebem de maneira igual?

Não, nenhuma entidade recebe de forma igual a outra. Esse valor de R\$ 382,80 só recebe por conta de seis alunos, porque de 2002 a gente teve o convênio da escola, a gente começou com o convênio de escola que terminou em dezembro de 2013. Então, esse recurso que veio do Estado é referente a seis alunos que saiu do convênio da escola em 2012, automaticamente a Diretoria de Ensino jogou pra secretaria do Estado da Assistência Social. Por isso que a gente está recebendo esse recurso, porque se a Diretoria não tivesse encaminhado, a gente não estaria recebendo esse recurso hoje.

O convênio federal é de R\$ 1.440,00 por mês, são 12 parcelas de R\$ 1.440,00. E tanto o recurso do Estado e do Federal é mais complicado o recebimento deles

porque vem tudo atrasado, estamos no meio de agosto e a gente recebeu a parcela do mês de junho do Estado e hoje me solicitaram o recibo do mês de junho do convênio federal. Então, eu estou aqui há 15 anos já e esse recurso vem há 15 anos já e sempre vem atrasado e sempre vai estar vindo atrasado porque vem de outra esfera, agora o recurso municipal, como é direto aqui, pela Prefeitura, vem certinho, todo mês. O recurso de novembro e dezembro do convênio federal nós só vamos receber em março do ano que vem. Esse recurso federal é para atendimento somente de 32 alunos. O recurso do GEPAC é específico para a criança e o adolescente.

Quantas crianças e adolescentes são atendidas na entidade?

Adolescentes não temos nenhum, agora criança a gente está com 10 ou é 12, que entrou uns alunos agora. A nossa clientela maior são adultos e idosos, tudo acima de 30 anos. Então se chegar um momento e a gente não tiver mais crianças atendidas na entidade, a gente não recebe mais o recurso do GEPAC, por que é um recurso específico só pra esse tipo de atendimento, só pra criança e adolescente. E aí a gente já está com 110 alunos, do convênio federal são 32, do convênio do Estado são seis e o restante é custeado com recurso próprio e do municipal.

Como funciona a parceria com as empresas para obtenção de recursos?

O recurso próprio da entidade vem através de doações. A gente tem mensalistas, tanto de empresas quanto de pessoas físicas, e o valor dessas mensalidades é de R\$ 5,00; R\$ 10,00; R\$ 15,00 e R\$ 20,00, tem poucos sócios que acabam doando R\$ 50,00 ou R\$ 100,00 por mês, é o mínimo, a maioria não dão. Nós temos 13 em R\$ 15,00/ R\$ 20,00. Tinha uma empresa que doava R\$ 100,00 e ligou no começo no ano pedindo pra cancelar totalmente, e aí eu conversando e insistindo, ele decidiu passar para R\$ 20,00. É melhor ter pouco do que não ter nada. Esses mensalistas são pessoas físicas, os nossos diretores, os nossos conselheiros.

Tem uma estimativa de quantas pessoas são doadoras?

São 161 de pessoas físicas e 13 empresas. E dentro dessas pessoas físicas, oito são alunos e eles mesmos vieram e se ofereceram a ser mensalistas. A nossa contribuição, o valor não somos nós quem estipulamos, são as próprias pessoas que vem até a entidade querer ajudar de alguma forma que estipulam o valor que eles querem contribuir. Tem a opção de doar mensal, ou de ser doador semestral, ou de ser anual ou de ser bimestral, isso aí fica a critério do mensalista.

Quais as formas de as pessoas pagarem essas mensalidades?

Nós temos um cobrador, sempre tivemos um cobrador que passa na residência ou na empresa no dia combinado. E aí também a pessoa se preferir pode estar depositando diretamente na conta. A partir desse ano a gente começou também a fazer boleto bancário, e aí eu emito o boleto bancário por aqui e encaminho por e-mail pra pessoa que vai no banco e paga. Então hoje nós temos 175 sócios contribuintes no geral. E aí também nós temos doações eventuais.

Qual o total mensal arrecadado a partir dessas mensalidades?

R\$ 2.500.

Quais são os eventos que a entidade promove ao longo do ano?

O recurso próprio é mantido com eventos que a entidade promove durante o ano. Pela primeira vez esse ano nós fizemos em fevereiro a Costela na Tábua. Em abril, que é o mês de aniversário da entidade, nós fizemos pelo segundo ano o baile em comemoração ao aniversário da entidade. O ano passado nós fizemos pela primeira vez pra ver como ia ser e deu tudo certo, então vai ser um evento tradicional na entidade em comemoração ao aniversário dela.

No mês de maio tem a Fest Flora lá no Shopping Americanas e já durante cinco anos a entidade participa durante sete dias da exposição de flores. Todos os funcionários e voluntários vão nesses sete dias, fica uma turma no período da manhã e tarde, a outra no período tarde e noite e o nosso trabalho lá em ajudar a embalar as plantas e flores. A entidade recebe 20% do valor total do evento. O trabalho é grande, porque a gente tem que deslocar sete dias os nossos funcionários e hoje em dia é difícil de conseguir voluntários, porque hoje as pessoas só querem trabalho remunerado. Nós somos em 12 funcionários registrados e temos três prestadores de serviço que são pagos por outra empresa que presta serviço, dois são pagos pela AMUPP e um pelo Grupo Segurança.

Qual recurso custeia a alimentação daqui?

Os recursos municipal, estadual e federal são basicamente pra manutenção e custeio da entidade, que é manutenção, alimentação, material de consumo, pagamento de funcionário, basicamente esses recursos são pra isso e o restante das outras despesas é tudo custeadas com recurso próprio.

Qual o valor total de pagamento para os funcionários?

De folha por mês é em torno de R\$ 16.000. Trabalhar em entidade a gente sabe que é complicado, então o recurso é pouco e o salário é razoável, por isso que a nossa folha não é tanto.

Qual é o principal evento que vocês organizam par arrecadar recursos?

Em junho, esse ano foi o 11º ano que nós fizemos a Festa Junina aqui na rua. E aí depois da Festa Junina, em julho ou agosto sempre em um desses dois meses nós fazemos o Joelhaço de Porco, que vai ser agora já dia 23 de agosto. A Festa Junina é o que mais arrecada. O Joelhaço arrecada bem pouco, eu quem cuido desses eventos, tudo que eu posso solicitar de doação para as empresas sempre tem algum retorno, mas também não é tanto, porque todo mundo fala “a crise, a crise”. Por exemplo, Festa Junina, que é junho e julho, são todas as entidades, igrejas fazendo festa junina, então a gente acaba custeando muita despesa.

Outras informações

“Esse prédio foi construído entre 1996 e 1997. O falecido Faradei Bosco quem foi atrás do terreno para construção. Em abril de 1999 inaugurou esse prédio.”

“Somando a diretoria e o conselho dá 43 pessoas. Tem o conselho deliberativo e o conselho fiscal que junto com o tesoureiro e o presidente assina todas as prestações de conta. Eles se reúnem a cada dois meses aqui na entidade no período da noite. Eles também são mensalistas.”

“Uma parceria que a gente tem muito grande é o Ministério Público do Trabalho. Esse Ministério Público tem muitas ações trabalhistas, então eles destinam para as entidades recursos somente para equipamentos, para manutenção e custeio das entidades não. Isso é para todas as entidades de Prudente, aqui em Prudente tem 34 entidades.”

CAMILA GÓES
ASSISTENTE SOCIAL
DATA: 26/08/2015
MEIO: VERBAL

Entrevista com a assistente social Camila Góes, concedida no dia 26 de agosto de 2015 aos membros Evandro Batista e Wesley Colati.

Camila, comenta pra gente um pouquinho de como é o seu trabalho aqui na entidade.

Bom, primeiro, o serviço social, ele é a porta de entrada da entidade. Todo deficiente visual que tem interesse em participar da associação passa primeiro por uma triagem social. Nessa triagem, a gente faz uma coleta de dados, conhece um pouco da família, pra estar conhecendo a realidade em que o deficiente visual está vivendo.

E como é esse processo? O assistido pode escolher as atividades que ele vai participar aqui dentro?

Nessa triagem, a gente expõe pra eles todas as atividades em que a gente, a gente oferece todas as atividades que tem aqui na entidade e aí de acordo com a faixa etária, e com a disponibilidade de tempo, e a vontade do usuário, ele é inserido em cada atividade.

Qual é a maior dificuldade sua e da entidade pra lidar com o público que é atendido aqui?

Eu acho que a nossa maior dificuldade hoje, assim como outras entidades também, é a situação financeira. É a captação de recursos pra estar desenvolvendo o trabalho.

Se fosse para medir os esforços da associação na vida dessas pessoas, qual é a importância deste trabalho?

Seria, assim, mostrar para o deficiente visual a capacidade que eles têm, que eles ainda tem, que eles podem fazer muito mais do que eles pensam. Dar autoconfiança, autonomia para o deficiente visual.

Na sua opinião, o que as pessoas que enxergam precisam entender sobre o deficiente visual?

Precisa entender que o deficiente visual, apesar da limitação, ele ainda é um ser humano capaz, um ser humano que é capaz de desenvolver ainda as suas atividades, de estar convivendo no meio social, em sociedade. Precisa entender, precisa compreender as potencialidades que cada indivíduo tem, mesmo com a sua limitação da deficiência, que eles ainda são capazes de desenvolver todas as suas atividades.

Na sua área, quais são as principais diferenças de se trabalhar com o deficiente visual?

É muito gratificante trabalhar com o deficiente visual. A cada dia a gente aprende mais tanto sobre o ser humano, as suas limitações e a capacidade de superação que cada um tem.

Como você vê a entidade hoje?

É de extrema importância, extrema importante, para a sociedade, principalmente para Presidente Prudente e região, por ser a única entidade que trabalha com o deficiente visual. Há 75 anos fazendo este trabalho, devolvendo pra esse deficiente a capacidade que ele tem de estar sobrevivendo na sociedade, de estar convivendo com outras pessoas, levando uma vida praticamente normal. Acho que é isso.

Só mais uma. O que você espera com o seu trabalho?

Eu espero realmente conseguir fazer a mudança na vida do deficiente, levar a esperança de novo, tanto para a família e principalmente para o deficiente.

CLEIDE MAGALHÃES
MONITORA DE BRAILE
DATA: 26/08/2015
MEIO: VERBAL

Entrevista com a monitora de braille Cleide Magalhães, concedida no dia 26 de agosto de 2015 aos membros Evandro Batista e Wesley Colati.

Cleide, qual é a diferença em trabalhar com o público cego e o público que vê?

A grande diferença começa desde as disciplinas até o aprendizagem. Porque os deficientes visuais, eles mostram mais interesses e eles têm ansiedade para aprender. Não sei se é por causa dos alunos normais, ditos normais, eles têm mais dificuldades porque a sala é numerosas e eles vão mais é pra bagunçar mesmo, e eles não tem muito interesse de aprender. Então, eu vejo essa grande diferença.

Como você vê a entidade hoje?

Como eu vejo? Assim. Ela cresceu bastante. Porque quando eu vim pra cá, ela era assim, no comecinho dela mesmo, não tinha nada praticamente aqui. Então, houve mudanças desde a estrutura dela, aqui dentro, tudo. Foi construindo a cozinha lá fora, tá sendo construída. Está sendo melhor para os assistidos mas precisa melhorar muito mais em aspecto de adaptações.

Que tipo de adaptações?

Eu falo assim, ter assim uma quadra, ter mais assim, aparelhagem mais modernos. Então, por tem muitas coisas, só que pros alunos, pros nossos alunos ou assistidos, os materiais são muito caros. Então, é por isso que dificulta muitas coisas para os assistidos.

Cleide, comenta pra gente sobre o tipo de atividade que você realiza aqui na entidade?

Desde a alfabetização braille. Desde assim, quando o aluno, vamos supor, que vai pra faculdade, precisa de um material adaptado, essas coisas, então eu ajudo também na preparação. Mas é desde a alfabetização braille e vai, continua. Porque quando eles vêm pra cá, eles vem como se fosse, é o comecinho mesmo, como se fosse o pré.

Quais as dificuldades você acredita que eles encontram em suas aulas?

É o começo, é a dificuldade deles. Porque, às vezes, quando eles vêm pra entidade, eles perdem assim a visão, em relação à doença, então é uma grande revolta. Daí você tem que ir conversando, você tem que ir dialogando com eles, pra eles irem se interagindo porque é difícil de eles aceitarem. Mas depois quando eles começam aceitar, daí eles vão aprendendo, eles vão incluindo, daí vai indo embora, vai aprendendo. Mas o braille, ele é difícil porque não aprende rapidinho.

Cleide, o que você acredita que aprendeu trabalhando com essas pessoas deficientes visuais ao longo destes anos. Aprendeu pra você, pra sua vida.

Pra mim? A vivência. Porque eu falo assim, que se eu tivesse um filho deficiente visual eu não o soltaria. Então aprendendo aqui, trabalhando aqui, que que eu percebi? Não é assim como a gente imagina, eles têm a vida própria deles, eles tem

o caminhar, o ir e o vir e eles estão preparados para a sociedade, mas a sociedade não vê eles como uma pessoa, ditos normais, vê com muita deficiência.

Você acha que o maior preconceito então está nas pessoas por não entenderem esse universo?

O preconceito maior está nas pessoas do lado de fora. Um exemplo: se você vai no restaurante com um deficiente visual, eles não perguntam pro deficiente o que ele quer, perguntam pra pessoa que tá do lado dele ou se não pergunta assim “que que foi que aconteceu?”, mas pro deficiente não pergunta. Por quê? Eles pensam que o deficiente não sabe falar. Então é essa as grande barreira. E também a própria família. Tem família que não mostra o deficiente na sociedade, deixa dentro de casa. Isso também acontece muito. Agora, ultimamente, que você vê eles mais circulando nas ruas, você vê nas repartições públicas, você vê no calçadão, você vê mais eles mais em restaurantes, em faculdades; porque antes você não via isso.

Você nota diferença no desenvolvimento dos alunos com o passar do tempo?

Eles quando eles vêm pra cá, a gente começa as iniciais, é rapidinho e eles vai aprendendo. Então a gente vai passando por outra etapa, eles vão na leitura, eles tem força de vontade de ler. Por quê? Porque o braille tá muito assim: em mercados, em receitas, em caixinhas de remédio, da Natura, então eles têm muito interesse, eles querem ler na missa, tem gente que gosta de ler na igreja, então eles vão progredindo bastante com a força deles, a força de vontade.

Acho que é a última agora. O que você espera com o seu trabalho?

Com o meu trabalho, eu espero que ele se desenvolva, né, tanto pra parte social. Que eles luta por aquilo que eles querem, que eles consegue ler as leis, que eles se interajam mais. Porque eles perguntam o que que tá acontecendo, o que não tá. Eles pedem pra ler muito assim, jornal, eu leio jornal pra eles também que eles pedem pra ler, mensagem. Às vezes eles trazem receita de médico pra mim poder ler pra eles o que está escrito e que às vezes a família não entende. Então, é uma forma de eles crescerem. É isso o que eu espero deles.

LÁZARO BENEDITO
ASSISTIDO
DATA: 26/08/2015
MEIO: VERBAL

Entrevista com o assistido Lázaro Benedito, concedida no dia 26 de agosto de 2015 aos membros Evandro Batista e Wesley Colati.

Sr Lázaro, como chegou aqui na entidade?

Eu cheguei aqui por intermédio do postinho da Vila São Pedro, posto de saúde. Eu tinha saído de uma operação, estava recuperando. A enfermeira ia o médico lá família lá em casa, aí ele foi lá e falou se eu queria vir aqui na Associação, dos cegos. Eu falei quero, falei é lá na Vila Industrial, porque eu conheci essa Associação quando era na Vila Industrial, em 1968.

E desde lá o senhor frequenta aqui?

Não. Naquele tempo, aqui eu trabalhava de saqueiro, na cidade, eu ia lá só pra levar mantimento, doação né. Ai depois eu fui embora de Prudente, fui pra Piracicaba, lá eu fiquei cego, daí voltei pra trás. Voltei pra trás, daí eles falaram “o senhor podia ir”. Falei vou. Daí vim, dia 20 de agosto de 2001 fez 14 anos que eu estou aqui já. E graças a Deus, passei por um tempo difícil, agora, esse ano aqui, o ano passado e esse ano. Passei difícil e se não fosse... Eu estava falando na hora do café ali, se não fosse o intermédio dos colegas aqui que eu me levantei. Eles iam na minha casa direto. Dia sim, dia não a diretoria estava lá, assistente social. Dava mais força pra mim levantar, porque eu tava ruim mesmo. Tava ruim, ruim, mais ruim mesmo. Eu mesmo não dava vida pra mim. E graças a Deus eu me levantei, estou contente aqui. Aqui é a segunda casa minha, e aqui é uma família pra mim. É uma família.

Qual é a importância então dessa entidade na sua vida?

Na minha vida é grande importância, grande importância. Pra mim é grande coisa. Porque olha aqui, por tudo o que eu já passei, aqui fui bem acolhido, sou bem acolhido. Não tenho desavenças com ninguém, graças a Deus. Respeito todos e todos me respeitam, as pessoas. Eu sou muito brincalhão aqui, eu brinco com um, brinco com outro, e tiro sarro de um e de outro. Uns quase não gostam né? Mas levam tudo na esportiva. Mas isso aqui pra mim é grande coisa.

Que tipo de atividade que o senhor faz aqui?

Eu aqui o braille eu não consegui fazer, não consegui fazer o braille. Na minha cabeça oca não entrou o braille. Mas eu faço mais o trabalho de artesanato de cesta né, cestinha. Cesta, caixaria, tudo comigo aqui. Até agora nós estava fazendo. Já fiz uma bandeja pra salgadinho, tá feita lá, só pro acabamento. E a música lá que eu toco lá.

E o senhor gosta bastante da aula de música?

Gosto. Eu dançava também. Tem um livro que foi lançado comigo, dançando eu e a professora. Foi para as faculdades e tudo, as faculdades tem esse livro meu.

O senhor já sabia tocar ou aprendeu por aqui?

Não, eu já tocava um pouco, mas aqui foi a aula mais, a aula mais principal foi aqui. Eu já toca um pouco. Mas aqui foi principal a aula.

Que instrumento o senhor toca mesmo?

Meia lua. Meia lua é um tipo de um pandeiro, mas só que ele não tem couro entendeu? Ele não tem couro, bate só no arco dele.

Que outras atividades o senhor gosta de fazer?

É o artesanato. Ah, e também, o primeiro postinho de saúde, tinha mais professores, eu ajudava muito na cozinha também. Ajudava muito na cozinha. Até a professora Márcia lá do... Márcia? É, dona Márcia lá da Unesp, ela vinha comigo de quarta-feira fazer aula de cozinha comigo aí. Sai na televisão, no jornal, fazendo cozinha, doces, bolos.

Estava vendo a repercussão. O senhor é bem famoso aqui na Associação né?

Oi? Como assim famoso?

Aparecendo em tudo, dando entrevista.

Não, é, de vez em quando... Agora que parei. Mas quando era pra receber uma doação de leite, eu que ia receber lá né? A doação de leite... Fiquei três dias, dois dias e meio, lá em Rosana, na mata lá, fazendo uma experiência, se eu se perdesse na mata como é que eu ia se sair de lá, entendeu, com o professor Vagner, lá da faculdade de Rosana. Tem muita coisa aí.

Se o senhor pudesse falar alguma coisa para as pessoas que o senhor conheceu por aqui, o que falaria?

Ah, eu agradeceria. Não, a minha fala é de agradecimento, pra todos esses alunos que estão aqui, diretor, diretoria, assistente social... Eu agradeço muito. Nossa, eu agradeço muito por eles recuperar minha vida, recuperar minha vida.

O que o senhor espera do futuro para esta entidade?

Que cresça bastante, que ajude mais ainda a pessoa que quiser vir aqui, que está de portas abertas né, a gente recebe com o maior prazer os alunos que vêm. E que nós tem que crescer, o nosso é crescer, não cair. Porque só se cortar, pegar uma foice, um machado, e cortar, pra não crescer. A oportunidade nossa aqui é crescer cada vez mais.

O senhor teria alguma música de agradecimento? (Lázaro é cantador, mas não entendeu a pergunta)

Agradeço a graça de Deus por eu tá aqui. A graça e a benção de Deus de eu tá aqui. E agradeço todos. Que Deus abençoe tudo e, se cada vez que eu pensasse na Associação caísse um pedacinho de mim eu diria assim "ei, cadê eu, to aqui".

A Associação é parte do senhor né?

É, a Associação é a segunda casa minha. Apesar que eu tenho família né, tenho mulher, mas é a segunda casa minha, a Associação. De vez em quando eu não venho pra cá, nossa senhora, pra mim é muito difícil.

O senhor então procurar vir sempre.

Procuro vir. Só não venho quando tenho médico né. Que nem, segunda –feira eu venho, mas tenho médico depois do almoço, 15h. Mas eu venho até a hora do almoço, vou em casa, viro a roupas dos avesso e volto, vou pro médico.

O senhor acha que, além das atividades, aqui ajudou na autoestima também?

Ajuda, ajuda. Ajudou bastante, ajudou bastante, ajudou bastante.

O senhor disse que a Associação te levantou. Como foi isso?

É, levantou porque eu estava caído, estava caído, estava caído. E, do ano passado pra cá, fevereiro do ano passado pra cá, eu caí, caí mesmo. Ficava na cama, eles iam na minha casa fazer visita pra mim, eu estava deitado. Um sol quente e eu deitado, não aguentava levantar, entendeu? Ai eles iam lá, a turma toda ia lá, aí aquela força, aquela risadaiada, aquela força, um falava uma coisa, outro falava outra. Ai quando foi um dia eu falei eu tenho que levantar dessa cama. Aí eu liguei aqui pra dona Camila, assistente social, disse assim amanhã eu tô aí. Mas você não estava ruim? Eu não, amanhã eu tô aí. Vou levantar dessa cama e eu vou ai. E no outro dia eu vim.

Que legal. Foram na casa do senhor então.

Foram, foram, na minha casa. Inclusive levaram a cadeira de rodas. Pra você vê, nem pra tomar banho não dava mais pra ficar de pé debaixo do chuveiro. Tomava banho numa cadeira de banho, cadeira de rodas de banho. Levaram uma cadeira de roda pra mim andar lá dentro de casa, entendeu? Foi isso.

E desde lá o senhor voltou a frequentar então e não parou mais?

Não, eu já frequentava. Já frequentava, só que eu vinha, ficava dois, três mês sem vim aqui. Outra vez, porque eu não aguentava andar, aí eu comecei a andar na cadeira de rodas, foram lá em casa, eu disse não, eu tenho que andar, tenho que andar, e voltei a andar.

Senhor Lázaro, o senhor teria uma música pra terminar? Bem legal, pra associação.

Só se eu cantar Milagre de Itambaú. Pode ser?

SARAH TOLEDO
ASSISTIDA
DATA: 26/08/2015
MEIO: VERBAL

Entrevista com a assistida Sarah Toledo, concedida no dia 26 de agosto de 2015 aos membros Evandro Batista e Wesley Colati.

Sarah, conta pra gente como que você chegou aqui na entidade?

Boa tarde! Bom, primeiramente eu sou a Sarah, Sarah Toledo. Eu sou migrante, não sou dessa cidade e eu sou missionária. E através da missão da obra do Senhor Jesus eu acabei conhecendo a instituição, a Associação Filantrópica para Deficiente Visual, dos cegos, e acabei vindo parar aqui. E realmente foi algo de Deus mesmo, porque mudou muito a minha vida. Eu sou muito feliz aqui.

O que você aprendeu por aqui, Sarah?

Bom, primeiramente, eu precisava ter um aprendizado na área de independência física. Como eu sou missionária e eu vivi muito tempo com os irmãos da minha igreja, na missão, eles faziam tudo pra mim. Eles faziam minha comida, lavavam minha roupa, arrumavam a minha cama, fazia tudo, tudo, tudo. Eu só tomava banho, mais nada. Ai quando eu conheci a Associação, aqui de Presidente Prudente, através de uma irmã onde eu fui levar uma palavra de Deus pra ela, ela me deu telefone e já entramos em contato, eu e a irmã da minha igreja entramos em contato, e ai vim conversar aqui com a assistente social e com a coordenadora e comecei frequentar em 2013, fevereiro de 2013, e eu comecei a aprender o que eu precisa aprender aqui.

Aqui nós temos atividades da vida diária, onde eu pude desfrutar e ainda estou aprendendo né, estou me aperfeiçoando em limpar a casa, lavar a roupa, fazer comida, cuidar da casa no geral. Temos também a informática, onde também meu grande sonho; depois que eu tinha ficado deficiente visual eu achei que nunca mais ia poder mexer num computador. Esse sonho hoje virou realidade através da Associação aqui porque também temos aulas de informática e o nosso computador ele tem um programa de voz onde você aperta os botões e ele fala com você e ai tem a possibilidade de eu novamente estar entrosando com a área da informática né. Hoje eu entro nos programas, eu gravo pendrive, eu baixo internet tudo o que preciso. Por quê? Por que avançou também esse estágio na minha vida aqui também. E também temos aulas de artesanato, também eu não sabia pegar numa agulha, né, aqui eu aprendi. Aprendi a pegar numa agulha, aprendi fazer almofada, aprendi pintura e estou aprendendo muitas outras atividades na área de artesanato. E pra mim tá sendo regozijante porque fazem dois anos que eu estou aqui e eu avancei bastante. A ponto de que eu já tenho o meu apartamento, eu moro sozinha e sou independente dentro do meu apartamento. Eu faço tudo: lavo, passo, cozinho, tudo direitinho, deixo a casa limpa, arrumada, tudo organizado. E também eu vou pra rua pagar minhas contas também. Eu vou muitas vezes de moto táxi, eu saio no bairro a pé porque nós temos aula de mobilidade né. E eu saio a pé também, vou nos mercadinhos, vou no postinho, tudo com a bengala.

Então, é uma independência. Aqui pra mim foi um avanço muito grande na minha vida e eu estou muito feliz porque aqui nós temos professores dedicados, paciosos e amorosos. É um lugar onde eu me sinto muito feliz e espero que Deus prepare para outras pessoas que são deficientes que tenham a mesma

oportunidade e chance que eu estou tendo, de ter uma qualidade de vida saudável e normal.

E os irmãos da minha igreja estão também nossa como você avançou, meu Deus como você mudou. Por quê? Porque eu frequento a Associação que faz com que eu tenha cada vez mais uma qualidade de vida independente e saudável. É o que eu tenho pra passar pra vocês.

Hoje você faz tudo sozinha, não é Sarah?

Hoje eu faço. Basicamente, olha, dentro de casa eu faço tudo sozinha. Faço minha comida, lavo minha roupa, limpo a casa né, tudo direitinho. E fora de casa também. Estou procurando cada vez ser mais independente. Por quê? Porque a gente tem que ver que nós perdemos a visão, mas não perdemos a capacidade de poder ter uma qualidade de vida né mais independente, mais, vamos dizer assim, normal.

Sarah, você tem algum talento especial?

É, eu sirvo na música na minha igreja. Eu toco teclado, meia lua e canto louvor.

Sarah, qual a importância, então, da entidade para você?

Aqui é muito importante porque mudou minha vida. Essa entidade a qual frequento, que é a Associação dos Cegos, mudou a minha vida. Eu recomendo ela para todas as pessoas que são portadoras de deficiência visual.

Por mim está ótimo. Sarah, tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

Eu só quero agradecer primeiramente ao Senhor Jesus Cristo, nosso Deus maravilhoso, que mudou a minha vida desde que eu me converti há 12 anos, na obra. Ele mudou a minha vida pra melhor. Hoje eu posso me considerar uma pessoa feliz. Sabe por quê? Porque Deus me deu tudo o que eu precisava, me deu irmãos que amam a Deus, me deu um apartamento, me deu essa Associação dos deficientes visual, os professores maravilhosos, alunos e colegas que eu tenho aqui também são maravilhosos. Eu posso dizer que eu estou muito feliz e agradeço a Deus e a todas as pessoas que Deus coloca no meu caminho.

BERTIANE RODRIGUES FRANCO

PSICÓLOGA

DATA: 27/08/2015

MEIO: VERBAL

Entrevista com a psicóloga Bertiane Rodrigues Franco, concedida no dia 27 de agosto de 2015 aos membros Evandro Batista e Wesley Colati.

Bertiane, fala pra gente um pouquinho de como é o seu trabalho na entidade, o que você faz.

Bom, meu nome é Bertiane, eu sou psicóloga, eu tenho já algum tempo de formada, eu sempre trabalhei na área da deficiência. Antes eu trabalhava na área da deficiência intelectual e faz pouco tempo que eu estou na da deficiência visual. Aqui na associação a gente começa pela a triagem, que começa com os contatos, tudo iniciais, documentação, tudo com a assistente social. Depois a gente também tem uma prévia, a gente também agenda uma avaliação psicológica com a criança ou com a família que chega com a queixa. A gente procura estar sempre avaliando a família nesse momento, neste primeiro encontro. A maioria das vezes acontece de vir uma criança, um bebê, ou um adulto, então assim, é a família que acaba trazendo todas as informações. Passa pelo médico, tem todos os laudos, a parte de encaminhamento é feita mais pelos médicos. Após essa triagem, com a assistente social, depois comigo, é feito o horário pra ele estar vindo para as atividades na associação. A gente faz toda essa avaliação do que que é possível dele estar começando a fazer, do que que é interessante pra ele. Porque muitas vezes eles acham assim “ah, eu não quero aprender o braille porque eu acho que vai ser muito difícil”. Algumas pessoas não são nem alfabetizadas, então vai se tornar muito mais difícil pra ele aprender a fazer o braille. Mas tem outras atividades que eles são capazes, principalmente o uso da bengala, que é o uso da mobilidade, que é super importante pra eles, pra eles terem a sua locomoção.

Então vocês mesclam o interesse do próprio assistido com a necessidade de cada um?

Isso. A gente acaba trazendo pra eles, mostrar pra eles que eles são capazes. O importante é assim, a vida continua não é, ouve a perda da visão, algumas crianças que já chegam com a deficiência visual assim, é mais difícil de lidar com essa questão. Porque a família, quando ela espera um bebê, todo um projeto de ela ter um bebê, acontece dela ficar decepcionada quando acontece uma questão dessa com a criança. Por quê? Porque já é uma vida sem já a visão, então ela não vai aprender por muitos processos. É difícil os processos de aprendizagem, porque uma criança dita normal, ela aprende através da imitação e uma criança com deficiência visual não. Então, a gente tem que montar alguns esquemas de aprendizagem pra ela ter uma vida normal, e trabalhar, e conseguir ir pra escola, montar todos esses trabalhos, envolver os professores, envolver as famílias, todas nessa nova dinâmica que eles vão ter que aprender.

Bertiane, você disse que trabalhou com outro tipo de deficiência. Como foi, onde foi?

Sim. Eu trabalhei na APAE. Então tinha outras deficiências, além da intelectual, tem o autismo, o down, a deficiência mesmo só de QI. Então, teve esse outro pessoal que eu trabalhei por bastante tempo fiquei lá.

A sua formação te permite trabalhar com pessoas com deficiência?

Sim, eu fiz a pós-graduação em educação especial e ela foi envolvida mais pra área da deficiência mesmo, fiquei bem na área da deficiência.

E no caso das pessoas que perdem a visão depois, já mais velhas?

Com o adulto, pra gente, a gente acha que é mais simples, para o adulto perder a visão. Por quê? Ele já teve vivências e a criança ainda não teve vivências. O adulto ele conhece cores, ele tem memórias, então com o adulto a gente acha que seria um pouco mais simples, e muitas vezes não é porque eles se sentem rejeitados diante da sociedade, rejeitados diante da família, se acham um peso pra família porque agora é dito um dependente. Mas ele não é um dependente porque muitas coisas podem ser realizadas sozinho, eles conseguem realizar muitas coisas sozinhos. Tem acessibilidade hoje, está sendo grande importância pra eles também. A nossa cidade está providenciando toda essa questão de sinalização, pra eles. Porque a gente acha que é só o piso tátil, mas não é isso, tem o sinal que a gente precisa ter a sonorização pra eles. Em alguns pontos da cidade onde tem mais um fluxo maior dos nossos assistidos, já tem essa parte, dos sinais. Então assim, eles conseguem se locomover, a parte de transporte também. Então assim, o uso da bengala pra eles é muito importante porque já diz que ele possui alguma deficiência. Agora quando você não usa a bengala, tem a dificuldade do uso da bengala, quer dizer, ninguém é obrigado a saber que existe uma deficiência. Acaba muitas vezes a família sendo a própria bengala né, e ele acaba indo junto, levando junto, dá o braço e acaba levando ele. E esse não é o nosso objetivo porque a gente quer que ele seja independente, que ele se socialize, que ele saia, que ele passeie, que a vida dele continue. É lógico que algumas vezes eles acabam se aposentando né, entram com um pedido de benefício, acaba se aposentando devido a deficiência. Mas não, existe aí o mercado de trabalho. Nós estamos encaminhando alguns jovens já para o mercado de trabalho. É feito todo um trabalho em cima dos jovens que querem trabalhar, que querem ter essa experiência de vida, de crescimento né, estão trabalhando, estão estudando. Nós temos alguns alunos que fazem faculdade e eles estão lá batalhando um espacinho pra eles também.

Então, quer dizer que além de trabalhar a parte psicológica dos assistidos...

Principal o nosso foco aqui, parece que nem é os assistidos, é a família. Quando a família traz o nosso assistido, ele está já meio pronto pra começar. Quando ele chega aqui ele está pronto pra começar. Porque todo aquele processo de negação, de não querer, de ficar só em casa, de não poder fazer mais nada. Todo esse processo, ele já passou. Com a ajuda de alguém ou de algum outro profissional, até ele chegar aqui, ele já está pronto para começar as atividades. A família ainda não está. Então, nesse momento, a gente acolhe essa família, diz tudo o que ele necessita, tudo o que ele precisa e a gente vai trabalhar junto com eles. A gente também faz a dinâmica de vedar os olhos da família, pra ela também ter essa experiência de como aconteceu e de como, por exemplo, o esposo está, ou a mulher está. Mas tem que continuar. Tem pessoas aqui que trabalham dentro de casa, que faz tudo, moram sozinhas. Então, assim, tem objetivos que eles constroem, vão passando as etapas. Precisam de algumas ajudas? Precisa. A gente vai atrás, estuda, cria mobilizações pra eles poderem né trabalhar, ter os seus afazeres dentro de casa sem precisar da ajuda de ninguém.

Posso dar um exemplo? Por exemplo, a gente tem um máquina de lavar nova, ela é toda digital. Então, lá a máquina não fala um Dosvox com eles, então o que é que a gente faz? Eles sabem o braille. Então nós vamos na casa, montamos toda a parte de braille em cima dos botões digitais e marcamos pra ele, olha aqui é lavar, aqui é enxaguar, aqui é a quantidade de água, então assim, a pessoa está pronta porque ela também já trabalhou os outros sentidos, então ela está muito ligada, a audição dela está muito ligada naquele barulho da máquina. Então a máquina está funcionando, está nessa parte, já jogou água, é isso, então é hora de jogar amaciante. Ela já sabe. A gente faz esse treino com ela na própria casa.

Tem uma outra parte. Ah, eu quero ter um computador em casa, eu quero baixar minhas músicas, então nós vamos lá, instalamos todo o programa pra eles e eles tem todo o seu acesso. Nós temos quem gosta de leitura de livros, então a gente baixa a leitura dos livros.

Então, assim, não é difícil. É lógico que não é fácil ter um deficiente dentro de casa, tudo tem que mudar, algumas rotinas tem que ser mudadas, mas depois que a rotina cai dentro da rotina mesmo eles estão lá prontos pra continuar vivendo.

Algumas deficiências, elas trazem também algumas doenças. E nisso que é o principal, que eles precisam se cuidar, que é a doença. Alguns deles perderam a visão devido a uma doença, devido a diabetes. Então, eles tem que ter um outro cuidado, porque o visual já aconteceu, mas pode acontecer outro caso pior. Então a diabetes tem a questão alimentar, tem a parte da insulina, tem que tomar, tem que ir sempre aos médicos, ter seu acompanhamento médico. E isso fica assim um pouco a desejar em relação a eles porque eles acabam assim achando “ah, eu já perdi a visão e não tem mais nada pra perder” e não é essa a questão. Então a gente se preocupa muito com isso porque há casos da diabete de amputação, porque não há uma irrigação muito boa na parte de veias/varizes, essas coisas. Então assim eles precisam deste apoio total. Ai acaba de tendo que amputar um membro. Então, assim, muito difícil já perder a visão e ter que amputar um membro.

Quais são as principais dificuldades que você enfrenta pra desenvolver seu trabalho. E da entidade?

Olha, a dificuldade que a gente tem mesmo, a gente precisa se manter, e pra isso a gente precisa de dinheiro. A dificuldade maior nossa são as questões de verba né, de recursos financeiros, mas assim, eu acho que a gente tá fazendo de tudo pra manter isso daqui, pra que as portas não se fechem, porque pra eles é importante, é um momento de sair de casa, realmente é um momento de sair de casa. Eu estou indo pra escola, que aqui já não é mais uma escola, mas eles chamam como uma escola. É importante pra eles esse momento de contato com outras pessoas né. Não é por questão da mesma deficiência que não mantém contato, mas mantém. Eles mantém contato fora daqui, entre eles, época de férias eles ligam um para o outro. Então assim, a entidade mantém toda essa parte de social, de relacionamento social, de sociedade, de passeios, tudo, cultural, para que eles se mantêm dentro da sociedade, porque eles não são considerados excluídos né.

E você nota uma melhoria na autoestima dos assistidos desde o momento que o assistido chega à entidade para um tempo em que ele já está dentro?

É, o nosso trabalho, o nosso maior foco é esse, trabalhar a autoestima, fazer com que essa autoestima se eleve, porque no momento em que eles chegam eles estão muito fragilizados. O momento também da família que é muito fragilizado. Tem pessoas que acabaram der pai, então não vou ver meu filho, não vou conhecê-lo.

Então, alguns momentos, muito difícil. Mas em pouco tempo sim a já gente uma evolução, da vinda deles, de não faltarem, de estarem sempre participando dos atendimentos, dessa troca que a gente tem dentro dos grupos. Dentro da psicologia, a gente trabalha em grupo. A gente tentou montar alguns grupos só de mulheres por questão de algumas doenças só das mulheres, de alguma coisa da saúde, de falar de beleza, até de cozinha a gente já falou nos assuntos. Então assim, para os homens também, que eles gostam muito dos grupos, é uma boa troca. Principalmente quando chega alguma pessoa mais nova, lógico a gente se sente meio acanhado talvez, mas depois não, depois ele já se solta, já começa a conversar com todos eles. Vai tomando assim, nossa isso daqui tá acontecimento exatamente comigo e com ele, já aconteceu, já passou e ele já está bem. Eles têm o exemplo de direito. Dentro do grupo a gente tenta trabalhar todas essas questões. A gente traz alguns temas pra trabalhar, principalmente de saúde, porque como a gente tem bastante diabéticos, a gente acaba trazendo bastante esse tema. Mas aí a gente passa pra outro, a gente também traz outras pessoas pra fazerem palestra, pra estarem ajudando a gente a manter eles sempre em comunicação, que eles aprendam outras coisas.

E como você vê a entidade hoje? Qual a importância dela no âmbito regional?

Olha, eu acho muito importante. É uma pena que a gente tentou montar um centro aqui, de glaucoma. Infelizmente a gente não conseguiu um médico pra assinar esse centro. Porque em Prudente e região não existe esse centro, a gente precisava muito disso. Seria assim que viria um recurso melhor e a gente estaria atendendo a região toda. Infelizmente, a gente ainda está lutando pra conseguir isso, porque a deficiência visual ela não é considerada uma doença né, é uma deficiência só, ela não entra nas categorias de doença. Então, a gente está lutando muito pra ter esse centro, a gente precisava muito, pra firmar um convênio melhor, pra poder atender melhor esses assistidos.

E como seria esse centro?

Então, aí ele precisa da parte de médicos, do atendimento em si, de toda a parte de aparelhagem, pra fazer o diagnóstico do glaucoma. Então assim, é um centro médico mesmo, que aí entraria nós com a parte técnica dos outros trabalhos voltado pra eles.

O que você acha que as pessoas que enxergam precisam entender sobre o deficiente visual?

Então, pra todo mundo é assim, um choque. Parece que a gente tem que tratar aquela pessoa como se fosse um vasilho de cristal porque ele pode quebrar, que pode se machucar, ele vai cair e vai se quebrar todo. E não é isso. A sociedade em si ela precisa entender que qualquer deficiência, ela só precisa de alguns aparatos, que é muito simples de a gente ter. É um foco de atenção um pouquinho melhor e é só isso. É uma atenção que a gente pode estar diferenciando um pouco. A sociedade em si, ela já conhece a deficiência, com os outros tipos de deficiência, está ocorrendo acessibilidade. Está, mas muito devagar. A gente está fazendo um trabalho de formiguinha, é muito devagar, devagar. Mas eles estão sempre mostrados, a gente tenta, pela associação, tenta ser mostrada lá fora que existem os deficientes visuais e que eles estão aqui também pra aprender, pra participar, pra poder ir no teatro, pra poder ir num cinema. É lógico que não existe por exemplo uma divulgação na hora que tem um cinema que eles vão conseguir porque não é

audiodescritivo. Então por exemplo: alguns lugares oferecem pra gente na hora que tem um cinema audiodescritivo e é lógico que a gente vai. Mas assim, isso também não fica no empecilho de que eles não podem sair, de eles não poderem ir no shopping. Aí não vou ver nada, não enxergo nada, pra que que venho no shopping. Não eu estou saindo de casa, eu estou passeando, eu estou saindo com a minha família, eu vim comer. E toda essa parte de socialização que eles precisam.

E a sociedade em si parece que fica com medo de tocar porque eu não quero, se eu posso machucar. Se eu não posso ajudar, então eu não vou fazer nada, vou ficar meio omissivo. Se eu vejo um cego atravessando a rua eu não posso falar nada, eu vou parar o carro, deixo ele passar. Então, assim, não é isso. A gente tem que abrir e falar “olha está aberto o sinal, não dá pra você passar. Você quer ajuda?”. Oferece a sua ajuda, a gente está presente em todos os lugares e eles também estão. É a mesma coisa que um cadeirante, na hora que ele precisa fazer uma travessia não é porque ele tá sozinho que ele não pode se locomover, ele pode. Uma criança que está sempre junto com a mãe, mas ela se perde. Criança é criança de qualquer forma, elas são iguais em todos os momentos. Se a mãe entra numa loja com ela, perde, perde, qualquer outra criança, a mesma coisa. A criança com deficiência visual ela tem assim um apelo um pouco maior com a família porque é difícil também da família soltar um pouquinho, de ir liberando, mas depois que eles aprendem que a vida tem que continuar, que a vida tem que ir pra frente, que tem que ir pra escola, e que tem que aprender as coisas, vai ser demorado? Vai, mas vai acrescentar.

Você acha que é uma vontade de todos eles que frequentam ser independentes?

É a maioria deles. Não é a maioria, acho que todos querem ser independentes. Eles gostam de sair, eles querem sair, eles querem estar junto com a família. Olha, tem um churrasco na casa de um primo, sei lá. Eu também quero ir, eu também quero participar. Ah, mas eu vou dar trabalho porque eu tenho que levar a bengala, porque eu uso da bengala, porque eu vou ficar sentado no canto e ninguém vai me dar atenção. Não, não é isso. Muitos deles tocam né, algum instrumento musical, quer dizer, ele acaba animando mais uma festa do que qualquer outro, contando piada, são pessoas comuns.

Se você fosse medir a importância do trabalho da Associação, qual é a importância deste trabalho na vida dos assistidos, das suas famílias, pra vocês e pra toda a sociedade?

Ah, eu acho que nós não estamos na metade ainda. Mas a gente vai conseguir. Mas a gente tenta mostrar pra eles, principalmente para os nosso assistidos, que a família também tem condição de ajudar, Porque muitas vezes, por exemplo, um casal, ela perdeu a visão, ela continua ainda sendo casal. É um casal. Então, o restante da família continua assistindo ela, continua dando apoio a ela, continua tudo do mesmo jeito, só perdeu a visão. Vai dar um pouco mais de trabalho né, de vivência, as coisas que podem ser um pouco mais demoradas, mas tudo acaba entrando no eixo. Tem que ter um foco, um principal momento deles de conversa, tudo isso. Então, medir, eu acho que a importância de estar aqui, a importância depois de eles conhecerem por exemplo audiodescrição das coisas, do que está acontecendo, eles também gostam de assistir jornal, de assistir a televisão ainda, e a gente fala vai assistir, ele está assistindo, ele está lá ouvindo, mas pode ter uma pessoa do lado da família descrevendo tudo o que está acontecendo. Nossa, ela está com um vestido lindo hoje, assim, de paetê, colorido. Então assim a pessoa

sabe o que que é o paetê, ela conhece o que é a cor. Então assim, essa autodescrição é muito importante para eles. E a gente tenta trabalhar isso com a família, de descrever tudo o que está acontecendo.

Há quanto tempo você trabalha com esse público?

Nove meses.

E a sua visão pessoal, mudou?

Então, assim, como eu trabalhava com a deficiência intelectual, mudou muito, porque meu foco era um, aí de repente eu comecei a trabalhar com pessoas com inteligência. Eles só tinha a deficiência visual e a inteligência estava presente. Então assim, meu público mudou muito porque o que eu tinha ou o que eu acarretava, o que eu trazia para um outro público, eu tive que mudar completamente. Então as minhas dinâmicas aqui eu tenho que preparar. Eu quero fazer uma dinâmica com eles, mas eu tenho que preparar que eles são deficiente visual. Então, eu não posso trazer uma dinâmica pra eles “ah, vocês vão ter que escrever, ah vocês isso”, porque eu não sei o braille, eles sabem. Então, pra mim, algumas coisas do braille, pra mim eu estou boiando, eu também não sei, e pra eles não. Então, algumas dinâmicas eu tenho que preparar elas de acordo com a deficiência. Então, eu vou ter que descrever melhor a minha dinâmica, explicar melhor, e eles realizam tudo, do jeito que eu quero, do jeito qual é o fim da dinâmica, o fechamento dela todo, mas eles conseguem realizar. Então, assim, pra mim, é um estudo melhor, maior do que eu tenho que fazer porque eu não estava preparada pra tudo isso. Na hora que eles chegaram pra mim, eu disse “nossa, eu não vou dar conta” porque eu não sei nada da visual, então eu tive que aprender, eu tive que batalhar, eu tive que ir atrás. Agora não, já estou mais assim, já deu alguns passinhos, algumas coisas já mudaram, algumas coisas já foram realizadas com sucesso, outras, não, outras não funcionou, não deu certo, mas não, bastante coisa que tá bem legal.

JOSÉ APARECIDO TIZEU
ASSISTIDO
DATA: 27/08/2015
MEIO: VERBAL

Entrevista com o assistido José Aparecido Tizeu, concedida no dia 27 de agosto de 2015 aos membros Evandro Batista e Wesley Colati.

Sr. José, conta pra gente como o senhor chegou aqui na entidade e quando.

O começo meu aqui nessa Associação, eu tive um encaminhamento do filho do fundador dessa escola aqui. Eu fui numa oficina dele e ele falou “O senhor é deficiente visual?” Falei sou. Ele falou “O senhor já frequentou a escola de deficiente visual aqui de Presidente Prudente?” Eu falei não, nem sei se existe. Ele falou “Tem, é uma escola, que ela fica lá no Itapura”. Aí ele me orientou, a minha esposa trouxe eu aqui, fez o encaminhamento e, com isso, já estou há 40 meses aqui.

Como o senhor ficou cego, Seu José?

Eu tive um pequeno descolamento de retina e eu fui até Marília para fazer uma cirurgia pra tentar colar com uma gelatina o olho e na hora da cirurgia a retina rasgou porque eu tinha feito bastante laiser no olho. Aí ela rasgou, não teve mais jeito e eu perdi a visão. Eu já tinha uma vista, esquerda, perdida, por derrame. Deu derrame na vista por causa do glaucoma, e juntou tudo. Na cirurgia, rasgou a retina e eu perdi a visão repentinamente.

Há quanto tempo o senhor perdeu a visão?

Eu perdi a visão no dia 10 de novembro de 2008.

Fazem sete anos então.

É. Vai fazer sete anos agora, dia 10 de novembro.

E em que a Associação contribuiu na vida do senhor?

Ela contribuiu muito né. Porque aqui eu comecei uma nova vida, aqui eu voltei a aprender o soroban, recordar dos tempos que era matemática. Eu tinha um nível superior e ficou paralisado quando eu perdi a visão e aqui deu continuidade. Eu aprendi o braille. Hoje eu sou um homem independente, eu vou no banco, eu vejo meu saldo, eu controlo minhas contas bancárias, tudo sozinho. Por intermédio da aprendizagem que eu aprendi aqui na Associação.

Porque o senhor acha que esse trabalho aqui é importante para todos vocês?

É importante porque aqui, você lá fora, você não tem o andamento assim pra você andar, uma mobilidade pra tudo. Eu quando cheguei aqui eu andava na cidade, eu aprendi a andar em calçada, atravessar a rua, aprendi um conhecimento total. Então, aqui é um começo da nova vida após a perda da visão.

Quais atividades você faz aqui?

Eu faço todas as atividades aqui. Aqui eu faço artesanato, aqui eu faço braille, aqui eu faço soroban. Já fiz informática, já fiz o AVD. Hoje eu sou um cara independente. Se precisar fazer comida, fazer café, eu faço na minha casa. Sou um cara super independente.

E o senhor acha que a sociedade não conhece muito e precisa conhecer o trabalho da Associação?

Com certeza, conhece sim.

O que mais o senhor gostaria de falar sobre a Associação? Uma experiência pessoal da Associação.

A Associação daqui, ela tem os professores muito bem qualificados, os professores que conhecem o que é um dependente visual. O cara com a deficiência que o cara tem. Eles tratam você de acordo com a sua dificuldade. Eu, há 12 meses, eu perdi, eu fui obrigado a amputar a perna com um problema de circulação, mas continua a mesma coisa o tratamento da Associação comigo, ainda dobrou mais o tratamento após a minha perda da perna. Então, eu tenho muito que agradecer e que pra mim é muito bom. Um dia de perda pra mim na Associação é um mês que eu perco. Eu não costumo faltar nenhum dia e jamais. Eu moro em Regente Feijó, pego a perua às seis horas da manhã, entendeu? Pra mim não é dificuldade nenhuma, pode tá chovendo, tá fazendo frio, que me desloco pra vir nessa Associação porque pra mim eu chego aqui eu estou totalmente confortável, com boas refeições, com bom tratamento, tudo aqui pra mim.

O senhor vem pra cá todos os dias então?

Não. Eu venho terça, quarta, quinta e sexta. Quatro dias por semana. Eu venho bastante dia e aproveito. Todos os dias que eu venho aqui eu aproveito de tudo.

O senhor acha que melhorou bastante a independência do senhor depois que começou a frequentar?

Cento por cento. Cem por cento. Eu era um cara medroso, eu não saía na rua, eu tinha vergonha de conversar quando eu perdi a visão. Aqui eu passei a ser independente, passei a se comunicar com os outros igual eu, passei a ver não é só eu e assim a gente... entendeu? Passou a ser mais independente pra tudo, pra andar, pra locomover, pra fazer amizade, pra ter conhecimento. Que aqui na Associação você tem muito conhecimento, aqui você sai pra fora pras recreações, pra fazer apresentações, entendeu? Eu, antes de amputar a perna, eu fazia muitas apresentações com o pessoal da dança, com a professora Dulce. Então, você fica mais à vontade, entendeu? Você não fica deprimido e nem nada. Hoje você fica mais desinibido até pra expressar, pra tudo, entendeu? Você modifica a sua vida da noite para o dia.

E o senhor fez muitas amizades aqui na Associação?

Eu tenho amizade com todo mundo. Aqui é o lugar de se fazer amizade mesmo. Com professores, com os alunos, entendeu? Aqui, cada aluno que chega aqui é uma amizade que a gente aumenta mais e dá continuidade a união de amigos que aqui nós somos todos irmãos.

O senhor é casado? Tem filhos?

Eu sou casado, tenho filho, tenho neto, tenho 64 anos de idade, sou pai de sete filhos e nove netos, agora que veio uma neta.

O senhor gostaria de acrescentar alguma coisa?

Não, eu gostaria de agradecer a Associação por tudo o que tem feito por nós, por mim, pra os meus colegas, meus amigos e muito bem.

LUIZ CARLOS SILVA
MONITOR DE BRAILLE E SOROBAN
DATA: 27/08/2015
MEIO: VERBAL

Entrevista com o monitor de braille e soroban, Luiz Carlos Silva, concedida no dia 27 de agosto de 2015 aos membros Evandro Batista e Wesley Colati.

Luiz, como é sua experiência aqui na Associação? Há quanto tempo você está aqui dando aulas e qual o serviço que você realiza?

Eu estou aqui na Associação desde 2002. Eu vim pra cá sob o convite do finado senhor Faradei, que foi um dos fundadores dessa instituição. Ele faleceu em 2002 e no mesmo ano ele me chamou pra ser voluntário aqui na Associação. Na época eu estava fazendo o ensino médio e vim aqui dar aula de soroban. Depois eu terminei o ensino médio e fui cursar um curso de Pedagogia e vim fazer serviço voluntário aqui no período em que eu estava na faculdade, foram os quatro anos, aí eu vim fazer o serviço voluntário de braille e soroban. Concluí em 2009 o curso e depois fui cursar Educação Especial no Paraná, na Univel, dois anos. Quando foi em 2011 eu fui contratado pra ser professor aqui na instituição. Hoje eu sou formado em matemática também e desenvolvo com eles o trabalho do soroban, que é japonês e a gente usa pra desenvolver o raciocínio e o cálculo mental na questão deles que tem a deficiência visual.

E como essas atividades contribuem para o desenvolvimento dessas pessoas?

Veja bem, se você for ver o marco da história de quando começou a educação na Grécia Antiga as pessoas como eu e as pessoas que estão aqui nessa sala, deficientes visuais, não tinham a oportunidade de estar em meio a sociedade até porque na época as pessoas eram exiladas das demais pessoas. Isso porque pra muitos a deficiência poderia pegar de uma para a outra. Então eles eram exilados e não tinha a oportunidade que hoje têm. Hoje a gente sabe que muitas barreiras já foram quebradas, mas ainda existe o preconceito das pessoas com a deficiência visual que é quem mais sofre na pele o preconceito, por causa da deficiência. Hoje o soroban ajuda na vida das pessoas, não só aqui, mas também na vida social lá fora. No Brasil foi em 1808 que chegou o soroban, mas foi só em 1951 que foi adotado pra ser utilizado. Até então em São Paulo o deficiente visual Joaquim de Moraes foi o primeiro deficiente visual no Brasil a se deparar com o soroban. Ele, com baixa visão causada pela miopia, usava o soroban para desenvolver os cálculos da matemática aritmética. As contas de mais, menos, vezes, raiz, potência... Isso aí tudo se faz no soroban. Porque além do aluno estar desenvolvendo o cálculo mental dele e estar sabendo fazer as contas mesmo sem ver o quadro na lousa, o que está sendo colocado, ele vai fazer a leitura por meio da percepção do tato para fazer a leitura dos números. Também serve como terapia ocupacional pois ocupa a mente e evita que ela fique totalmente parada. Então ele dá essa vantagem. Além de incentivar o aluno a pensar um raciocínio lógico para fazer contas, também desenvolve o lado cognitivo psicológico também pra não ficar com a mente parada, sem ocupação na mente.

Luiz, como é ser o único monitor aqui que não enxerga?

Então, pra mim não foi uma coisa complicada porque antes você tem que conhecer. Tudo tem uma história por trás. Eu não nasci com a deficiência. Eu perdi a visão de um olho com 12 anos de idade com catarata e glaucoma e perdi a outra visão aos 24 anos. Eu sofri um acidente e perdi a visão do olho direito. Então de lá pra cá que eu fui descobrir o outro lado da história que é viver com a deficiência, ou seja, sem a visão porque o problema que eu tenho é perda de visão total, eu não enxergo nada dos dois olhos. Então eu aprendi o braille, fui pra escola, e hoje passo pra eles aquilo que eu aprendi no meu dia a dia. Então é passar pra eles o que você aprendeu. Claro que com cada um tem uma metodologia diferente, cada um vai aprendendo no tempo dele, do jeito dele, mas você consegue passar porque é uma coisa que eu gosto, então você tem que saber passar e como passar.

Luiz, na sua opinião porque a Associação é tão importante para as pessoas que a frequentam?

Olha, ela é importante pelo seguinte, não só por causa do estudo, mas porque muitos deles em casa a família toda trabalha e não tem ninguém com tempo pra se dedicar ao deficiente visual. Então aqui é o local onde eles vem, encontram pessoas... Aqui pra mim é uma família. Todo dia a gente está aqui, eles estão aqui. Segunda, terça, quarta, quinta e sexta-feira. Então a gente fez uma amizade e foram se formando laços de família entre eles, entre os próprios assistidos aqui dentro.

Quais as principais dificuldades que o deficiente visual encontra no país?

No Brasil, de um modo geral, a deficiência que é mais complicada de ser lidada é a questão visual. A questão de mercado de trabalho. Muita gente vem pra cá visando ter um emprego. Eu mesmo quando entrei na escola já era aposentado, depois que fui passar a trabalhar registrado. Mas é muito difícil, pode olhar no comércio, o deficiente auditivo e o físico está sempre trabalhando, mas o visual você não vê falando que é empregado de tal empresa e que trabalha. É difícil de encontrar, é muito pouco. As pessoas não acham que o deficiente visual tem a mesma capacidade que um deficiente auditivo ou um físico tem pelo fato de não terem a visão. Então a questão que a gente mais sofre na pele é a questão do emprego e da escola, na inclusão. Muitas coisas tem-se feito sobre a inclusão no papel, mas prática não funciona o que está no papel ainda. Hoje duas coisas pesam no caso do deficiente visual: o fato de você estar empregado, pra ter uma estabilidade boa e também a questão da inclusão nas escolas. Porque o discurso é muito bonito mas só está no papel.

Luiz, você foi aluno aqui da Associação quanto tempo?

Eu não cheguei a ser aluno aqui, eu entrei já como voluntário em 2002. Eu tinha apoio daqui enquanto eu estava cursando a faculdade porque não tem como você quem só tem o ensino médio prestar um concurso público sem o apoio da Associação.

Como foi cursar matemática e outros cursos sendo cego?

Como eu sempre pesquisei tudo antes, como escrever ou me locomover sem a visão com a orientação e mobilidade, é preciso ter em mente que tem coisas que você pode fazer sozinho e tem coisas que não pode fazer sozinho, é preciso de alguém pra deixar fazer por você. Na faculdade eu tinha o apoio do pessoal. Eu pegava as apostilas e passava em braille aqui na Associação e já levava pra faculdade prontas.

O que você acredita que a Associação precisa mudar pra ficar ainda melhor?

Hoje seria recursos financeiros que são poucos. A gente tem umas parcerias, mas sabe que tudo que a gente faz envolve pessoas e envolve gasto. Não que aqui não esteja sendo feito um bom trabalho. Está. Mas era preciso um pouquinho mais de recursos para realizarmos um trabalho ainda mais voltado para o deficiente. Quanto ao esporte temos a Loiane que é a educadora física, mas podíamos ter mais coisas para fazermos. Tem muitos equipamentos tecnológicos que também precisamos mas não temos como pagar. Uma máquina eletrônica nova de braille está em torno de 11 mil reais. Tem também os leitores que leem o livro para quem não enxerga. Se não temos hoje é porque não temos recursos financeiros.

Luiz, hoje você se considera uma pessoa independente?

Considero. Tenho meu trabalho, vou e volto sozinho, moro só. Não dependo de pai e mãe pra fazer as coisas por mim. Trabalho, tenho meus amigos. Então não me considero deficiente por causa da minha visão. Me considero uma pessoa normal, feliz com a vida. Você pode ter perdido a batalha, mas não a guerra. Não pode querer entregar os pontos porque eu enxergava antes e agora não. Você precisa saber que tem uma meta pra cumprir, um objetivo pra seguir e tem que alcançar ele.

Você avalia positivamente então o trabalho da entidade?

Sim. Quando vim pra cá em 2002 tinha só uma máquina braille, agora temos de oito a nove máquinas, mais de 15 sorobans. Antes tinha só dois profissionais aqui e agora temos um pra cada atividade: pra informática, educação física, tem a professora de artes. Então ela melhorou muito desde que começou. Volto a falar, se tivesse mais recursos financeiros iria contratar mais pessoas pra poder atender mais gente e ficar melhor pra região ainda.

E como é ensinar matemática para o público cego?

É preciso primeiro fazer o que gosta. Não adianta fazer algo que não gosta ou só por dinheiro. Eu fui voluntário de 2005 a 2011, acabei a faculdade e fui contratado. É preciso gostar do que faz. Qualquer profissão que você irá ter, mesmo no meu caso que não enxergo, se fazer por fazer não vai dar certo. Não adianta fazer uma coisa que não gosta porque não vai te fazer bem. Então aqui eu não vejo dificuldades. Cada um aprende no seu tempo, mas todos vão aprender. Todos vão aprender da mesma maneira? Não. Cada um tem seu jeito. Não é um problema pra mim. Eu gosto do que faço.

Você gostaria de acrescentar algo?

Eu digo assim, que o que cada um quer ser, vocês que perderam a visão, só depende de você. Depende da ajuda de Deus e de você. Então se você acreditar, pensar que vai vencer a deficiência é só seguir em frente. Eu sou a prova real disso aí, porque eu não desanimei quando eu perdi a visão. Eu só quero passar para as pessoas o meu conhecimento. Eu não parei a vida minha porque não tinha mais a visão. Eu poderia parar, ficar aposentado em casa, mas não. Se todas as pessoas que tem obstáculos na vida resolver parar... É preciso saber viver na opulência e em dias ruins. Quando se tem e quando não tem. Seguir em frente.

LUZIA MONTOVANI
ASSISTIDA
DATA: 27/08/2015
MEIO: VERBAL

Entrevista com a assistida Luzia Montovani, concedida no dia 27 de agosto de 2015 aos membros Evandro Batista e Wesley Colati.

Luzia, conta pra gente então o que você vai fazer hoje.

O que é que eu vou fazer hoje? Terminando aqui eu vou pra aula de dança, a hora que eu terminar aqui. Depois que eu terminar de ler a poesia pra vocês, terminar, eu vou pra aula de dança da professora Dulce, que é muito maravilhosa a aula.

Fala pra gente sobre o seu trabalho como poetiza, sua vontade, como que surgiu, sobre a poesia que você vai ler.

Olha, como diz, Deus dá o dom pra todas as pessoas. Quando a gente nasce, já nasce com o dom pra alguma coisa. E eu desde muito cedo eu descobri o meu dom pra poesia, mas eu não tinha a visão, não podia ir à escola. Há 60 anos atrás praticamente, a gente não tinha a tecnologia, não tinha os recursos de hoje. E o povo ria quando eu falava de fazer um livro de poesia, de escrever poesias, eu declamava alguma poesia, o povo aplaudia, mas como é que eu vou escrever né? Aí foi passando, um dia eu disse que queria uma máquina de escrever. Eu tinha uma vizinha que ela era datilógrafa, eu comprei a máquina e ela me ensinou a escrever na máquina, decorar o teclado, e coisa e tal. Aí foi fácil jogar tudo o que eu tinha dentro de mim no papel. Eu fiz as poesias e falei agora eu tenho que fazer o livro. Aí eu consegui, lutando daqui e dali. O dono do auto posto Prudentão, que eu não conhecia, ele se prontificou a custear o meu livro. Ele era muito amigo do meu irmão, que Deus já levou, e ele falou pro meu irmão “eu vou financiar o livro da tua irmã”. E ele financiou o meu livro, deu certo, e eu fiquei muito feliz, e consegui publicar em 1990, Trevas e Luzes, que é esse livro aqui. É o único que eu publiquei, apesar que eu tenho mais poesias pra fazer mais livros. Que o meu próximo livro será chamado, título de Olhos Espirituais. Preciso ver agora seu eu, pra preparar tudo para mim, pra eu lançar o livro, fazer esse livro.

Mas a senhora já começou a escrever esse livro?

Já, as poesias estão todas prontas.

Só falta a publicação?

Falta agora o prefácio e alguns detalhes, de achar quem me financie o livro, quem banque, uma firma, uma empresa, uma empresa idônea, pra mim poder entrar com o material tudo pra fazer o livro.

E sobre o que se trata esse primeiro livro, Trevas e Luzes?

Poesias, poemas. Eu faço, assim, dos fatos do cotidiano. Que nem essa Trevas e Luzes, essa poesia por exemplo aqui, Sejas feliz eternamente é sobre uma amiga minha que ela estava com um romance com uma pessoa que não estava nem aí com ela sabe, aí um dia eu falei pra ela assim ó não perca sono pensando na pessoa, perde noite e noite sem dormir. E surgiu a poesia Sejas feliz eternamente. Não perca as noites de sono pensando em quem já tem dono. E foi daí que surgiu a poesia Sejas feliz eternamente. Até hoje, ela encontra comigo, ela fala nessa poesia.

Então a senhora vai escrevendo de acordo com o cotidiano?

De acordo com o cotidiano, eu vou inspirando em tudo. Eu me inspiro na lua, no sol, apesar que eu não vejo a luz, inspiro no azul do céu, nas nuvens que flutuam, nos pássaros, nas flores, tudo, nos problemas do dia a dia, tragédias, de tudo. Então tudo eu vou juntado e no fim sai os poemas. Sem eu perceber eu estou com uma poesia pronta.

E há quanto tempo a senhor perdão a visão?

E já nasci com o glaucoma congênito, mas eu enxergava muito pouquinho, mas aos 30 anos de idade eu já não tinha mais nada de visão, nada.

E como é escrever poesia, por exemplo, da lua. Como a senhora sente a lua?

Ai, ela brilha dentro de mim. As estrelas, a lua, o sol, tudo brilha dentro de mim. Conforme vai brilhando, conforme eles brilha eu faço, do jeito que eu vejo dentro de mim, com os meus olhos espirituais, eu descrevo-os, eu vou o descrevendo-os, as flores que vão desabrochando, tudo, a chuva. Quando eu penso que não, é uma poesia pronta.

E aqui na Associação, a senhora é estimulada a escrever? O que a senhora gosta de fazer aqui?

Bastante. Aqui, olha eu gosto muito de escrever em braille, eu escrevo muito bem. Ler, eu não sou muito de ler não, mas escrever, eu escrevo muito, eu gosto. Eu faço artesanato, faço bijouterias, isso aqui, e tem outras bijouterias que eu faço também. Faço dança.

Essa pulseira que a senhora está usando, foi a senhora quem fez?

Sim, essa foi.

A senhora faz o que mais, além de pulseira?

Eu faço colar, eu bordo chinelo, tiara, tudo essas coisas assim. Tudo eu faço. Pedra, caiu na minha mão, ela se transforma. Qualquer uma.

Como a senhora chegou aqui na entidade, Luzia?

Eu cheguei através de uma ex... não sei se ela ainda é voluntária aqui, dona Tânia, muito amiga da gente lá de Alfredo Marcondes. Isso em mil, aliás final de 2011, que ela foi me falar dessa Associação. Eu sabia que tinha essa Associação, mas eu nunca tive oportunidade de vir, não dava certo. E em 92 eu quis vir pra cá, estava tudo, eu fui na prefeitura e não tinha transporte, não quiseram me..., o prefeito não deixou, não quis saber, nem deu ouvido às minhas palavras sabe. Aliás, ele até foi grosso comigo. Que aliás, ele vive até hoje, mas eu ignoro ele. E passou. Essa voluntária, a Tânia, falou da Associação, eu vim aqui, conversei. Na época era a Liciane que era a psicóloga, a Luciana a assistente social e encaminhou e deu tudo certinho e eu estou aqui, desde fevereiro de 2012, e eu não pretendo sair daqui tão cedo.

Aqui a senhora aprendeu a ser mais independente? E como que é esta experiência?

Muito. Olha, é uma experiência bacana, porque... eu tinha bengala mas eu não conseguia andar de bengala porque ninguém me ensinava. Tinha bengala minha já

uns 15 anos, mas minha família nunca deixou ninguém me ensinar, que eu tinha ganhado de presente, nunca deixaram. Agora aqui eu ando. Eu só não ando na rua sozinha, mas eu casa assim eu ando, aqui na Associação. Eu não preciso ninguém falar vai em tal sala, é ali tal tal. Eu sei tudinho aqui onde é salas, o refeitório, bebedouro, banheiros, tudo. Eu me locomovo muito bem aqui dentro da Associação, tenho total independência.

É quase a casa aqui já?

Praticamente.

Qual é a importância dessa Associação pra vida da senhora e dos outros assistidos que frequentam?

Olha, aqui a gente é uma família. A gente tem acompanhamento psicológico, tem tudo, tem toda a assistência. Então, eu acho que isso aqui... Eu até falo pra muitas pessoas da minha cidade que não tem a visão, mas não querem vir, e a própria família, muitas vezes, não se empenham em mandar. Não sei o que que eles imaginam isso aqui, que eles não conhecem. Porque isso aqui é o paraíso pra nós. É o nosso lar, é o nosso.. A gente realmente aprende a uma nova vida. A gente renasce pra uma nova vida aqui. Renascendo pra uma nova vida.

Então a senhora recomenda a Associação?

Recomendo, pra todas as pessoas que teve a infelicidade de perder a visão. Isso aqui é o lugar certo.

ELIETE MARGUTTI
COORDENADORA
DATA: 28/08/2015
MEIO: VERBAL

Entrevista com coordenadora da entidade, Eliete Margutti, concedida no dia 28 de agosto de 2015 aos membros Evandro Batista e Wesley Colati.

Eliete, explica pra gente como funciona o processo de triagem.

A entidade, quando chega um deficiente, o primeiro contato dele é com a assistente social. Ela quem vai fazer toda a triagem onde vai coletar vários dados e saber o âmbito em que ele vive. Então ela colhe todas as informações pra que a gente possa saber um pouco mais da vida desse deficiente. Após isso passa pra psicóloga onde ela faz uma anamnese mais profunda, onde ela indica quais as atividades ele pode participar. Tudo é um processo. Depois disso passa para a coordenação onde eu.... (PAUSA) A pessoa deficiente quando chega na entidade, o primeiro contato que ela tem é com a assistente social. Ela quem faz a primeira triagem com eles onde é colhida várias informações sobre ele no âmbito em que ele vive. Ela mostra a entidade pro deficiente. E após essa coleta ela procura ver o grau de deficiência visual e aí colhe laudos e toda essa documentação. Depois disso é passado pela psicóloga, onde ela faz uma anamnese, algo mais profundo. Ela colhe também algumas informações essenciais para que a gente saiba quais atividades esse deficiente pode ser inserido. Após isso, vem para a coordenação onde eu procuro ver o que ele deseja e quais as atividades a gente pode incluí-lo. Nem sempre a gente consegue incluir o deficiente em todas as atividades, por conta de horário e por conta de vários fatores. Esse processo dura em torno de uns dois meses. Eu convoco essa pessoa, ela vem até a entidade e começa o processo de inseri-la e ela passa então a participar da entidade. Eles acabam ficando muito ansiosos nesse processo, mas no fundo depois que eles acabam vindo eles veem a importância de se analisar todo esse processo deles. Dependendo da deficiência ou algumas limitações que eles tem não adianta colocar em várias atividades, pois eles não vão conseguir fazer. Por isso esse processo é tão demorado. A gente precisa saber quais atividades eles podem fazer para, depois, saber onde inseri-los.

Eliete, quantas pessoas são atendidas pela entidade e de quantas cidades da região?

Hoje atendemos 87 usuários, esses frequentes mesmo. Nós temos um número maior de inscritos, mas, devido a alguns estarem doentes ou outros problemas, hoje estamos atendendo 87. Dentre eles estamos atendendo não só Prudente. Estamos atendendo Presidente Prudente e 14 municípios da região.

Isso região de Presidente Prudente ou vocês também atendem região de Dracena ou outras regiões?

Nós atendemos a região de Presidente Prudente, mas temos também a região de Dracena, no caso Ouro Verde que é uma cidade mais longe. Mas aquele deficiente que nos procura, independente da região, se temos o atendimento necessário para ele e se ele consegue vir até aqui a gente atende. Nós não negamos o atendimento. É importante essa relação com os municípios por estarmos abertos também, essa acolhida dos municípios para os nossos atendimentos.

Eliete, como é a relação entre os colaboradores e os assistidos?

É uma relação muito gratificante. Entre os profissionais e os assistidos tem que haver uma relação de harmonia, de humildade. Porque eles chegam na entidade um pouco debilitados, com a autoestima baixa. Então cabe a esses profissionais fazer com que esses assistidos se sintam cada vez melhores na nossa entidade, tanto na questão de acolhimento quanto na questão de uma conversa. Tudo isso faz parte das nossas atividades. Eles, às vezes, necessitam desse acompanhamento nosso. Os profissionais têm também a responsabilidade de fazer com que esse assistido se sinta cada vez melhor aqui. Nós temos festas, fazemos passeios, temos atividades do dia a dia que é em sala de aula. Às vezes acontece de ficar um pouco maçante porque ele já vem com algum problema e chega aqui “nossa, hoje eu não quero ter aula”. Então cabe a nós ter esse olhar especial para cada um deles. Aqui é um lugar onde eles se sentem bem. Eles relatam pra gente que é um lugar onde eles gostam de vir e se sentem bem e nós precisamos estar atentos a vários detalhes e também ajudá-los nesse processo. As atividades são preparadas visando o núcleo de assistidos que a gente tem. Cada aula nós temos grupos diferentes, então nós precisamos realmente saber o que cada um precisa e, dentro disso, mostrarmos, prepararmos para atendê-los.

Eliete, como você vê a entidade hoje?

A entidade hoje eu falo que está crescendo dia a dia. Nós temos aí longos 76 anos, mas os crescimentos das entidades são um pouco mais lentos do que a gente gostaria que fosse, devido a vários fatores que acarretam o dia a dia de uma entidade. Nós temos, ao longo do tempo, tanto a questão de prédio, a questão de capacitação de funcionário, de compra de novos recursos visuais – porque a cada dia recebemos mais deficientes visuais com vários problemas – questões de adaptações e reformas no prédio para melhor atender esses deficientes visuais. Nós temos a questão de, cada vez mais, trabalhar para que esse atendimento seja melhor. Então a entidade tem uma grande responsabilidade. Ela, em âmbito regional que nós somos, temos a responsabilidade de fazer com que esse deficiente visual que chega aqui consiga ao longo do processo de atendimento dele ter autonomia, aumentar a sua autoestima, ter autoconfiança. Muitos são levados para o mercado de trabalho, nós temos vários que conseguem voltar ao trabalho, reabilitá-lo para atividade simples e complexas... Claro que a cada dia, a cada um que passa por aqui tem um problema, não só visual, mas também acarreta outros problemas. Mas cabe a nós estarmos preparados para o que der e vier e nisso a gente consegue fazer com que a entidade cresça e seja vista. Isso porque ainda hoje existem muitos deficientes em casa que não conhecem a Associação dos Cegos. Então a gente tem também o dever de informar a sociedade, de mostrar que estamos aqui e que estamos abertos e, quando precisar, pode vir aqui e ser inserido na entidade. Então a entidade busca sempre essa referência de estar sendo vista para que os deficientes visuais nos ouçam e sejam inseridos aqui também e ter uma melhor qualidade de vida.

Fale um pouco mais da importância da entidade para a sociedade.

A entidade, a importância dela é muito grande porque são vários municípios. Presidente Prudente é uma cidade grande e, como acabei de dizer, ainda existem muitos deficientes visuais em casa, talvez por medo ou por não conhecer ou a questão de estar assim “ah por que eu vou sair de casa?” ou “não tenho mais nada o que fazer”. Tem sim. A entidade precisa mostrar, não só pra Prudente e região, que

ela existe e que o deficiente visual que está em casa ele também pode ter uma vida normal, porque é nosso dever, nossa função, fazer com que a vida deles volte o máximo possível a ser o que era antes. Claro que tem muitas dificuldades. Às vezes o que ele fazia antes não vai conseguir, mas cabe a nós mostrar também, tanto na família, a família também é importante nesse processo, que eles são capazes. Com a ajuda da família, da entidade, o deficiente visual volta a fazer várias atividade que às vezes eles acham que não são capazes. Então, dentro disso, a entidade precisa ser transparente, precisa ser acolhedora, ela precisa ter no âmbito da mídia, vamos colocar assim, essa referência de ser regional e ser um exemplo e também mostrar que somos uma entidade séria que estamos aqui para acolher o deficiente visual e ajudá-lo da melhor maneira possível. A região é grande. Nós recebemos às vezes, não só da região de Prudente, mas outras cidades próximas, não é da nossa região mas é próximo, e isso eles tem que saber: que pode contar com a gente a todo momento que eles precisarem.

Eliete, como a Associação se mantém? De onde vem as verbas?

A Associação se mantém com a verba federal, estadual, municipal. Nós temos o GEPAC, nós temos parcerias com empresas que chamamos de parceiros porque essas empresas estão contribuindo conosco, também os sócios contribuintes que são aqueles que contribuem mensalmente com a entidade e também os recursos próprios que requer das nossas festas, nossas atividades que fazemos ao longo do ano e que são festas tradicionais da entidade. Nós temos em fevereiro o costelão, que a gente faz todo ano. Temos em abril, por conta do aniversário da Associação o baile que virou tradição também. Temos em junho a festa junina, tradicionalíssima aqui na entidade que é aquela festa de rua, com barracas, onde o pessoal pode vir, conversar e se divertir durante a noite e também e o Joelhaço de Porco que é uma comida alemã e que também é algo tradicionalista na Associação dos Cegos. E pra acontecer essas festas é muito legal que há uma junção entre os funcionários, entre a diretoria que toma conta aqui da entidade, também voluntários... Acaba sendo uma grande família. Uma grande família que trabalha em prol do próximo, então isso é muito importante. Sem esse grupo, sem a junção dessas pessoas, não acontecem festas e é muito importante. Nos dias de trabalho que tem essas festas a cumplicidade e o comprometimento de todo mundo, a humildade e como a gente trabalha é muito importante. É muito gostoso de ver essa união para que todas as festas, todos os eventos que fizermos em prol da entidade seja bem feito e dê um bom resultado.

Eliete, você acha que a Associação transforma a vida das pessoas que trabalham aqui?

Transforma. Transforma porque, eu vou dizer por mim, quando eu cheguei na entidade, quando a gente chega pra trabalhar em uma entidade com deficientes, acarreta um pouco de medo. Medo sim, do novo, de “como eu vou trabalhar com esse deficiente?”. E ao longo do tempo você vai adquirindo experiência e aprendendo também com eles. Então transforma a sua vida, transforma a vida da sua família, transforma o seu dia a dia. Eles acabam passando pra gente algumas coisas, porque quando você vê aqui um deficiente visual que faz de tudo na sua casa, que lava (CORTE), que passa, que cozinha e a gente que reclama das mínimas coisas, então você fala “não, não posso”. Então isso é transformador. Quando você vê alguns deles, por exemplo, que chegam aqui com muito medo, que não querem fazer nada, que não acham que são capazes de fazerem alguma coisa

chegarem na gente e dizerem “comprei um apartamento”, “vou morar sozinho”. Você fala “como?”, “é graças a vocês”. Então eles acabam retornando pra gente “olha, eu estou conseguindo fazer isso hoje porque vocês nos ajudaram”. Então às vezes nós como profissionais não temos a noção do quão valiosas são nossas atitudes aqui dentro. Então por isso que nós temos que trabalhar seriamente, com muito respeito, muita humildade, com muito carinho, tratá-los muito bem. Porque tudo que a gente ensina pra eles, eles acabam usando, então isso é importante e é algo transformador. Quando eles chegam são de um jeito e ao longo do processo de dias, meses e anos, você vai percebendo gradativamente o crescimento. Aqueles que tem medo de andar, através das aulas vão e vêm por aqui, por dentro da entidade. Aqueles que nunca saíam de casa, que tinham parado com suas atividades, hoje falam pra gente “olha, eu fui na igreja, hoje eu fui no parque, saí com a família”, então isso é transformador, transforma o meio em que a gente vive e a gente tem que se deixar transformar também porque é muito gratificante. É muito gostoso trabalhar com o deficiente. Você nem lembra mais do medo que tinha, é prazeroso. Às vezes a gente fica sem palavras pra dizer o quanto é gostoso trabalhar com eles e ver o quanto nós ajudamos a cada um e que às vezes a gente não percebe essa ajuda. Então a gente fala “o que você acha, o que você pensa em trabalhar com deficiente” hoje eu digo sem medo: é muito bom. Se você não trabalhe, procure. É um público maravilhoso para se trabalhar. Tem suas limitações? Tem. Tem os seus problemas? Tem. Mas quem não os têm? Mas cabe a nós também estar de coração e a cabeça abertos para as novas experiências e também passar para eles novas experiências. Entre os acertos e erros que, ao longo do tempo, acabam acontecendo, que ninguém é perfeito, você não chega aqui com a perfeição de falar “não, aqui eu vou trabalhar assim e assim com ele” que não é. Muitas vezes a gente prepara a aula, prepara a atividade, e de repente você precisa mudar tudo porque não é a aula que ele precisa. Ele precisa falar e você precisa ouvir. Então essa dinâmica nossa é muito importante. Não adianta só preparar aula, nós precisamos estar preparados para tudo e para todo o dia porque a cada dia é algo diferente. A cada dia é uma necessidade diferente, então nós temos que estar preparados a qualquer momento.

Então podemos dizer que a entidade acaba deixando de ser só uma Associação para se tornar algo mais familiar?

O âmbito de escola, de sala de aula, de ter tudo regradinho, nós temos também regras que devemos seguir, pois sem regras nós não temos uma ordem nas atividades. Estamos bem dentro da área social, buscando fazer com que eles possam ser socialmente vistos e sejam inseridos dentro desse mundo aí que está a nossa frente. Família. A gente fala muito que nós somos a família da Associação dos Cegos, mas também somos firmes porque a família tem que cobrar, a família tem que mostrar o quanto cada um é capaz. Então temos as nossas regras, temos nossos objetivos. Não saímos do objetivos propostos pela entidade, pela equipe, mas quando há necessidade, sim. Nós temos o nosso ombro com os atendimentos psicológicos, com a parte da assistente social, com os profissionais da casa, porque cada um acaba fazendo o seu papel aqui dentro da entidade, mas nós damos o total apoio e suporte para com eles.

O que você acha que as pessoas precisam entender sobre o deficiente visual que ainda não sabem?

Tanto a família quanto a sociedade precisam entender que o deficiente visual está aí. Ele é capaz de várias coisas, ele consegue sim ir e vir, fazer suas atividades diárias, e às vezes o que a gente vê é um pouco do receio das pessoas de como tratá-lo, de como conduzi-lo. Vamos pensar que todos eles são normais. Eles têm as deficiências, como nós também temos as nossas. A sociedade precisa entender que ele está aí, ele pode ir e vir, eles tem seus direitos e seus deveres e a sociedade também. É preciso acolher esses deficientes visuais e tratá-los como pessoas normais e saber que você não precisa ter medo. Chega na pessoa, conversa, pergunta. O que muitas vezes eles relatam pra gente é assim: estou eu e o deficiente visual aí de repente você chega numa lanchonete ou em uma loja e simplesmente a pessoa que o atende o ignora, vai perguntar para o acompanhante. Não. Pergunte direto ao deficiente visual. Se você não sabe como chamá-lo, toque nele, ponha a mão no ombro e pergunte “pois não, deseja alguma coisa?”. Eles se sentem importantes, eles se sentem vistos e é isso que eles querem. Serem vistos. Atenda eles normalmente, procure saber o que ele quer, tanto em lojas quanto em restaurantes, como lanchonetes ou em qualquer lugar que ele vá. Procure atendê-los da melhor forma possível, pois eles estão por aí. Eles andam de ônibus, de taxi, de moto-taxi, eles viajam, eles têm uma vida normal. E nós precisamos saber que somos capazes da convivência e não podemos fazer de conta que esse público não está aí e eles estão. Frequentando todos os ambientes da nossa sociedade. Eles precisam de acolhimento, serem acolhidos e também você pode acolhê-lo muito bem.

MARILE BOSCOLI
ASSISTIDA
DATA: 29/09/2015
MEIO: VERBAL

Entrevista com a assistida e viúva de Faradei Boscoli, fundador do atual prédio da entidade, Marile Boscoli, concedida no dia 29 de setembro de 2015 aos membros Evandro Batista e Wesley Colati.

Marile, conta pra gente um pouquinho da história do seu marido, Faradei, e também sobre a construção e instalação deste novo prédio da entidade.

Eu fui casada com o professor Faradei Boscoli durante 37 anos. Nessa época eu já estava participando das classes de recursos lá da escola Formosinho Ribeiro, com a professora Olga. Ela dava apenas aula de braille e não tínhamos condições ali de formar uma classe de artesanato, de soroban como tem aqui com o Luiz, de internet... Era só o braille mesmo. Aí o meu marido resolveu que ali, só ali naquela classe, nós não tínhamos a possibilidade, então ele resolveu construir um prédio, uma escola para que essa escola aqui funcionar e ter mais atividades. Lá na Vila Industrial, onde tinha a instituição Filantrópica de Cegos, não tinha condições nenhuma de formar porque tinha 17 casas ali só para construir. O seu José Rodrigues recebia o dinheiro do aluguel da casa e usava para o próprio benefício. Então nós resolvemos que tínhamos que construir uma entidade para que pudessemos fazer todas as atividades que temos aqui hoje. E foi bom porque nós ganhamos esse prédio, o terreno da prefeitura, e devagar a gente foi construindo. Começamos pelo alicerce, por todas as atividades porque os outros terrenos que nós fomos ver não ia dar. Eram muito longes, eram pouco espaço, e aqui não. Aqui nós temos bastante espaço e ele começou a construir aqui. A atividade que ele queria mais construir mesmo era uns apartamentos para alunos que não têm condição de estar em casa, que veem de fora e não podem viajar, mas aqui tem só dois apartamentos pequenos que ele deixou construído dentro da instituição. E hoje nós estamos, graças a Deus, a escola com bastante atividades. Nós temos AVD, temos informática, o Luiz dá aula de soroban, temos aula de educação física com a Loiane e temos bastantes atividades para que a gente possa estar aqui aprendendo. Tanto que na AVD, Atividades de Vida Diária, pra gente ter um local melhor, aprender a lavar louça, arrumar um quarto, varrer uma casa... Tudo isso a gente está aprendendo aqui com muita facilidade porque a professora é muito competente. E felizmente nós estamos aqui com bastante atividades, bastante alegria, e eu sei que os cegos são muito alegres mesmo. Nós não temos nenhum problema de desencontro um com o outro. Uma vez só que nós estávamos no grupo da psicóloga e um colega começou a mexer com a Josiane e ela é muito nervosa e “sentou o chinelo” no outro cara. Foi a única vez que nós vimos uma briga aqui. Mas isso não foi nem briga, foi uma discussão que ela teve com ele. Nós fazemos aqui porta-trecos com caixa de sapato e canudinho que a gente faz com papel enrolado e nós vendemos muitas atividades que fazemos com o artesanato. Muito mesmo. Está sendo muito bom e muito alegre as nossas atividades aqui.

APÊNDICE D
PRÉ ROTEIRO

Data 24/08/15	Editor	Retranca Vídeo Associação	Tempo	Página
<p>Logo Animada surge no centro</p> <p>Logo permanece no canto inferior do vídeo ao longo de todo o vídeo.</p> <p>Imagens lentas do interior da Associação. Imagens rápidas dos assistidos desenvolvendo as atividades. Uma mescla das atividades. (Braille, Soroban, Informática, Educação Física, AVD, Artesanato)</p> <p>Mapa animado com as cidades que são atendidas.</p> <p>Enquadramento de entrevista, Coordenadora Eliete.</p> <p>Enquadramento entrevista assistente social (Camila Goes) falando sobre o processo de avaliação (direcionamento para as atividades)</p> <p>Imagens mais lentas dos assistidos desenvolvendo as atividades.</p>	<p>Trilha 1</p> <p>Trilha 2</p> <p>Trilha 2 Off 1</p> <p>Trilha 2 Off2</p> <p>Trilha 3 Sonora 1</p> <p>Trilha 3 Sonora 2</p> <p>Trilha 2 Off3</p> <p>Trilha 2 Sonora 3</p>	<p>Breve fala de 3 assistidos sobre a entidade. (Edna Marçal Pereira, José Carlos, japonês)</p> <p>A Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos foi fundada em 09 de abril de 1939, com o objetivo de [...] O atual prédio localizado no Jardim Itapura em Presidente Prudente, atende cerca de 100 assistidos. (Falar a missão da entidade).</p> <p>Narrador fala sobre a abrangência das cidades atendidas. “A associação recebe assistidos de toda a região [...]”</p> <p>Entra a Eliete falando da Associação. Falar que antes funcionava como uma escola e agora é assistência social. Eliete fala do número de funcionários e voluntários.</p> <p>“O assistido passa por um processo de avaliação [...]”</p> <p>Narrador falando das atividades: “A instituição oferece atividades nas áreas da saúde, educação e cultura. Os assistidos participam (citar as atividades oferecidas conforme as áreas).</p>		

<p>Monitora Loiane (Monitora de Educação Física e orientação e mobilidade). Entra imagens da monitora realizando a atividade com os assistidos.</p> <p>Karina (Monitora de Informática). Imagens das aulas na sala de informática com os assistidos.</p> <p>Enquadramento para breve depoimento de assistidos.</p> <p>Enquadramento Eliete.</p> <p>Imagens de eventos para angariar fundos. (Flashes do Joelhaço, fotos de eventos passados)</p> <p>Encerramento</p>	<p>Trilha 2 Sonora 4</p> <p>Trilha 3 Sonora 5</p> <p>Trilha 3 Sonora 5</p> <p>Trilha 2</p>	<p>Aqui o monitor irá falar sobre o desenvolvimento e importância da atividade.</p> <p>Entra fala da monitora de informática falando das atividades feitas em aula.</p> <p>Fala de um ou mais assistidos sobre a realização das atividades em que participam.</p> <p>Eliete fala de como arrecadam fundos à entidade. (Eventos e colaboradores, verbas)</p>
--	--	---

APÊNDICE E
CRONOGRAMA DE GRAVAÇÃO

CRONOGRAMA DE GRAVAÇÃO VÍDEO INSTITUCIONAL DA ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DE PROTEÇÃO AOS CEGOS						
	DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
	23/08	24/08	25/08	26/08	27/08	28/08
Manhã 07:30 às 11:30	<p>Joelhoço de Porco</p> <p>A partir das 8h, os funcionários estarão na Associação. A Entrega ocorrerá das 11:30 as 14:30.</p>		<p>Imagens da Fisioterapia (8h) – Monitora Julia</p> <p>Imagens da aula de Informática (8h30) – Monitora Karina</p> <p>Imagens do Grupo Psicossocial para Mulheres (9h30) - Monitoras Camila e Bertiane</p> <p>Imagens do Grupo Psicossocial para Homens (10h30) - Monitoras Camila e Bertiane</p>	<p>Imagens da aula de Educação Física (7h30) - Monitora Loiane</p> <p>Imagens Externas da Fachada e da Perua chegando na entidade, como o Português (8h)</p> <p>Imagens da aula de Educação Infantil – Atendimento o Individual (8h) – Monitora Karina</p> <p>Imagens da aula de Braille (9h) - Monitora Cleide</p> <p>Sonora com a colaboradora Cleide (9h30) - monitora de Braile</p> <p>Sonora com o assistido Lázaro (10h30)</p> <p>Imagens da aula de Música (10h30) – Monitor Voluntário Alvinho</p>	<p>Luzia lerá uma poesia de sua autoria (9h)</p> <p>Imagens da aula de Dança (9h30) – Monitora Voluntária Dulce</p> <p>Sonora com o assistido José (10h30)</p>	<p>Imagens Externas da Fachada e Olho (7h)</p> <p>Imagens da aula de Artesanato – Monitora Lisandra</p> <p>Imagens da aula de Massagem (8h as 9h30) – Monitor Voluntário Marcos</p> <p>Sonora com a colaboradora Lisandra(10h) – monitora de Artesanato</p> <p>Imagens do Grupo Psicossocial Misto (10h30) – Monitoras Camila e Bertiane</p>

<p>TARDE</p> <p>12:30 às 15h</p>			<p>Imagens da aula de AVD (Atividade de Vida Diária) (12h30) – Monitora Eliete</p> <p>Outra Imagens: Horta, Parque e Salas Vazias</p>	<p>Sonora com a colaboradora Camila (13h) – assistente social da entidade</p> <p>Sonora com a assistida Sarah (13h30)</p>	<p>Imagens da aula de Soroban (13:30) - Monitor Luiz</p> <p>Sonora com o colaborador Luiz (13h30) – monitor de Braile e Soroban</p> <p>Sonora com o colaborador a Bertiane (15h) – psicóloga da entidade</p> <p>Imagens dos Corredores da entidade (15h30)</p>	<p>Sonora com a colaboradora Eliete (12h30) - coordenadora da entidade</p> <p>Imagens Externas da Associação e Corredores</p>
--	--	--	---	---	--	--

*Sempre Sujeito a Alterações.

APÊNDICE F
RELATÓRIO DE IMAGENS

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 23/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / JOELHAÇO

CÂMERA: Nº 6

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00054	1'07"	DESCARTE
00055	0'39"	(0'05" - 0'09") Imagem entrega joelhaço – plano médio
00056	1'23"	(0'01" – 0'08") Imagem homem chegando para retirada - plano geral (0'28" - 0'48") Imagem homem entrega joelhaço – plano médio
00057	1'03"	(0'22" - 0'40") Imagem entrega joelhaço – plano médio
00058	0'16"	DESCARTE
00059	0'55"	(0'05"-0'13") Imagem entrega joelhaço – plano médio (0'15" – 0'23") Imagem entrega joelhaço – plano detalhe mãos (zoom out)
00060	0'33"	Imagem entrega joelhaço – plano médio
00061	0'49"	Imagem entrega joelhaço – plano médio
00062	1'17"	DESCARTE
00063	0'50"	DESCARTE
00064	1'08"	(0'00"- 0'08") Imagem colaboradores – plano médio (0'08"- 0'30") Imagem entrega joelhaço e colaboradores – plano médio (0'30" – 0'56") Imagem entrega joelhaço - plano médio
00065	0'48"	Imagem entrega joelhaço com várias pessoas – plano médio
00066	1'25"	(0'19" – 0'45") Imagem entrega joelhaço – plano médio (0'50"- 1'25") Imagem entrega joelhaço – close-up com zoom out para plano médio
00067	0'20"	Imagem entrega joelhaço – plano médio (próximo à ação)
00068	1'05"	(0'04" – 1'05") Imagem entrega joelhaço (várias pessoas) – plano médio (mergulho)
00069	0'36"	(0'00"- 0'25") Imagem entrega joelhaço – plano médio (mais fechado em contra-mergulho)
00070	0'18"	(0'04"-0'06") Imagem aperto de mão – plano detalhe
00071	0'29"	DESCARTE
00072	0'18"	Imagem fichas depositadas na urna – plano detalhe
00073	0'50"	(0'14"-0'17") Imagem fichas depositadas na urna – plano detalhe (0'47" – 0'50") Imagem fichas depositadas urna – plano detalhe
00074	0'16"	(0'12"-0'16") Imagem entrega joelhaço – plano geral (conjunto)
00075	0'21"	(0'03"0'17") Imagem entrega folheto – plano médio com zom in

00076	0'09''	Imagem entrega folheto – Plano geral com zoom in
00077	0'23''	(0'00'' - 0'19'') Imagem entrega joelho – plano médio
00078	0'52''	(0'30'' - 0'52'') Imagem entrega panfleto – plano médio com pan e fechando em close-up
00079	0'09''	DESCARTE
00080	0'06''	DESCARTE
00081	0'05''	Imagem mãos levando sacola – plano detalhe extremo close-up
00082	0'06''	DESCARTE
00083	0'42''	(0'00'' – 0'12'') Imagem colaboradores – plano médio (conjunto) (0'21''-0'42'') Imagem colaboradores – plano médio (conjunto)
00084	0'05''	Imagem colaboradores – plano médio (conjunto)
00085	0'10''	Imagem colaboradores – plano médio (conjunto)
00086	0'17''	DESCARTE
00087	0'07''	DESCARTE
00088	0'04''	Imagem comida joelho – plano detalhe (super close-up)
00089	0'12''	Imagem comida joelho – plano detalhe (super close-up)
00090	0'14''	Imagem colaboradores – plano médio (conjunto)
00091	0'09''	DESCARTE
00092	4'07''	DESCARTE

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 25/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WELSEY COLATI

RETRANÇA: VÍDEO INSTITUCIONAL/FISIOTERAPIA

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00086	01'15''	(00'20'' – 01'15'') Imagem Início da fisioterapia – plano médio
00087	00'38''	(00'00'' 00'18'') Imagem fisioterapia – plano médio (0'19'' 00'38'') Mãos massageando – super close no rosto da assistida seguido de zoom out
00088	00'22''	(00'00'' 00'14'') Imagem fisioterapia – plano médio, seguido de zoom in
00089	00'26''	Mãos massageando – super close no rosto da assistida
00090	00'45''	(00'24'' – 00'45'') Imagem fisioterapia – super close no rosto da assistida, após zoom in
00091	00'30	(00'04 – 00'11'') – Imagem fisioterapia – close up com pan vertical de baixo para cima (00'17 – 00'30'') – Imagem fisioterapia – close up com pan vertical de cima para baixo
00092	00'06''	Fisioterapeuta – close up
00093	00'27''	Rosto da assistida - super close

00094	00'45''	Fisioterapeuta – close up
00095	00'35''	Imagem fisioterapia - close up com zoom in para super close up
00096	01'04''	Massageando ombro - close up com zoom in/zoom out
00097	00'33''	Imagem fisioterapia - plano médio com zoom in
00098	00'25''	Imagem fisioterapia – plano geral
00099	00'26''	Imagem fisioterapia – plano geral
00100	00'40''	Imagem fisioterapia – plano médio
00101	00'30''	Imagem fisioterapia/exercício com pernas – plano médio com zoom out em mergulho
00102	00'46''	Imagem fisioterapia/exercício com as pernas – close up com zoom out
00103	00'19''	Imagem fisioterapia/exercício com as pernas – plano médio
00104	00'24''	Imagem fisioterapia/exercício com as pernas – plano médio
00105	00'05''	Imagem fisioterapia/exercício com as mãos – close up

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 25/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / INFORMÁTICA

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00106	0'03''	Imagem assistida caminhando – plano médio
00107	0'07''	Imagem assistido no computador – close-up
00108	0'10''	Imagem assistido no computador – close-up com zoom in
00109	0'06''	Imagem assistido no computador – abrindo em zoom out e parando em close-up
00110	0'26''	Imagem monitora e assistidos sala de informática – plano médio
00111	0'09''	Imagem monitora e assistidos sala de informática – plano geral
00112	0'02''	Imagem monitora e assistidos sala de informática – plano médio
00113	0'14''	Imagem monitora e assistidos sala de informática – plano médio
00114	0'17''	Imagem mãos no teclado – super close-up
00115	0'27''	DESCARTE
00116	0'18''	Imagem monitora e assistidos sala de informática – plano geral com pan
00117	0'16''	DESCARTE
00119	0'04''	DESCARTE
00120	0'16''	Imagem assistidos sala de informática – plano médio com zoom in

00121	0'22''	Imagem assistido no computador – big close-up com zoom out + pan
00122	0'15''	Imagem assistidos no computador – close up
00123	0'29''	Imagem assistido no computador – super close-up
00124	0'11''	Imagem assistida no computador – super close-up
00125	0'23''	Imagem mãos no teclado – big close-up
00126	0'23''	Imagem mãos no teclado – big close-up com zoom in
00127	0'18''	Imagem assistida no computador – super close-up com zoom in
00128	0'09''	Imagem assistida no computador – close-up com zoom in

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 25/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / INFORMÁTICA

CÂMERA: Nº 6

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00139	0'06''	Imagem aula de informática – plano médio
00140	0'06''	Imagem aluno digitando – close mergulho
00141	0'26''	Imagem aula de informática – plano médio com pan
00142	0'06''	Imagem assistida digitando – close –up
00143	0'14''	DESCARTE
00144	0'25''	DESCARTE
00145	0'45''	(0'0''- 0'5'') Imagem tela computador com poesia – plano detalhe (big close up)
00146	0'16''	Imagem assistidos na sala de informática – close-up com pan
00147	0'16''	Imagem assistidos na sala de informática – close-up com pan (inverso)
00148	0'04''	Imagem assistido digitando – close up
00149	0'09''	Imagem aula de informática – plano médio
00150	0'43''	(0'00''-0'25'') Imagem aula informática – close nos alunos com zom out
00151	0'20''	Imagem aula de informática – pan
00152	0'16''	Imagem aula de informática – pan geral da sala (180 graus)
00153	0'03''	Imagem camiseta monitora de costas – close-up
00154	0'05	DESCARTE
00155	0'30''	Imagem aula de informática – plano médio com zoom in
00156	0'02''	DESCARTE
00157	0'54''	Imagem assistido digitando (som dosvox) – close- up mergulho
00158	0'51''	Imagem assistido digitando (som dosvox) – plano detalhe (variações de zoom in e zoom out)
00159	2'00''	Imagem tela do computador (som dosvox) – (variação de zoom in e zoom out)

00160	0'27''	DESCARTE
00161	0'53''	DESCARTE
00162	0'07''	DESCARTE
00163	0'07''	DESCARTE
00164	0'28''	DESCARTE
00165	1'04	Imagem assistido mexendo computador – close up
00166	2'48''	Imagem assistido ligando e desligando computador – close-up (próximo)
00167	1'08''	Imagem assistido mexendo dosvox – close-up
00168	0'11''	DESCARTE
00169	0'12''	DESCARTE

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 25/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / PSICOSSOCIAL FEMININO

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00129	0'23''	Imagem atendimento assistidas – plano médio com pan
00130	0'27''	Imagem atendimento assistidas – plano médio com pan
00131	1'50''	(0'00- 0'30'') Imagem atendimento assistidas – plano médio com pan em mergulho (0'55'' – 1'40'') Imagem psicóloga + ass. social + assistida – close-up
00132	7'19''	(0'00'' – 0'25'') Imagem psicóloga + ass. social + assistida – close-up (1'25''- 1'43'') Imagem assistida sorrindo – super close-up (2'05''- 2'22) Imagem ass. social + assistida – plano médio (3'00''- 3'19'') Imagem assistida – close-up (3'25'' -3'42'') Imagem assistida com psicóloga ao fundo – super close-up (3'55''- 4'15'') Imagem assistida sorrindo – big close-up (4'30'' -4'53'') Imagem assistida sorrindo – super close-up com zoom in/ zoom out (5'56''- 6'00'') Imagem assistida sorrindo – super close-up com pan vertical (6'50'' – 7'10'') Imagem mãos assistida com bengala – big close-up com zoom out
00133	2'32''	(0'00''- 0'15'') Imagem assistidas – close-up com zoom out (0'27'' – 0'50'') Imagem psicologa escrevendo – big close-up (2'00'' -2'18'') Imagem ass. social + assistida – plano médio
00134	0'39''	Imagem mãos – big close-up com pan (parando no rosto da assistida)
00135	0'36''	(0'00''-0'13'') Imagem olhos assistida – super close-up (0'25''- 0'36'') Imagem olhos assistida – super close-up com zoom out

00136	1'28"	DESCARTE
00137	0'13"	DESCARTE
00138	0'17"	DESCARTE
00139	0'27"	Imagem atendimento assistidas – plano médio com pan
00140	0'04"	Imagem assistidas – close-up
00141	0'10"	Imagem assistidas + psicóloga + ass. social – plano médio em mergulho
00142	0'27"	(0'0" - 0'10") Imagem psicóloga + ass. social – close-up
00143	0'35"	(0'00"-0'23") Imagem psicóloga – close-up com zoom in
00144	0'47"	DESCARTE
00145	1'00"	DESCARTE
00146	1'10"	(0'00"- 0'15") Imagem assistida sorrindo – close-up com zoom in em plano médio (0'57"- 1'10") – Imagem assistida sorrindo – super close-up
00147	0'06"	Imagem mãos – big close-up
00148	0'26"	Imagem assistida + ass. social – plano médio
00149	0'26"	Imagem assistida sorrindo – close-up
00150	2'36"	(0'0" – 0'10") Imagem assistida falando – close-up (0'15' – 0'23") Imagem assistida rindo – close-up (1'22" – 1'40") Imagem assistida falando – super close-up
00151	0'06"	DESCARTE
00152	0'14"	Imagem ass. social – super close-up
00153	0'07"	Imagem psicóloga – super close-up
00154	0'06"	Imagem psicóloga – super close-up
00155	0'25"	Imagem assistida – super close-up
00156	0'10"	Imagem assistida – super close-up
00157	0'06"	DESCARTE
00158	0'15"	DESCARTE
00159	0'16"	(0'12" – 0'16") Imagem psicóloga e assistida acenando – super close-up
00160	0'28"	DESCARTE
00161	0'18"	DESCARTE

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 25/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRÁFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANÇA: VÍDEO INSTITUCIONAL / GRUPO PSICOSSOCIAL FEMININO

CÂMERA: Nº 6

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00170	0'12"	Imagem atendimento grupo – plano geral com zoom in
00171	0'16"	Imagem atendimento psicóloga e atendida – close up
00172	0'05"	Imagem atendimento psicóloga + ass. social + atendida – plano médio
00173	0'06"	Imagem assistente social – close up
00174	0'03"	Imagem assistente social rosto – super close-up
00175	0'05"	Imagem psicóloga + assistente social – close up
00176	0'17"	(0'00" – 0'13") Imagem psicóloga + ass. social + atendida

		– plano médio (0'12" -0'17") Imagem psicóloga + ass. Social – zoom in com parada em close-up
00177	0'05"	Imagem assistida + psicóloga – close up
00178	0'10"	Imagem assistidas – close up
00179	0'18"	Imagem assistidas – plano geral
00180	0'13"	Imagem assistidas – plano geral
00181	0'15"	Imagem assistida – close up com zoom in e zoom out
00182	0'29"	Imagem ass. social + assistida – plano médio com zoom out e zoom in
00183	1'29"	Imagem assistidas + psicóloga – plano médio com zoom in (19") de detalhes rosto e mãos
00184	0'38"	Imagem detalhes mãos – plano detalhe (big close-up)
00185	0'18"	Imagem assistidas – plano médio
00186	0'49"	Imagem assistidas – close up
00187	0'18"	Imagem mão assistente social – close up
00188	0'10"	DESCARTE
00189	0'15"	Imagem mão psicóloga – close up
00190	0'26"	Imagem rosto psicóloga – super close-up
00191	0'54"	Imagem rosto psicóloga – super close-up
00192	0'13"	Imagem duas assistidas – super close-up
00193	0'09"	Imagem assistida rindo – super close-up
00194	0'11"	Imagem assistida – super close-up com zoom out para plano geral
00195	0'15"	Imagem rosto assistida – super close-up
00196	0'22"	Imagem ass. social + psicóloga + assistidas – super close up com pan
00197	0'57"	(0'00" - 0'25") Imagem ass. social + psicóloga + assistidas – close-up com zoom out em plano médio (0'27" - 0'53") Imagem assistidas – plano médio com pan
00198	1'26"	(0'00"-0'24") Imagem assistidas – plano médio (0'25"- 1'26") Imagem assistidas sorrindo – super close-up
00199	1'51"	(0'25"-0'57") Imagem assistidas + psicóloga + ass. social – close-up com pan (1'03" – 1'51") Imagem assistidas – super close-up com pan (1'30"- 1'40") Imagem assistida sorrindo – super close-up

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 25/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WELSEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL/GRUPO PSICOSSOCIAL MASCULINO

CÂMERA: Nº 6

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00200	0'28"	Imagem assistidos – plano geral com pan
00201	0'44"	(0'17" – 0'36") Imagem assistidos + psicóloga + assistente social – close up com pan

00202	0'13"	Imagem assistidos – close up
00203	2'35	(00'00" - 0'31") Imagem assistidos – close up (0'47" – 1'00") Imagem assistente social + assistidos plano médio com zoom out (1'15" – 1'36") Imagem assistidos – plano geral (2'14" – 2'23') Assistente social escrevendo – super close up com zoom out (2'30" – 2'35") Imagem assistidos – plano geral com pan
00204	2'06"	((0'00" – 0'12") Imagem assistido – close up (0'47" - 1'03") – Assistidos sorrindo – super close up (1'56" – 2'06") Imagem rosto assistido – super close up
00205	0'09"	Imagens mão assistido super close up
00206	0'55"	Imagem rosto assistido – big close up (vários)
00207	0'54"	(0'00" – 0'31") Imagem rosto assistido – big close up (vários) (0'31" – 0'54") Imagem assistidos – super close up
00208	1'13"	(0'55" – 1'10") Imagem assistidos com detalhe mãos – close up
00209	0'27"	(0'00" – 0'11") Imagem assistente social + psicóloga – close up
00210	0'12"	Descarte
00211	0'35"	(0'00" – 0'16") Imagem assistidos – close up (0'22" – 0'35") Imagem rosto assistidos – close up com zoom in/super close up
00212	0'18"	Imagem rosto assistido – super close up
00213	0'06"	Imagem rosto assistido – super close up
00214	0'27"	Imagem Psicóloga – plano médio
00215	0'16"	Imagem assistidos – plano médio
00216	0'25"	Imagem assistidos – plano médio mergulho
00217	0'41"	(0'00"-0'10") Imagem mãos – super close up
00218	0'12"	Descarte

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 25/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WELSEY COLATI

RETRANÇA: VÍDEO INSTITUCIONAL/SALAS VAZIAS

CÂMERA: Nº 6

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00277	0'08"	Imagem sala soroban – plano médio com pan
00278	0'09"	Imagem sala soroban – plano geral com zoom in
00279	0'05"	Imagem mesa soroban – plano médio
00280	0'07"	DESCARTE
00281	0'05"	Imagem mesa com máquina de braille – close-up com zoom in
00282	0'03"	Imagem sala soroban – plano geral

00283	0'05"	DESCARTE
00284	0'05"	Imagem sala de soroban – plano médio em mergulho com pan
00285	0'05"	Imagem mesa de soroban – plano médio com pan
00286	0'03"	DESCARTE
00287	0'02"	Imagem sala psicologia – plano geral
00288	0'04"	Imagem sala psicologia – plano geral com pan
00289	0'11"	Imagem sala psicologia – plano médio com pan
00290	0'08"	Imagem sala psicologia – plano médio com pan
00291	0'01'	Imagem brinquedos da sala de psicologia – close-up
00292	0'06"	Imagem brinquedos da sala de psicologia – close-up com zoom in
00293	0'04"	DESCARTE
00294	0'02"	DESCARTE
00295	0'07"	Imagem sala de educação infantil – plano geral com pan
00296	0'09"	Imagem sala de educação infantil – plano geral com pan
00297	0'11"	DESCARTE
00298	0'02"	DESCARTE
00299	0'04"	DESCARTE
00300	0'03"	DESCARTE
00301	0'08"	Imagem sala estimulação precoce – plano médio com pan
00302	0'02"	Imagem detalhes da sala estimulação precoce – close-up
00303	0'03"	DESCARTE
00304	0'08"	DESCARTE
00305	0'04"	Imagem sala braille – plano geral com pan
00306	0'02"	Imagem máquina e papel de braille – close-up
00307	0'02"	Imagem máquina e papel de braille – close-up
00308	0'04"	Imagem máquinas de braille – close up
00309	0'01"	Imagem máquinas de braille – close up
00310	0'05"	DESCARTE
00311	0'04"	DESCARTE

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 25/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / AVD

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00219	0'39"	DESCARTE
00220	0'09"	DESCARTE
00221	0'11"	DESCARTE
00222	0'05"	Imagem entregando feijão – plano médio
00223	0'04"	DESCARTE
00224	0'03"	Imagem entregando feijão – plano médio mais fechado
00225	0'03"	DESCARTE
00226	0'09"	Imagem mãos escolhendo feijão – super close
00227	0'08"	Imagem mãos escolhendo feijão – super close

00228	0'08"	Imagem mãos escolhendo feijão – super close com zoom in
00229	0'08"	Imagem mãos escolhendo feijão – super close em mergulho
00230	0'16"	Imagem assistidos escolhendo feijão – plano médio em mergulho
00231	0'09"	(0'00"- 0'06") Imagem assistidos escolhendo feijão – plano médio com pan
00232	0'05"	(0'02 – 0'05") Imagem assistida escolhendo feijão – close-up com zoom in
00233	0'03"	DESCARTE
00234	0'10"	Imagem mãos escolhendo feijão – super close-up
00235	0'10"	(0'07"-0'10") Imagem assistidas escolhendo feijão – plano médio contra mergulho
00236	0'14"	Imagem assistidos escolhendo feijão – plano médio com zoom in/zoom out
00237	0'07"	Imagem assistidos escolhendo feijão – plano médio
00238	0'18"	Imagem mãos escolhendo feijão – super close com zoom in
00239	0'10"	Imagem mãos colocando feijão na tigela –super close-up
00240	0'09"	Imagem mãos escolhendo feijão – super close-up em mergulho
00241	0'10"	Imagem mãos escolhendo feijão - super close-up
00242	0'05"	Imagem mãos escolhendo feijão – super close-up em mergulho
00243	0'08"	Imagem mãos colocando feijão na tigela – super close-up
00244	0'30"	Imagem assistida com coordenadora – plano médio em contra mergulho
00245	0'04"	Imagem mãos escolhendo feijão – super close-up
00246	0'06"	Imagem assistida escolhendo feijão – close-up contra mergulho
00247	0'48"	DESCARTE
00248	0'02"	DESCARTE
00249	0'25"	DESCARTE
00250	0'55"	(0'38" - 50") Imagem coordenadora orientando– close-up com zoom out
00251	0'22"	DESCARTE
00252	0'09"	DESCARTE
00253	0'03"	Imagem assistido – close-up
00254	0'09"	Imagem coordenadora distribuindo pratos – plano médio com zoom in e pan
00255	0'12"	DESCARTE
00256	0'08"	DESCARTE
00257	0'04"	DESCARTE
00258	0'06"	Imagem assistida tocando alimento – super close-up com zoom in
00259	0'10"	DESCARTE
00260	0'10"	Imagem coordenadora orientando manuseio de alimentos – plano médio com pan
00261	0'09"	Imagem coordenadora orientando manuseio de alimentos – plano médio com zoom in
00262	0'03"	DESCARTE

00263	0'23"	DESCARTE
00264	0'19"	Imagem coordenadora orientando manuseio de alimentos – close-up com zoom out
00265	0'03"	Imagem manuseio de alimentos – super close-up
00266	0'17"	Imagem descascando cenoura – super close-up
00267	0'08"	DESCARTE
00268	0'03"	DESCARTE
00269	0'04"	Imagem assistidos descascando cenoura – close-up contra mergulho
00270	0'05"	DESCARTE
00271	0'09"	Imagem assistida descascando cenoura – close-up
00272	0'27"	Imagem descascando cenoura – super close-up
00273	0'08"	Imagem descascando cenoura – super close-up com zoom in
00274	0'28"	DESCARTE
00275	0'09"	DESCARTE
00276	0'06"	Imagem assistida descascando cenoura – close-up

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 26/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANÇA: VÍDEO INSTITUCIONAL / COZINHA/ ED. FÍSICA COM CRIANÇA

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00267	0'18"	DESCARTE
00268	0'41"	(0'35"-0'41") Imagem colocando alimento panela – super close-up
00269	0'13"	Imagem mexendo alimentos panela – super close-up com zoom out
00270	0'17"	Imagem lavando alimentos – close-up com zoom in
00271	0'18"	Imagem lavando alimentos – close-up com zoom out
00272	0'09'	Imagem mexendo alimentos panela – close-up
00273	0'08"	DESCARTE
00274	0'13"	Imagem colocando arroz recipiente – close-up
00275	0'23"	DESCARTE
00276	0'18"	Imagem lavando arroz – big close-up com zoom out
00277	0'22"	Imagem mexendo panela – super close-up
00278	0'10"	DESCARTE
00279	0'21"	Imagem colocando arroz panela – super close-up
00280	0'16"	Imagem mexendo arroz panela – close-up com zoom out
00281	0'08"	DESCARTE
00282	0'10"	DESCARTE
00283	0'04"	DESCARTE
00284	0'06"	Imagem aula com criança educação física – plano médio
00285	0'18"	(0'003"-0'18") Imagem aula com criança educação física - plano médio
00286	0'26"	Imagem aula com criança educação física – plano médio

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 26/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / ATENDIMENTO INFANTIL/ EDUCAÇÃO FÍSICA

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00245	0'22"	Imagem atendimento infantil – plano médio em mergulho
00246	0'31"	Imagem atendimento infantil – plano médio em mergulho
00247	0'10"	Imagem atendimento infantil – close-up
00248	0'48"	Imagem atendimento infantil – close-up
00249	0'06"	DESCARTE
00250	0'10"	Imagem aluno virando a página – super close-up
00251	0'18"	Imagem aluno virando a página – super close-up
00252	1'00"	Imagem assistido e monitora lendo – close-up
00253	0'24"	Imagem exercício pernas - super close-up com zoom out
00254	0'52"	DESCARTE
00255	0'18"	Imagem assistida chegando associação – plano médio com travelling
00256	0'45"	DESCARTE
00257	0'43"	DESCARTE
00258	0'16"	Imagem assistidos fazendo exercício – plano médio em mergulho
00259	0'35"	Imagem assistidos fazendo exercício – close-up com zoom out
00260	0'39"	(0'00'-0'25") Imagem assistidos fazendo exercício – close-up com zoom out (0'26"-0'30") Imagem pés fazendo exercício – super close-up
00261	0'27"	Imagem assistidos fazendo exercício – plano médio
00262	0'27"	Imagem assistido caminhando corredor- plano médio
00263	0'08"	DESCARTE
00264	0'09"	Imagem assistido caminhando corredor – plano médio com travelling
00265	0'27"	(0'10"-0'27") Imagem monitora conversando com assistido – close-up com zoom in
00266	0'16"	Imagem assistido caminhando corredor – plano médio com travelling

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 26/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL/AULA DE BRAILLE

CÂMERA: Nº 6

TAK E	TIME CODE	SEQUÊNCIA
0034	00'03"	Imagem aula de braille – close-up

4		
0034 5	00'11''	Imagem aula de braille – close-up em mergulho com zoom out
0034 6	00'20''	Imagem mãos lendo braille – super close-up com zoom in em mergulho
0034 7	00'24''	Imagem aula de braille – close-up com zoom in
0034 8	00'15''	Imagem aula de braille – super close-up com zoom in
0034 9	00'13''	Imagem mãos lendo braille – super close-up em mergulho
0035 0	00'24''	Imagem mãos – super close-up com zoom in
0035 1	00'05''	Imagem assistido – close-up
0035 2	00'08''	Imagem mãos lendo braille – super close-up em mergulho
0035 3	00'02''	Imagem mãos escrevendo máquina – super close-up
0035 4	00'06''	Imagem mãos escrevendo máquina – super close-up
0035 5	00'03''	Imagem mãos escrevendo máquina – super close-up
0035 6	00'17''	Imagem mãos escrevendo máquina – super close-up
0035 7	00'12''	Imagem assistidos – close-up com zoom in em detalhe
0035 8	00'09''	DESCARTE
0035 9	00'07''	Imagem aula de braille – plano médio em mergulho
0036 0	00'03''	Imagem aula de braille – plano médio em mergulho
0036 1	00'04''	Imagem mãos assistido – super close-up com zoom in
0036 2	00'06''	Imagem mãos assistidos escrevendo máquina – big close-up
0036 3	00'12''	Imagem mãos assistidos escrevendo máquina – big close-up
0036 4	00'05''	Imagem mãos assistidos escrevendo máquina – big close-up
0036 5	00'07''	Imagem mãos assistidos escrevendo máquina – big close-up com zoom out
0036 6	00'09''	Imagem assistida – close-up
0036 7	00'09''	Imagem assistido lendo com monitora – plano médio
0036 8	00'05''	DESCARTE

0036 9	06'26''	Sonora monitora de braille
-----------	---------	----------------------------

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 26/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL/AULA DE MÚSICA - SONORA COM LÁZARO

CÂMERA: Nº 6

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00370	00'28''	Imagem aula de música – plano médio com zoom in
00371	00'20''	Imagem assistido tocando – close-up
00372	00'05''	Imagem assistido tocando guitarra – close-up
00373	00'43''	(0'25'' - 0'37'') Imagem tocando sanfona – close-up com zoom in e zoom out
00374	00'02''	DESCARTE
00375	00'06''	DESCARTE
00376	00'20''	Imagem assistido cantando – close-up com zoom in
00377	00'54''	(0'00'' - 0'26'') Imagem assistidos tocando – super close-up com pan (0'40'' - 0'54'') Imagem monitor tocando violão – close-up com zoom in
00378	00'26''	Imagem aula de música – plano médio com pan parando em close-up do monitor
00379	00'41''	(0'30'' - 0'41'') Imagem assistido tocando – close-up em contra mergulho
00380	00'24''	Imagem rosto assistido – big close-up com zoom out
00381	00'55''	Imagem rosto assistido – big close-up com zoom out
00382	00'06''	Imagem rosto assistido – super close-up
00083	15'41''	Sonora Lázaro – planos detalhes de suporte diversos
00384	00'15''	Imagem assistido cantando – close-up
00385	00'36''	(0'025'' - 0'36'') Imagem mãos tocando instrumento – super close-up
00386	00'25''	Imagem Lázaro tocando instrumento – close-up
00387	01'01''	(0'043' 0'51'') Imagem mãos tocando instrumento – super close-up
00388	00'05''	Imagem assistidos tocando instrumento – plano médio
00389	00'52''	(0'00'' - 0'15'') Imagem mãos tocando guitarra – super close-up (0'40''0'52'') Imagem tocando instrumento – super close-up com pan em vertical parando com assistida sorrindo

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 26/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI
 RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL/SONORA COM A CAMILA (ASSISTENTE SOCIAL) E SARAH (ASSISTIDA)

CÂMERA: Nº 6

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00390	00'27''	DESCARTE
00391	03'35''	Sonora com Assistente Social – planos detalhes diversos de suporte
00392	06'44''	Sonora Sarah – planos detalhes diversos de suporte

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 26/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WELSEY COLATI
 RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL/ SONORA LÁZARO

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00303	0'53''	Imagem Lázaro cantando – plano médio
00304	1'02''	Imagem Lázaro cantando – plano médio
00305	9'26''	Sonora Lázaro
00306	0'59''	Imagem Lázaro sorrindo e cantando – plano médio
00307	10'7''	Imagem Lázaro cantando e sorrindo – plano médio
00308	1'24''	Imagem Lázaro cantando – plano médio
00309	1'21''	Imagem Lázaro cantando – plano médio

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 26/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WELSEY COLATI
 RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL/ ATENDIMENTO INFANTIL

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00310	0'10''	Imagem atendimento infantil – plano médio
00311	0'05''	DESCARTE
00312	0'02''	DESCARTE
00313	0'05''	DESCARTE
00314	0'20''	Imagem atendimento infantil – plano médio em mergulho
00315	0'18''	Imagem atendimento infantil – plano médio
00316	0'10''	Imagem atendimento infantil – plano médio
00317	0'41''	Imagem atendimento infantil – close-up com zoom in
00318	0'06''	DESCARTE
00319	0'08''	DESCARTE
00320	0'02''	DESCARTE

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 26/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WELSEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL/ AULA DE MÚSICA

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00321	0'43''	(0'20'' -0'43'') Imagem assistidos cantando – plano médio
00322	0'20''	DESCARTE
00323	0'27''	DESCARTE
00324	0'18''	Imagem Lázaro tocando – close-up
00325	0'08''	Imagem tocando pandeiro – close-up
00326	0'29''	Imagem assistidos tocando – plano médio
00327	0'20''	Imagem assistidos tocando – plano médio com zoom in
00328	0'12''	DESCARTE
00329	0'24''	DESCARTE
00330	0'22''	Imagem Lázaro – super close-up
00331	0'17''	Imagem assistido cantando –super close-up
00332	1'01''	(0'30''-1'01'') Imagem assistidos cantando – plano médio
00333	0'23''	Imagem assistidos tocando – close-up
00334	0'25''	Imagem assistidos tocando – close-up com pan
00335	0'33''	Imagem tocando sanfona – super close-up com zoom in

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 26/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WELSEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL/ BRAILLE/ SONORA APOIO CLEIDE

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00287	0'29''	DESCARTE
00288	0'45''	(0'15'' - 0'45'') Imagem assistida aprendendo braille – close-up em mergulho com zoom in
00289	0'06''	DESCARTE
00290	0'16''	Imagem assistido lendo em braille – super close-up em mergulho
00291	0'10''	DESCARTE
00292	0'55''	(0'00'' – 0'10'') Imagem assistidos aula braille – close-up (0'20''- 0'5'') Imagem assistidos aula braille – close-up com zoom in
00293	0'17''	DESCARTE
00294	0'30''	(0'20'' – 0'30'') Imagem assistido bolinhas ping pong – super close-up em mergulho
00295	0'34''	(0'00''-0'05'') Imagem monitora braille – super close-up
00296	0'05''	DESCARTE
00297	0'09''	Imagem mãos lendo braille – super close-up
00298	0'01''	DESCARTE

00299	0'06''	DESCARTE
00300	0'32''	DESCARTE
00301	6'21''	Sonora Cleide – planos diversos de apoio
00302	0'20''	Sonora Cleide – planos diversos de apoio

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 26/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WELSEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / IMAGENS EXTERNAS COM EDUCAÇÃO FÍSICA

CÂMERA: Nº 6

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00312	01'40''	(0'00'' - 0'13'') Imagem chegada assistido associação – plano médio com pan
00313	00'40''	Imagem chegada monitor associação – plano médio com travelling
00314	04'05''	(0'00'' - 1'15'') Imagem chegada assistido – plano médio com zoom out e travelling
00315	00'17''	Imagem assistidos fazendo exercício – plano médio contra mergulho com zoom in e zoom out
00316	00'01''	DESCARTE
00317	00'18''	Imagem assistidos fazendo exercício – plano médio
00318	00'07''	Imagem assistidos fazendo exercício – plano médio
00319	00'07''	Imagem assistidos fazendo exercício – plano médio
00320	00'12''	Imagem assistido fazendo exercício – super close-up com zoom out
00321	00'04''	Imagem assistido fazendo exercício – close-up
00322	00'04''	Imagem rosto assistido – super close-up
00323	00'20''	Imagem assistido fazendo exercício com monitora – plano médio com zoom in parando em plano detalhe
00324	00'10''	Imagem assistido fazendo exercício com monitora – plano médio com zoom in
00325	00'02''	Imagem assistido – super close-up
00326	00'10''	Imagem assistidos fazendo exercício – plano médio em contra mergulho
00327	00'05''	Imagem assistidos fazendo exercício – plano médio
00328	00'04''	Imagem assistidos fazendo exercício – plano médio
00329	00'10''	Imagem assistidos fazendo exercício com monitora – plano médio
00330	00'45''	(0'15'' - 0'45'') Imagem assistidos fazendo exercícios com monitora – plano médio com zoom in e zoom out
00331	00'09''	DESCARTE
00332	00'15''	DESCARTE
00333	00'07''	DESCARTE
00334	00'19''	Imagem assistidos fazendo exercício em círculo – plano médio em contra mergulho
00335	00'05''	Imagem pés assistidos em círculo – close-up em

		mergulho
00336	00'09''	DESCARTE
00337	00'09''	Imagem assistidos fazendo exercício – plano médio com zoom in
00338	00'10''	DESCARTE
00339	01'22''	Imagem perua chegando – plano geral com zoom in e zoom out
00340	00'31''	Imagem perua chegando – plano médio com zoom in
00341	0036''	(0'07'' - 0'036'') Imagem perua chegando – plano geral com zoom in
00342	00'27''	Imagem perua chegando – close-up com zoom out
00343	01'01''	Imagem perua chegando – plano geral com zoom in

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 26/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WELSEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL/ SONORAS CAMILA E SARAH

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00336	0'31''	DESCARTE
00337	3'35''	Sonora Camila
00338	6'47''	Sonora Sarah

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 27/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / APOIO SONORA JOSÉ APARECIDO E

LUZIA

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00339	0'18''	DESCARTE
00340	0'03''	DESCARTE
00341	8'02'	Imagem sonora José Aparecido – planos detalhes de apoio
00342	8'05	Imagem sonora Luzia – planos detalhes de apoio
00343	4'01''	Imagem Luzia lendo poesia em braille – super close-up com zoom in
00344	0'17''	Imagem Luzia lendo poesia em braille – super close-up em mergulho
00345	1'17''	Imagem Luzia lendo poesia em braille – planos detalhes diversos
00346	0'30''	Imagem Luzia lendo poesia em braille – planos detalhes diversos
00347	0'36''	Imagem Luiz lendo poesia em braille – super close-up com zoom in

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 27/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANÇA: VÍDEO INSTITUCIONAL / AULA DE DANÇA

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00348	0'16"	DESCARTE
00349	0'18"	DESCARTE
00350	0'11"	DESCARTE
00351	0'20"	Imagem assistidos se alongando – plano médio
00352	0'23"	DESCARTE
00353	0'33"	Imagem assistidos se alongando – plano médio com zoom in e zoom out
00354	0'21"	Imagem assistidos se alongando com monitora – plano médio
00355	0'09"	DESCARTE
00356	0'19"	Imagem assistidos se alongando com monitora – plano médio
00357	0'05"	DESCARTE
00358	0'18"	DESCARTE
00359	0'39"	Imagem assistidos se alongando – close-up
00360	0'21"	DESCARTE
00361	0'20"	DESCARTE
00362	0'21"	Imagem assistidos em círculo – plano médio
00363	0'09"	Imagem assistidos andando em círculo – plano médio
00364	0'38"	(0'15" -0'38") Imagem pés assistidos em círculo – close-up
00365	1'53"	Imagem pés assistidos em círculo – close-up
00366	0'15"	Imagem assistidos mãos dadas – super close-up
00367	0'21"	Imagem assistidos em círculo – plano médio em contra mergulho
00368	0'09"	DESCARTE
00369	0'06"	DESCARTE
00370	0'09"	Imagem pés assistidos – close-up com pan
00371	0'32"	DESCARTE
00372	0'12"	Imagem assistida – plano médio zom pan na vertical
00373	0'08"	Imagem mãos dadas – super close-up
00374	0'06"	DESCARTE
00375	0'28"	DESCARTE
00376	0'10"	DESCARTE
00377	0'27"	(0'15"-0'27") Imagem assistidos em círculo – plano médio em contra mergulho
00378	0'15"	DESCARTE
00379	0'02"	DESCARTE
00380	0'02"	DESCARTE
00381	0'07"	DESCARTE
00382	0'27"	DESCARTE
00383	1'13"	DESCARTE
00384	0'52"	Imagem assistidos em círculo – close-up com pan em 360°
00385	0'30"	(0'15" – 0'30") Imagem assistidos – super close-up

00386	0'10"	DESCARTE
00387	0'23"	DESCARTE
00388	0'06"	Imagem rosto assistida sorrindo – super close-up
00389	0'08"	DESCARTE
00390	0'14"	Imagem assistidos andando em círculo – close-up
00391	0'05"	DESCARTE
00392	1'03"	Imagem assistidos subindo escada – plano médio com travelling
00393	0'12"	Imagem assistida sendo guiada por outro assistido – super close-up

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 27/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / AULA SOROBAN E SONORA LUIZ

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00394	0'02"	DESCARTE
00395	0'04"	Imagem assistida soroban – close-up em mergulho
00396	0'09"	Imagem mãos soroban – close-up
00397	0'05"	Imagem mãos soroban – close-up
00398	0'03"	Imagem mãos soroban – close-up
00399	0'03"	Imagem mãos soroban – super close-up em mergulho
00400	0'06"	Imagem mãos soroban – super close-up em mergulho
00401	0'05"	Imagem assistido soroban – close-up em mergulho
00402	0'11"	Imagem assistido soroban – close-up em mergulho com zoom in
00403	0'06"	DESCARTE
00404	0'04"	DESCARTE
00405	0'05"	DESCARTE
00406	0'04"	DESCARTE
00407	0'05"	DESCARTE
00408	0'05"	Imagem assistida soroban – close-up
00409	0'09"	DESCARTE
00410	0'06"	DESCARTE
00411	0'05"	Imagem assistida soroban – close-up
00412	0'14"	Imagem mãos assistida – super close-up com zoom in e zoom out
00413	0'07"	DESCARTE
00414	0'09"	DESCARTE
00415	0'09"	Imagem mãos soroban – big close-up
00416	0'05"	Imagem rosto assistido – super close-up
00417	0'15"	DESCARTE
00418	0'06"	Imagem assistida soroban – close-up
00419	0'03"	DESCARTE
00420	0'08"	DESCARTE
00421	16'29"	Sonora Luiz – planos detalhes diversos de apoio

00422	0'03"	Imagem rosto Luiz – super close-up
-------	-------	------------------------------------

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 27/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / SOROBAN/ SONORAS LUIZ E BERTIANE

CÂMERA: Nº 6

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00425	0'17"	(0'13"- 0'17") Imagem aula soroban - close-up
00426	0'10"	Imagem aula soroban de fora – plano médio com pan
00427	0'05"	Imagem aula soroban de fora – plano médio com pan
00428	0'11"	Imagem aula soroban de fora – plano médio
00429	0'05"	Imagem assistido soroban – close-up
00430	0'32"	Imagem monitor lendo em braille – close-up com zoom in
00431	0'14"	Imagem mãos soroban – super close-up cm mergulho
00432	0'28"	(0'21"-0'28") Imagem mãos soroban – super close-up
00433	0'09"	Imagem monitor e assistido soroban – close-up em mergulho
00434	0'11"	Imagem aula de soroban – plano médio
00435	0'38"	Imagem aula soroban – plano médio em mergulho com zoom in
00436	1'11"	(0'34" - 1'11") Imagem mãos soroban – super close-up em mergulho
00437	0'06"	Imagem mãos soroban – super close-up em mergulho
00438	0'06"	Imagem assistida soroban – super close-up em mergulho
00439	0'05"	Imagem mãos soroban – close-up
00440	0'09"	Imagem assistido sendo auxiliado por monitor – close-up
00441	0'28"	DESCARTE
00442	0'20"	DESCARTE
00443	0'29"	Imagem assistidos soroban – close-up
00444	0'13"	Imagem assistida soroban – plano médio em contra-mergulho
00445	0'06"	Imagem assistida soroban – plano médio em contra-mergulho
00446	0'13"	Imagem mãos assistido soroban – super close-up em mergulho
00447	0'06"	Imagem mãos assistido soroban – super close-up em mergulho
00448	0'06"	Imagem mãos assistido soroban – super close-up em mergulho
00449	16'32"	Sonora Luiz
00450	0'08"	Imagem Luiz sorrindo e dando tchau – plano americano
00451	16'29"	Imagem sonora Bertiane – planos detalhes de apoio
00452	5'59"	Imagem sonora Bertiane – planos detalhes de apoio
00453	5'32"	Imagem sonora Bertiane – planos detalhes de apoio

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 27/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / AULA DE DANÇA/ REFEITÓRIO

CÂMERA: Nº 6

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00400	0'06"	Imagem exercício de dança – plano geral
00401	0'09"	Imagem assistidos em roda – plano geral
00402	0'15"	DESCARTE
00403	0'12"	Imagem mãos assistidos – super close-up com zoom in e zoom out em plano médio
00404	1'33"	Imagem assistidos em roda – plano médio
00405	0'55"	Imagem assistidos em roda – plano geral
00406	0'09"	DESCARTE
00407	0'25"	DESCARTE
00408	0'35"	(0'07" – 0'35") Imagem assistidos em roda – close-up com zoom in
00409	0'26"	Imagem assistidos em roda – plano geral
00410	0'10"	Imagem assistidos em roda com ênfase na monitora – close-up com zoom in
00411	0'53"	Imagem pés assistidos – close-up
00412	0'17"	Imagem pés assistidos – close-up
00413	0'29"	Imagem assistidos girando – plano médio em contra mergulho
00414	1'07"	Imagem pés assistidos – close-up com zoom in e zoom out
00415	0'05"	DESCARTE
00416	0'05"	Imagem monitora – close-up
00417	0'40"	DESCARTE
00418	0'10"	DESCARTE
00419	0'09"	Imagem assistidos batendo palmas – close-up com pan
00420	0'11"	DESCARTE
00421	0'33"	Imagem assistidos andando em fila – plano médio
00422	0'21"	Imagem assistida subindo degraus – close-up com travelling
00423	0'16"	DESCARTE
00424	0'20"	Imagem assistidos almoçando – close-up

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 27/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / SONORA BERTIANE E CORREDORES

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00423	16'31"	Sonora Bertiane
00424	5'57"	Sonora Bertiane
00425	5'34"	Sonora Bertiane

00426	2'13"	Imagem corredor – plano médio com pan
00427	1'41"	Imagem corredor – plano médio com pan
00428	0'57"	Imagem corredor – plano médio com pan
00429	0'27"	DESCARTE
00430	1'30"	Imagem corredor – plano médio com pan
00431	0'33"	DESCARTE

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 27/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / SONORAS JOSÉ APARECIDO E LUZIA

CÂMERA: Nº 6

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00393	0'01"	DESCARTE
00394	8'06"	Sonora José Aparecido
00395	0'41"	Imagem Luzia cantando – plano meio close com zoom in
00396	8'03"	Sonora Luzia
00397	3'41"	Imagem Luzia lendo poesia em braille – plano meio close
00398	3'41"	Imagem Luzia lendo poesia em braille – plano meio close
00399	0'24"	Imagem Luzia – meio close

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 28/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / AULA ARTESANATO, SONORA

MONITORA E SANFONA

CÂMERA: Nº 6

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00454	0'18"	Imagem assistida pintando caixa – close-up
00455	0'43"	Imagem assistida pintando caixa – close-up com zoom in
00456	0'40"	Imagem mãos pintando – super close-up
00457	0'08"	Imagem mãos pintando – super close-up
00458	0'08"	Imagem assistida pintando caixa – super close-up com zoom out
00459	0'43"	(0'20" -0'43") Imagem assistido moldando caixa – super close-up com zoom out
00460	0'29"	DESCARTE
00461	0'01"	DESCARTE
00462	0'09"	Imagem mãos pintando – super close-up em mergulho
00463	0'28"	Imagem assistidos aula de arte – plano médio
00464	0'09"	DESCARTE
00465	0'09"	Imagem mãos moldando caixa – super close-up com zoom out
00466	0'18"	Imagem assistidos aula de arte com monitora – plano médio
00467	0'55"	Imagem assistida pintando caixa – close-up

00468	0'26"	Imagem assistida pintando caixa – close-up com zoom in
00469	0'54"	Imagem mãos mexendo agulha – close-up
00470	0'26"	Imagem rosto assistido – super close-up com zoom in em plano médio
00471	0'23"	Imagem mãos mexendo agulha – close-up
00472	0'14"	Imagem mãos mexendo agulha – close-up com zoom in e zoom out
00473	0'17"	DESCARTE
00474	0'19"	Imagem mãos costurando – super close-up com zoom in e zoom out
00475	0'07"	Imagem rosto assistida – super close-up
00476	0'28"	Imagem mãos mexendo agulha – super close-up
00477	0'20"	Imagem rosto assistido – super close-up
00478	0'11"	Imagem assistido mexendo com agulha – close-up
00479	0'05"	Imagem assistido aula de artesanato – close-up com zoom out em mergulho
00480	0'09"	Imagem assistido moldando caixa – close-up com zoom in em mergulho
00481	0'07"	DESCARTE
00482	0'11"	Imagem assistido moldando caixa – close-up em mergulho
00483	0'03"	DESCARTE
00484	0'06"	Imagem mãos trabalhando em peça – super close-up com zoom out
00485	0'09"	DESCARTE
00486	0'09"	DESCARTE
00487	0'27"	DESCARTE
00488	0'12"	DESCARTE
00489	0'06"	DESCARTE
00490	0'06"	Imagem assistido confeccionando cesta – super close-up
00491	2'37"	DESCARTE
00492	1'36"	DESCARTE
00493	0'27"	Imagem tocando sanfona – close-up com zoom in
00494	0'09"	Imagem tocando sanfona – super close-up com zoom out
00495	0'04"	DESCARTE
00496	0'18"	Imagem mãos tocando sanfona – super close-up
00497	0'13"	Imagem mãos tocando sanfona – big close-up com zoom out
00498	0'08"	Imagem mãos tocando sanfona – big close-up com zoom out
00499	0'17"	DESCARTE
00500	0'12"	Imagem mãos tocando sanfona – super close-up

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 28/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / AULA ARTESANATO, SONORA

MONITORA E SANFONA

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
------	-----------	-----------

00452	0'22"	Imagem assistido moldando caixa – super close-up
00453	0'12"	Imagem assistido aula artesanato – close-up
00454	0'36"	(0'09" – 0'23") Imagem rosto assistido desfocado – super close-up
00455	0'20"	Imagem costurando – super close-up com zoom in
00456	0'13"	DESCARTE
00457	0'15"	Imagem assistido trançando objeto – close-up
00458	0'42"	Imagem assistida pintando caixa – super close-up
00459	0'11"	DESCARTE
00460	0'18"	DESCARTE
00461	0'09"	DESCARTE
00462	0'18"	Imagem assistidos aula artesanato – close-up em contra mergulho
00463	0'34"	Imagem assistidos aula artesanato – plano médio
00464	0'02"	Imagem assistidos aula artesanato – close-up
00465	0'20"	Imagem assistidos aula artesanato – close-up
00466	0'18"	Imagem assistidos aula artesanato – close-up
00467	0'28"	Imagem assistidos aula artesanato – close-up
00468	4'18"	Sonora Lisandra
00469	2'42"	Imagem assistido tocando sanfona – plano médio
00470	1'48"	Imagem assistido tocando sanfona – close-up

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 28/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / AULA AVD E FACHADA

CÂMERA: Nº 6

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00519	0'19"	Imagem assistida colocando a mesa – plano médio com travelling
00520	0'17"	Imagem assistida colocando a mesa – plano médio
00521	1'12"	Imagem mesa sendo posta por assistida – close-up
00522	0'19"	DESCARTE
00523	0'06"	DESCARTE
00524	0'10"	DESCARTE
00525	0'18"	DESCARTE
00526	0'07"	DESCARTE
00527	0'09"	DESCARTE
00528	0'08"	DESCARTE
00529	0'04"	DESCARTE
00530	0'08"	Imagem assistida pegando xícaras – close-up com travelling
00531	0'35"	(0'22"- 0'35") Imagem assistida pegando frutas – close-up com zoom in
00532	0'05"	DESCARTE
00533	0'04"	DESCARTE
00534	0'12"	Imagem assistida colocando a mesa – plano médio
00535	0'21"	DESCARTE

00536	0'09"	Imagem assistida pegando talheres – super close-up
00537	0'06"	DESCARTE
00538	0'17"	(0'14"-0'17") Imagem assistida acenando – plano médio
00539	0'15"	DESCARTE
00540	0'16"	DESCARTE
00541	0'15"	Imagem fachada associação – plano médio
00542	0'06"	Imagem fachada associação – plano geral
00543	0'15"	Imagem fachada associação – plano médio com pan
00544	0'06"	Imagem fachada associação – plano médio
00545	0'05"	Imagem fachada associação – close-up
00546	0'16"	Imagem fachada associação – close-up
00547	0'04"	Imagem fachada associação – plano médio
00548	0'03"	Imagem fachada associação – plano médio
00549	0'17"	DESCARTE
00550	0'08"	Imagem fachada associação – close-up
00551	0'04"	Imagem fachada associação – plano médio
00552	0'02"	DESCARTE
00553	0'08"	Imagem fachada associação – plano médio
00554	0'03"	Imagem fachada associação – plano médio
00555	0'04"	Imagem fachada associação – plano médio
00556	0'15"	Imagem fachada associação – close-up
00557	0'27"	Imagem fachada associação – close-up com pan

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 28/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / AULA MASSAGEM

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00432	0'45"	(0'00- 0'26") Imagem aula de massagem – plano médio com pan (0'27"- 0'45") Imagem aula de massagem – close-up
00433	0'17"	Imagem aula de massagem – plano médio com zoom in
00434	1'08"	Imagem pés sendo massageados – close-up com zoom in e zoom out e pan na vertical
00435	0'16"	DESCARTE
00436	0'16"	Imagem assistidos massageando – close-up
00437	0'20"	Imagem mãos massageando com pan parando no rosto – super close-up
00438	0'25"	Imagem rosto assistida massageando – super close-up com pan na vertical
00439	0'09"	DESCARTE
00440	0'49"	DESCARTE
00441	0'19"	Imagem assistida sendo massageada por outra assistida – plano médio
00442	0'02"	DESCARTE
00443	0'20"	Imagem assistida sendo massageada – close-up

00444	0'23"	Imagem mãos massageando – super close-up com pan na vertical
00445	0'27"	DESCARTE
00446	0'12"	Imagem mãos massageando – super close-up
00447	0'13"	Imagem assistida massageando – close-up em contra mergulho
00448	0'13"	Imagem mãos massageando – super close-up
00449	0'29"	(0'15"- 0'29") Imagem mãos massageando – super close-up
00450	0'09"	Imagem assistida massageando – close-up em contra mergulho
00451	0'16"	Imagem assistido massageando – close-up em contra mergulho com zoom in

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 28/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANÇA: VÍDEO INSTITUCIONAL / PSICOSSOCIAL MISTO, SONORA ELIETE

E RECREAÇÃO

CÂMERA: Nº 7

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00471	0'37"	Imagem grupo psicossocial – plano médio
00472	0'27"	Imagem grupo psicossocial – plano médio
00473	0'33"	Imagem assistente social e psicóloga + assistida – plano médio
00474	0'04"	Imagem grupo psicossocial em círculo – plano geral em mergulho
00475	0'06"	Imagem grupo psicossocial em círculo – plano geral em mergulho
00476	0'06"	Imagem grupo psicossocial em círculo – plano geral
00477	0'08"	Imagem grupo psicossocial em círculo – plano geral
00478	0'23"	DESCARTE
00479	0'04"	Imagem assistidos – plano médio
00480	0'09"	DESCARTE
00481	0'09"	DESCARTE
00482	0'09"	Imagem assistente social + assistido – plano médio
00483	0'06"	Imagem assistidos – plano médio
00484	0'01"	DESCARTE
00485	12'51"	Sonora Eliete (DESCARTE)
00486	16'32"	Sonora Eliete
00487	9'27"	Sonora Eliete
00488	0'42"	(0'30"-0'32") Imagem assistida mandando beijo – close-up
00489	4'39"	Imagem assistidas em roda batendo palma e cantando – plano médio
00490	1'43"	Imagem assistidas em roda cantando – plano médio
00491	1'28"	Imagem assistidas em roda cantando – plano médio

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 28/08/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / SONORA SUPORTE ELIETE E

ASSISTIDAS CANTANDO

CÂMERA: Nº 6

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00501	13'04"	Imagem sonora Eliete – planos diversos de apoio
00502	16'30"	Imagem sonora Eliete – planos diversos de apoio
00503	9'30"	Imagem sonora Eliete – planos diversos de apoio
00504	0'12"	Imagem rosto assistida cantando – super close-up
00505	0'03"	Imagem mãos batendo palma – close-up
00506	0'01"	DESCARTE
00507	0'10"	Imagem mãos batendo palma – close-up
00508	0'11"	Imagem assistidas cantando e batendo palma –close-up
00509	0'10"	Imagem assistida cantando – super close-up
00510	0'05"	Imagem assistida cantando – big close-up
00511	0'06"	DESCARTE
00512	0'09"	DESCARTE
00513	0'10"	Imagem assistidas cantando – plano médio com zoom in em super close-up
00514	0'19"	Imagem assistidas cantando – close-up
00515	0'13"	Imagem duas assistidas cantando – close-up
00516	0'07"	DESCARTE
00517	0'09"	DESCARTE
00518	0'38"	Imagem assistida cantando – close-up com zoom in

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 17/09/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL/ BENGALA, PLANOS DETALHES,

ASSISTIDA ENTRANDO ASSOCIAÇÃO

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00377	0'10"	Pés caminhando piso tátil – close-up em mergulho
00378	0'05"	DESCARTE
00379	0'13"	DESCARTE
00380	0'09"	Pés caminhando piso tátil – close-up em mergulho
00381	0'18"	DESCARTE
00382	0'03"	DESCARTE
00383	0'09"	Pés caminhando piso tátil – close-up em mergulho
00384	0'08"	Pés caminhando piso tátil – close-up
00385	0'14"	Pés caminhando piso tátil – close-up (SOBE SOM)
00386	0'08"	Pés caminhando piso tátil – close-up
00387	0'06"	Pés caminhando piso tátil – close-up (SOBE SOM)
00388	0'18"	Pés caminhando piso tátil – close-up

00389	0'35"	DESCARTE
00390	0'12"	DESCARTE
00391	0'05"	DESCARTE
00392	0'07"	Mãos soroban – super close-up em mergulho
00393	0'15"	Assistido soroban – close-up
00394	0'09"	Assistido soroban – close-up em mergulho
00395	0'14"	DESCARTE
00396	0'17"	Assistido soroban – close-up
00397	0'13"	DESCARTE
00398	0'13"	Assistido caminhando – plano médio
00399	0'17"	Assistido caminhando – plano médio
00400	0'03"	DESCARTE
00401	0'30"	DESCARTE
00402	0'22"	DESCARTE
00403	0'13"	DESCARTE
00404	0'12"	DESCARTE
00405	0'08"	DESCARTE
00406	0'12"	Mão abrindo portão associação – super close-up
00407	0'11"	Mão abrindo portão associação - close-up
00408	0'21"	Assistida caminhando – plano médio
00409	0'25"	Assistida caminhando – plano médio
00410	0'22"	Assistida caminhando – plano médio
00411	0'25"	DESCARTE
00412	0'22"	Pés assistida caminhando – super close-up
00413	0'29"	(0'24" -0'29") Pés assistida caminhando – plano médio
00414	0'12"	DESCARTE
00415	0'16"	DESCARTE
00416	1'30"	Assistida cantando – super close-up
00417	0'07"	Assistida sorrindo – super close-up
00418	0'18"	DESCARTE
00419	0'14"	DESCARTE
00420	0'06"	DESCARTE
00421	0'15"	Rosto assistido – big close-up
00422	0'09"	Mãos cruzadas assistido – super close-up
00423	0'10"	DESCARTE
00424	0'17"	DESCARTE
00425	0'20"	Assistidos conversando – close-up

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 17/09/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL/ CASA SARAH

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00449	0'22"	DESCARTE
00450	0'12"	DESCARTE
00451	0'06"	DESCARTE
00452	0'10"	DESCARTE

00453	0'11"	DESCARTE
00454	0'27"	(0'10" -0'27") Sarah picando alho – super close-up
00455	0'27"	Sarah colocando alho panela – plano médio
00456	0'09"	Sarah mexendo panela – plano médio (sobe som)
00457	0'08"	Sarah picando bacon – super close-up
00458	0'21"	Sarah colocando bacon panela – close-up
00459	0'02"	DESCARTE
00460	0'13"	DESCARTE
00461	0'14"	DESCARTE
00462	0'10"	Sarah lavando louça – close-up
00463	0'09"	DESCARTE
00464	0'25"	Sarah lavando louça – close-up com zoom in
00465	0'16"	Sarah lavando louça – close-up em mergulho
00466	0'10"	DESCARTE
00467	0'08"	DESCARTE
00468	0'04"	DESCARTE
00469	0'03"	DESCARTE
00470	0'08"	DESCARTE
00471	0'05"	DESCARTE
00472	0'24"	DESCARTE
00473	0'01"	DESCARTE
00474	0'11"	DESCARTE
00475	0'05"	DESCARTE
00476	0'07"	DESCARTE
00477	0'04"	DESCARTE
00478	0'11"	Sarah mexendo armário cozinha – plano médio em contra-mergulho
00479	0'08"	DESCARTE
00480	0'13"	DESCARTE
00481	0'01"	DESCARTE
00482	0'08"	DESCARTE
00483	0'06"	Sarah lavando roupa – close-up em mergulho
00484	0'06"	Sarah lavando roupa – plano médio em mergulho
00485	0'04"	Sarah lavando roupa – close-up
00486	0'06"	Sarah lavando roupa – close-up
00487	0'16"	DESCARTE
00488	0'08"	DESCARTE
00489	0'10"	Sarah pendurando roupa varal – close-up em contra-mergulho
00490	0'06"	Sarah pendurando roupa varal – close-up em contra-mergulho
00491	0'03"	DESCARTE
00492	0'17"	DESCARTE
00493	0'07"	DESCARTE
00494	0'04"	DESCARTE
00495	0'06"	Sarah acendendo fogão – plano médio
00496	0'09"	DESCARTE
00497	0'20"	DESCARTE
00498	0'44"	(0'26'-0'44") Sarah mexendo arroz e sentindo temperatura – close-up
00499	0'32"	Sarah lavando louça – close-up

00500	0'16"	DESCARTE
00501	0'25"	DESCARTE
00502	0'14"	Sarah entrando em casa – close-up
00503	0'10"	Sarah entrando em casa – plano médio
00504	0'18"	Sarah entrando em casa – plano médio
00505	0'15"	DESCARTE
00506	0'26"	Sarah passando pano chão – close-up
00507	0'08"	DESCARTE
00508	0'11"	Sarah passando pano chão – plano médio
00509	0'06"	DESCARTE
00510	0'19"	DESCARTE
00511	0'10"	DESCARTE
00512	0'16"	DESCARTE
00513	0'16"	Sarah costurando – plano médio
00514	0'12"	Sarah costurando – plano médio em contra-mergulho
00515	0'14"	Sarah costurando – super close-up
00516	0'18"	DESCARTE
00517	0'19"	Sarah entrando em casa – plano médio
00518	0'20"	Sarah entrando em casa – plano médio
00519	0'02"	DESCARTE
00520	0'24"	Sarah entrando em casa – plano médio
00521	0'18"	DESCARTE

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 17/09/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL/ ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00426	0'04"	DESCARTE
00427	0'07"	DESCARTE
00428	0'06"	Assistido parado em frente associação – plano geral
00429	0'17"	Assistido parado em frente associação – plano geral
00430	0'44"	(0'20"-0'44") Assistido abrindo portão – plano médio
00431	0'01"	DESCARTE
00432	0'10"	Assistido e monitora caminhando – plano médio
00433	0'19"	Assistido e monitora caminhando – close-up com zoom out
00434	0'36"	DESCARTE
00435	0'09"	DESCARTE
00436	0'09"	Assistido e monitora atravessando a rua – plano geral
00437	0'19"	DESCARTE
00438	0'16"	Assistido e monitora atravessando a rua – plano médio
00439	0'24"	Assistido caminhando – close-up com zoom out parando em plano médio
00440	0'08"	Assistido caminhando – plano médio em contra-mergulho
00441	0'07"	DESCARTE
00442	0'15"	DESCARTE
00443	0'18"	DESCARTE

00444	0'09"	DESCARTE
00445	0'21"	DESCARTE
00446	0'23"	Assistido atravessando a rua – plano médio
00447	0'11"	DESCARTE
00448	0'14"	DESCARTE

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 17/09/2015

REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL/ SARAH INFORMÁTICA E ARTESANATO E LUIZ

TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00522	1'04"	DESCARTE
00523	0'06"	DESCARTE
00524	0'12"	Sarah mexendo computador – close-up (sobe som)
00525	0'30"	Sarah mexendo computador – super close-up (sobe som)
00526	0'16"	Sarah mexendo computador – close-up (sobe som)
00527	0'15"	Sarah mexendo computador – close-up em mergulho (sobe som)
00528	0'12"	Sarah mexendo computador – close-up (sobe som)
00529	0'44"	Sarah mexendo computador – close-up (sobe som)
00530	0'22"	DESCARTE
00531	0'11"	DESCARTE
00532	0'12"	DESCARTE
00533	0'18"	DESCARTE
00534	0'11"	Mãos mexendo computador – big close-up em mergulho
00535	0'06"	DESCARTE
00536	0'04"	DESCARTE
00537	0'10"	DESCARTE
00538	0'08"	DESCARTE
00539	0'11"	DESCARTE
00540	0'20"	Sarah jogando no computador – super close-up
00541	0'07"	DESCARTE
00542	0'07"	DESCARTE
00543	0'01"	DESCARTE
00544	0'06"	Assistida sorrindo – super close-up
00545	0'09"	DESCARTE
00546	0'05"	DESCARTE
00547	0'12"	Mãos costurando – big close-up
00548	0'03"	DESCARTE
00549	0'08"	DESCARTE
00550	0'05"	DESCARTE
00551	0'06"	DESCARTE
00552	0'08"	DESCARTE
00553	0'38"	(0'00"-0'14") Sarah artesanato – big close-up com zoom out
00554	0'04"	DESCARTE
00555	0'06"	Sarah artesanato – plano médio

00556	0'21"	Sarah sorrindo – close-up
00557	0'08"	Sarah artesanato – plano médio
00558	0'19"	(0'10"-0'19") Mãos moldando jornal – super close-up
00559	0'12"	Mãos moldando jornal – super close-up com zoom in
00560	0'09"	DESCARTE
00561	0'12"	DESCARTE
00562	0'01"	DESCARTE
00563	0'16"	Mãos moldando jornal – big close-up
00564	0'11"	Sarah sorrindo e mostrando peça artesanato – close-up
00565	0'04"	DESCARTE
00566	0'12"	DESCARTE
00567	0'12"	Luiz caminhando corredor – plano médio
00568	0'09"	Luiz caminhando corredor – plano médio com zoom out
00569	0'12"	Luiz caminhando corredor (pernas e bengala) – plano médio
00570	0'18"	Luiz entrando associação – plano médio com zoom out
00571	0'19"	Luiz entrando associação – close-up
00572	0'20"	Luiz entrando associação – close-up com zoom out e travelling
00573	0'10"	Luiz entrando associação – plano médio com travelling

RELATÓRIO DE IMAGEM

DATA: 29/09/2015

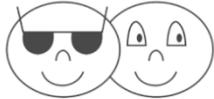
REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS: EVANDRO BATISTA E WESLEY COLATI

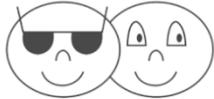
RETRANCA: VÍDEO INSTITUCIONAL / SONORA MARILE (REGRAVADA)

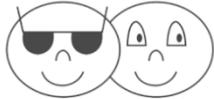
TAKE	TIME CODE	SEQUÊNCIA
00577	4'35"	DESCARTE
00578	8'18"	DESCARTE
00579	0'20"	DESCARTE
00580	0'30"	DESCARTE
00581	1'00"	DESCARTE
00582	5'37"	Sonora Marile
00947	4'34"	DESCARTE
00948	8'18"	DESCARTE
00949	2'02"	DESCARTE
00950	5'44"	Sonora Marile – planos detalhes de apoio

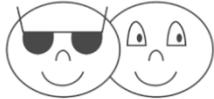
APÊNDICE G
ROTEIRO FINAL

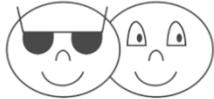
 <p>ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DE PROTEÇÃO AOS CEGOS</p>	VÍDEO INSTITUCIONAL	PÁGINA 1
<p>Fundo Branco Continua fundo branco</p> <p>INTRODUÇÃO Imagem de olho humano abrindo e efeito da câmera com Fundo Branco. Detalhe em olho humano aberto.</p> <p>Imagem de cego caminhando com a bengala.</p> <p>GC- Mais de 500 mil deficientes visuais</p> <p>Imagem fachada da associação, imagens dos assistidos chegando na entidade.</p> <p>APRESENTAÇÃO Vinheta de Abertura: animação da logo da entidade.</p> <p>ASSOCIAÇÃO/HISTÓRICO Clipe rápido com imagens da associação, dos assistidos com sorrisos e do interior da associação.</p> <p>GC- 9 de Abril de 1939</p> <p>Fotos Antigas da Entidade e do Fundador (Faradei Boscoli) GC- 1999 e Faradei Bôscoli</p> <p>Imagem da atual estrutura da entidade</p> <p>MARILE BOSCOLI ASSISTIDA</p> <p>Take 09'05" – 00:00</p>	<p>SOBE TRILHA 1 suave</p> <p>Off 1</p> <p>Sobe som de bengala</p> <p>Off 2</p> <p>Vinheta</p> <p>Clipe Trilha2 (ambiente)</p> <p>TRILHA 2</p> <p>Off 3</p> <p>Sonora 1 - Marile</p>	<p>TENTE FECHAR OS OLHOS APENAS POR ALGUNS MINUTOS E REALIZAR TAREFAS DIÁRIAS PARA ENTENDER COMO É VIVER SEM A VISÃO.</p> <p>ESSA É A REALIDADE DE MAIS DE MEIO MILHÃO DE PESSOAS EM TODO O PAÍS.</p> <p>EM 9 DE ABRIL DE 1939, FOI FUNDADA A ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DE PROTEÇÃO AOS CEGOS DE PRESIDENTE PRUDENTE, COM O OBJETIVO DE RESGATAR A DIGNIDADE DE PESSOAS COM BAIXA VISÃO OU TOTAL AUSÊNCIA DELA.// POR MAIS DE SEIS DÉCADAS, A ENTIDADE FUNCIONOU EM PRÉDIOS IMPROVISADOS. EM 1999, O ENTÃO PRESIDENTE, PROFESSOR FARADEI BOSCOLI, FUNDOU A ATUAL SEDE DA ASSOCIAÇÃO, NO JARDIM ITAPURA I. SEU GESTO É LEMBRADO COMO UM PRESENTE PARA A ESPOSA MARILE, DEFICIENTE VISUAL.</p> <p>Eu fui casada com o professor Faradei Boscoli durante 37 anos. Eu já estava participando das classes de recursos lá da escola formosinho ribeiro e não tínhamos condições ali de formar uma classe de artesanato, de soroban. Aí o meu marido resolveu construir uma escola para que pudéssemos fazer todas as atividades que temos hoje aqui.</p>

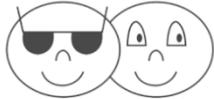
 ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DE PROTEÇÃO AOS CEGOS	VÍDEO INSTITUCIONAL	PÁGINA 2
<p>ATIVIDADE Mapa regional animado e depois entra imagens de assistidos em atividades.</p> <p>ESTRUTURA - PRODUTOS E SERVIÇOS</p> <p>CAMILA GÓES ASSISTENTE SOCIAL Take 00337 00:09 – 00:24 Imagens da assistente social e psicóloga com assistidos, grupo psicossocial.</p> <p>Fecha sonora com PG do grupo psicossocial.</p> <p>BERTIANE RODRIGUES PSICÓLOGA Imagem Coberta, Grupos Psicossociais, Bertiane. Take 00451 00:37 – 00:45 01:10 – 01:26</p> <p>Clipe de imagens do grupo Psicossocial</p> <p>ELIETE MARGUTTI - COORDENADORA Take 00486 06:47 – 07:07 Imagens assistidos, atividades.</p>	<p>Trilha (continua) 2</p> <p>Off 4</p> <p>Sonora 2 - Camila</p> <p>Sobe o áudio da Trilha 2/</p> <p>Sonora 3 - Bertiane</p> <p>Clipe Trilha (continua) 2</p> <p>Sonora 4 - Eliete</p>	<p>A ENTIDADE É A ÚNICA ESPECIALIZADA EM TRABALHAR COM ESTE PÚBLICO NO OESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO. NA REGIÃO, MAIS DE 100 PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL, DE TODAS AS IDADES, SÃO ATENDIDAS DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA.</p> <p>Todo deficiente visual que tem interesse em participar da associação passa primeiro por uma triagem social. Nessa triagem, a gente faz uma coleta de dados, conhece um pouco da família, pra tá conhecendo a realidade em que o deficiente visual está vivendo.</p> <p>A gente também agenda uma avaliação psicológica./ Após essa triagem, é feito o horário pra ele tá vindo pras atividades na associação. A gente faz toda essa avaliação do que que é possível dele tá começando a fazer, do que que é interessante pra ele.</p> <p>As atividades são preparadas visando o núcleo de assistidos que a gente tem. Cada aula nós temos grupos diferentes, então nós precisamos realmente saber o que cada um precisa e, dentro disso, prepararmos para atendê-los.</p>

 ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DE PROTEÇÃO AOS CEGOS	VÍDEO INSTITUCIONAL	PÁGINA 3
<p>ATIVIDADES</p> <p>Imagens cobertas de todas as atividades, à medida que o off falar</p> <p>Imagens da Sarah, na associação, em atividade.</p> <p>SARAH TOLEDO - ASSISTIDA Take 00338 03:13 – 03:24 Imagens cobertas da Sarah na casa dela.</p> <p>SARAH TOLEDO - ASSISTIDA Take 00338 02:06 – 02:11/02:19 – 02:45 Imagens cobertas da Sarah na aula de informática.</p>	<p>Trilha (continua) 2</p> <p>Sobe som atividade de música.</p> <p>Off 5</p> <p>Sobe Som</p> <p>Trilha 3 (animada)</p> <p>Off 6</p> <p>Sonora 5 - Sarah</p> <p>Sobe som acendendo fogão</p> <p>Sobe som Sarah</p> <p>Trilha 4</p> <p>Off 7</p> <p>Sonora 6 Sarah</p> <p>Sobe som do dosvox.</p>	<p>A ASSOCIAÇÃO DESENVOLVE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS, CULTURAIS// E OCUPACIONAIS. CUIDA TAMBÉM PARA QUE OS ASSISTIDOS TENHAM UMA ALIMENTAÇÃO BALANCEADA E INCENTIVA A PRÁTICA DE EXERCÍCIOS FÍSICOS./ ALÉM DISSO, OFERECE ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO E SOCIAL.</p> <p>SARAH FRQUENTA A ASSOCIAÇÃO HÁ DOIS ANOS. AQUI, ELA APRENDEU MAIS QUE TAREFAS DIÁRIAS, GANHOU AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA PARA MORAR SOZINHA.</p> <p>Sou independente dentro do meu apartamento. Eu faço tudo: lavo, passo, tudo direitinho, deixo a casa limpa, arrumada, tudo organizado.// Também cozinho.</p> <p>TODAS AS AULAS SÃO ADAPTADAS ÀS NECESSIDADES ESPECIAIS DE CADA ASSISTIDO.</p> <p>Depois que eu tinha ficado deficiente visual eu achei que nunca mais ia poder mexer num computador. O nosso computador ele tem um programa de voz onde você aperta os botões e ele fala com você e ai tem a possibilidade de eu novamente estar entrosando com a área da informática né. Hoje eu entro nos programas, eu gravo pendrive, eu baixo internet tudo o que preciso.</p>

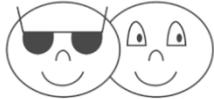
 ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DE PROTEÇÃO AOS CEGOS	VÍDEO INSTITUCIONAL	PÁGINA 4
<p>Imagens da assistida tateando o papel, aula de braille.</p> <p>CLEIDE MAGALHÃES MONITORA Take 00369 00:09 – 00:23</p> <p>LUZIA MONTOVANI ASSISTIDA Take 00396 00:32 – 01:15</p> <p>Imagens detalhes da assistida para cobrindo parte da sonora.</p> <p>Take Luzia lendo poesia</p> <p>Imagens do Luiz chegando na entidade, caminhando pela entidade, na sala de aula e imagem de escuta.</p>	<p>Sobe som/braille</p> <p>Trilha 5 Off 8</p> <p>Sonora 7 - Cleide</p> <p>Trilha _ Off 9</p> <p>Sonora 8 - Luzia</p> <p>Sobe som da declamação.</p> <p>Trilha 2</p> <p>Off 10</p>	<p>A ARTE DA ESCRITA CHEGA ATÉ ESTE PÚBLICO POR MEIO DO ENSINO DO MÉTODO DE BRAILLE.</p> <p>Os deficientes visuais, eles mostram mais interesses e ele têm ansiedade para aprender.</p> <p>O APRENDIZADO DESTA LINGUAGEM TRAZ ESPERANÇA PARA AQUELES QUE NÃO PODÊM ENXERGAR.</p> <p>Desde muito cedo eu descobri o meu dom pra poesia, mas eu não tinha a visão, não podia ir à escola. Há 60 anos atrás praticamente, né a gente não tinha a tecnologia, não tinha os recursos de hoje.[...] Ai foi passando, um dia eu disse que queria uma máquina de escrever.[...] Ai foi fácil jogar tudo o que eu tinha dentro de mim no papel.</p> <p>Trecho Poesia “Sejas feliz eternamente”</p> <p>CEGO HÁ MAIS DE VINTE ANOS, LUIZ FOI CONVIDADO PARA SER VOLUNTÁRIO DA ASSOCIAÇÃO EM 2002, OPORTUNIDADE QUE ABRIU CAMINHOS PARA SUA CARREIRA PROFISSIONAL. MOTIVADO, CONCLUIU A FACULDADE DE PEDAGOGIA, FEZ PÓS-GRADUAÇÃO E AINDA OUTRO CURSO, O DE MATEMÁTICA. DESDE 2011, É MONITOR NA ENTIDADE.</p>

 ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DE PROTEÇÃO AOS CEGOS	VÍDEO INSTITUCIONAL	PÁGINA 5
<p>LUIZ CARLOS SILVA MONITOR Take 00449 00:12 – 00:15/01:07 – 01:19 Imagens Luiz, mescladas com imagens das atividades de soroban.</p>	<p>Trilha 2 continua</p> <p>Sonora 9 - Luiz</p> <p>Sobe trilha/</p>	<p>Desenvolvo com eles o trabalho do soroban que é japonês e a gente usa pra desenvolver o raciocínio e o cálculo mental na questão deles que tem a deficiência visual.</p>
<p>LUIZ CARLOS SILVA- MONITOR Take 00449 02:50 – 03:15 Imagens das atividades de soroban e detalhes de mãos de assistidos com materiais da aula.</p>	<p>Sonora 10 – Luiz</p> <p>Sobe som soroban</p> <p>Trilha 2 continua</p>	<p>As contas de mais, menos, vezes, raiz, potência... Isso aí tudo se faz no soroban. Porque além do aluno estar desenvolvendo o cálculo mental dele e estar sabendo fazer as contas mesmo sem ver o quadro na lousa, o que está sendo colocado, ele vai fazer a leitura por meio da percepção do tato para fazer a leitura dos números. Também serve como terapia ocupacional pois ocupa a mente e evita que ela fique totalmente parada.</p>
<p>JOSÉ APARECIDO TIZEO ASSISTIDO Take 00394 02:03 – 02:39 Imagens do José, mescladas com imagens dele na aula de Soroban.</p> <p>Imagens das atividades de massagem e artesanato, respectivamente.</p>	<p>Sonora 11 – José</p> <p>Sobe trilha 2 para fechar sonora.</p> <p>Trilha 6 Off 11</p>	<p>Aqui eu comecei uma nova vida, aqui eu voltei a aprender o soroban né, recordar dos tempos que era matemática. Eu tinha um nível superior e ficou paralisado né quando eu perdi a visão e aqui deu continuidade. Eu aprendi o braile. Hoje eu sou um homem independente.</p>
<p>Clipezinho de imagens dessas atividades</p>	<p>Trilha 6 Continua</p>	<p>PARA DESENVOLVER A CAPACIDADE SENSORIAL DOS ASSISTIDOS, SÃO OFERECIDAS ATIVIDADES DE MASSAGEM// E ARTESANATO.</p>

 ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DE PROTEÇÃO AOS CEGOS	VÍDEO INSTITUCIONAL	PÁGINA 6
<p>SARAH TOLEDO - ASSISTIDA Take 00338 02:46 – 03:01 Imagens cobertas com atividades de artesanato. Sarah costurando.</p> <p>Imagens das aulas de Dança e Música.</p> <p>Imagens do Lázaro na Aula de Música, do sorriso do Lazaro.</p>	<p>Sonora 12 - Sarah</p> <p>Sobe som aula de música</p> <p>Off 12</p> <p>Sobe som aula de música</p> <p>Off 13</p> <p>Sobe Trilha 7 (suave)</p>	<p>Eu não sabia pegar numa agulha, né, aqui eu aprendi. Aprendi a pegar numa agulha, aprendi fazer almofada, aprendi pintura e tô aprendendo muitas outras atividades na área de artesanato.</p> <p>NA ÁREA CULTURAL, O TALENTO ARTÍSTICO DE CADA ASSITIDO É INCENTIVADO POR MEIO DA DANÇA E DA MÚSICA.</p> <p>MOMENTOS COMO ESTE FORAM RESGATADOS HÁ QUATORZE QUANDO LÁZARO COMEÇOU A FREQUENTAR A ASSOCIAÇÃO, QUE TAMBÉM O AJUDOU EM MOMENTOS DELICADOS.</p>
<p>LÁZARO BENEDITO DA SILVA – ASSISTIDO Take 00305 01:11 – 01:44</p> <p>Mescla com imagens da sonora e do ambiente da sonora. Lazáro sorrindo de novo, fecha.</p>	<p>Sonora 13 - Lázaro</p> <p>Sobe trilha 7</p>	<p>Passei por um tempo difícil, e se não fosse o intermédio dos colegas aqui que eu me levantei. Eu mesmo não dava vida pra mim.//A turma toda ia lá, aí aquela força, aquela risadaiaada, aquela força, um falava uma coisa, outro falava outra.[...] Ai eu liguei aqui pra assistente social, disse assim amanhã eu tô aí. Vou levantar dessa cama e eu vou ai. E no outro dia eu vim.</p>

 ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DE PROTEÇÃO AOS CEGOS	VÍDEO INSTITUCIONAL	PÁGINA 7
<p>SUPORTE Clipe de imagens da entidade. Imagens do Joelhaço de Porco (Voluntários em ação. Usar também takes de abraços e apertos de mãos, tem vários)</p> <p>ELIETE MARGUTTI - COORDENADORA Take 00486 00:00 – 00:00 Coberto com imagens dos eventos (baile, festa junina, joelhaço)</p> <p>Animação do projeto do “Olho”</p>	<p>Trilha 8 Animada</p> <p>Sobe som</p> <p>Off 14</p> <p>Sonora 14 - Eliete</p> <p>Trilha 2</p> <p>Off 15</p> <p>Sobe Som mulheres cantando</p>	<p>A ENTIDADE RECEBE VERBAS PÚBLICAS MUNICIPAIS, ESTADUAIS E FEDERAIS, MAS, PARA QUE TODO ESTE TRABALHO SE TORNE REALIDADE, CONTA COM O APOIO E A SOLIDARIEDADE DE EMPRESAS E PESSOAS QUE ACREDITAM NA AUTONOMIA DO DEFICIENTE VISUAL. MAS NÃO É SUFICIENTE. POR ISSO, REALIZA AO LONGO DO ANO DIVERSAS ATIVIDADES PARA ARRECADAR FUNDOS.</p> <p>Nós temos em fevereiro o Costelão ne?! Que a gente faz todo ano. Temos em Abril, por conta do aniversário da associação, o Baile que virou tradição também, temos em Julho a Festa Julina tradicionalíssima aqui na entidade, é aquela festa de rua com barracas, onde o pessoal pode vir conversar, se divertir aí durante a noite. E também o Joelhaço de Porco.</p> <p>A ESTRUTURA DO PRÉDIO ATUAL IMITA O FORMATO DE UM OLHO HUMANO, EM ALUSÃO A UMA NOVA MANEIRA DE VER A CEGUEIRA, PORÉM, POR FALTA DE RECURSOS, MAIS DA METADE DA OBRA AINDA NÃO PODE SER CONCLUÍDA.</p>

 ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DE PROTEÇÃO AOS CEGOS	VÍDEO INSTITUCIONAL	PÁGINA 8
<p>Clipe de assistidos.</p> <p>CONCLUSÃO Clipe de Sonoras dos Assistidos falando da Entidade. Encerraremos com a coordenadora, Eliete.</p> <p>SARAH TOLEDO - ASSISTIDA Take 00338 03:43 – 03:48</p> <p>JOSÉ APARECIDO TIZEO - ASSISTIDO Take 00394 05:52 – 06:08</p> <p>LUZIA MONTOVANI - ASSITIDA Take 00396 07:09 – 07:11</p> <p>JOSÉ APARECIDO TIZEO - ASSISTIDO Take 00394 05:10 – 05:22</p> <p>LÁZARO BENEDITO DA SILVA - ASSISTIDO Take 00305 06:44 – 06:47/05:30 – 05:36</p> <p>SARAH TOLEDO - ASSISTIDA Take 00338 05:27 – 05:37</p> <p>LUZIA MONTOVANI - ASSITIDA Take 00396 07:31 – 07:43</p> <p>Imagens de vários assistidos sorrindo, batendo palmas. (Imagem do Luiz acenando)</p>	<p>Off 16</p> <p>Trilha 9 Retomada para encerramento</p> <p>Sonora 15 Sarah</p> <p>Sonora 16 José</p> <p>Sonora 17 Luzia</p> <p>Sonora 18 José</p> <p>Sonora 19 Lázaro</p> <p>Sonora 20 Sarah</p> <p>Sonora 21 Luzia</p> <p>Sobe som assistida cantando.</p>	<p>ESTE É UM SONHO QUE NÃO DEPENDE DA VISÃO PARA SE MANTER VIVO. DEPENDE DE COMPROMISSO SOCIAL. DAR OPORTUNIDADE A QUEM NÃO PODE ENXERGAR.</p> <p>Foi um avanço muito grande na minha vida e eu tô muito feliz.</p> <p>Eu era um cara medroso, eu não saia na rua, eu tinha vergonha de conversar quando eu perdi a visão.</p> <p>Porque isso aqui é o paraíso pra nós. É o nosso lar.</p> <p>[...] pode tá chovendo, tá fazendo frio, que me desloco pra vir nessa associação porque pra mim eu chego aqui eu tô totalmente confortável.</p> <p>Aqui, a associação é a segunda casa minha. Eu agradeço muito. Nossa, eu agradeço muito por eles recuperar minha vida.</p> <p>Essa entidade a qual frequento, que é a Associação dos Cegos, mudou a minha vida.</p> <p>A gente realmente aprende a uma nova vida. A gente renasce pra uma nova vida aqui.</p>

 <p>ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DE PROTEÇÃO AOS CEGOS</p>	<h2>VÍDEO INSTITUCIONAL</h2>		<p>PÁGINA 9</p>
<p>Vinheta com o texto:</p> <p>Seja nosso parceiro! Rua Thomaz Matheus, nº 500, Jardim Itapura I (18) 3223-2511 Presidente Prudente (SP) Logos: Facopp e Unoeste</p> <p>Sobe créditos</p> <p>FICHA TÉCNICA: Trilha Sonora: It's a Flake Tiago Iorc</p> <p>Vagalumes Cegos Cícero</p> <p>Oitavo Andar Clarice Falcão</p> <p>Águas de Março Tom Jobim e Elis Regina</p> <p>Segredo Manu Gavassi</p> <p>Funny Little World Alexander Rybak</p> <p>The Scientist Coldplay</p> <p>Falling For You Colbie Caillat</p> <p>Drive Vanessa Hudgens</p> <p>Open Your Eyes Snow Patrol</p> <p>Imagens Cedidas: Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos. Marile Boscoli. Museu Acervo Unesp de Presidente Prudente.</p>	<p>Trilha 10 Encerramento</p>		

 <p>ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DE PROTEÇÃO AOS CEGOS</p>	<h2>VÍDEO INSTITUCIONAL</h2>		<p>PÁGINA 10</p>
<p>Produção, Roteiro, Reportagem e Edição: Caroline Ghirotto, Evandro Batista, Thaís Ferreira e Wesley Colati;</p> <p>Imagens: Evandro Batista e Wesley Colati;</p> <p>Narração: Caroline Ghirotto e Iury Greggi</p> <p>Arte Gráfica: Ana Donaton, Lucas Loveira e Raphael Guerhaldt</p> <p>Videografismo: Vanessa Vilche Sepulveda</p> <p>Intérprete de Libras: Thiago Augusto de Lima</p> <p>Áudiodescrição: Gabriela Alias</p> <p>Edição de Imagens e Pós-Produção: Kaito Lomartire</p> <p>Orientação: Thaisa Bacco</p> <p>A Oitava Cor</p> <p>Peça Prática do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Vídeo Institucional para entidade do Terceiro Setor”, desenvolvido na Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente (Unoeste). Presidente Prudente - 2015</p> <p>Roda Vinheta</p>			

Vinheta de encerramento

